

OCULUM ENSAIOS

REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO



ISSN 1519-7727

OCULUM ENSAIOS

REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO

POSURB PUC-CAMPINAS | JANEIRO-JUNHO 2014 **11(1)**

OCULUM ENSAIOS

REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO

Qualis B2

EDITOR | EDITOR | EDITOR

Tomás Antonio Moreira [PUC-Campinas, SP, Brasil]

EDITOR ADJUNTO | ADJUNCT EDITOR | EDITOR ADJUNTO

Luiz Augusto Maia Costa [PUC-Campinas, SP, Brasil]

CONSELHO EDITORIAL | EDITORIAL BOARD | CONSEJO EDITORIAL

Ana Fernandes [UFBA, Salvador, BA, Brasil]
Arlete Moises Rodrigues [UNICAMP, Campinas, SP, Brasil]
Beatriz Murgayar Kühl [USP, São Paulo, SP, Brasil]
Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno [USP, São Paulo, SP, Brasil]
Carlos Roberto Monteiro de Andrade [USP, São Carlos, SP, Brasil]
Cláudio Listher Marques Bahia [PUC-MG, Belo Horizonte, MG, Brasil]
Cristina Meneguello [UNICAMP, Campinas, SP, Brasil]
Denio Munia Benfatti [PUC-Campinas, SP, Brasil]
Denise Pinheiro Machado [UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil]
Eugenio Fernandes Queiroga [USP, São Paulo, SP, Brasil]
Euler Sandeville Junior [USP, São Paulo, Brasil]
Jane Victal Ferreira [PUC-Campinas, SP, Brasil]
Jonathas Magalhães Pereira da Silva [PUC-Campinas, SP, Brasil]
José Roberto Merlin [PUC-Campinas, SP, Brasil]
Lucio Kowarick [USP, São Paulo, SP, Brasil]
Luiz Cláudio Bittencourt [UNESP, Bauru, SP, Brasil]
Maria Cristina Schicchi [PUC-Campinas, SP, Brasil]
Maria Stella Bresciani [UNICAMP, Campinas, SP, Brasil]
Mario Henrique Simão D'Agostino [USP, São Paulo, SP, Brasil]
Mario Mendonça de Oliveira [UFBA, Salvador, BA, Brasil]
Maura Pardini Bicudo Veras [PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil]
Nabil Geoges Bonduki [USP, São Paulo, SP, Brasil]
Nadia Someck [Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil]
Nestor Goulart Reis [USP, São Paulo, SP, Brasil]
Paulo César Garcez Marins [USP, São Paulo, SP, Brasil]
Paulo de Martino Januzzi [IBGE, Rio de Janeiro, RJ, Brasil]
Raquel Rolnik [USP, São Paulo, SP, Brasil]
Renato Cymbalista [USP, São Paulo, SP, Brasil]
Ricardo Marques de Azevedo [USP, São Paulo, SP, Brasil]
Ricardo de Sousa Moretti [UFABC, Santo André, SP, Brasil]
Ricardo Toledo Silva [USP, São Paulo, SP, Brasil]
Rogério Proença de Souza Leite [UFS, São Cristóvão, SE, Brasil]
Sarah Feldman [USP, São Carlos, SP, Brasil]
Silvana Barbosa Rubino [UNICAMP, Campinas, SP, Brasil]
Wilson R. dos Santos Jr. [PUC-Campinas, SP, Brasil]

CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL | INTERNACIONAL EDITORIAL BOARD |

CONSEJO EDITORIAL INTERNACIONAL

Boaventura de S. Santos [Universidade de Coimbra, Portugal]
Donatella Calabi [Università IUAV, Venezia, Itália]
Edésio Fernandes [University of London, Reino Unido]
Esteban de M. Jerez [ETSA — Universidad de Sevilla, Espanha]
Flora Morcate Labrada [Universidad de Oriente, Santiago de Cuba, Cuba]
Francisco Sabatini [PUC, Santiago, Chile]
Maria M. Maldonado [Universidad de Los Andes, Bogotá, Colombia]
Martin Smolka [Lincoln Institut and Land Policy, Cambridge, Estados Unidos]

Ocolum Ensaios, fundada em 2000, é uma revista científica em Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da PUC-Campinas, com periodicidade semestral, aberta a contribuições da comunidade científica nacional e internacional, assim como para os pesquisadores das diferentes áreas acadêmicas da Arquitetura e do Urbanismo, com o objetivo de registrar a memória do pensamento urbanístico e de manter o debate atualizado. | *Ocolum Ensaios, founded in 2000, is a scientific journal in Architecture and Urbanism from Urbanism Post-Graduation Program at PUC-Campinas, published bi-annually, and open to contributions from national and international scientific communities, as well as researchers from different academic fields of Architecture and Urbanism, with the purpose of recording the memory of urban thought and keep the current debate.* | *Ocolum Ensaios, fundada en 2000, es una revista científica en Arquitectura y Urbanismo del Programa de Posgrado en Urbanismo de la PUC-Campinas, con periodicidad semestral, abierta a contribuciones de la comunidad científica nacional e internacional, así como para los investigadores de las diferentes áreas académicas de la Arquitectura y del Urbanismo, con el objetivo de registrar la memoria del pensamiento urbanístico y de mantener el debate actualizado.*

CORRESPONDÊNCIA | CORRESPONDENCE | CORRESPONDENCIA

Toda a correspondência deve ser enviada à Ocolum Ensaios no endereço abaixo: | *All correspondence should be sent to Ocolum Ensaios at the address:* | *Toda la correspondencia debe ser enviada a la siguiente dirección:* Núcleo de Editoração SBI
Prédio da Antiga Reitoria Sala 8 — Campus 1
Rod. Dom Pedro I, km 136 — Pq. das Universidades
13086-900, Campinas, SP
Fone/Fax: (19) 3343-7401
E-mail: sbi.ne_oculumensaios@puc-campinas.edu.br
<http://www.puc-campinas.edu.br/periodicocientifico/>

© Ocolum Ensaios

É permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte. A reprodução total depende da autorização da Revista. O Conselho Editorial não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados. | *Partial reproduction is permitted if the source is cited. Total reproduction depends on the authorization of the Ocolum Ensaios. The Board of Editors does not assume responsibility for concepts emitted in signed articles.* | *Se permite la reproducción parcial siempre que se cite la fuente. La reproducción depende de la liberación de la Revista. El Consejo Editorial no es responsable por conceptos expresados en los artículos firmados.*

ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

SBI — PUC-CAMPINAS

Ocolum Ensaios: Revista de Arquitetura e Urbanismo. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. Campinas, SP n.1 (dez. 2000-)

v.11, n.1 jan./jun. 2014

Semestral

Resumo em Português / Inglês / Espanhol

ISSN 1519-7727

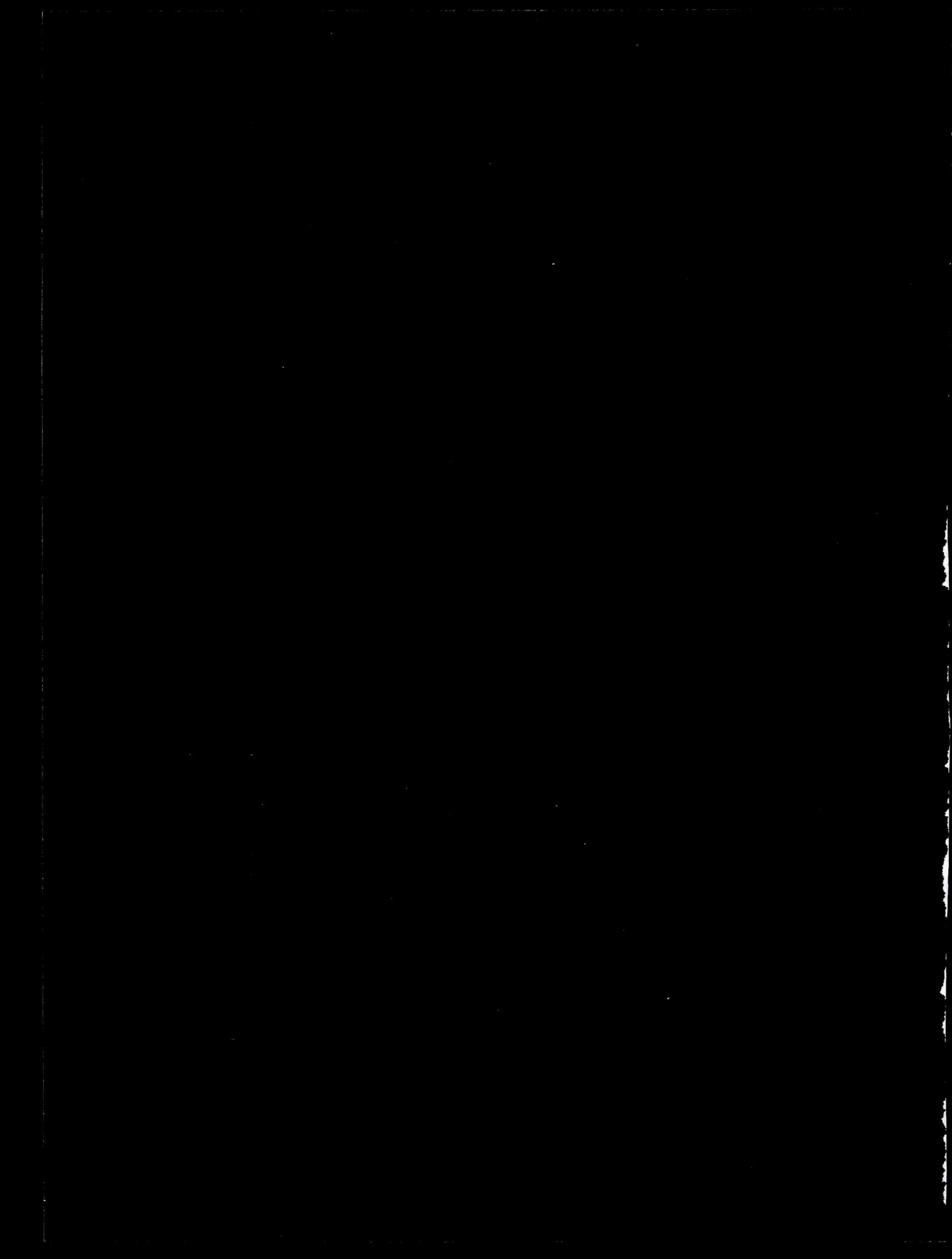
Alteração na numeração a partir de 2013.

1. Arquitetura — Periódicos. 2. Urbanismo — Periódicos. I. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias.

CDD 720

PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

- EDITORIAL** | *EDITORIAL*
- 5 **QUEREMOS PRODUÇÃO OU CRIAÇÃO DE CONHECIMENTO NA AMÉRICA LATINA?** | *¿QUEREMOS PRODUCCIÓN O CREACIÓN DE CONOCIMIENTO EN AMÉRICA LATINA?* | *DO WE WANT PRODUCTION OR DEVELOPMENT OF KNOWLEDGE IN LATIN AMERICA?* | ANA LUZ QUINTANILLA-MONTOYA
- ENSAIO VISUAL** | *VISUAL ESSAY* | *ENSAYO VISUAL*
- 23 **LINHAS DE OBSERVAÇÃO** | *SIMPLE OBSERVATIONS* | *LÍNEAS DE OBSERVACIÓN* | ZEULER R.M.A. LIMA
- ARTIGOS ORIGINAIS** | *ORIGINAL ARTICLES* | *ARTÍCULOS ORIGINALES*
- 39 **ENERGIA INCORPORADA EM HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL NA FASE DE PRÉ-USO: O CASO DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA NO BRASIL** | *EMBODIED ENERGY IN SOCIAL HOUSING IN THE PRE USE: THE CASE FOR THE PROGRAM MY HOUSE MY LIFE IN BRAZIL* | *ENERGÍA INCORPORADA EN VIVIENDA DE INTERÉS SOCIAL EN LA FASE DE PREUSO: EL CASO DEL PROGRAMA MI CASA MI VIDA EN BRASIL* | ROSA MARIA SPOSTO, JACOB SILVA PAULSEN
- 51 **PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE MORADORES EM CONDOMÍNIOS RESIDENCIAIS VERTICAIS NA CIDADE DE CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL** | *ENVIRONMENTAL PERCEPTION OF RESIDENTS IN VERTICAL CONDOMINIUMS IN THE CITY OF CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL, BRAZIL* | *PERCEPCIÓN AMBIENTAL DE LOS RESIDENTES EN CONDOMINIOS RESIDENCIALES EN LA CIUDAD VERTICAL DE CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL, BRASIL* | ADEMIR KLEBER MORBECK DE OLIVEIRA, TATIANA DE FREITAS PINAZO, LUCIA ELVIRA ALICIA RAFFO DE MACARÓ, CELSO CORREA DE SOUZA
- 69 **CARTOGRAFANDO CIDADES TRANSMANENTES: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE PESQUISAS COM TRAJETÓRIAS URBANAS** | *PLATTING TRANSHUMANT CITIES: THEORETICAL AND METHODOLOGICAL REFLECTIONS ON RESEARCHES WITH URBAN TRAJECTORIES* | *CARTOGRAFIANDO CIUDADES TRANSHUMANTES: REFLEXIONES TEÓRICAS Y METODOLÓGICAS SOBRE INVESTIGACIONES CON TRAYECTORIAS URBANAS* | THAÍS TRONCON ROSA
- 81 **LEGISLAÇÃO AMBIENTAL E URBANÍSTICA NO BRASIL: O CASO PORTO DA BARRA EM FLORIANÓPOLIS** | *URBAN AND ENVIRONMENTAL LEGISLATION IN BRAZIL: THE CASE OF PORTO DA BARRA IN FLORIANÓPOLIS* | *LEGISLACIÓN URBANO Y AMBIENTAL EN BRASIL: EL CASO DE PORTO DA BARRA EN FLORIANÓPOLIS* | GABRIEL BERTIMES DI BERNARDI LOPES, JULIANA CIDRÃO CARIONI, NELSON POPINI VAZ
- 97 **DISPOSITIVOS POLÍTICOS, ASPECTOS ARQUITETÔNICOS DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO E FORMAS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL NA TERRITORIALIDADE SUL BAIANA** | *POLITICAL DEVICES, ASPECTS OF ARCHITECTURAL EDUCATION INSTITUTIONS AND FORMS OF SOCIAL INCLUSION AND EXCLUSION IN SOUTHERN BAHIA, BRAZIL* | *DISPOSITIVOS POLÍTICOS, ASPECTOS DE LA ARQUITECTURA DE LAS INSTITUCIONES DE EDUCACIÓN Y FORMAS DE INCLUSIÓN SOCIAL Y LA EXCLUSIÓN EN EL SUR DE TERRITORIALIDAD DE BAHIA, BRASIL* | SILVIA KIMO COSTA, MILTON FERREIRA DA SILVA JUNIOR
- 119 **O PARADIGMA DA CIDADE GLOBAL E AS OLIMPÍADAS DO RIO DE JANEIRO** | *THE PARADIGM OF GLOBAL CITY AND THE OLYMPICS AT RIO DE JANEIRO, BRAZIL* | *EL PARADIGMA DE LA CIUDAD GLOBAL Y LOS JUEGOS OLÍMPICOS EN RIO DE JANEIRO, BRASIL* | ANA CARLA DE LIRA BOTTURA
- 137 **A SUSTENTABILIDADE NA CIDADE: UMA LEITURA DA IMAGEM URBANA A PARTIR DA ORLA DE PROPRIÁ, SERGIPE** | *CITY SUSTAINABILITY: AN URBAN IMAGE ANALYSIS OF THE RIVERBANKS OF PROPRIÁ, SERGIPE, BRAZIL* | *LA SUSTENTABILIDAD EN LA CIUDAD: UNA LECTURA DE LA IMAGEN URBANA PARTIENDO DE LA CIUDAD DE PROPRIÁ, SERGIPE, BRASIL* | GIVALDO BARBOSA DA SILVA, ANTONIO CARLOS DOS SANTOS
- 155 **CIDADE E COMÉRCIO: RELAÇÕES EM JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS** | *CITY AND COMMERCE: RELATIONS IN JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS, BRAZIL* | *CIUDAD Y COMERCIO: RELACIONES EN JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS, BRASIL* | ANTONIO COLCHETE FILHO, FREDERICO BRAIDA, CARINA FOLENA CARDOSO
- RESENHA** | *BOOK REVIEW* | *RESEÑA*
- 167 **QUALIDADE DO LUGAR E CULTURA CONTEMPORÂNEA: CONTROVÉRSIAS E RESSONÂNCIAS EM COLETIVOS URBANOS** | MARCIA OLIVEIRA MORAES
- 171 **INSTRUÇÕES AOS AUTORES** | *GUIDE FOR AUTHORS* | *INSTRUCCIONES A LOS AUTORES*



EDITORIAL

QUEREMOS PRODUÇÃO OU CRIAÇÃO DE CONHECIMENTO NA AMÉRICA LATINA?

ANA LUZ QUINTANILLA-MONTOYA

“[...] después de todo, cuando estás enamorado, quieres contarlo a todo el mundo. Por eso, la idea de que los científicos no hablen al público de la ciencia, me parece aberrante”.

(Carl Sagan)

A América Latina confronta-se hoje em dia com uma ampla problemática que não se limita à situação política de seus governos, mas sim à situação em que se encontram suas sociedades. O atraso no âmbito educativo inclui a situação que mantém a atividade da ciência e o desenvolvimento tecnológico. Tanto nas Universidades Públicas como nos Centros de Pesquisa financiados pelos Conselhos de Ciência e Tecnologia (CCYT) (CCET) dos diferentes países que formamos a região, deixou-se de lado o compromisso social e cultural de contribuir com a organização de horizontes do futuro no âmbito da pesquisa científica, restando importância à formação de recursos humanos, a dedicar mais e de melhor qualidade, tempo para o preparo das matérias que se ministram nos diferentes níveis de educação (licenciatura e pós-graduação); nós os pesquisadores temos dedicado a estar “publicando” nas chamadas “revistas internacionais, indexadas de alto impacto”, que exigem os nossos avaliadores.

As políticas dos anos oitenta (Quintanilla-Montoya, 2010, p.84) encaminharam os destinos desta situação em vias de “Ganhar a globalização e a glória”, da qual, não somente não temos ganho grande coisa, mas temos perdido os rumos que como países em desenvolvimento devemos ter seguido. Pior ainda, no presente, nos regem os critérios de qualidade que regem os países desenvolvidos, com uma desleal competência, já que nesses países se investem grandes quantidades de financiamento provenientes dos Produtos Internos Brutos (PIB) os mesmos, e em nossa América Latina, se destinam quantidades mínimas, como pode observar-se na Figura 1 (veja-se esta relação em comparação com outros países do mundo, Tabela 1).

A América Latina investe em Pesquisa e Desenvolvimento (I+D) (P+D) uma porcentagem do Produto Interno Bruto (PIB) que é menos da quarta parte da proporção que destinam os países da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico

(OCDE). A intensidade do investimento em I+D P+D em relação ao PIB passou de 0,5% em 2004 a 0,6% em 2008, uma porcentagem bastante inferior que se registra nos países da OCDE (2,2% e 2,3%, entre os mesmos anos). A heterogeneidade do investimento em I+D P+D que realizam os países da região ampliou-se nos últimos anos, já que, por exemplo, enquanto nos países da América Central tal indicador se manteve em valores em torno de 0,1% do PIB, no Brasil aumentou substancialmente e hoje é equivalente a 2,5% do PIB, enquanto no México por exemplo, se destina tão somente 0,34%.

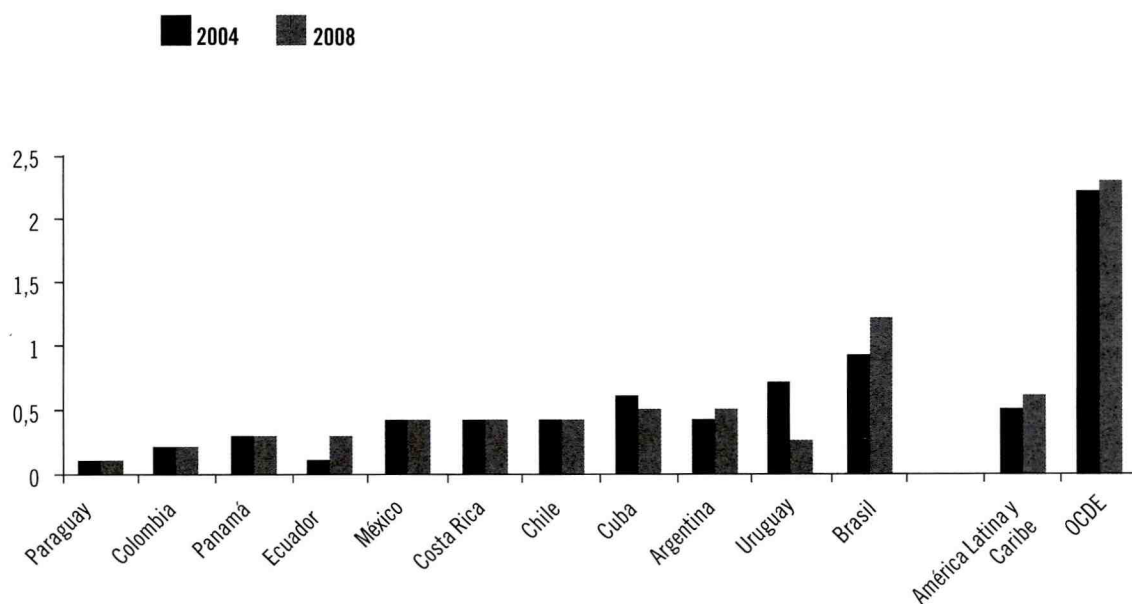


FIGURA 1 – Investimento em Pesquisa e Desenvolvimento na América Latina e Caribe (Produtos Internos Brutos, 2004-2008).
Fonte: Elaboração própria (2013). Com base em dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Disponível em: <<http://www.uis.unesco.org/pages/default.aspx>>. Rede de Indicadores de Ciência e Tecnologia Ibero-americana e Interamericana (RICYT). Disponível em: <<http://ricyt.org>>. e Main Science and Technology Indicators (MSTI) Database da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômicos (OCDE).

Se comparamos os gastos de investimento em I+D P+D na América Latina com o mundo, podemos constatar que estamos longe de investir como fazem os países mais ricos desenvolvidos: *v.gr.* EUA investe 4%, Japão 6%, como podemos observar na seguinte Tabela 1.

O meio acadêmico vive hoje um processo de burocratização da atividade científica, já que a maior parte do tempo se investe em “trâmites administrativos e acadêmicos” para manter tanto os indivíduos como a instituições, dentro das normas de qualidade com seus critérios de “certificação” próprios da lógica de mercado que dão justificativa à sua existência e que permitem a obtenção de financiamento por

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Alemania	42,606.0	44,477.7	48,017.4	51,572.5	53,397.4	55,673.5	60,241.2	61,464.3	62,493.2
Argentina	1,794.1	1,846.6	1,994.9	1,957.5	1,867.7	1,627.0	1,877.9	2,235.0	2,573.0
Brasil*	-	-		12,770.4	13,806.3	13,616.2	13,563.8	13,775.0	-
Canadá	12,139.4	13,550.9	14,810.9	16,734.2	19,028.9	19,154.1	19,567.3	20,877.7	21,777.3
Coreia	16,637.3	14,788.9	15,792.6	18,386.5	21,156.5	22,246.6	24,344.1	28,363.0	31,959.2
Chile*	624.5	661.7	677.3	747.7	792.0	1,067.3	1,117.0	1,238.9	-
E.U.A.	212,708.8	228,108.5	245,475.8	267,767.5	278,230.0	277,054.5	289,721.6	301,015.5	324,464.5
Espanña	5,530.9	6,431.9	6,814.7	7,704.0	8,320.0	9,684.4	10,968.6	11,827.7	13,263.8
Francia	29,785.9	30,559.2	31,823.3	33,819.2	36,623.4	38,360.0	37,181.9	38,720.6	40,392.0
Italia	13,370.8	14,297.2	14,240.8	15,420.2	16,608.9	17,698.6	17,372.1	17,725.5	-
Japón	87,785.4	91,062.3	92,773.7	98,783.0	104,024.5	108,248.1	113,259.2	118,577.3	130,745.4
México	2,215.96	2,926.57	3,505.43	3,347.72	3,620	4,014.35	4,419.34	4,687.93	5,093.75
Reino Unido	23,508.2	24,435.2	26,288.3	28,006.8	29,373.9	31,516.5	31,885.1	32,695.1	35,171.1
Suecia	7,140.9	-	8,115.2	-	10,435.6	-	10,500.5	10,364.4	11,286.7

TABELA 1 – Gasto em pesquisa e desenvolvimento experimental (gide) por país. Milhões de PPP correntes

Note: - dado não disponível.

Fontes: Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômicos - *Main Science and Technology Indicators*, 2007-2012. Cifras para México com cálculos próprios de Rede de Indicadores de Ciência e Tecnologia Ibero-americana e Interamericana. Disponível em: <<http://www.riicyt.org/indicadores/comparativos/26.xls>>.

Acesso em: Nov. 2013.

parte do Estado e de organismos internacionais. Este é o grande desafio que se vive em nosso continente para poder justificar o financiamento e os bens, no entanto, existem problemas profundos que devem ser resolvidos tanto na relação entre sujeitos, como na perspectiva sociocultural de nossos povos, que sofrem uma perda, ao não manter a conexão entre a Ciência e a Sociedade.

Do mesmo modo, a pesquisa já não é uma prática de “criação”, mas de produção e sistematização de conhecimento, é uma alternativa pragmática e burocrática de certificação. Passamos de seres “criativos” e “criadores” de novo conhecimento, a seres “produtores” de ciência, como um indicador puramente econômico, não filosófico. Assim, é comum que os “pesquisadores” não desejem também “ensinar”, ou seja, existe uma queixa constante, devido às múltiplas atividades que se devem realizar, e devido também a que, o critério que prevalece sobre todos os demais para ter acesso aos “sistemas de estímulos” é a *publicação científica*. Portanto, os pesquisadores nos encontramos preocupados demais em publicar, já que a política de nossos países nos mantém no famoso ditado “Publicar ou Perecer” (*Publish or Perish*) proveniente de uma prática que se dá principalmente nos países neoliberais e/ou imperialistas.

A razão que com mais frequência se alega para explicar a baixa produção de conhecimento na América Latina tem sido o pouco investimento, argumentando-se que é muito baixa em relação à outras regiões; correlativamente se argumenta sobre a inexistência de uma infraestrutura tecnológica ou comunicacional suficiente; também se acrescentam em ocasiões dificuldades jurídico-políticas, como carência de uma institucionalidade e de uma política científica. Embora alguns governos se esforcem por reduzir a disparidade em investimento, não se veem mudanças substantivos no panorama, segundo Rivas (Ceballos, 2008). Brasil é o país que mais investe em ciência e tecnologia, com recursos anuais que equivalem no momento a 2,5% do PIB, a cifra mais importante na América Latina.

É importante mencionar, que os sistemas de avaliação à produção que os pesquisadores tem, se baseia quase exclusivamente em artigos científicos publicados no ISI-Thomson-Reuthers, quando existem mais de 150 000 títulos vigentes de publicações científicas e são publicados mais de 1 000 000 de artigos por ano. Mais ainda, o número de citações se considera um critério importante para avaliar os cientistas, quando o próprio Eugene Garfield (criador dos produtos de ISI como é o *Science Citation Index*) menciona que 25% dos artigos que se incluem nos seus produtos, não são citados nunca, 50% são citados uma só vez e 1% recebem 6 ou mais citações (Garfield, 1999, *online*).

Portanto, a pergunta necessária seria: Para quem estamos “produzindo” conhecimento? Outra das perguntas seria questionar: Por que nossa gente tão prestigiosa a nível intelectual tem dado- e continua dando- tanto crédito às bases criadas de origem como um negócio, *v.gr. Science Citation Index* (SCI) que se mostra como um procedimento inexato (Deciphering..., 2003), que como exemplo, só cobre uma estreita faixa de 4,7% das revistas biomédicas disponíveis no mundo (Barcinski, 2003) e que tem fins mais comerciais que científicos, sendo que a finalidade do processo de pesquisa é ampliar o horizonte da engenhosidade humana, na arena do conhecimento científico, de uma forma muito mais clara, transparente e séria que a estabelecida até agora?

criação ou produção de conhecimento na América Latina?

Os governos da América Latina, de maneira participativa com as comunidades acadêmico-científicas, devem refletir sobre o futuro da Ciência e o Desenvolvimento Tecnológico e trabalhar para a criação de uma nova doutrina que funcione como um instrumento para alcançar o desenvolvimento sustentável, combater a pobreza e construir sociedades mais equitativas, criativas e felizes.

Deve-se promover o impulso à criação de conhecimento, pelo prazer de amar a ciência, não pela obrigação de ter que ser avaliado mediante índices econométricos, os quais estão longe dos objetivos da filosofia como mãe de todas as ciências. Deve-se promover a “criação de conhecimento” por redes que reúnam os pesquisadores, tecnólogos, e inclusive empresas e outras figuras sociais para enriquecer o afazer cotidiano que gera o processo de ensino-aprendizagem e seu vínculo com a I+D P+D.

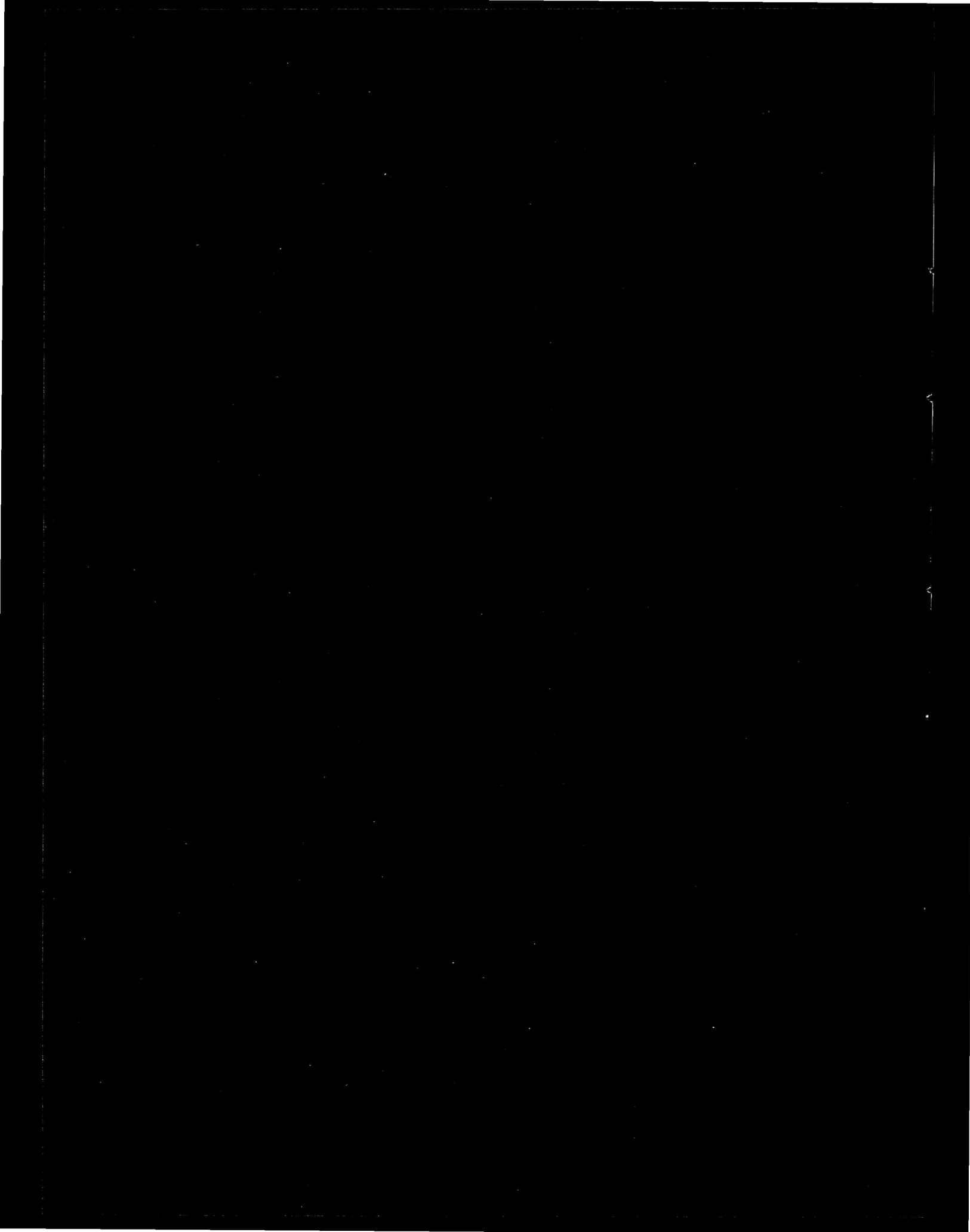
Exemplos atuais de novos paradigmas para o desenvolvimento da CyT não aparece em nenhum lugar o que é a sigla é o modelo de desenvolvimento que foi aplicado na China e Índia, os quais não se importaram com as recomendações de política econômica do Consenso de Washington, e optaram por fortalecer o investimento em educação, infraestrutura e em promover o emprego. A estratégia alternativa de desenvolvimento funcionou na Ásia (alcançam níveis de desenvolvimento superiores a 12 por cento anual); a América Latina pode optar por este caminho porque se requer investir em transformar seus recursos naturais com pessoal capacitado e originário desses distintos países. Recordemos, que os países latinoamericanos apresentam na sua maioria uma imensa desigualdade na renda, portanto, é necessário destinar mais recursos à educação e à CyT, com o objetivo de elevar a competitividade e de aliviar os grandes problemas da pobreza e da exploração irracional de seus recursos naturais.

Finalmente, como menciona León-Sarmiento *et al.* (2007), o fato de que algunos editores de revistas científicas seleccionem para publicação, manuscritos que já se sabe com antecipação que serão muito citados e lidos por uma grande audiência, deve inabilitar o uso do Fator de Impacto (FI) como o método para decidir sobre emprego, bolsas, apoio econômico a projetos, assim como promoções, prêmios e reconhecimentos acadêmicos, entre outros usos que se está dando a esta medida em diversos países. Por sorte, uma grande quantidade de editores de revistas científicas já têm claro que um maior impacto não equivale a uma maior difusão.

REFERÊNCIAS

- BARCINSKI, M.A. Disruption to science in developing countries. *Nature*, n.423, p.480, 2003.
- CEBALLOS, D. América Latina: ciencia y tecnología, avances insuficientes. *Tierramérica*, 19 feb. 2008. Disponible en: <<http://www.tierramerica.info/nota.php?lang=esp%26idnews=2538>>. Acceso en: 22 mayo 2008.
- DECIPHERING impact factors. *Nature Neurosci*, v.6, n.783, 2003. doi:10.1038/nn0803-783
- GARFIELD, E. Quedaría: Garfield E. 1999. Disponível em: <<http://www.garfield.library.upenn.edu/index.html>>. Acceso en: 22 mayo 2008.
- LEON-SARMIENTO, F.E.; LEON-S, M.A.; CONTRERAS, V.A. El impacto del factor de impacto: ¿mito o realidad? *Colombia Médica*, v.38, n.3, 2007.
- QUINTANILLA-MONTOYA, A.L. La Ciencia y su producción de conocimiento en América Latina. *Investigación Ambiental*, v.2, n.1, p.75-84, 2010.

ANA LUZ QUINTANILLA-MONTOYA Universidad de Colima | Centro Universitario de Gestión Ambiental | Ex Hacienda de Noguerras s/n., Noguerras, Comala 28454, México | E-mail: <analuzqm@ucol.mx>.



EDITORIAL

¿QUEREMOS PRODUCCIÓN O CREACIÓN DE CONOCIMIENTO EN AMÉRICA LATINA?

ANA LUZ QUINTANILLA-MONTOYA

“[...] después de todo, cuando estás enamorado, quieres contarlo a todo el mundo. Por eso, la idea de que los científicos no hablen al público de la ciencia, me parece aberrante”.

(Carl Sagan)

Latinoamérica confronta hoy en día una amplia problemática que no se limita a la situación política de sus gobiernos, sino a la situación en la que se encuentran sus sociedades. El atraso en el ámbito educativo incluye la situación que mantiene la actividad de la ciencia y el desarrollo tecnológico. Tanto en las Universidades Públicas como en los Centros de Investigación financiados por los Consejos de Ciencia y Tecnología (CCYT) de los diferentes países que conformamos la región, se ha dejado de lado el compromiso social y cultural de contribuir a la organización de horizontes de futuro en el ámbito de la investigación científica, restando importancia a la formación de recursos humanos, a dedicar más y de mejor calidad tiempo para la preparación de las cátedras que se imparten en los diferentes niveles de educación (licenciatura y postgrados); los investigadores nos hemos dedicado a estar “publicando” en las llamadas “revistas internacionales, indizadas de alto impacto”, que exigen nuestros evaluadores.

Las políticas de los años ochentas (Quintanilla-Montoya, 2010, p.84) encaminaron los destinos de esta situación en vías de “Ganar la globalización y la gloria”, de la cual, no solamente no hemos ganado gran cosa, sino que hemos perdido los rumbos que como países en desarrollo debimos de haber seguido. Peor aún, en el presente, nos rigen los criterios de calidad, que rigen a los países desarrollados, con una desleal competencia, ya que en esos países se invierten grandes cantidades de financiamiento provenientes de los Productos Internos Brutos (PIB) de los mismos, y en nuestra América Latina, se destinan cantidades mínimas, como puede observarse en la Figura 1 (véase esta relación en comparación con otros países del mundo, Tabla 1).

América Latina invierte en Investigación y Desarrollo (I+D) un porcentaje del Producto Interno Bruto (PIB) que es menos de la cuarta parte de la proporción que destinan los países de la Organización de Cooperación y Desarrollo Económico (OCDE).

La intensidad de la inversión en I+D en relación al PIB ha pasado desde 0,5% en 2004 a 0,6% en 2008, un porcentaje bastante inferior que se registra en los países de la OCDE (2,2% y 2,3%, entre los mismos años). La heterogeneidad de la inversión en I+D que realizan los países de la región se ha ampliado en los últimos años, ya que, por ejemplo, mientras que en los países de Centroamérica dicho indicador se ha mantenido en valores en torno al 0,1% del PIB, en Brasil ha aumentado sustancialmente y hoy es equivalente a un 2,5% del PIB, mientras que en México por ejemplo, se destina tan solo 0,34%.

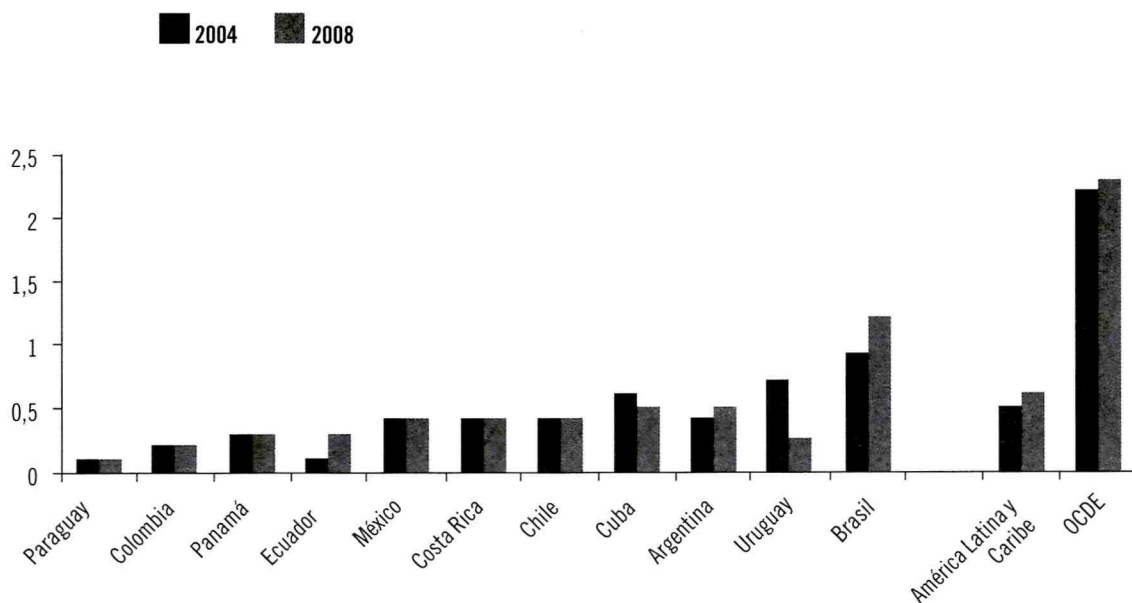


FIGURA 1 – Inversión en Investigación y Desarrollo en América Latina y el Caribe (Productos Internos Brutos, 2004-2008).
Fuente: Elaboración propia (2013). Con base en datos de la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO). Disponible en: <<http://www.uis.unesco.org/pages/default.aspx>>. Red de Indicadores de Ciencia y Tecnología Iberoamericana e Interamericana (RICYT). Disponible en: <<http://ricyt.org>>. y Main Science and Technology Indicators (MSTI) Database de la Organización de Cooperación y Desarrollo Económicos (OCDE).

Si comparamos los gastos de inversión en I+D en Latinoamérica con el mundo, podemos constatar que estamos lejos de invertir como lo hacen los países más ricos desarrollados: *vgr.* EUA invierte 4%, Japón 6%, como podemos observar en la siguiente Tabla 1.

El medio académico vive hoy un proceso de burocratización de la actividad científica, ya que la mayor parte del tiempo se invierte en “trámites administrativos y académicos” para mantener tanto a los individuos como a las instituciones, dentro de las normas de calidad con sus criterios de “certificación” propias de la lógica de mercado que dan justificación a su existencia y que permiten el obtener financiamiento por parte del Estado y de organismos internacionales. Este es el gran desafío que se vive

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Alemania	42,606.0	44,477.7	48,017.4	51,572.5	53,397.4	55,673.5	60,241.2	61,464.3	62,493.2
Argentina	1,794.1	1,846.6	1,994.9	1,957.5	1,867.7	1,627.0	1,877.9	2,235.0	2,573.0
Brasil*	-	-		12,770.4	13,806.3	13,616.2	13,563.8	13,775.0	-
Canadá	12,139.4	13,550.9	14,810.9	16,734.2	19,028.9	19,154.1	19,567.3	20,877.7	21,777.3
Corea	16,637.3	14,788.9	15,792.6	18,386.5	21,156.5	22,246.6	24,344.1	28,363.0	31,959.2
Chile*	624.5	661.7	677.3	747.7	792.0	1,067.3	1,117.0	1,238.9	-
E.U.A.	212,708.8	228,108.5	245,475.8	267,767.5	278,230.0	277,054.5	289,721.6	301,015.5	324,464.5
España	5,530.9	6,431.9	6,814.7	7,704.0	8,320.0	9,684.4	10,968.6	11,827.7	13,263.8
Francia	29,785.9	30,559.2	31,823.3	33,819.2	36,623.4	38,360.0	37,181.9	38,720.6	40,392.0
Italia	13,370.8	14,297.2	14,240.8	15,420.2	16,608.9	17,698.6	17,372.1	17,725.5	-
Japón	87,785.4	91,062.3	92,773.7	98,783.0	104,024.5	108,248.1	113,259.2	118,577.3	130,745.4
México	2,215.96	2,926.57	3,505.43	3,347.72	3,620	4,014.35	4,419.34	4,687.93	5,093.75
Reino Unido	23,508.2	24,435.2	26,288.3	28,006.8	29,373.9	31,516.5	31,885.1	32,695.1	35,171.1
Suecia	7,140.9	-	8,115.2	-	10,435.6	-	10,500.5	10,364.4	11,286.7

TABLA 1 – Gasto en investigación y desarrollo experimental (gide) por país. Millones de PPP corrientes

Note: - dato no disponible.

Fuentes: Organización de Cooperación y Desarrollo Económicos - *Main Science and Technology Indicators*, 2007-2012. Cifras para México con cálculos propios de Red de Indicadores de Ciencia y Tecnología Iberoamericana e Interamericana. Disponible en: <<http://www.ricyt.org/indicadores/comparativos/26.xls>>.

Acceso en: Nov. 2013.

en nuestro continente para poder justificar el financiamiento y los bienes, sin embargo, existen problemas profundos que deben ser resueltos tanto en la relación entre sujetos, como en la perspectiva socio-cultural de nuestros pueblos, que sufre una pérdida, al no mantener la conexión entre la Ciencia y la Sociedad.

Asimismo, la investigación ya no es una práctica de “creación” sino de producción y sistematización de conocimiento, es una alternativa pragmática y burocrática de certificación. Hemos pasado de ser seres “creativos” y “creadores” de nuevo conocimiento, a ser seres “productores” de ciencia, como un indicador puramente económico, no filosófico. Asimismo, es común que los “investigadores” no deseen tampoco “enseñar”, es decir, existe una queja constante, debido a las múltiples actividades que se deben realizar, y debido también a que el criterio que prevalece sobre todos los demás para acceder a los “sistemas de estímulos” es la *publicación científica*. Por ende, los investigadores nos encontramos demasiado preocupados por publicar, puesto que la política de nuestros países nos mantiene en el famoso dicho de “Publicar o Perecer” (*Publish or Perish*) proveniente de una práctica que se da principalmente en los países neoliberales y/o imperialistas.

La razón que con más frecuencia se ha aducido para explicar la baja producción de conocimiento en América Latina ha sido la poca inversión, argumentándose que es muy baja en relación a otras regiones; correlativamente se argumenta sobre la inexistencia de una infraestructura tecnológica o comunicacional suficiente; se agregan en ocasiones también dificultades jurídico-políticas, como carencia de una institucionalidad y de una política científica. Aunque algunos gobiernos se esfuerzan por reducir la brecha en inversión, no se ven cambios sustantivos en el panorama, según Rivas (Ceballos, 2008). Brasil es el país que más invierte en ciencia y tecnología, con recursos anuales que equivalen en el presente a 2,5% del PIB, la cifra más importante en América Latina.

Es importante mencionar, que los sistemas de evaluación a la producción que tienen los investigadores, se basa casi exclusivamente en artículos científicos publicados en ISI-Thomson-Reuthers, cuando existen más de 150,000 títulos vigentes de publicaciones científicas y se publican más de 1 000 000 de artículos por año. Más aún, el número de citas se ha considerado un criterio importante para evaluar a los científicos, cuando el propio Eugene Garfield (creador de los productos de ISI como es el *Science Citation Index*) menciona que el 25% de los artículos que se incluyen en sus productos, no son citados nunca, el 50% son citados una sola vez y el 1% reciben 6 o más citas (Garfield, 1999, *online*).

Por ende, la pregunta necesaria sería ¿Para quién(es) estamos “produciendo” conocimiento? Otra de las preguntas, sería cuestionar ¿por qué nuestra gente tan prestigiosa a nivel intelectual le ha dado -y sigue dando- tanto crédito a las bases creadas de origen como un negocio, *v.gr. Science Citation Index (SCI)*, que se muestra como un procedimiento inexacto (Deciphering..., 2003), que como ejemplo, sólo cubre una estrecha franja de 4,7% de las revistas biomédicas disponibles en el mundo (Barcinski, 2003) y que tiene fines más comerciales que científicos, siendo que el fin último del proceso investigativo es ampliar el horizonte del ingenio humano, en la arena del conocimiento científico, de una forma mucho más clara, transparente y seria que la establecida a la fecha.

¿CREACIÓN O PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO EN AMÉRICA LATINA?

Los gobiernos de América Latina, de manera participativa con las comunidades académico-científicas, deben reflexionar sobre el futuro de la Ciencia y el Desarrollo Tecnológico y trabajar hacia la creación de una nueva doctrina que funcione como un instrumento para alcanzar el desarrollo sustentable, combatir la pobreza y construir sociedades más equitativas, creativas y felices.

Debe promoverse el impulso a la creación de conocimiento, por el gusto de amar la ciencia, no por la obligación a tener que ser evaluado mediante índices econométricos, los cuales están lejos de los objetivos de la filosofía como madre de todas las ciencias. Debe promoverse la “creación de conocimiento” por redes que reúnan a científicos, tecnólogos,

e incluso empresas y otros actores sociales para enriquecer el quehacer cotidiano que genera el proceso de enseñanza-aprendizaje y su vinculación con la I+D.

Ejemplos actuales de nuevos paradigmas hacia el desarrollo de la CyT es el modelo de desarrollo que han aplicado China e India, los cuales no hicieron caso de las recomendaciones de política económica del Consenso de Washington, y optaron por fortalecer la inversión en educación, infraestructura y promover el empleo. La estrategia alternativa de desarrollo ha funcionado en Asia (alcanzan niveles de desarrollo superiores a 12 por ciento anual); Latinoamérica puede optar por este camino porque se requiere invertir en transformar sus recursos naturales con personal capacitado y originario de los distintos países. Recordemos, que los países latinoamericanos presentan en su mayoría una inmensa desigualdad en el ingreso, por ende, es necesario destinar más recursos a la educación y a la CyT, con el objetivo de elevar la competitividad y aliviar los grandes problemas de la pobreza y la explotación irracional de sus recursos naturales.

Finalmente, como menciona León-Sarmiento et al. (2007), el hecho de que algunos editores de revistas científicas seleccionen para publicación, manuscritos que con anticipación se sabe, serán muy citados y leídos por una gran audiencia, debe inhabilitar el uso del Factor de Impacto (FI) como el método para decidir sobre empleo, becas, apoyo económico a proyectos, así como promociones, premios y reconocimientos académicos, entre otros usos que se le está dando a esta medida en diversos países. Por fortuna, una gran cantidad de editores de revistas científicas ya tiene claro que un mayor impacto no equivale a una mayor difusión.

REFERENCIAS

BARCINSKI, M.A. Disruption to science in developing countries. *Nature*, n.423, p.480, 2003.

CEBALLOS, D. América Latina: ciencia y tecnología, avances insuficientes. *Tierramérica*, 19 feb. 2008. Disponible en: <<http://www.tierramerica.info/nota.php?lang=esp%26idnews=2538>>. Acceso en: 22 mayo 2008.

DECIPHERING impact factors. *Nature Neurosci*, v.6, n.783, 2003. doi:10.1038/nn0803-783

GARFIELD, E. Quedaría: Garfield E. 1999. Disponible en: <<http://www.garfield.library.upenn.edu/index.html>>. Acceso en: 22 mayo 2008.

LEON-SARMIENTO, F.E.; LEON-S, M.A.; CONTRERAS, V.A. El impacto del factor de impacto: ¿mito o realidad? *Colombia Médica*, v.38, n.3, 2007.

QUINTANILLA-MONTOYA, A.L. La Ciencia y su producción de conocimiento en América Latina. *Investigación Ambiental*, v.2, n.1, p.75-84, 2010.

ANA LUZ QUINTANILLA-MONTOYA Universidad de Colima | Centro Universitario de Gestión Ambiental | Ex Hacienda de Noguerras s/n., Noguerras, Comala 28454, México | E-mail: <analuzqm@ucol.mx>.

EDITORIAL

DO WE WANT PRODUCTION OR DEVELOPMENT OF KNOWLEDGE IN LATIN AMERICA?

ANA LUZ QUINTANILLA-MONTOYA

“[...] después de todo, cuando estás enamorado, quieres contarlo a todo el mundo. Por eso, la idea de que los científicos no hablen al público de la ciencia, me parece aberrante”.
(Carl Sagan)

Latin America is facing today a broader issue that is not confined to the political situation of their governments, but to the situation of their societies. The delay within the educational context includes the situation that maintains the activity of science and technology. The social and cultural commitment to contribute to the organization of the future regarding scientific research has been ignored both by Public Universities and Research Centers funded by the Councils for Science and Technology (CST) of the different Latin American countries, ignoring the importance of human resource training, devoting more and better time to prepare courses for different levels of education (undergraduate and postgraduate); as for us, the researchers, as required by our evaluators, have been busy “publishing” in so-called “international journals of high impact factor”.

The policies of the 1980s (Quintanilla-Montoya, 2010, p.84) focused on “Gaining globalization and glory”, which not only did not occur, but we ended up misguided and we did not follow the directions that developing countries should have. Worse, at present, the quality criteria that govern us are the same for the developed countries, which is unfair competition, since those countries invest large figures on funding from the Gross Domestic Product (GDP). As for Latin America, the figures are less significant, as shown in Figure 1 (see comparison with other countries, Table 1).

Latin America invests less than a quarter of the Gross Domestic Product (GDP) in Research and Development (R&D) than the countries in the Organization for Economic Cooperation and Development (OECD). The intensity of investment in R&D in comparison with the GDP increased from 0.5% in 2004 to 0.6% in 2008, a much lower percentage than investments seen in OECD countries (2.2% and 2.3% within the same period). The heterogeneity of investment in R&D of the countries in the region has

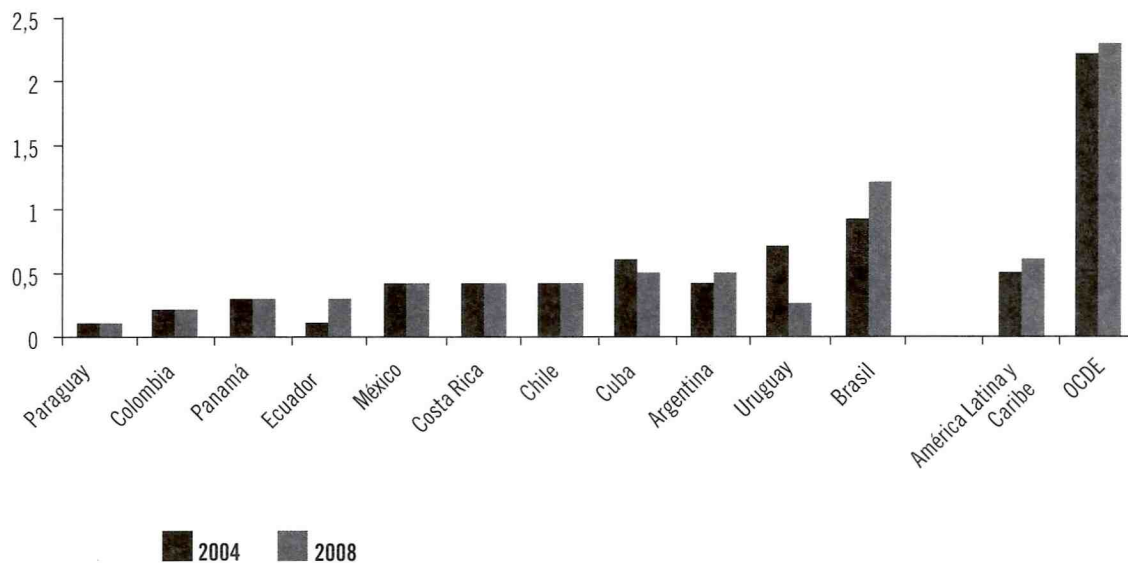


FIGURE 1 – Investment in Research and Development in Latin America and the Caribbean (Gross Domestic Product, 2004-2008). **Source:** The author's (2013). Based on the data from the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO). Available from: <<http://www.uis.unesco.org/pages/default.aspx>>. Network on Science and Technology Indicators — Ibero-American and Inter-American (RICYT). Available from: <<http://ricyt.org>>. Main Science and Technology Indicators (MSTI) Database from the Organization for Economic Cooperation and Development (OECD).

increased in recent years, while, for example, in Central America this indicator remained at around 0.1% of GDP. As for Brazil, it increased substantially and today it is equivalent to 2.5% of GDP, while in Mexico, for example, it is only 0.34%.

If we compare investments in R&D in Latin America with the world, we can see that we are far from investing as the wealthy developed countries: v.gr. U.S. invests 4%, Japan 6%, as shown in Table 1.

The academic world today is undergoing a process of bureaucratization of the scientific activity, since most of the time is invested in “administrative and academic procedures” to keep both individuals and institutions within the quality standards of the criteria of “accreditation”, specific to the reasoning of the market that justify their existence by obtaining funding from the State and international organizations. This is the great challenge that our continent faces to justify funding and assets. However, there are deep problems that must be solved both concerning the relationship among subjects and the socio-cultural perspective of our people, who suffer a loss when the link between Science and Society is not maintained.

Similarly, research is no longer a practice of “creation”, but of production and systematization of knowledge, it is a pragmatic and bureaucratic alternative for certification. We went from “creative” and “creating” beings of new knowledge to “producing” beings of science, as a purely economic indicator, not a philosophical one.

Countries	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Germany	42,606.0	44,477.7	48,017.4	51,572.5	53,397.4	55,673.5	60,241.2	61,464.3	62,493.2
Argentina	1,794.1	1,846.6	1,994.9	1,957.5	1,867.7	1,627.0	1,877.9	2,235.0	2,573.0
Brazil*	-	-		12,770.4	13,806.3	13,616.2	13,563.8	13,775.0	-
Canada	12,139.4	13,550.9	14,810.9	16,734.2	19,028.9	19,154.1	19,567.3	20,877.7	21,777.3
Korea	16,637.3	14,788.9	15,792.6	18,386.5	21,156.5	22,246.6	24,344.1	28,363.0	31,959.2
Chile*	624.5	661.7	677.3	747.7	792.0	1,067.3	1,117.0	1,238.9	-
USA	212,708.8	228,108.5	245,475.8	267,767.5	278,230.0	277,054.5	289,721.6	301,015.5	324,464.5
Spain	5,530.9	6,431.9	6,814.7	7,704.0	8,320.0	9,684.4	10,968.6	11,827.7	13,263.8
France	29,785.9	30,559.2	31,823.3	33,819.2	36,623.4	38,360.0	37,181.9	38,720.6	40,392.0
Italy	13,370.8	14,297.2	14,240.8	15,420.2	16,608.9	17,698.6	17,372.1	17,725.5	-
Japan	87,785.4	91,062.3	92,773.7	98,783.0	104,024.5	108,248.1	113,259.2	118,577.3	130,745.4
Mexico	2,215.96	2,926.57	3,505.43	3,347.72	3,620	4,014.35	4,419.34	4,687.93	5,093.75
United Kingdom	23,508.2	24,435.2	26,288.3	28,006.8	29,373.9	31,516.5	31,885.1	32,695.1	35,171.1
Sweden	7,140.9	-	8,115.2	-	10,435.6	-	10,500.5	10,364.4	11,286.7

TABLE 1 – Investment on research and experimental development (gide) by country. Million in current PPP

Note: - data not available.

Sources: Organization for Economic Cooperation and Development — Main Science and Technology Indicators, 2007-2012. Figures for Mexico with own calculations of Network on Science and Technology Indicators—Ibero-American and Inter-American. Available from: <<http://www.riicyt.org/indicadores/comparativos/26.xls>>. Accessed on November 2013.

Thus, it is common that “researchers” do not wish to “teach”, i.e., there is a constant complaint due to the multiple activities that need to be performed, and because of that, the criterion that prevails over all others to have access to the “systems of stimuli” is the scientific publication. Therefore, researchers are often too busy publishing since the policy of our countries follows the famous motto “Publish or Perish”, a practice that occurs mainly in the neoliberal and/or imperialist countries.

The most often reason to explain the low production of knowledge in Latin America has been too little investment, arguing that it is very low when compared with other regions; correspondingly, it is argued that there is a lack of sufficient communication or technological infrastructure; occasionally, legal and political difficulties are mentioned, such as lack of an institutional framework and scientific policy. Although some governments strive to reduce the investment gap, significant changes cannot be foreseen, according to Rivas (Ceballos, 2008). Brazil invests the most in science and technology, which are annual resources equivalent to 2.5% of GDP, the most important figure in Latin America.

It is important to mention that the evaluation systems concerning production that researchers have in hand is solely based on scientific papers published in ISI-

Thomson-Reuthers, whereas there are more than 150,000 titles of current scientific publications and more than 1,000,000 articles are published and per year. Moreover, the number of citations is considered an important criterion for assessing scientists. Eugene Garfield himself (creator of the ISI product such as Science Citation Index) mentions that 25% of articles that are included in his products are never cited, 50% are cited only once, and 6% receive one or more citations (Garfield, 1999, online).

Therefore, a relevant question would be: For whom are we “producing” knowledge? Another question to ask would be: Why have our intellectually prestigious people given—and continue to give—so much credit to the databases created as businesses, v.gr. Science Citation Index (SCI) that shows to be an inaccurate procedure (Deciphering impact factors, 2003), that, for example, only covers a narrow range of 4.7% of biomedical journals available worldwide (Barcinski, 2003) and has more commercial than scientific purposes when the purpose of the research process is to expand human ingenuity in the field of scientific knowledge in a much clearer, transparent and serious manner than the one established so far?

CREATION OR PRODUCTION OF KNOWLEDGE IN LATIN AMERICA?

Governments in Latin America, in association with academic and scientific communities, should reflect on the future of Science and Technological Development and create a new doctrine that works as a tool to achieve sustainable development, fight poverty and build more equitable, creative and happy societies.

Creation of knowledge should be fostered, for the love of science, not as an obligation due to evaluations by means of econometric indices, which is far from the objectives of philosophy, the mother of all sciences. The “creation of knowledge” should be promoted by networks involving researchers, technologists, and even companies and other social people, to enrich day-to-day life that generates the teaching-learning process and the connection with R&D.

Current examples of new paradigms for the development of Science and Technology (S&T) is the development model that has been applied in China and India, which did not bother with the economic policy recommendations by the Washington Consensus and strengthened investment in education, infrastructure and employment. The alternative development strategy worked in Asia (reaching levels of development higher than 12% annually); Latin America may choose this path because investments are required to transform their natural resources and skilled personnel are needed in these countries. We must recall that most Latin American countries have an immense income inequality, thus more resources must be invested in education and S&T with the purpose of increasing competitiveness and reducing major poverty problems and irrational exploitation of their natural resources.

Finally, as León-Sarmiento et al. (2007) mention, since some journal editors select manuscripts for publication knowing in advance they will be cited and read by a large

audience should disable the use of the Impact Factor (IF) as the method to decide employment, scholarships, financial support to projects as well as promotions, awards and academic recognitions, among the other uses of this measure in several countries. Luckily, many editors of scientific journals already know that a high impact factor is not equivalent to greater dissemination.

REFERENCES

- BARCINSKI, M.A. Disruption to science in developing countries. *Nature*, n.423, p.480, 2003.
- CEBALLOS, D. América Latina: ciencia y tecnología, avances insuficientes. *Tierramérica*, 19 feb. 2008. Disponible en: <<http://www.tierramerica.info/nota.php?lang=esp%26idnews=2538>>. Acceso en: 22 mayo 2008.
- DECIPHERING impact factors. *Nature Neurosci*, v.6, n.783, 2003. doi:10.1038/nn0803-783
- GARFIELD, E. Quedaría: Garfield E. 1999. Disponible en: <<http://www.garfield.library.upenn.edu/index.html>>. Acceso en: 22 mayo 2008.
- LEON-SARMIENTO, F.E.; LEON-S, M.A.; CONTRERAS, V.A. El impacto del factor de impacto: ¿mito o realidad? *Colombia Médica*, v.38, n.3, 2007.
- QUINTANILLA-MONTOYA, A.L. La Ciencia y su producción de conocimiento en América Latina. *Investigación Ambiental*, v.2, n.1, p.75-84, 2010.

ANA LUZ QUINTANILLA-MONTOYA Universidad de Colima | Centro Universitario de Gestión Ambiental | Ex Hacienda de Nogueras s/n., Nogueras, Comala 28454, México | *E-mail*: <analuzqm@ucol.mx>.





LINHAS DE OBSERVAÇÃO

ZEULER R.M.A. LIMA

Este ensaio apresenta dez trabalhos recentes que exploram, em diversos formatos e abordagens, a linguagem, a técnica e os sentidos do desenho de observação.

Cada trabalho faz parte de uma série e sugere uma linha de investigação que leva em conta tanto o caráter representativo do desenho na documentação do ambiente construído quanto a relação entre desenho e suporte.

Os trabalhos variam desde a representação de imagens isoladas até a narrativas sequenciais e panoramas. Os seus suportes variam da escala íntima de pequenos blocos de anotação e cadernos de viagem até à apropriação específica de objetos singulares e de interiores arquitetônicos, como esclarecem as legendas.

Como em outras linguagens visuais, as associações entre imagem e objeto, representação e suporte são resultado da combinação entre escolhas premeditadas assim como de descobertas ao acaso; do desenho espontâneo *in loco* ao trabalho de ateliê.

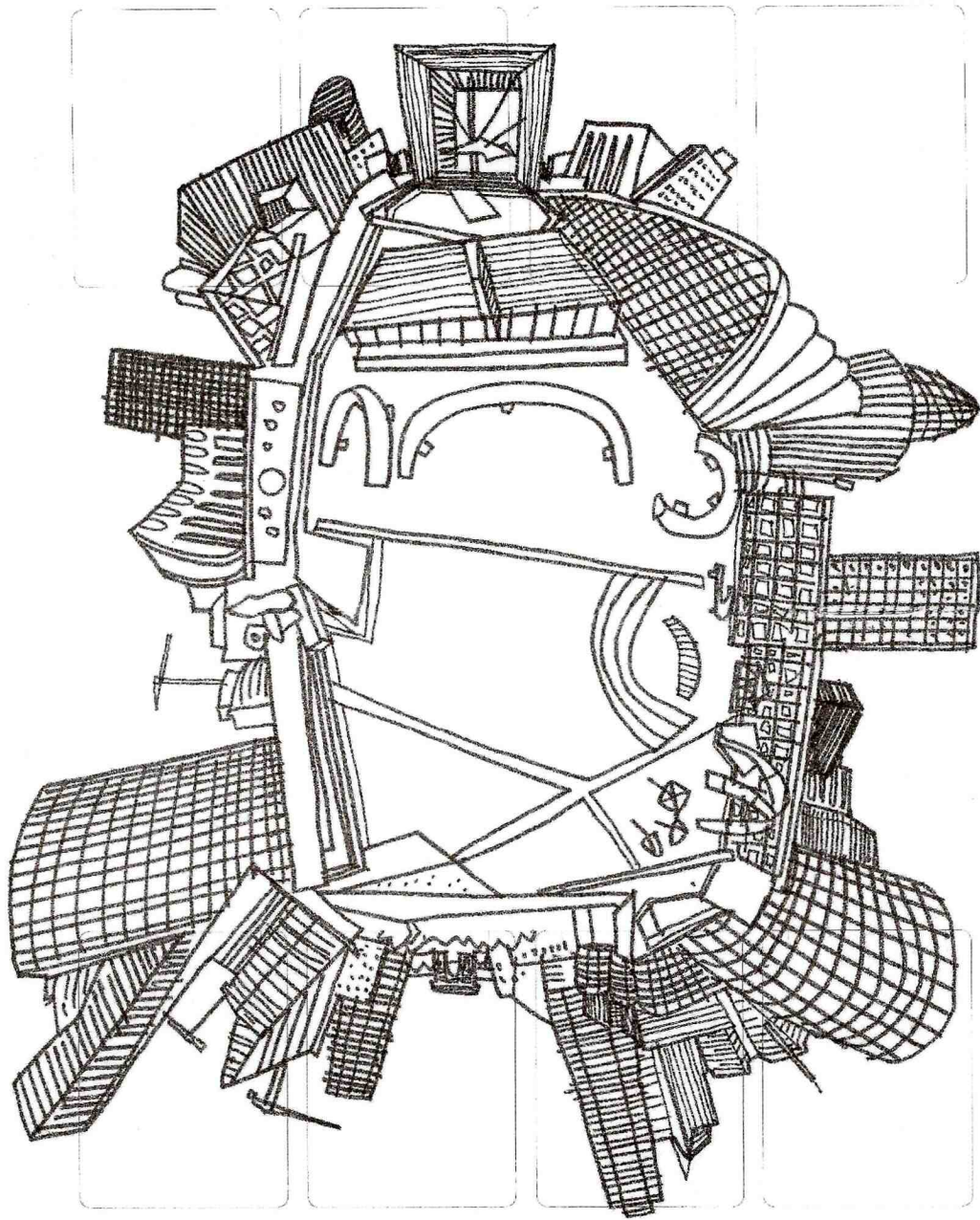
Apesar da emergência de novos meios digitais, o desenho de observação, a mão, continua a ser uma linguagem única pelo qual atenção, memória, técnica, tempo e experiência se manifestam simultaneamente e se multiplicam usando a relação entre linha sobre superfície como meio simples e fundamental de ação e reflexão.

Ao se desenhar, observam-se e também absorvem-se fatos. Ao se desenhar, descobrem-se novas realidades no mundo assim como infinitas possibilidades dentro do próprio desenho.

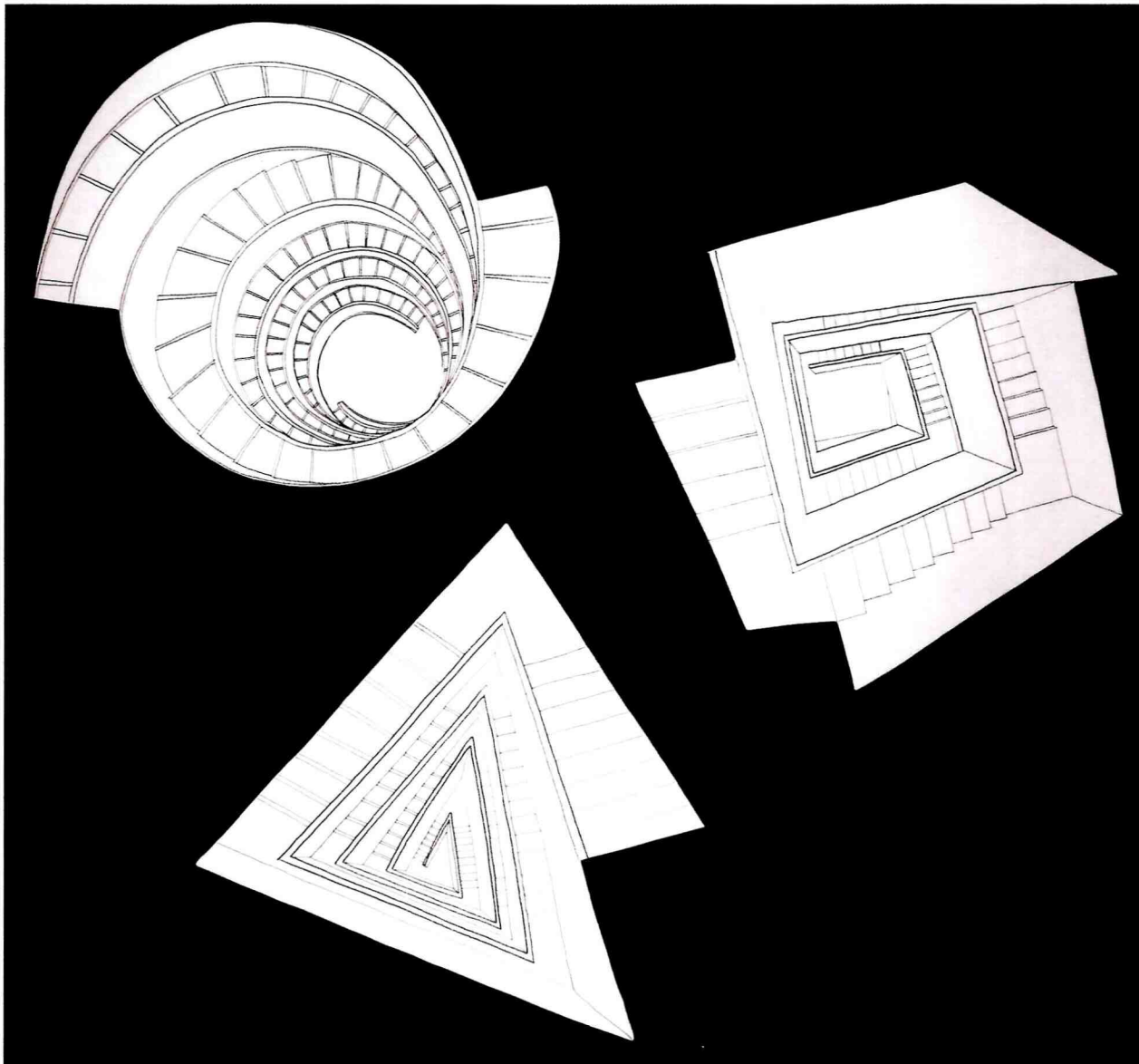
ZEULER R.M.A. LIMA Sketcher and Professor | Washington University | College of Architecture
| Graduate School of Architecture and Urban Design | 1 Brookings Dr, St Louis, MO 63130,
United States | E-mail: <zlima@wustl.edu>.



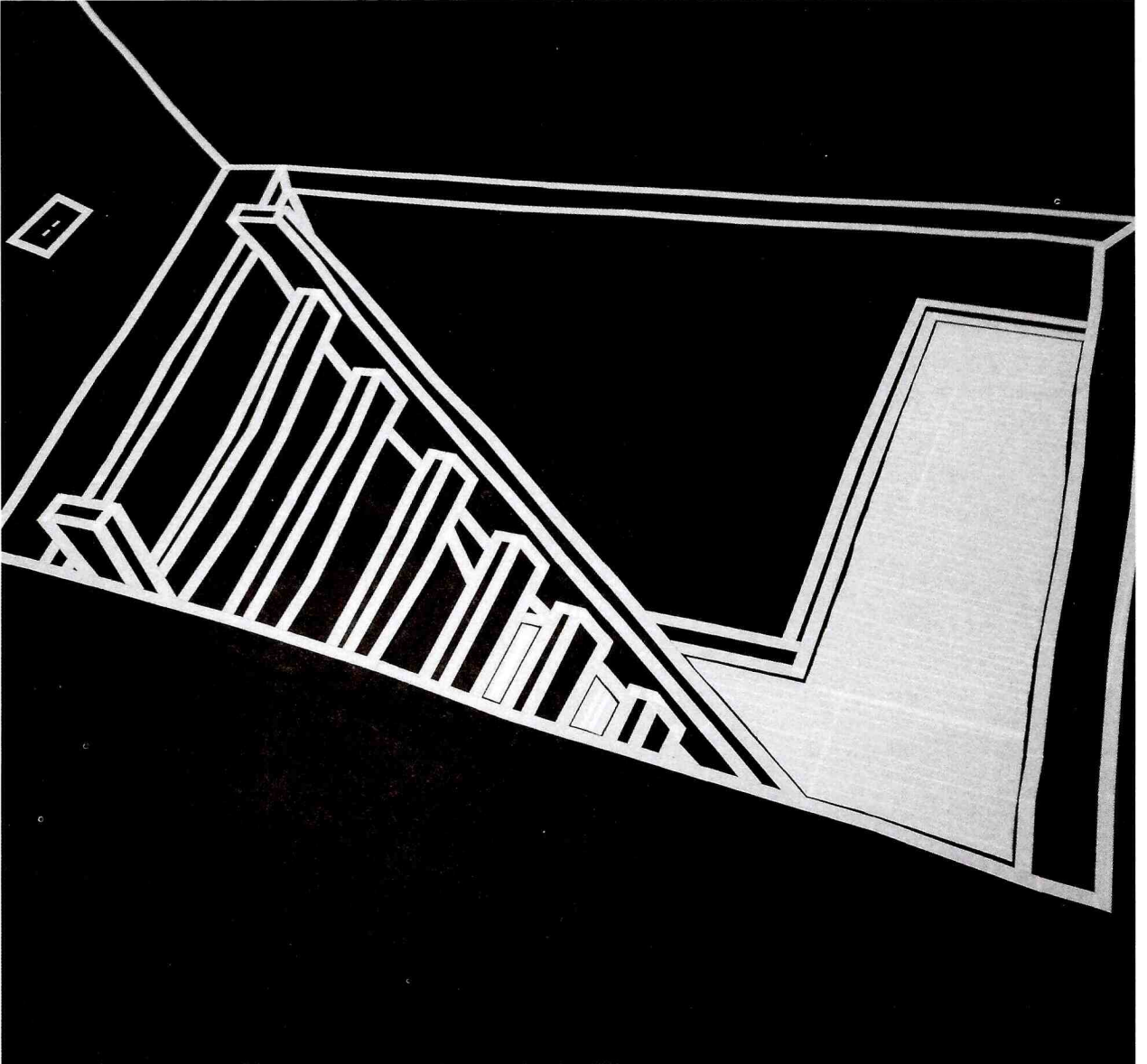
Desenho de Zeuler R.M.A. Lima | "Paisagem narrativa: Bruxelas-Roterdã" (20cmx12,50cm, 2013) faz parte de uma série de desenhos de observação de viagem em caderno de anotações. O desenho é realizado em fragmentos sequenciais e lineares a partir de um ponto em deslocamento, geralmente em transporte coletivo (trem, bonde, avião, ônibus).



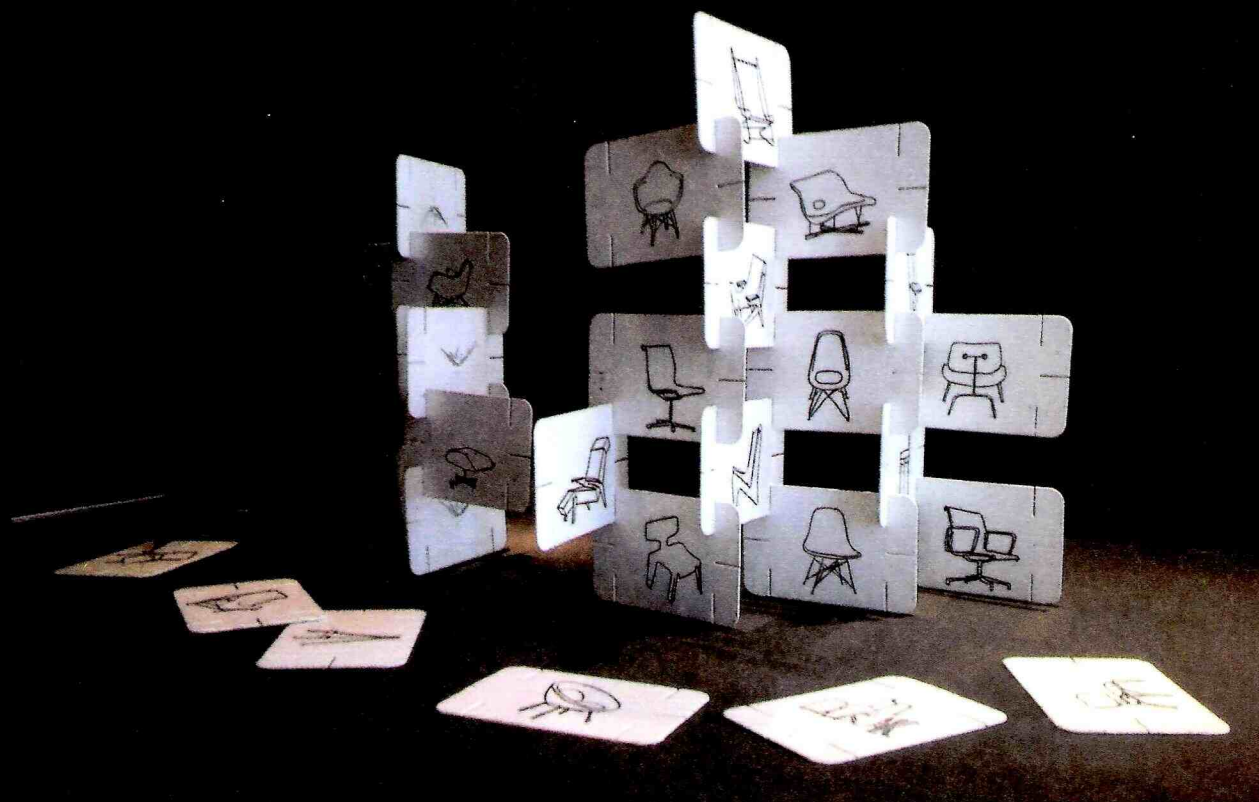
Desenho de Zeuler R.M.A. Lima | "Espaços Coletivos Urbanos: La Défense" (20cmx25cm, 2013) faz parte de uma série de desenhos de observação in loco em caderno de anotações representando panoramas de espaços coletivos urbanos. O desenho é realizado sequencialmente, girando-se 360 graus a partir de um único ponto central.



Desenho de Zeuler R.M.A. Lima | “Vertigem” (80cmx80cm, 2013) faz parte de uma série que documenta escadas helicoidais com diferentes formatos. Desenhos de observação em cadernos de anotação dão lugar a painéis recortados em madeira e cobertos com tela, cujos limites são definidos pela geometria (no caso, circular, quadrada e triangular) das escadas, eliminando-se os confins entre representação e suporte.



Desenho de Zeuler R.M.A. Lima | "Profundidade" (4mx2,5m, 2013) faz parte de uma série de desenhos-instalações temporárias realizados sobre o piso e paredes de espaços expositivos, procurando-se alterar a percepção de profundidade dos mesmos. Neste caso, um detalhe de um desenho realizado na Galleria Srisa di Arte Contemporanea em Florença, Itália, em tributo à tradição fiorentina de perspectiva.



Desenho de Zeuler R.M.A. Lima | “Móveis” (formatos de montagem variados, 2012) consiste em uma série de 64 desenhos feitos sobre cartões com encaixes projetados por Charles e Ray Eames. Contidos em uma caixa e ocasionalmente montados em diversos formatos, metade dos desenhos é dedicada a mobiliário do casal estadunidense e a outra metade a mobiliário projetado por Lina Bo Bardi.

SIMPLE OBSERVATIONS

ZEULER R.M.A. LIMA

The purpose of the issue is to present ten recent studies that explore language, techniques and concepts of observational drawing using different approaches.

Each study is part of a series and suggests a field of research that takes into account both the representative character of drawing in documenting the built environment regarding the relationship between drawing and support.

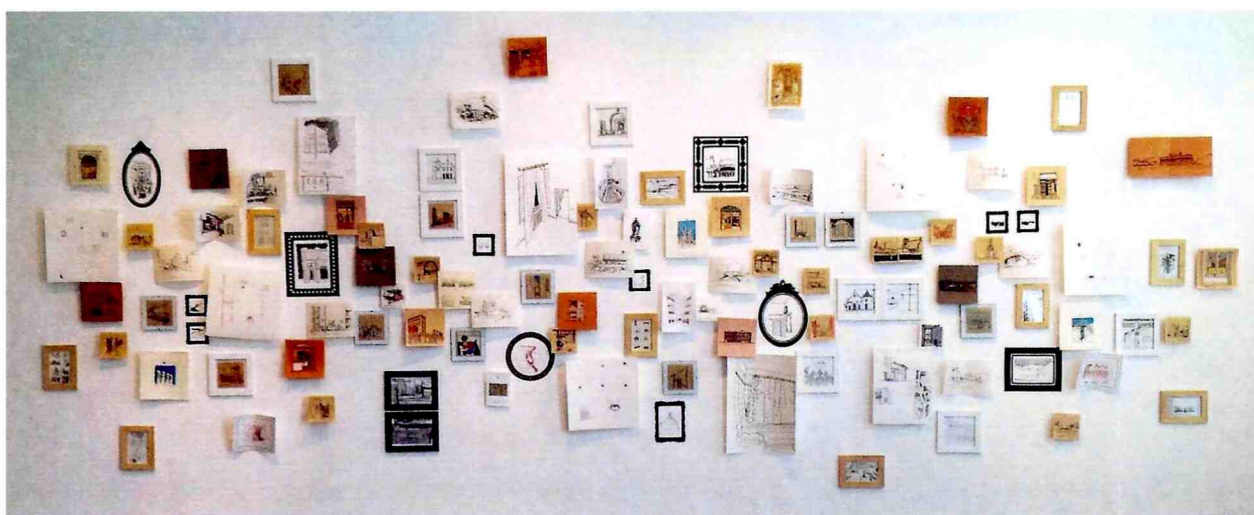
The studies range from simple representation of images to panoramic and sequential narratives. Support comes from intimate use of small notepads and journey notebooks to the specific appropriation of unique objects and architectural interiors, as the captions explain.

Similar to other visual languages, the associations between image and object, representation and support are the result of combining deliberate choices as well as chance discoveries; from spontaneous in loco drawing to studio work.

Despite the emergence of new digital media, free-hand observational drawing remains a single language in which attention, memory, technical expertise, and time simultaneously manifest and multiply using the relationship between lines on the surface as a simple and critical way for action and reflection

When drawing, facts are both observed and absorbed. When drawing, new realities in the world and endless possibilities within the drawing itself are discovered.

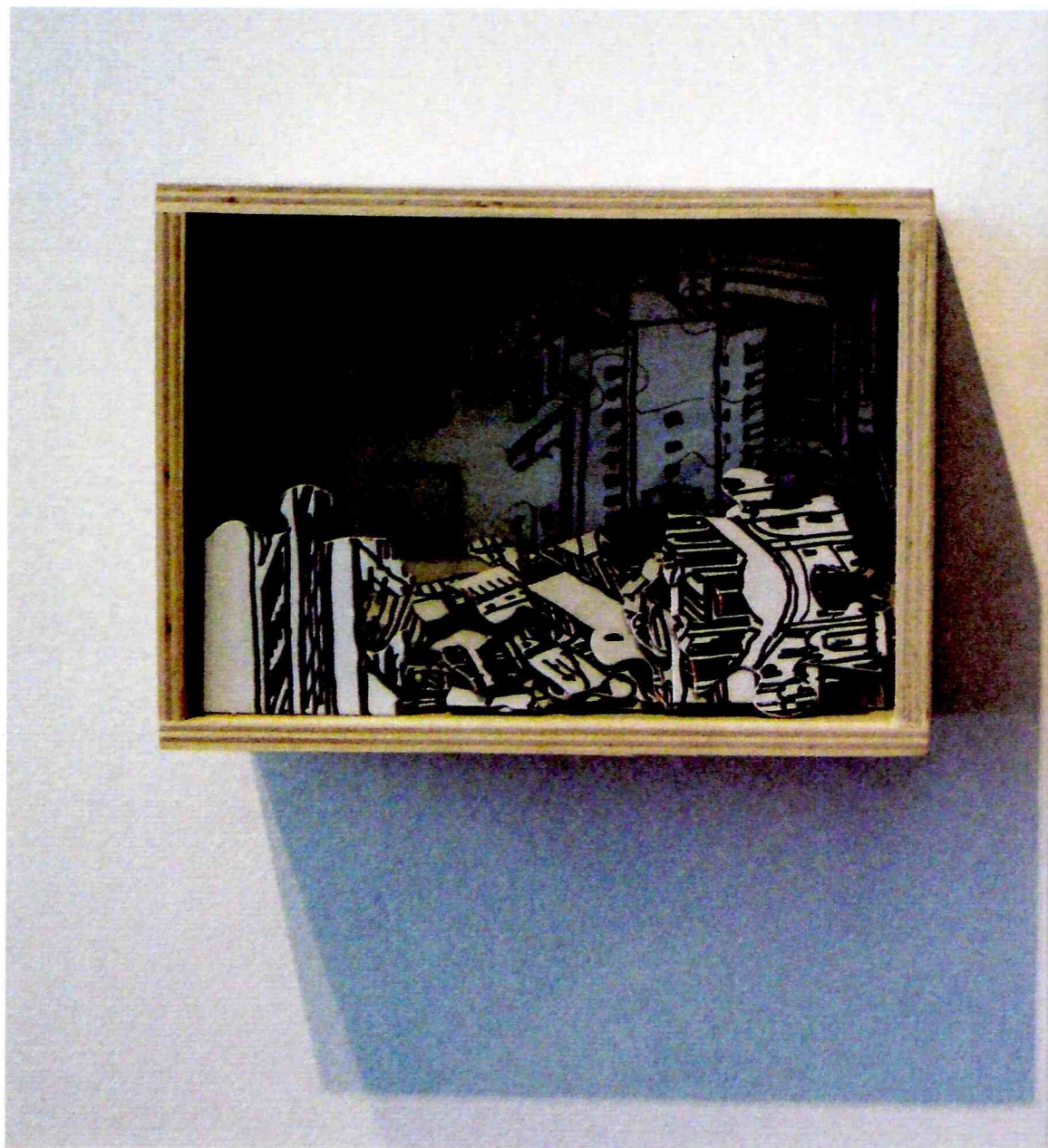
ZEULER R.M.A. LIMA *Sketcher and Professor | Washington University | College of Architecture | Graduate School of Architecture and Urban Design | 1 Brookings Dr, St Louis, MO 63130, United States | E-mail: <zlima@wustl.edu>.*



Desenho de Zeuler R.M.A. Lima | "Constelação" (4,5mx2m, 2012-2013) instalação efêmera realizada com dezenas de desenhos de observação de viagem e desenhos feitos *in loco*. Em detalhe, vê-se o trabalho de instalação realizado no Museu da Casa Brasileira, São Paulo. Nele, o desenho ora incorpora a parede como suporte e ora se desprende dela, negando-a.

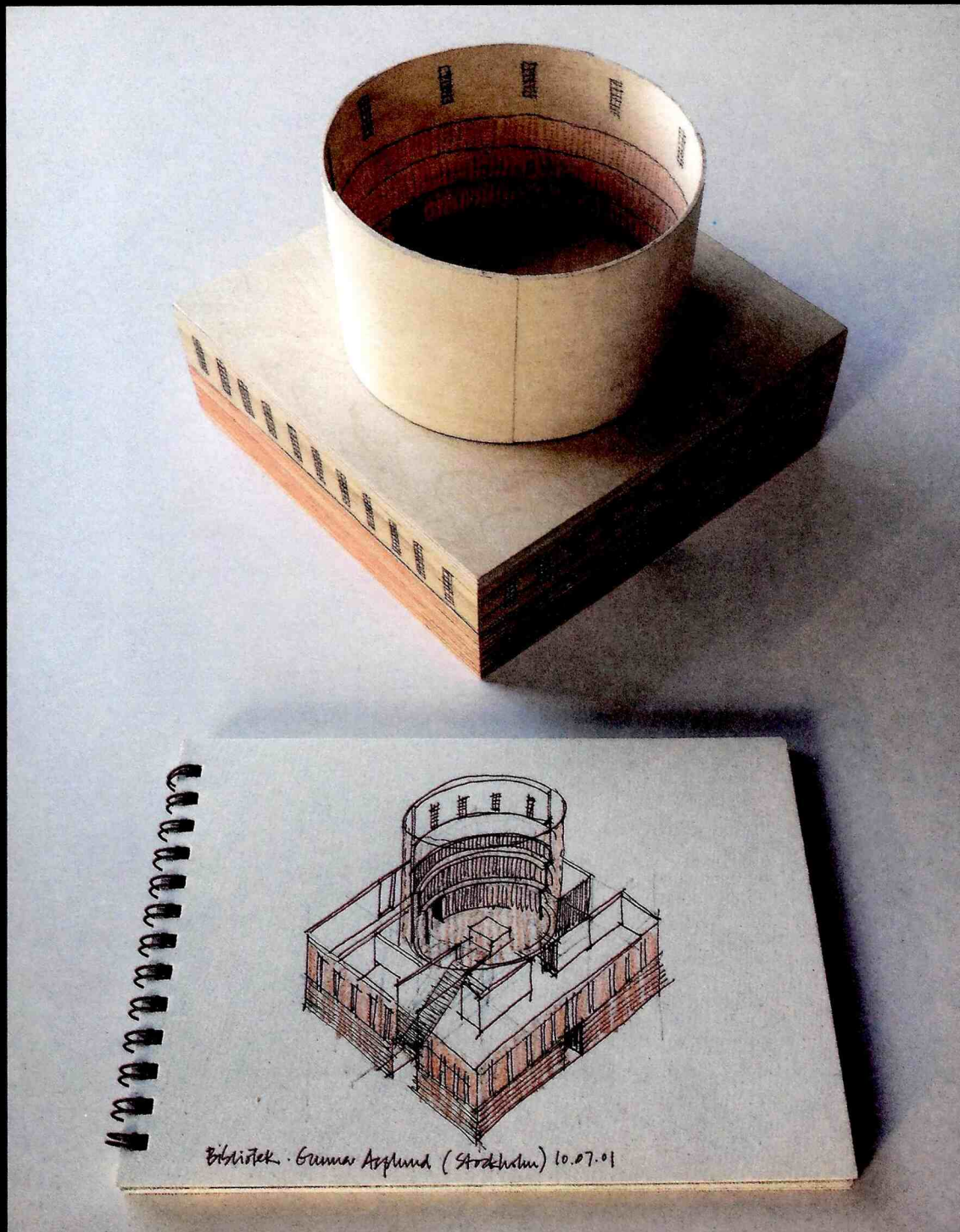


Desenho de Zeuler R.M.A. Lima | “Tangochô” (1,5cmx3cm, 2011-12) faz parte de uma série de desenhos narrativos sequenciais, usando-se cadernos de anotação de ideogramas japoneses (“tangochô”). Acima, a narrativa documenta um percurso de trem entre Metuchen, NJ e Nova Iorque. Abaixo, a narrativa documenta um percurso a pé por Paris.





Desenho de Zeuler R.M.A. Lima | “Quebra-cabeças: São Paulo” (díptico, 45cmx15cmx10cm, 2012) faz parte de uma série de desenhos documentando a paisagem urbana de São Paulo, feitos sobre cartão de quebra-cabeças e montados em diversos formatos, neste caso dentro de caixas com visores.



Desenho de Zeuler R.M.A. Lima | "Desenho-Objeto: Estocolmo" (15cmx18cm e 15cmx15cmx15cm, 2003-2012) faz parte de uma série de dípticos que se desenvolvem a partir de objetos encontrados ao acaso e que servem de suporte tridimensional a desenhos pré-existentis. Neste caso, duas caixas de madeira (uma de base quadrada e outra de base circular) remetiam a um desenho anteriormente realizado na Biblioteca Municipal projetada por Asplund em Estocolmo.

LÍNEAS DE OBSERVACIÓN

ZEULER R.M.A. LIMA

Este ensayo presenta diez trabajos recientes que exploran, en diversos formatos y abordajes, el lenguaje, la técnica y los sentidos del diseño de observación.

Cada trabajo hace parte de una serie y sugiere una línea de investigación que toma en cuenta tanto el carácter representativo del diseño en la documentación del ambiente construido como la relación entre diseño y soporte.

Los trabajos varían desde la representación de imágenes aisladas hasta narrativas secuenciales y panoramas. Sus soportes varían de la escala íntima de pequeños bloques de anotación y cuadernos de viaje hasta a la apropiación específica de objetos singulares y de interiores arquitectónicos, como esclarecen las leyendas.

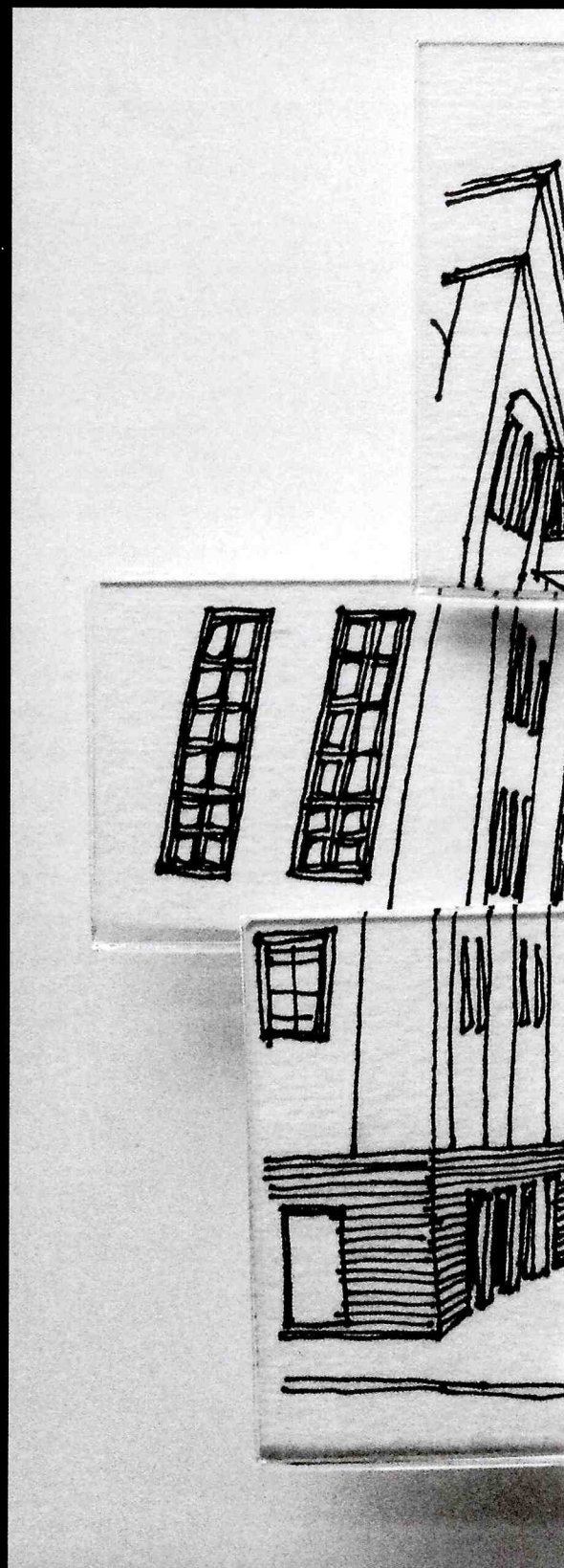
Como en otros lenguajes visuales, las asociaciones entre imagen y objeto, representación y soporte son resultado de la combinación entre elecciones premeditadas, tal como de descubiertas al azar; del diseño espontáneo *in loco* al trabajo de taller.

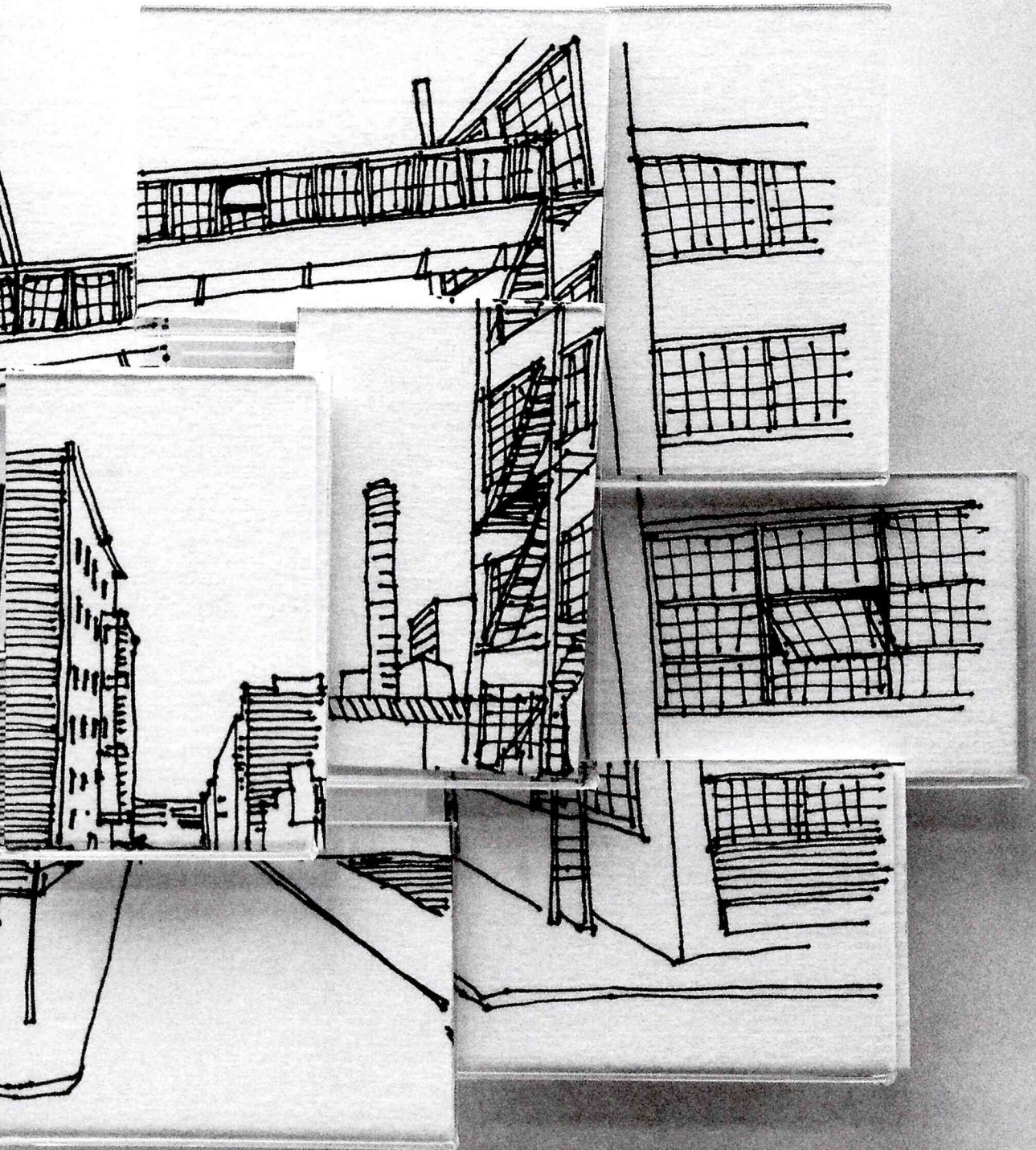
A pesar de la emergencia de nuevos medios digitales, el diseño de observación, a mano, continúa a ser un lenguaje único por el que atención, memoria, técnica, tiempo y experiencia se manifiestan simultáneamente y se multiplican usando la relación entre línea sobre superficie como medio simple y fundamental de acción y reflexión.

Al diseñar, se observan y también se absorben hechos. Al diseñar, se descubren nuevas realidades en el mundo así como infinitas posibilidades dentro del propio diseño

ZEULER R.M.A. LIMA *Sketcher and Professor | Washington University | College of Architecture | Graduate School of Architecture and Urban Design | 1 Brookings Dr, St Louis, MO 63130, United States | E-mail: <zlma@wustl.edu>.*

Desenho de Zeuler R.M.A. Lima |
"Outras Perspectivas: Saint Louis"
(21cmx28cm, 2012) faz parte
de uma série de desenhos de
observação reelaborados in loco e
em ateliê, explorando a alteração de
profundidade e de composição visuais.
O desenho é realizado em folha única
e subsequentemente recortada e
encaixada em um mosaico irregular
de molduras em acrílico.





ENERGIA INCORPORADA EM HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL NA FASE DE PRÉ-USO: O CASO DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA NO BRASIL

EMBODIED ENERGY IN SOCIAL HOUSING IN THE PRE USE: THE CASE FOR THE PROGRAM MY HOUSE MY LIFE IN BRAZIL | ENERGÍA INCORPORADA EN VIVIENDA DE INTERÉS SOCIAL EN LA FASE DE PREUSO: EL CASO DEL PROGRAMA MI CASA MI VIDA EN BRASIL

ROSA MARIA SPOSTO, JACOB SILVA PAULSEN

RESUMO

Nos últimos anos o governo brasileiro tem investido em programas de Habitações de Interesse Social para famílias de baixa renda; como exemplo, pode ser apontado o Programa Minha Casa Minha Vida. Considerando o grande porte deste programa, que consiste na produção de um número elevado de habitações, é importante analisar o impacto energético-ambiental negativo gerado, visando minimizá-lo, além de criar uma base de dados para futuras avaliações de projetos e tecnologia. O objetivo deste trabalho foi levantar a energia incorporada na fase de pré-uso por meio de um estudo de caso de uma Habitação de Interesse Social construída com um sistema convencional. A fase de pré-uso compreende a extração de matéria-prima, a fabricação de materiais e componentes, o transporte destes e a execução da habitação. O estudo de caso mostrou que a energia inicial incorporada desta habitação é 3,2GJ/m². Cerca de 60% desta energia é utilizada na construção de vedações verticais, indicando que este é o elemento com maior potencial de melhorias para reduzir a energia incorporada.

PALAVRAS-CHAVE: Ciclo de vida. Energia incorporada. Vivência social.

ABSTRACT

In recent years, the Brazilian government has invested in Social Housing Programs for low-income families, such as the program Minha Casa Minha Vida. Considering the large investments in this program, which comprehends building a large number of homes, it is important to analyze the embodied negative energy and environmental impacts in order to minimize them and create a database for future assessments of projects and technology. The goal of this paper was to collect data on the embodied energy during the pre-use phase through a case study of a house in the Social Housing Program constructed using conventional methods. The case study showed that the initial embodied energy is 3.2GJ/m². Approximately 60% of the embodied energy is used in the wall construction. The study indicates that the largest improvement for reducing the initial

embodied energy would be building the wall with materials and systems that require less embodied energy.

KEYWORDS: Life cycle. Embodied energy. Social housing.

RESUMEN

En los últimos años el gobierno brasileño ha invertido en Programas de Vivienda de Interés Social para familias de bajos recursos, como ejemplo puede ser adoptado el Programa Mi Casa Mi Vida. Considerando la gran magnitud de este programa, que consiste en la producción de un número elevado de viviendas, es importante analizar el impacto energético-ambiental negativo generado, buscando minimizarlo, además de crear una base de datos para futuras evaluaciones de proyectos y tecnología. El objetivo de este trabajo es levantar la energía incorporada en la fase de preuso por medio de un estudio de caso de una vivienda de interés social construida con un sistema convencional. La fase de preuso comprende la extracción de materia prima, la fabricación de materiales y componentes, el transporte de estos y la ejecución de la vivienda. El estudio de caso mostró que la energía inicial incorporada de esta vivienda es 3,2GJ/m². Cerca del 60% es utilizada en la construcción de muros verticales, indicando que este es el elemento con mayor potencial de mejoras para reducir la energía incorporada.

PALABRAS CLAVE: Ciclo de vida. Energía incorporada. Vivienda social.

INTRODUÇÃO

ENERGIA INCORPORADA E ENERGIA DE USO NO SETOR DA CONSTRUÇÃO

A preocupação com o meio ambiente e um futuro sustentável ganhou mais e mais atenção nas últimas décadas. Os problemas como o aumento do buraco da camada de ozônio, acúmulo de lixo, aquecimento global, entre outros, tornaram-se temas frequentes em todas as setores da sociedade. Um dos segmentos mais importantes nesse contexto é o setor de construção civil, devido ao grande consumo de recursos (materiais, água e energia) e geração de resíduos e emissões nocivas ao meio ambiente (Aashish *et al.*, 2011).

A energia é um dos mais importantes recursos utilizados durante o ciclo de vida de edificações. Como exemplo, aproximadamente 50% do seu consumo total na Europa é representado pelo setor da construção (Citherlet & Defaux, 2007), e 30-40% em todo o mundo de toda a energia primária é utilizada em edificações (Utama & Gheewala, 2008). Por outro lado, o uso de energia, muitas vezes, tem sérios impactos ambientais, tanto local como globalmente (Winther & Hestnes, 1999). Isto é devido ao fato de a maior parte da energia ser gerada utilizando combustíveis fósseis, o que resulta em grande quantidade de emissões de CO₂. Portanto, uma redução global do consumo de energia no setor da construção pode ser vista como um objetivo importante a se alcançar na maioria dos lugares.

A SITUAÇÃO NO BRASIL

O setor da construção no Brasil não é diferente da Europa quando se trata dos impactos ambientais e uso de energia. Cerca de 44% da energia e 75% dos recursos naturais é consumido neste setor (Pfeifer, 2011).

Em relação à Habitação de Interesse Social (HIS), observa-se que há um déficit atual de cerca de 7,9 milhões (Brasil, 2009); no entanto, devido a um aumento esperado na população, o déficit na próxima década pode vir a ser muito maior (Garcia, 2009). Para minimizar este problema, o governo brasileiro iniciou o Programa de Habitação de Interesse Social com o nome Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV). No período de 2008 a 2014, está prevista a construção de três milhões de casas para o grupo de famílias com renda abaixo de cinco salários-mínimos por mês. Conforme já comentado anteriormente, trata-se de um investimento de grande porte, no qual serão disponibilizadas somas significativas de materiais com diferentes energias incorporadas. Há necessidade, portanto, de se estimar este consumo para nortear escolhas de materiais que tenham menor energia incorporada, ou seja, materiais mais sustentáveis.

Em relação a estudos nacionais de energia incorporada, podem ser apontados aqueles referentes a: protótipo de habitação sustentável com levantamento de energia incorporada e alguns impactos ambientais (Kuhn & Sattler, 2006), energia incorporada em cinco tipos diferentes de casas padrão (Tavares, 2006) e energia incorporada de Habitação de Interesse Social do PMCMV, considerando-se também a fase de uso e manutenção (Sposto & Paulsen, 2012). No entanto, ainda há necessidade de desenvolver mais estudos nessa área, com foco em HIS e uso de energia na fase de pré-uso, buscando investigar o resultado do uso de diferentes materiais e componentes, para que se possam obter projetos e especificações mais sustentáveis. Considerando o grande investimento do PMCMV é importante analisar o seu impacto energético-ambiental nesta fase, para se criar uma base de dados nacionais que permita a melhor seleção de materiais e componentes. Futuramente sugerem-se mais análises aprofundadas ao longo do ciclo de vida completo.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho foi levantar a Energia Inicial Incorporada (EII) no ciclo de vida energético para uma HIS do PMCMV. Somente a primeira parte do ciclo de vida será considerada (fase de pré-uso).

CONCEITOS SOBRE ANÁLISE DE CICLO DE VIDA ENERGÉTICA

Existem várias ferramentas para analisar e minimizar os impactos ambientais, sendo que uma das mais importantes é a Avaliação do Ciclo de Vida (ACV). As normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) NBR ISO 14040 e ABNT NBR ISO 14044 (Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2009a, 2009b) trazem os princípios e estrutura, além de alguns requisitos metodológicos para se avaliar o ciclo de vida de um produto ou

serviço. A estrutura de avaliação é constituída por: definição de objetivos, análise de inventário, quantificação dos impactos associados ao inventário e interpretação dos resultados, o que pode fornecer subsídios para melhoria do produto ou serviço avaliado, planejamento estratégico, *marketing* e elaboração de políticas públicas.

O que se observa, porém, é que o requisito referente ao levantamento de dados para o inventário é frequentemente muito abrangente se os impactos mais comuns têm de ser incluídos e, desse modo, é complexa a realização de uma ACV completa para uma edificação (que normalmente inclui uma grande quantidade de materiais). Vários estudos têm demonstrado que a simplificação do estudo para analisar apenas a utilização de energia como um indicador para o impacto ambiental é bastante eficaz, porque é a produção de energia que gera a maior parte das emissões, e também o uso da maioria dos recursos não renováveis (como carvão, petróleo e gás). Portanto, a Avaliação do Ciclo de Vida Energética (ACVE) é comumente utilizada no setor da construção (Sartori & Hestnes, 2007).

A Avaliação do Ciclo de Vida Energética é baseada na metodologia de ACV de acordo com as normas mencionadas. No entanto, a parte de avaliação do impacto é reduzida para a utilização da energia como um indicador de impacto ambiental. A ACVE considera todas as entradas de energia de uma edificação no seu ciclo de vida, incluindo as seguintes fases: pré-uso, uso e pós-uso (Quadro 1).

Quando se considera o ciclo completo, a ACVE é denominada do berço ao túmulo (estágios que incluem a energia consumida da extração de matéria-prima até o transporte de materiais de demolição), porém é possível, em alguns casos, considerar apenas parte deste ciclo, como, por exemplo, do berço ao portão (estágios que incluem a energia consumida da extração de matéria-prima até a execução de um elemento da edificação ou da própria edificação).

QUADRO 1 – Fases do inventário de uma avaliação do ciclo de vida energética.

Fase	Estágio	Símbolo	Descrição
Pré-uso	1	E_{ext}	Extração da matéria prima
	2	E_{prod}	Fabricação de materiais e componentes
	3	$E_{tr,mat}$	Transporte até a obra
	4	E_{exe}	Execução
Uso	5	E_{man}	Manutenção, substituição de materiais
	6	E_{op}	Energia operacional
Pós-uso	7	E_{dem}	Demolição de construção e materiais
	8	$E_{tr,dem}$	Transporte de materiais de demolição

Nota: E_{ext} : Etapa de Extração da matéria prima; E_{prod} : Etapa de produção de materiais e componentes; $E_{tr,mat}$: Etapa de transporte de materiais e componentes até a obra; E_{exe} : Etapa de execução; E_{man} : Etapa de manutenção; E_{op} : Etapa de uso, com energia operacional; E_{dem} : Etapa de demolição; $E_{tr,dem}$: Etapa de transporte de resíduos.

Fonte: Elaborado pelos autores (2012).

A fase de pré-uso inclui todos os impactos até o estágio de execução, quando a edificação é construída e pronta para o uso. Conforme apresentado na Quadro 1, ela normalmente inclui quatro estágios: extração da matéria-prima, fabricação de materiais e componentes, transporte de materiais e componentes para o local de construção e a execução (incluindo as perdas). Esta parte é considerada como a Energia Inicial Incorporada.

A fase de uso engloba todas as atividades relacionadas com a utilização do edifício. Nesta fase são consideradas a manutenção e a energia operacional. A energia utilizada para a manutenção tem origem predominantemente a partir da utilização de material para substituição ou tratamento de superfície e é calculada da mesma forma que para os materiais na fase de pré-uso. O consumo de energia é, no entanto, referente à fase de uso, tratando-se de Energia Incorporada Recorrente (EIR). A Energia Incorporada (EI) é a soma da Energia Incorporada Inicial e da Energia Incorporada Recorrente (EIR), o que ocorre em duas fases diferentes do ciclo de vida. A outra parte da fase de uso é a energia operacional, que representa a quantidade de energia utilizada devido a exigências de aquecimento e refrigeração durante o tempo de ciclo de vida da edificação. Para Sartori e Hestnes (2007) e Ramesh *et al.* (2010), esta fase é responsável pela parte mais significativa de energia da edificação. Considerando-se, porém, o caso do Brasil, provavelmente a quantidade de energia da fase de uso da Habitação de Interesse Social não é a mais significativa, já que, em geral, utiliza-se somente o ventilador para a refrigeração dos ambientes internos.

A fase de pós-uso é o tratamento final da vida útil do edifício, incluindo, normalmente, a demolição, o transporte de resíduos para aterro e, eventualmente, a reciclagem dos materiais. Nesta fase é possível recuperar um pouco da energia incorporada alocando energia incorporada nos materiais reciclados em novos sistemas (Thormark, 2002; Blengini, 2009).

A energia total do ciclo de vida de energia finalmente é calculada como a soma das três fases (pré-uso, uso e pós-uso).

Conforme mencionado anteriormente, estudos de energia como ACVE fornecem uma base para a avaliação de melhoria, como a escolha de materiais com menos energia incorporada.

DESCRIÇÃO DO ESTUDO DE CASO: PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA

Foi realizado um inventário de uma habitação real do PMCMV, por meio de um estudo de caso realizado no entorno de Brasília, fornecido por uma empresa de construção local. Trata-se de uma habitação unifamiliar (Figura 1) com uma área interna de 48m². A habitação possui dois quartos, uma sala, uma cozinha, um banheiro e uma pequena área de serviço ao ar livre com um tanque. Possui ainda duas portas externas, três portas internas e cinco janelas. O sistema construtivo empregado é alvenaria estrutural de blocos cerâmicos e laje de concreto armado com telha cerâmica com inclinação de 35%.

Sabe-se que é frequente, neste tipo de habitação, o uso de sistema convencional com blocos cerâmicos sem função estrutural mas com reforços, tais como pequenos pilares e

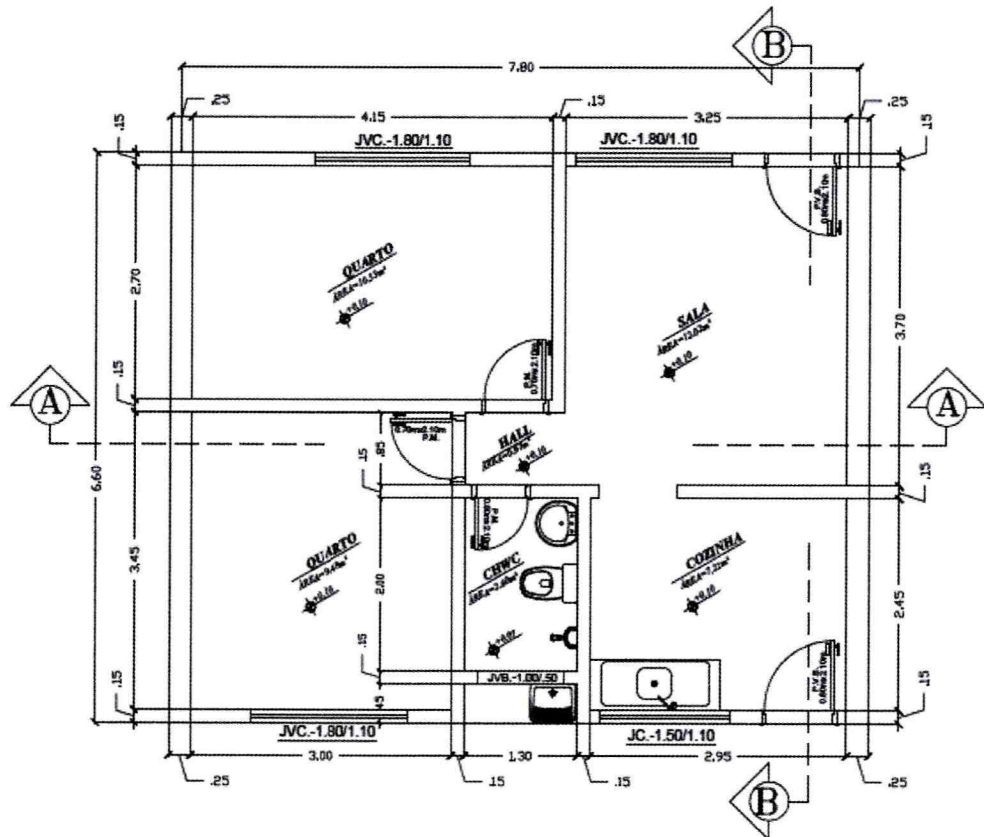


FIGURA 1 – Planta baixa da habitação do estudo de caso.

Fonte: Elaborada pelos autores (2012).

cintas de amarração de concreto; no entanto, buscando utilizar uma técnica mais adequada, escolheu-se como exemplo o uso de paredes de blocos cerâmicos com função estrutural, portanto, sem estrutura de pilares e vigas. Foram considerados, no estudo, quatro elementos principais da habitação: alvenaria (vedação vertical), telhado (vedação horizontal), piso e janelas, cujas especificações são apresentadas sucintamente (Quadro 2).

A fundação não está incluída no estudo, uma vez que depende da resistência do solo. Além disso, a instalação também não foi incluída devido à sua pequena dimensão em termos de quantidade de materiais neste tipo de habitação

MÉTODOS

UNIDADE FUNCIONAL

A unidade funcional foi escolhida de modo a propiciar a comparação com outros estudos, e consiste em um padrão de habitação com uma área interna de 48m². Foram consideradas as funções de desempenho térmico e vida útil para atender à ABNT NBR 15575:1 (Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2012). No caso do desempenho

térmico, a espessura de paredes de 19cm (14cm do bloco mais 5cm de revestimento) atende a todas as zonas bioclimáticas brasileiras em relação aos critérios de transmitância térmica e capacidade térmica considerando-se pintura na cor branca. Para a vida útil estabeleceu-se o valor de 50 anos.

QUADRO 2 – Especificação dos elementos da Habitação de Interesse Social.

Elemento	Descrição
Vedação Vertical e Revestimento	Blocos cerâmicos furados estruturais com espessura de 14cm e argamassa mista (cimento, cal e areia) de 2,5cm de cada lado. Cintas de amarração superiores de concreto armado.
Telhado	A estrutura e a trama do telhado são de madeira de lei e a cobertura é de telha cerâmica.
Piso	O contrapiso é de concreto com espessura de 5cm, e revestido de placas cerâmicas
Portas e janelas	As portas externas e as janelas são metálicas e as portas internas são de madeira.

Fonte: Elaborado pelos autores (2012).

COLETA DE DADOS

Os dados coletados são secundários. Oito grupos de materiais foram inventariados, sendo seis deles com dados nacionais (Sperb, 2000; Tavares, 2006; Alves *et al.*, 2007; Sposto, 2007) e dois com dados de Portugal (Torgal & Jalali, 2010).

Esses dados referem-se à energia incorporada inicial, proveniente dos estágios da extração de matéria-prima, fabricação de materiais e componentes, transporte para a obra com o material ou componente pronto para uso e transporte das perdas diretas ou resíduos até o aterro.

FASES ESTUDADAS

O estudo incluiu somente uma fase (pré-uso), que foi dividida em quatro estágios (Quadro 3).

Os estágios 1 e 2 são referentes à extração e à produção de materiais e componentes de construção. O estágio 3 refere-se ao transporte até a obra e o estágio 4 refere-se à execução da obra.

Considerando-se a energia incorporada e a intensidade de uso, adotou-se a hipótese de que os materiais e componentes mais expressivos para o caso desta habitação são o bloco cerâmico, a argamassa, o concreto, as telhas, as placas cerâmicas e a madeira, que representam os quatro elementos apresentados anteriormente na Quadro 2: alvenaria (vedação vertical) e revestimentos, telhado (vedação horizontal), piso e esquadrias.

Para o transporte foram estimadas distâncias de 100 até 400km para os materiais e componentes considerados no estudo.

QUADRO 3 – Estágios do pré-uso considerados no estudo.

Fase	Estágio	Símbolo	Descrição
Pré-uso	1	E_{mat}	Extração de matéria prima
	2	E_{prod}	Produção de materiais e componentes
	3	$E_{tr,ob}$	Transporte até a obra
	4	E_{ex}	Execução

Nota: E_{ext} : Etapa de Extração da matéria-prima; E_{prod} : Etapa de produção de materiais e componentes; $E_{tr,mat}$: Etapa de transporte de materiais e componentes até a obra; E_{exe} : Etapa de execução.

Fonte: Elaborado pelos autores (2012).

Para a execução, o uso de energia utilizada foi considerado não significativo, já que este tipo de habitação é normalmente artesanal (não foi considerada a energia referente à mão de obra). No entanto, uma parte significativa da energia incorporada pode ser encontrada nas perdas durante esta fase, o que significa que uma porcentagem adicional de materiais tem que ser produzida. Considerou-se que o resíduo gerado é transportado por 20km para o aterro mais próximo.

Sobre as perdas, alguns autores afirmam que elas podem chegar até 25%, dependendo do tipo de material (Tabelas de Composições de Preços para Orçamentos, 1996; Agopyan *et al.*, 1998a, 1998b). Algumas das principais razões para essas perdas são a falta de empacotamento adequado e transporte e, no caso da habitação social, o armazenamento e a gestão precária de materiais no canteiro de obras (Sposto & Amorim, 2004).

Na Tabela 1 são apresentados os valores obtidos para a massa, energia incorporada, perdas e transporte, conforme o cenário estabelecido neste estudo.

TABELA 1 – Dados dos materiais e componentes obtidos para a habitação do estudo de caso.

Materiais e componentes	Massa (Kg)	EI (MJ/kg)	Perdas %	Transporte (km)
Bloco ceramico	10586	3,9	10	200
Argamassa	14788	2,0	25	200
Telha	4032	3,6	10	100
Madeira	1546	0,5	15	400
Concreto	7360	1,6	9	100
Placa cerâmica	901	5,1	10	300
Janelas e portas metálicas	655	23,1	0	300
Portas interna madeira	390	9,2	0	300

Fonte: Elaborado pelos autores (2012).

CÁLCULO DA ENERGIA INCORPORADA

O cálculo da Energia Incorporada Inicial foi feito considerando-se os estágios de extração e produção de materiais, transporte e perdas. Para transportes foi usado o valor 1,62MJ por tonelada por quilômetro (Tavares, 2006), com o pressuposto de que todos os transportes são com caminhão. Conforme mencionado, não foi considerada a energia gasta na execução decorrente da mão de obra e equipamentos de produção.

Para a visualização das energias incorporadas em cada um dos elementos da habitação, foram consideradas: paredes, pisos, telhados e esquadrias (janelas e portas). Com base nos quantitativos do estudo de caso, e a partir da massa dos materiais e de posse da sua energia incorporada, obtiveram-se as energias incorporadas de cada um desses elementos em Megajoule (MJ) e, por fim, foi calculada a energia incorporada total da habitação.

RESULTADOS

ENERGIA INCORPORADA NA FASE DE PRÉ-USO

Na Figura 2 são apresentadas, para o estudo de caso considerado, as fases de pré-uso e a EI correspondente a cada uma das etapas existentes desta fase, que são a extração, a produção de materiais e componentes e as perdas. A energia incorporada na fase de pré-uso foi estimada em 151GJ, sendo que o transporte constitui 16GJ e os resíduos (perdas) 15GJ.

Ainda, a contribuição da EI para os diferentes elementos de construção é apresentada na Figura 3. Nesta figura pode ser visto que as paredes contém 62% do total de energia incorporada, o telhado 12%, o piso 13% e as janelas e as portas 13%.

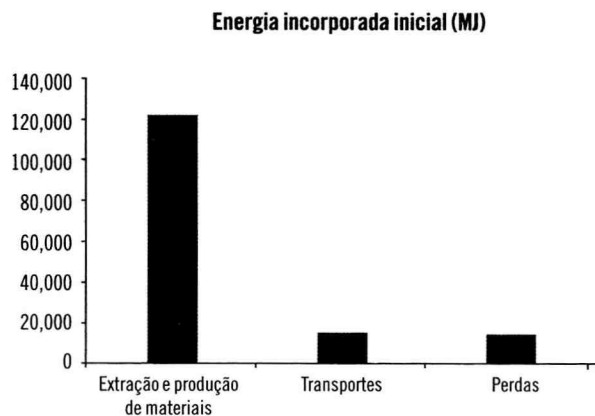


FIGURA 2 – Energia incorporada inicial nos estágios da fase de pré-uso.
Fonte: Elaborada pelos autores (2012).

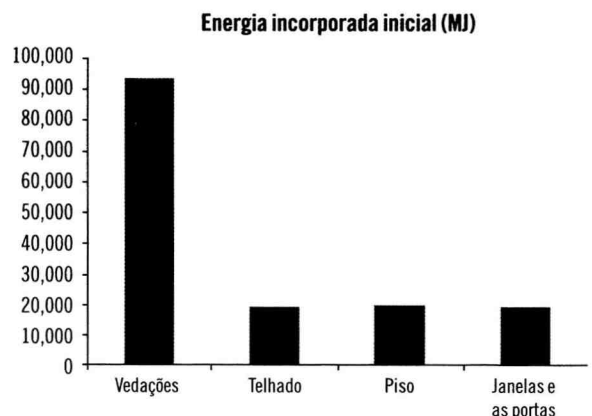


FIGURA 3 – Energia incorporada inicial nos elementos da habitação.
Fonte: Elaborada pelos autores (2012).

CONCLUSÃO

O estudo de caso mostrou que a Energia Incorporada Inicial (EII) em uma habitação do PMCMV é $3,2\text{GJ/m}^2$.

Este resultado pode ser comparado com dados internacionais de outros estudos, por exemplo, na Índia (entre $0,82\text{-}0,84\text{GJ/m}^2$), Noruega (entre $1,8\text{-}4,3\text{GJ/m}^2$), Suécia (entre $2,6\text{-}3,3\text{GJ/m}^2$) e Nova Zelândia (entre $4,4\text{-}5,1\text{GJ/m}^2$). Em média, tem-se um valor de $2,9\text{GJ/m}^2$. Isso ainda mostra que temos Energia Incorporada Inicial relativamente alta.

Observou-se que cerca de 60% da EII é usada na construção de paredes, indicando haver neste elemento o maior potencial de melhoria para reduzir a EI, com diversas possibilidades, tais com a escolha de materiais e elementos com menor EI.

A energia térmica utilizada para a queima dos blocos cerâmicos, baseada na lenha — comum na maior parte do Brasil — é, em parte, responsável por este alto percentual; este problema pode ser minimizado com o uso do gás, que é empregado em alguns locais do Brasil, por exemplo, no estado de São Paulo. A viabilidade, porém, de fornecimento para este fim para a extensa região territorial nacional deve ainda ser melhor analisada.

Embora não tenha sido escopo deste trabalho, também é observada a necessidade de pesquisas de outros tipos de combustíveis para a queima de blocos cerâmicos, utilizando-se biomassa tais como pó de serra, bagaço de cana e outros resíduos industriais que tenham bom poder calorífico. Desta forma, o impacto ambiental derivado do uso de lenha de desmatamento pode ser minimizado, além do fator positivo da possibilidade de aproveitamento de resíduos.

Em relação às perdas, considerou-se para a argamassa de revestimento e para os blocos cerâmicos percentuais de 25% e 10%, respectivamente. Mesmo considerando bloco estrutural, o percentual de perda ainda é alto, devido à não conformidade com normas e modulação por vezes inadequada. Já no caso da argamassa, é comum que neste tipo de habitação ela seja rodada em obra, o que explica o seu maior percentual de perdas quando comparada à argamassa industrializada.

Por fim, este trabalho serve como subsídio para estudos de ACVE completa, considerando a fase de uso e pós-uso, e empregando outros tipos de materiais, para que, por meio da comparação de seus resultados, possam ser especificados elementos para projetos mais adequados a cada situação brasileira. Também é possível visualizar a importância de outros estudos com ACV completa, nos quais se avalie não somente a energia consumida no ciclo da habitação, mas também os impactos ambientais de cada uma das soluções adotadas para os elementos considerados, tais como esgotamento de recursos naturais, aquecimento global, acidificação e outros.

REFERÊNCIAS

- AASHISH, S. *et al.* Life cycle assessment of buildings: A review. *Renewable and Sustainable Energy Reviews*, v.15, p.871-875, 2011.
- AGOPYAN, V. *et al.* Pesquisa: alternativas para a redução do desperdício de materiais nos canteiros de obras — resultados e análises: aço, concreto usinado e blocos/tijolos. São Paulo: EPUSP, 1998a. (Relatório Técnico – 4).
- AGOPYAN, V. *et al.* Pesquisa: alternativas para a redução do desperdício de materiais nos canteiros de obras — resultados e análises: eletrodutos, condutores, tubos de PVC, placas cerâmicas, tintas, revestimento têxtil, gesso. São Paulo: EPUSP, 1998b. (Relatório Técnico – 5).
- ALVES, H.J.; MELCHIADES, F.G.; BOSCHI, A.O. Levantamento inicial do consumo de energias térmica e elétrica na indústria brasileira de revestimentos cerâmicos. *Cerâmica Industrial*, v.12, p.10-16, 2007.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR ISO 14040: gestão ambiental — Avaliação do ciclo de vida — princípios e estrutura*. Rio de Janeiro: ABNT, 2009a.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR ISO 14044: gestão ambiental -Avaliação do ciclo de vida — requisitos e orientações*. Rio de Janeiro: ABNT, 2009b.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 15575: edificações habitacionais — desempenho — Parte 1: requisitos gerais*. Rio de Janeiro: ABNT, 2012.
- BLENGINI, G.A. Life cycle of buildings, demolition and recycling potential: A case study in Turin, Italy. *Building and Environment*, v.44, p.319-330, 2009.
- BRASIL. Ministério das Cidades. *Plano Nacional de Habitação: Programa Minha Casa Minha Vida*. 2009. Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br/index.php/minha-casa-minha-vida>>. Acesso em: 13 ago. 2012.
- CITHERLET, S.; DEFAUX, T. Energy and environmental comparison of three variants of a family house during its whole life span. *Building and Environment*, v.42, p.591-598, 2007.
- GARCIA, F. Brasil 2022: planejar, construir, crescer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CONSTRUÇÃO, 9., 2009, São Paulo. *Anais...* São Paulo: FIESP, 2009.
- KUHN, E.; SATTLER, M.A. Avaliação ambiental de protótipo de habitação de interesse social mais sustentável. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 11., 2009, Florianópolis. *Anais...* Santa Catarina: ENTAC, 2006. 1 CD-ROOM.
- PFEIFER, M. Passos para cumprir uma agenda verde. *Valor Setorial: Construção Civil*, v.9, p.8-14, 2011.
- RAMESH, T.; RAVI PRAKASH, K.; SHUKLA, K. Life cycle energy analysis of buildings: An overview. *Energy and Buildings*, v.42, p.1592-1600, 2010.
- SARTORI, I.; HESTNES, A.G. Energy use in the life cycle of conventional and lowenergy buildings: A review article. *Energy and Buildings*, v.39, p.249-257, 2007.
- SPERB, R.S. Avaliação de tipologias habitacionais a partir da caracterização de impactos ambientais relacionados a materiais de construção. 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- SPOSTO, R.M. *Gestão e tecnologia para a qualidade e sustentabilidade na produção de blocos cerâmicos e alvenaria no Distrito Federal*. Brasília: UnB, 2007. (Relatório Técnico).
- SPOSTO, R.M.; AMORIM, C.N.D. Preliminary analyses of sustainability of ceramic components to masonry for social housing: Aspects of culture, industry capacity, quality and recycling in Brasília Distrito Federal. In: BUILDING FOR THE FUTURE: THE CIB WORLD BUILDING CONGRESS, 16., 2004, Toronto. *Proceedings...* Rotterdam (Netherlands): CIB, 2004. p.10.

SPOSTO, R.M.; PAULSEN, S.J. An embodied energy analysis of social housing in Brazil: Case. study for the program my house my life. *International Journal of Civil and Environmental Engineering*, v.12, n.5, p.40-46, 2012.

TAVARES, S.F. *Metodologia de análise do ciclo de vida energético de edificações residenciais brasileiras*. 2006. Tese (Doutorado em Engenharia Civil) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

TABELAS de composições de preços para orçamentos. São Paulo: Pini, 1996.

THORMARK, C. A low energy building in a life cycle: Its embodied energy, energy, need for operation and recycling potential. *Building and Environment*, v.37, p.429-435, 2002.

TORGAL, F.P.; JALALI, S. *A sustentabilidade dos materiais de construção*. Barbudo: TecMinho. 2010.

UTAMA, A.; GHEEWALA, S.H. Life cycle energy of single landed houses in Indonesia. *Energy and Buildings*, v.40, p.1911-1916, 2008.

WINTHER, B.N.; HESTNES, A.G. Solar versus green: The analysis of a Norwegian Row House. *Solar Energy*, v.66, n.6, p.387-393, 1999.

Recebido em
31/10/2012,
reapresentado em
23/7/2013 e aceito
para publicação em
29/8/2013.

ROSA MARIA SPOSTO Universidade de Brasília | Departamento de Engenharia Civil e Ambiental | Programa de Pós-Graduação em Estruturas e Construção Civil | Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, 709109-900, Brasília, DF, Brasil | Correspondência para/Correspondence to: R.M. SPOSTO | E-mail: <rmsposto@unb.br>.

JACOB SILVA PAULSEN Universidade de Brasília | Departamento de Engenharia Civil e Ambiental | Programa de Pós-Graduação em Estruturas e Construção Civil | Brasília, DF, Brasil.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE MORADORES EM CONDOMÍNIOS RESIDENCIAIS VERTICAIS NA CIDADE DE CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL

ENVIRONMENTAL PERCEPTION OF RESIDENTS IN VERTICAL CONDOMINIUMS IN THE CITY OF CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL, BRAZIL | PERCEPCIÓN AMBIENTAL DE LOS RESIDENTES EN CONDOMINIOS RESIDENCIALES EN LA CIUDAD VERTICAL DE CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL, BRASIL

ADEMIR KLEBER MORBECK DE OLIVEIRA, TATIANA DE FREITAS PINAZO, LUCIA ELVIRA ALICIA RAFFO DE MACARÓ, CELSO CORREIA DE SOUZA

RESUMO

Este artigo avalia dois condomínios residenciais de diferentes tipologias localizados em uma mesma região, com o objetivo de analisar a percepção ambiental de seus moradores. A escolha levou em consideração sua localização em área de fundo de vale e de reserva ambiental, bem como o seu valor comercial. A paisagem, a infraestrutura, a vegetação, entre outros aspectos referentes à qualidade de vida do morador e a qualidade visual da cidade, foram analisadas por meio de questionários de avaliação pós-ocupacional. Verificou-se que os residentes destes condomínios possuem em comum a escolha de se morar em condomínio fechado pela questão da segurança e da localização privilegiada. Os resultados obtidos indicam a necessidade de se estimular o uso de Avaliação Pós-Ocupacional em condomínios residenciais, priorizando projetos com soluções funcionais e de qualidade para o conforto do morador. O comprometimento com a cidade é outro aspecto necessário a prevalecer em um projeto de condomínio residencial, uma vez que este, por sua dimensão e necessidade de grandes loteamentos, ocupa uma grande área urbana, modificando consideravelmente a sua paisagem.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço urbano. Geografia urbana. Verticalização.

ABSTRACT

The aim of the paper is to examine two different types of residential condominiums located in the same region with the objective of identifying the environmental awareness of residents. The selection took into consideration the location in the valley bottom and environmental reserves, as well as the commercial value. The landscape, infrastructure, vegetation and other aspects related to the quality of life of residents and visual quality of the city were analyzed through questionnaires to assess post-occupancy evaluation. It was found that the majority of residents of condominiums choose to live in a

gated community due to security and prime location. The results indicate the need to stimulate the use of post-occupancy evaluation in residential condominiums, prioritizing projects that offer functional solutions and quality for the comfort of residents. Another aspect to be considered is the commitment to the city concerning the residential condominium project since, due to the size and need for large housing developments, it occupies a large urban area and changes the landscape considerably.

KEYWORDS: *Urban space. Urban geography. Verticalization.*

RESUMEN

En este artículo se evalúan dos tipos diferentes de barrios cerrados residenciales ubicados en la misma región, con el objetivo de analizar la percepción ambiental de sus habitantes. La elección tuvo en cuenta su ubicación en un área de fondo de valle y de reservas ambientales, así como su valor comercial. El paisaje, la infraestructura, la vegetación entre otros aspectos relacionados con la calidad de vida de los residentes y la calidad visual de la ciudad, se analizaron por medio de cuestionarios de evaluación posocupacional. Se averiguó que los residentes de estos barrios cerrados tienen en común la elección de vivir en una comunidad cerrada por los problemas de seguridad y la ubicación. Los resultados indican la necesidad de fomentar el uso de Evaluación Pos-Ocupacional en barrios cerrados, dando prioridad a proyectos con soluciones funcionales y de calidad para la comodidad de los ocupantes. El compromiso con la ciudad es otro aspecto necesario para prevalecer en un proyecto de condominios residenciales, ya que, por su tamaño y la necesidad de grandes parcelaciones, ocupa una gran área urbana, modificando considerablemente su paisaje.

PALABRAS CLAVE: *El espacio urbano. Geografía urbana. Cuestas.*

INTRODUÇÃO

A CIDADE DE CAMPO GRANDE E O PROCESSO DE VERTICALIZAÇÃO DAS CIDADES BRASILEIRAS

O setor urbano verticalizado já faz parte do cotidiano das cidades brasileiras, sendo utilizado como uma forma de moradia de vasto contingente humano, mas sua formação e ambientação ainda deixam muito a desejar, uma vez que são construídos edifícios sem a existência de um programa definido e específico dos padrões e resultados espaciais, ou seja, de padrões morfológicos determinados para cada lugar (Sahr, 2000; Carvalho & Oliveira, 2008).

O processo, de acordo com Ramires (1998), ao longo do tempo, atingiu um ritmo e magnitude sem precedentes no Brasil, tornando-se uma nova forma de morar da classe média, apesar de algumas experiências isoladas, em relação às camadas populares. Esta

nova forma é resultado de opções definidas por diferentes atores sociais e interesses econômicos envolvendo a estruturação das cidades.

Macedo (1987) afirma que a verticalização é uma das questões responsáveis pelas alterações funcionais de grandes áreas da paisagem urbana, revalorizando espaços pelo aumento de potencial de aproveitamento. Porém, de acordo com Campo Filho (1992), estas alterações coincidem, muitas vezes, com a demolição de edificações antigas e a perda de referenciais físicos da memória urbana, levando cada nova geração a esquecer gradativamente a história da cidade. Essa cisão é muito profunda na cidade moderna, onde as edificações tornam-se cada vez mais verticalizadas.

A cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul (MS), está inserida neste processo de verticalização, como outras de grande porte (acima de 500 mil habitantes), possuindo seu mercado da construção civil voltado, principalmente, para a construção de condomínios de torres residenciais, ficando os condomínios horizontais e as habitações unifamiliares em menor destaque. Essas construções têm como *marketing* proporcionar uma melhoria na qualidade de vida da população, ou seja, garantir segurança, conforto, *status*, lazer e convívio social; porém acabam gerando diversos impactos ambientais urbanos, uma vez que representam alterações significativas nas condições do ambiente, sendo necessária a criação de alternativas apropriadas de caracterização e análise destes empreendimentos.

Segundo Buainain (2006), Campo Grande possui 341km² de perímetro urbano, sendo 40% dessa área representada por terrenos baldios, contabilizando em torno de 131 655 unidades. Devido a essas áreas, calcula-se que, até o ano de 2100, sua ocupação não será suficiente para justificar sua expansão. Devido a essa situação permeada de vazios urbanos, a ocupação do espaço urbano fica comprometida, gerando problemas para a população.

Na cidade, a malha urbana cresceu de forma desordenada, existindo muitos parcelamentos com problemas de ocupação do solo, topografia, infraestrutura e sociais. Estas condições geram diversos impactos ambientais, a maioria proveniente da implantação de empreendimentos públicos e/ou privados (Souza, 2005). Para resolver tal situação é necessário o preenchimento dos vazios existentes de forma planejada e ordenada, pois, de acordo com Silva (2000), a indústria da construção, operação e demolição de edifícios provavelmente representa a atividade humana com maior impacto sobre o ambiente.

De acordo com Sahr (2000) e Carvalho e Oliveira (2008), nas cidades, as áreas têm sua paisagem totalmente modificada, rapidamente adquirindo novas configurações, seja pela mudança de uso ou pela substituição das velhas edificações.

Segundo Ojima (2006), a expansão urbana pode trazer um conjunto de impactos negativos, que vão desde os aspectos estéticos até os impactos nos gastos públicos (consumo de água, energia elétrica e combustível fósseis, afastamento das áreas agrícolas e alocação de bens e serviços públicos). Também reflete nos aspectos sociais (heterogeneização socioespacial, segregação social e aumento das distâncias diárias de locomoção) e

nos aspectos ambientais (poluição da água e do ar, ilhas de calor, mudança nos regimes de precipitação, aumento de áreas alagáveis e alterações na incidência de doenças e problemas de saúde associados).

Os impactos ambientais decorrentes do processo desordenado do crescimento da malha urbana, de acordo com Silva (2001) e Soares *et al.* (2006), podem ser relacionados ao meio físico, 1) clima, em que podem ocorrer alterações negativas no microclima local; 2) solo, com exposição do solo levando a uma diminuição da infiltração da água pluvial, aumento da susceptibilidade a processos erosivos (sulcos e voçorocas, por exemplo), degradação dos vales, piora da estrutura do solo devido a alterações no sistema radicular das plantas, além da modificação das propriedades físico-químicas do solo, resultado da diminuição da biomassa do mesmo; 3) atmosfera, com aumento de particulados (poeira); e 4), água, ocorrendo uma diminuição do nível do lençol freático, elevação do nível de turbidez, assoreamento dos canais de drenagem e enchentes.

Em relação ao meio biótico, os autores enumeram a diminuição das espécies vegetais, a impossibilidade de efetuar a interligação de fragmentos florestais, a restrição de oferta de abrigo e alimento à fauna, dificultando sua manutenção, ameaçando a sustentabilidade dos ecossistemas e levando à redução da diversidade das espécies mais sensíveis às alterações antrópicas, além da possibilidade do aumento das populações de animais nocivos ao homem devido à criação de ambientes propícios ao seu desenvolvimento. Quanto ao meio antrópico, os impactos negativos estão relacionados à perda do ambiente natural para lazer, à depreciação do valor dos imóveis e à piora do valor cênico, com redução de arrecadação de impostos, maiores custos para o tratamento da água e piora da qualidade de vida urbana devido aos efeitos negativos relacionados ao microclima local e à qualidade do ar.

Embora a ocupação feita de maneira não adequada ocasione uma série de problemas, para Caldeira (2000), o surgimento de condomínios e loteamentos faz parte de um novo padrão de segregação espacial e desigualdade social na cidade, substituindo aos poucos o padrão dicotômico centro-periferia (rico-pobre). Mas não se trata apenas de uma tendência que abrange uma parcela da população, pois, apesar de ter inicialmente atendido aos interesses de famílias de alta renda, esse padrão hoje passa a representar um modelo de consumo difundido entre a maioria das camadas sociais.

Sahr (2000) e Carvalho e Oliveira (2008) escrevem que propostas de planejamento urbano inserem o adensamento como resposta às demandas sociais. O adensamento proposto, com intensificação do uso e ocupação do solo, aparece vinculado à disponibilidade de infraestrutura e às condições do meio físico. Ou seja, a área com infraestrutura subutilizada e sem impedimentos do meio físico é considerada como passível de adensamento, entendendo-se como infraestrutura as redes de água, luz, esgoto, telefone e gás encanado. Como na área urbana de uma cidade a terra já se apresenta quase que completamente edificada, esta intensificação do uso e ocupação do solo só pode ocorrer com a verticalização das construções.

A partir da metade do século XX, as cidades brasileiras de médio e grande porte passaram por um processo de renovação e crescimento urbano, sendo a verticalização a sua principal transformadora, criando novas formas de comportamento urbano (Sahr, 2000; Carvalho & Oliveira, 2008).

Na década de 1970 acelerou-se, no Brasil, o processo de verticalização, resultando na elitização de determinados espaços urbanos, quando proliferaram os condomínios de classe média (Moreno, 2002). No final da década de 1980, a urbanização realizada sob a forma condominial passou a ser cada vez mais utilizada pelos empresários do setor imobiliário devido à grande demanda pelas classes de maior poder aquisitivo por áreas urbanizadas com qualidade urbana e ambiental e, principalmente, segurança (Ramires, 1998; Moreno, 2002).

De acordo com Carvalho e Oliveira (2008), a construção de torres de edifícios está ligada ao jogo do mercado imobiliário que constrói em função de custos de retorno de seus investimentos. As torres isoladas ou em conjunto, os condomínios verticais, são geralmente construídas nas áreas centrais e em suas periferias imediatas. Possuem infraestrutura urbana adequada e se localizam em bairros de classe média e alta. Já os conjuntos habitacionais populares são construídos nos subúrbios, ou seja, nas áreas carentes de infraestrutura mínima. Hoesel e Somekh (2001) explicam que o surgimento de apartamentos está relacionado ao modo de produção capitalista, obedecendo às condições inerentes à produção de qualquer objeto.

Sahr (2000) e Carvalho e Oliveira (2008) informam que as formas de alteração da paisagem urbana proveniente da verticalização são as mais radicais em relação à transformação de um setor urbano qualquer, uma vez que provocam alteração morfológica e funcional de amplos segmentos da paisagem das cidades. Os mesmos autores também informam que outro problema causado pela construção de edifícios altos nas cidades é a necessidade de simplificação de seus projetos, criando-se padrões determinados que uma vez repetidos no sítio urbano resultam no empobrecimento da qualidade ambiental urbana.

Desta maneira, torna-se necessário avaliar a ocupação pós-projeto por meio, por exemplo, da Avaliação Pós-Ocupação (APO), utilizando-se metodologias como questionários e entrevistas, de acordo com Ornstein e Roméro (1992). A APO é um termo relativamente novo, embora com impacto significativo, sendo que em campo observa-se a prática de alguns indícios de avaliações naturais, não sistematizadas, além de outras sistematizadas, com, por exemplo, códigos de obras, proteção de incêndios, conservação de energia, entre outros (Villa, 2008). Ornstein e Roméro (2003) também escrevem que é grande a necessidade de avaliar o ambiente construído e sua interação com o usuário, permitindo uma visão geral do processo (construção), do meio e do morador.

De acordo com Villa (2008), na medida em que considera a opinião e as necessidades dos usuários, a APO relaciona-se com dois campos do conhecimento: as Relações Ambiente-Comportamento (RAC) e a Psicologia Ambiental. Ornstein *et al.* (1995) afir-

nam que as RAC dizem respeito às relações biunívocas entre o ambiente construído e o comportamento do usuário neste ambiente.

A inter-relação entre o ambiente construído e seu usuário está diretamente ligada à percepção ambiental dos moradores. Esta percepção, de acordo com Cullen (1983), está relacionada ao sentido da visão, pois pelo olhar inicia-se o processo de apreensão acerca de qualquer situação. Desta maneira, a observação de um ambiente de baixa qualidade, segundo Del Rio e Oliveira (1996), leva a uma insatisfação com o ambiente construído, uma constante devido à baixa qualidade dos espaços urbanos.

Levando-se em consideração a importância da percepção dos moradores em relação ao seu meio, o objetivo deste trabalho foi avaliar a percepção ambiental de moradores em dois diferentes condomínios em uma mesma região da cidade de Campo Grande (MS).

MÉTODOS

A pesquisa analisou os impactos ambientais urbanos causados por duas diferentes tipologias de conjuntos residenciais da cidade de Campo Grande (MS) denominados de condomínio de luxo I (Figura 1) e residenciais populares II e III (Figura 2). Os empreendimentos foram implantados na mesma região urbana, conhecida como Prosa, e, para evitar qualquer tipo de transtornos aos moradores, os nomes de ambos os locais foram alterados.

A escolha destas edificações para esta pesquisa se baseou nos seguintes critérios: área de implantação de grande valor comercial, localização em área de fundo de vale e de Área de Preservação Permanente.



FIGURA 1 – Condomínio I em Campo Grande (MS).

Fonte: Google (2009). Disponível em: <<https://maps.google.com/?ll=-20.46816,-54.60607&z=13&t=h>>. Acesso em: 22 ago. 2009.



FIGURA 2 – Residenciais II e III — Campo Grande (MS).

Fonte: Google (2009). Disponível em: <<https://maps.google.com/?ll=-20.46816,-54.60607&z=13&t=h>>. Acesso em: 22 ago. 2009.

Levando-se em consideração a avaliação pós-ocupação, em que problemas encontrados durante o uso do produto acarretam custos para as construtoras e insatisfação para os usuários, foram aplicados questionários em duas áreas de estudo com procedimentos baseados em trabalho de Silva (2000). No Condomínio I, composto de 400 unidades, foram aplicados 35 questionários, e nos residenciais II e III, que juntos somam 280 unidades residenciais, aplicaram-se 30 questionários (15 em cada residencial) (Martins & Domingos, 2011).

Os tópicos questionados foram referentes à segurança do condomínio e do bairro e também às perguntas relacionadas à adequação do uso da habitação e conforto. Em se tratando da percepção ambiental dos moradores com relação ao ambiente construído, foi questionado: 1) tamanho; 2) localização dos apartamentos, bem como 3) qualidade da iluminação, 4) ventilação e 5) temperatura das construções, além de 6) privacidade, 7) aparência e 8) convivência social dos condomínios, e também condições das áreas comuns, manutenção e conservação dos edifícios, tais como: 9) estacionamento, 10) entrada, 11) calçadas, 12) depósito de resíduos, 13) áreas verdes, 14) cercas, 15) grades e 16) condições das fachadas.

Na segunda etapa do questionário foi caracterizada a cidade de Campo Grande (MS) com relação à qualidade de vida, segurança, poluição sonora e, principalmente, se a forma de observar a cidade influenciou na escolha de morar em um condomínio residencial. Os entrevistados deveriam identificar cinco pontos negativos referentes a residir em um condomínio fechado, com o intuito de levantar referências da área urbana, índice de satisfação em relação à área residencial e à vizinhança.

Para a análise dos questionários foi aplicado o *software Sphinx* e para análise de dados, o programa *Statistical Package for the Social Sciences*. Os resultados dos questionários foram submetidos à análise de correspondência por tabelas cruzadas justapostas e geradas tabelas comparativas.

Outra ferramenta de pesquisa foi à análise “*in loco*” dos condôminos por meio de visitas aos locais, observando-se algumas características físicas, tais como paisagem e infraestrutura (rede de drenagem, de energia, sistema viário etc.), vegetação, ruído, entre outros.

CONDOMÍNIO RESIDENCIAL I

É atualmente o único condomínio residencial da cidade composto por 4 torres de 25 andares, na avenida Afonso Pena, ocupando um terreno de 27 mil m² e uma área verde de 12 mil m² (Souza, 2005). Caracteriza-se por um padrão moderno de ocupação, em que são construídas torres personalizadas de luxo em lotes com grandes áreas verdes para um público alvo de alto poder aquisitivo.

Encontra-se em uma área de fundo de vale, ou seja, uma Área de Preservação Permanente, com presença de uma faixa de mata ciliar. De acordo com Souza (2005, p.7), “Na faixa de preservação, parte dela ou muito próxima a ela, com todos acessórios que

estes empreendimentos impõem a sua implantação, aonde vem impedir a conservação e a propagação da mata nativa da faixa de *non aedificandi*”.

A aprovação do condomínio foi liberada mediante a Guia de Diretrizes Urbanísticas, Licença Ambiental Modalidade Prévia nº 01.014/2002 e Licença de Instalação nº 02.104/2002. De acordo com a Lei vigente — Decreto nº 7.884, de 30 de julho de 1999 —, foi exigido o Plano de Controle Ambiental, bem como o levantamento das árvores existentes, contemplando: localização, espécie, porte e quantidade, além de um projeto de revegetação da APP.

RESIDENCIAIS II E III

O conjunto residencial de padrão popular é composto por 35 prédios de 2 andares divididos em 2 condomínios: o residencial II, com 19 blocos e 152 apartamentos, e o residencial III, com 16 blocos e 128 apartamentos, sendo todas as unidades de 55,50m² localizadas em um único loteamento.

Ambos pertencem a Caixa Econômica Federal e foram oferecidos ao público pelo Programa de Arrendamento Residencial (PAR).

A sua implantação em uma área configurada por bairros de média e alta renda, no caso o bairro Chácara Cachoeira, descaracterizou a malha urbana do entorno devido ao seu padrão tipológico popular e ao seu grande loteamento — ocupando toda uma quadra —, criando uma barreira visual devido à proximidade das edificações e fugindo da característica unirresidencial e de loteamentos padrão (15x30m) predominante no bairro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIA ENTRE O CONDOMÍNIO I E OS RESIDENCIAIS II E III

A análise demonstra que o nível social dos moradores interfere nas percepções ambientais destes. Quando se analisa as questões relacionadas com a localização e segurança do condomínio e dos residenciais, bem como com a segurança do bairro (Figura 3), fica claro, pelas respostas dos moradores, que estes possuem a mesma opinião com relação ao quesito segurança, demonstrando uma dependência muito significativa ($\chi^2=75,92$, $gl=16$, $1-p \geq 99,99\%$).

Ambos os grupos demonstram que a localização dos condomínios é fundamental para a sensação de segurança dos mesmos, indicando que estas áreas, por serem mais centrais, já trazem maior percepção de segurança, independentemente do poder aquisitivo dos moradores.

Na análise de correspondência entre as questões relacionadas com a privacidade e a motivação de se morar em condomínio (Figura 4), os moradores do condomínio I consideraram ótima a sua privacidade, escolhendo morar no condomínio por investimento, convívio com pessoas da mesma classe social, privacidade e *status* social. Já os moradores

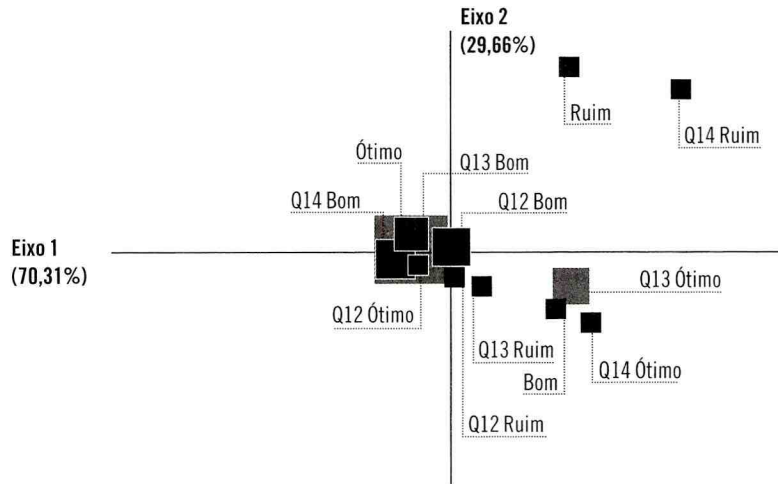


FIGURA 3 – Cruzamento de informações referentes à localização do seu condomínio com segurança contra incêndio, segurança contra assaltos/roubos e invasões e como você classifica este bairro em relação à segurança.
Fonte: Elaborado pelos autores (2008).

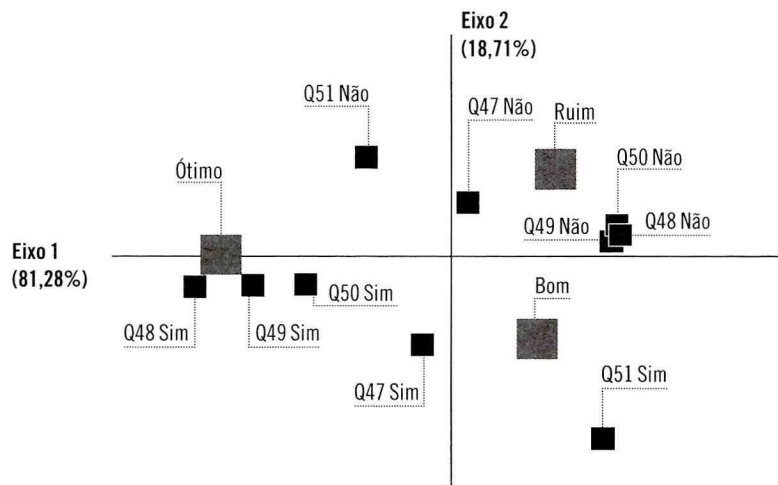


FIGURA 4 – Cruzamento de informações referentes à privacidade entre os moradores com a convivência com pessoas da mesma classe social, procura de privacidade, status social, melhorar padrão de habitação, por motivo de investimento — Motivação de morar em condomínio.
Fonte: Elaborado pelos autores (2008).

dos residenciais II e III se consideram sem privacidade e sua motivação para morar no residencial é devida à sua localização, demonstrando uma dependência muito significativa ($\chi^2 a=140,48, gl=18, 1-p \geq 99,99\%$).

A relação entre a satisfação pessoal de morar em um condomínio que apresenta maior privacidade, *status* social e qualidade de construção aparece claramente nas respostas dos moradores do condomínio I, com os moradores demonstrando seu orgulho de residir neste

ambiente. Já os moradores dos residenciais II e III, por estarem localizados em um imóvel de menor valor comercial, com uma série de problemas, evidenciam sua insatisfação por meio das respostas, demonstrando que residem ali pela localização da área.

A segurança contra assaltos e roubos é a condição de moradia mais importante tanto para os moradores do condomínio I como para os dos residenciais II e III, seguida da facilidade de acesso ao comércio, à escola e aos serviços de saúde. Os moradores do condomínio I não consideram a cidade com problemas de poluição sonora, falta de área disponível para lazer, ausência de segurança, ausência de privacidade e liberdade para seus filhos, além de considerar que existe qualidade de vida na cidade. Já os moradores dos residenciais II e III consideram a cidade falha com relação a esses problemas, indicando que a diferença de poder aquisitivo interfere na percepção dos moradores, ou seja, quanto menor a sua renda, maior é a sua insatisfação.

Para a maioria dos moradores do condomínio I não existe problemas de barulho com relação à vizinhança (54,3% classificam como ótimo) e estão plenamente satisfeitos com sua área de convivência e lazer para jovens e idosos (média de 65,4% classificam como ótimo). Quase todos associaram qualidade de vida com relação a conforto, segurança, área de lazer e privacidade.

Já os moradores dos residenciais II e III consideram suas áreas de convivência, de lazer e as áreas verdes ruins e com problemas. Foram apenas incluídas cercas, guarita e áreas de garagem na concepção de projetos de implantação de conjuntos habitacionais tradicionais. É evidente a descaracterização do conjunto, uma vez que alguns moradores já alteraram características da moradia, como aberturas de janelas, nichos para o ar condicionado e colocação de cobertura para a vaga de garagem. Fica clara a presença de poluição visual devido à modificação das fachadas do condomínio. A privacidade pode ser considerada um problema, uma vez que os apartamentos no nível térreo são expostos à circulação externa existente em volta do edifício, às brincadeiras das crianças e ao barulho da movimentação de veículos.

Os moradores do condomínio I consideram a aparência dos edifícios ótima, bem como o tamanho dos apartamentos. Ficou clara a importância da beleza e da estética na aparência externa dos edifícios. Consequentemente consideram, em sua maioria, seus apartamentos ótimos com relação à iluminação natural, ventilação, temperatura e custo com o condomínio.

Já os moradores dos residenciais II e III percebem alguns problemas na implantação dos prédios devido às suas respostas referentes à aparência dos apartamentos, bem como ao conforto térmico, à ventilação e iluminação. Pode-se afirmar que consideram a moradia com a qualidade de vida, com relação à adequação do uso da habitação e conforto, ruim em sua maioria; portanto não se encontram satisfeitos com o custo do condomínio.

Os moradores dos residenciais II e III consideram a cidade de Campo Grande (MS) carente de áreas de lazer públicas e liberdade para seus filhos. Devido à falta de

segurança preferem morar em condomínio fechado. Porém essa escolha não foi motivada pela necessidade de convivência com pessoas do mesmo poder aquisitivo, pela posição do *status* social ou pela vontade de melhorar o padrão residencial.

Em oposto, a maioria dos moradores entrevistados no condomínio I considera a cidade de Campo Grande (MS) insuficientemente segura para os filhos e acreditam que, apesar das grandes áreas de lazer públicas existentes, preferem os seus filhos dentro dos condomínios, ou seja, a qualidade de vida referente à segurança está comprometida. Ficou claro nas respostas que esse fator influenciou na opção de morar em condomínio vertical fechado. Outro fator significativo foi a importância de se morar em condomínio de luxo, ou seja, o padrão de habitação. Os moradores apontaram que preferem a convivência com pessoas do mesmo poder aquisitivo pela posição do *status* social.

ANÁLISE “*IN LOCO*” DOS PROBLEMAS AMBIENTAIS URBANOS RESULTANTES DOS EMPREENDIMENTOS ESTUDADOS

RESIDENCIAIS II E III

A análise dos residenciais indica uma série de problemas ambientais relacionados à construção e à disposição das estruturas físicas. Existem problemas relacionados à drenagem de águas pluviais, em que o local de saída destas está localizado diretamente na via pública (Figura 5), podendo acarretar problemas com relação ao volume de descarga. Além deste fator, podem-se observar uma série de problemas construtivos como rachaduras (fissuras e trincas), que possibilitam a infiltração de águas pluviais.

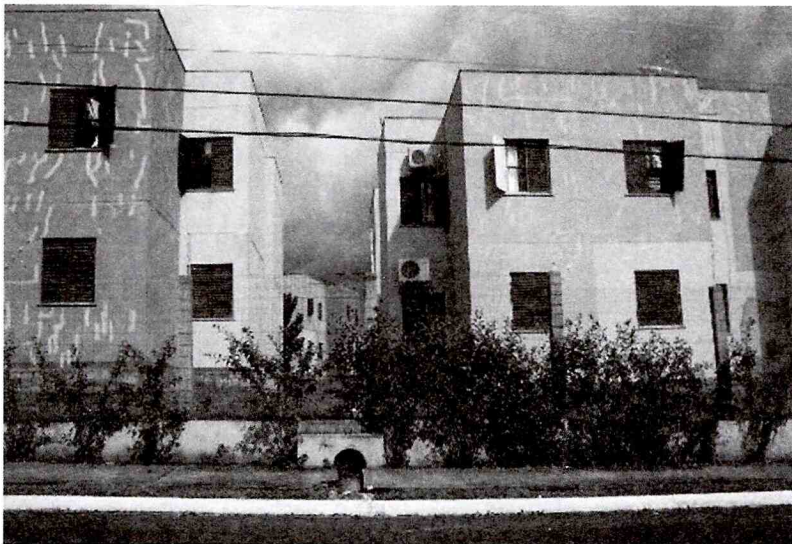


FIGURA 5 – Foto do residencial II e III indicando o local de saída de água pluvial no passeio público, além de rachaduras nas paredes externas dos prédios. Campo Grande (MS).

Fonte: Arquivo pessoal (2008).

AAção Civil Pública nº 0414/2007, movida pela Associação de Moradores do Condomínio Residencial Carimã, constata por meio de uma inspeção técnica realizada pelo Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Mato Grosso do Sul (CREA-MS) que as trincas e fissuras resultaram de uma ação higroscópica. Esta foi causada por blocos de cimento ainda não totalmente curados ou pela aplicação de argamassa de revestimento antes da secagem total da argamassa de assentamento.

Em relação ao sistema de reservatório de lixo (Figura 6), é possível observar que o mesmo ocupa parte do passeio público, poluindo visualmente a área, além de estar localizado em uma parte que dificulta o acesso por parte dos moradores.

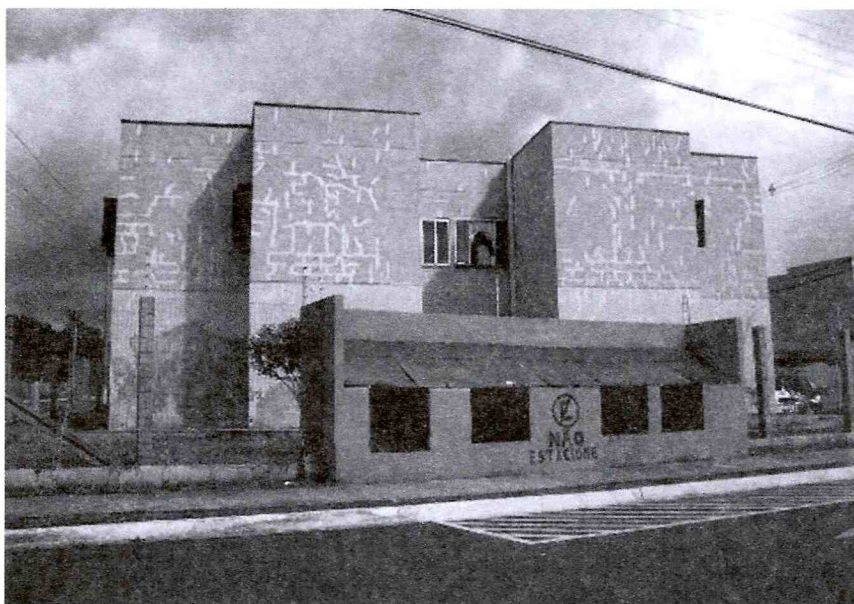


FIGURA 6 – Sistema de reservatório de lixo externo dos residenciais II e III — Campo Grande (MS).
Fonte: Arquivo pessoal (2008).

Os residenciais II e III não possuem área verde ou de lazer, além da mínima distância entre os prédios (em torno de 1,50m), indicando uma falta de privacidade entre os vizinhos, além de proporcionar pouca ventilação e iluminação aos apartamentos, reduzindo a qualidade de vida de seus moradores. Também contribui para o comprometimento da paisagem do entorno, com a formação de uma barreira de concreto.

Os residenciais II e III destoam devido a sua arquitetura, de todo o entorno residencial da área, com as diferenças entre os tipos de construção uniresidencial e a multiresidencial dos prédios. Isto indica que não foi levado em consideração o entorno já existente, com predomínio de residências.

CONDOMÍNIO I

O condomínio apresenta uma série de características de construção que o tornam diferente dos residenciais anteriormente estudados. Sua construção utilizou um local que ainda apresenta algumas características naturais, tais como a presença de uma pequena formação vegetal acompanhando o córrego Prosa (Figura 7). Apesar de sua beleza cênica, é possível observar a degradação da mata devido às ações antrópicas anteriores.

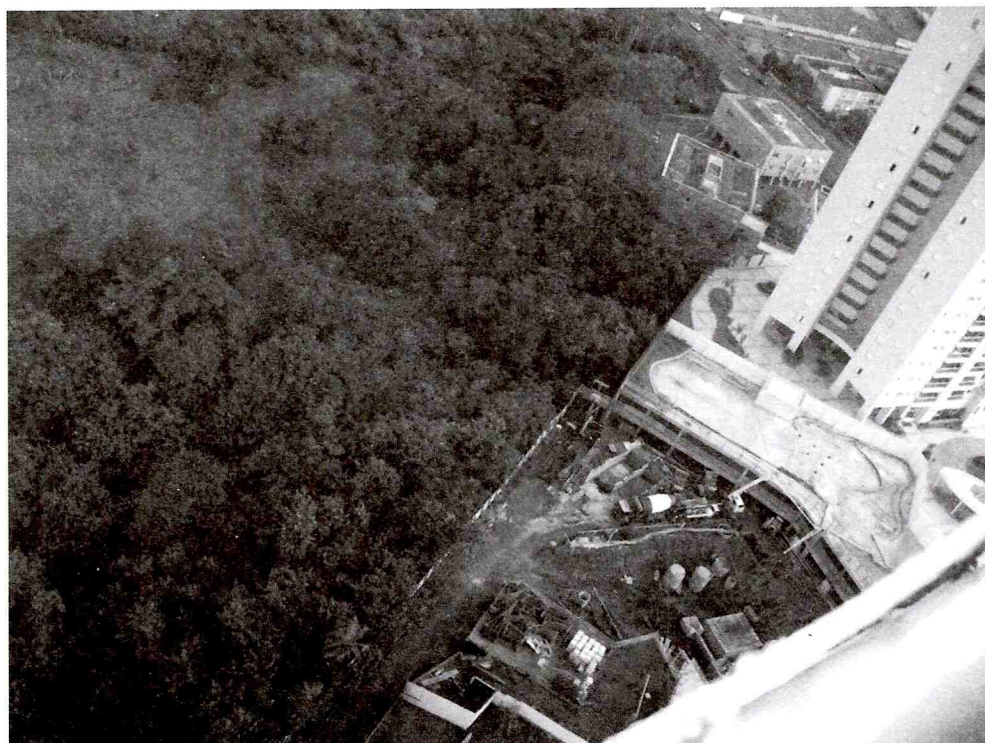


FIGURA 7 – Vista parcial da Área de Preservação Permanente do córrego Prosa e obras do Condomínio I. Campo Grande (MS).
Fonte: Arquivo pessoal (2008).

Foi construído um espelho d'água na área social do condomínio e na entrada do Parque Municipal. No processo de licenciamento, foi exigida a construção de um lago artificial para compensar o processo de impermeabilização do local do condomínio, acarretando uma maior taxa de escoamento superficial, o que pode levar a alagamentos em ruas e avenidas. A criação do Parque também foi uma exigência legal, pois, como os prédios estão localizados em uma APP, é necessária uma série de compensações ambientais que estão descritas na Guia de Diretrizes Urbanísticas (GDU), Licença Ambiental Modalidade Prévia nº 01.014/2002 e Licença de Instalação nº 02.104/2002.

Uma característica que se destaca neste condomínio é a diferença de tratamento entre as duas entradas, a principal e a de serviço, em que a primeira mereceu um tratamento estético aprimorado, enquanto a outra foi relegada a uma situação visual que não combina com o entorno e com a própria imagem do condomínio I, indicando a pouca valorização do local.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Segundo Kowaltowski *et al.* (2006), os edifícios residenciais encontrados no Brasil, principalmente nas regiões metropolitanas, possuem uma arquitetura desumanizada pela presença de elementos como monumentalidade, alta densidade de ocupação, falta de paisagismo, de seriedade estética, uso excessivo de objetos artificiais e preocupação com a segurança em oposição à proteção, sendo elementos arquitetônicos comuns à monotonia dos espaços, das cores e dos detalhes.

Desta maneira, é necessária a preocupação com o adensamento de construções residenciais repetitivas e impróprias para determinadas áreas, principalmente para os empreendimentos de condomínios de torres que modificam consideravelmente o entorno ao qual estão inseridas, gerando impactos ambientais no espaço urbano.

Mudanças são importantes na visão política e na reavaliação dos instrumentos legais, ou seja, estimular as políticas habitacionais através de estudos de Avaliação Pós-Ocupacional, principalmente referente às construções populares, pode superar as soluções defasadas e baseadas na quantidade em função da qualidade. Métodos de avaliação pós-ocupacional deveriam ser desenvolvidos, evitando-se assim a repetição de modelos inapropriados.

No processo de ordenação espacial da cidade, os interesses particulares ou meramente econômicos não poderiam ultrapassar os interesses coletivos. As construtoras e agências financiadoras deveriam ter um maior cuidado em suas construções, evitando edificações de baixa qualidade construtiva, acarretando problemas ambientais no entorno ao qual estão inseridas e proporcionando uma má qualidade de vida aos moradores de seus empreendimentos, que é o caso dos residenciais II e III.

A localização do condomínio I, sua implantação, limitando a recuperação da formação ripária do córrego Prosa e suas torres altas, desconfigurando a paisagem local, por si já são exemplos de impactos urbanos locais. Apesar de toda a legislação vigente ter cumprido seu papel, não foi suficiente.

Deve-se rever a Lei nº 3.612, que Institui o Sistema Municipal de Licenciamento e Controle Ambiental, melhorando algumas exigências para liberação de tais empreendimentos e evitando problemas ambientais de maior impacto para a cidade, uma vez que esta se encontra em franco crescimento.

A fiscalização de obras populares também deve ser mais rígida para se evitar erros construtivos que acarretam problemas ambientais e sociais para a cidade. O Programa de

Arrendamento Residencial criado pela União tem como objetivo possibilitar a melhoria da moradia da população de baixa renda, porém na prática não está sendo aplicado, exemplificado no caso dos residenciais II e III.

Para se conseguir avançar rumo a uma cidade com verdadeiros princípios ambientais é preciso adotar algumas modificações na legislação urbanística e ambiental, em que se deveria estimular a construção em áreas propícias e com densidade baixa, acabando com os vazios urbanos e completando a infraestrutura existente, além de adotar taxas de impermeabilização do solo urbano, evitando futuros problemas de drenagem e aumento de temperatura comuns em áreas urbanas, por exemplo.

Considera-se, portanto, necessária a reavaliação dos órgãos responsáveis pela gestão urbana adotando uma política mais rígida em relação à aprovação de empreendimentos, principalmente em áreas de preservação, evitando, assim, futuros problemas ambientais urbanos que venham a prejudicar a cidade.

CONCLUSÃO

A percepção ambiental dos moradores dos diferentes locais revela que, na dependência do seu poder aquisitivo, cada condômino possui uma visão diferenciada, influenciando nos resultados obtidos, embora ambos os grupos considerem importante que a localização dos locais traz uma sensação de segurança. Porém os moradores do condômino I associam a localização ao *status* social, enquanto os moradores dos residenciais II e III associam a facilidade de acesso ao centro da cidade.

A mesma percepção indica que para os moradores dos residenciais II e III os problemas ambientais são os aspectos físicos, ou seja, construtivos dos edifícios, sua estética e, principalmente, a qualidade de vida relacionada com o conforto, o bem-estar pessoal e a qualidade da área de lazer e convívio. Já na percepção ambiental dos moradores do condomínio I são considerados problemas ambientais a falta de segurança da cidade de Campo Grande, bem como a falta de áreas de lazer pública.

Porém a questão do nível social não interfere na percepção dos impactos ambientais referentes à implantação das construções em área de fundo de vale do córrego Prosa e na Área de Preservação Permanente, bem como o problema de grandes áreas impermeabilizadas, que não são citadas pelos moradores, demonstrando que ambos os grupos possuem uma visão dicotômica em relação ao ambiente, que não parece não fazer parte do ambiente natural.

Avaliando-se os objetivos do trabalho e da metodologia proposta, o fim almejado pela pesquisa foi atendido, demonstrando-se que o processo de percepção ambiental dos moradores é mais centrado na área construída, e não no entorno natural ou nos impactos causados pela urbanização de áreas naturais sensíveis. Pode-se perceber que existe uma deficiência de informação dos moradores quanto à questão dos impactos causados pela expansão urbana, fator provavelmente ligado à questão de uma educação ambiental defi-

ciente, em que as pessoas não correlacionam suas ações com impactos negativos causados ao ambiente.

Porém seriam necessárias mais pesquisas para avaliar qual seria o grau de informação ambiental que estes moradores possuem, para, desta maneira, fazer uma correlação mais aprofundada sobre se realmente existe uma noção das pessoas sobre a questão de edificações, impactos ambientais e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- BUAINAIN, M.S.C.N. *Campo Grande – Memória em Palavras*: a cidade na visão de seus prefeitos. Campo Grande: Instituto Municipal de Planejamento Urbano, 2006.
- CALDEIRA, T. *Cidade de muros*: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000.
- CAMPOS FILHO, C.M. *Cidades brasileiras*: seu controle ou o caos: o que os cidadãos devem fazer para a humanização das cidades no Brasil. 2.ed. São Paulo: Studio Nobel, 1992.
- CARVALHO, A.W.B.; OLIVEIRA, L.F. Habitação e verticalização numa cidade universitária: o caso de Viçosa MG. *Arquitextos*, 100.05, ano 9, 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.100/112>>. Acesso em: 17 set. 2009.
- CULLEN, G. *Paisagem urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. *Percepção ambiental*: a experiência brasileira. São Carlos: Studio Nobel, 1996.
- HOESEL, P; SOMEKH, N. A verticalização em São Paulo: apontamentos metodológicos. *CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO*, v.1, n.1, p.9-30, 2001.
- KOWALTOWSKI, D.C.C.K. *et al.* Sobre metodologias de projeto arquitetônico. *Ambiente Construído*, v.6, n.2, p.7-19, 2006.
- MACEDO, S.S. *São Paulo, paisagem e habitação verticalizada*: os espaços livres como elementos do desenho urbano. 1987. Tese (Doutorado em Arquitetura) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.
- MARTINS, G.A.; DOMINGUES, O. *Estatística geral e aplicada*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MORENO, J. *O Futuro das cidades*. São Paulo: Senac, 2002.
- OJIMA, R. A produção e o consumo do espaço nas aglomerações urbanas brasileiras: desafios para uma urbanização sustentável. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., 2006, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ABEP, 2006. p.18-22.
- ORNSTEIN, S.W.; ROMÉRO, M.A. *Avaliação pós-ocupação do ambiente construído*. São Paulo: Studio Nobel, 1992.
- ORNSTEIN, S.W.; BRUNA, G.; ROMÉRO, M.A. *Ambiente construído e comportamento*. São Paulo: Nobel, 1995.
- ORNSTEIN, S.W.; ROMÉRO, M.A. *Avaliação pós-ocupação*: métodos e técnicas aplicados à habitação social. Porto Alegre: ANTAC, 2003.
- RAMIRES, J.C.L. O processo de verticalização das cidades brasileiras. *Boletim de Geografia*, v.16, n.1, p.97-105, 1998.
- SAHR, C.L.L. Dimensões da análise da verticalização: exemplos da cidade média de Ponta Grossa/PR. *Revista de História Regional*, v.5, n.1, p.9-36, 2000.

SILVA, V.G. Avaliação do desempenho ambiental de edifícios. *Revista Qualidade na Construção*, v.3, n.25, p.14-22, 2000.

SILVA, E. *Avaliação de impactos ambientais*. Viçosa: UFV, 2001.

SOARES, T.S. *et al.* Impactos ambientais decorrentes da ocupação desordenada na área urbana do município de Viçosa, Estado de Minas Gerais. *Revista Científica Eletrônica de Engenharia Florestal*, n.8, v.2, p.1-14, 2006.

SOUZA, S.A. *Degradação do meio urbano: estudos de casos*. 2005. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, Campo Grande, 2005.

VILLA, S.B. *Morar em apartamentos: a produção dos espaços privados e semi-privados nos edifícios ofertados pelo mercado imobiliário no século XXI em São Paulo e seus impactos na cidade de Ribeirão Preto. Critérios para avaliação pós-ocupação*. 2008. Tese (Doutorado — Tecnologia da Arquitetura) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ADEMIR KLEBER MORBECK DE OLIVEIRA Universidade Anhanguera-Uniderp | Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional | R. Alexandre Herculano, 1400, Jardim Veraneio, 79037-280, Campo Grande, MS, Brasil | Correspondência para/Correspondence to: A.K.M. OLIVEIRA | E-mail: <akmorbeckoliveira@gmail.com>.

TATIANA DE FREITAS PINAZO Universidade Anhanguera-Uniderp | Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional | Campo Grande, MS, Brasil.

LUCIA ELVIRA ALICIA RAFFO DE MACARÓ Universidade Anhanguera-Uniderp | Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional | Campo Grande, MS, Brasil.

CELSO CORREA DE SOUZA Universidade Anhanguera-Uniderp | Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional | Campo Grande, MS, Brasil.

Recebido em
3/12/2012,
reapresentado em
1/10/2013 e aceito
para publicação em
25/11/2013.

CARTOGRAFANDO CIDADES TRANSUMANTES: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE PESQUISAS COM TRAJETÓRIAS URBANAS

*PLATTING TRANSHUMANT CITIES: THEORETICAL AND METHODOLOGICAL REFLECTIONS
ON RESEARCHES WITH URBAN TRAJECTORIES | CARTOGRAFIANDO CIUDADES
TRANSHUMANTES: REFLEXIONES TEÓRICAS Y METODOLÓGICAS SOBRE INVESTIGACIONES
CON TRAYECTORIAS URBANAS*

THAÍS TRONCON ROSA

RESUMO

Este artigo propõe discutir alguns aspectos teórico-metodológicos do trabalho com trajetórias urbanas e suas potenciais contribuições aos estudos urbanos, tomando como base reflexões de uma pesquisa de doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Para tanto, delinea brevemente a noção de trajetórias urbanas, bem como suas potencialidades como estratégia de conhecimento das realidades urbanas contemporâneas, em sua complexidade e dinâmica. Em diálogo com a ideia de uma “cidade transumante”, como proposta por Michel de Certeau, discutem-se as imbricações entre trajetórias urbanas “periféricas”, as narrativas que as delinham e são por elas delineadas e uma cartografia espaço-temporal das *idades outras* que elas revelam. Nesse sentido, são apontadas questões importantes para a reflexão sobre processos de produção, apropriação e apreensão do espaço urbano: sob o enfoque apresentado, trajetórias urbanas “periféricas” e suas narrativas permitem mais do que pontuar inflexões, conflitos e diferenças, colocando no centro da análise a alteridade que elas encerram e que são produtoras, também, de alteridades socioespaciais a serem levadas a sério. O trabalho destaca a importância dos estudos urbanos se atentarem às dobras que configuram simultaneamente territórios, subjetividades e sensibilidades; percursos, narrativas e espaços; produção de conhecimento e produção do espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografias. Estudos urbanos. Produção do espaço urbano. Trajetórias urbanas.

ABSTRACT

This paper aims to discuss some theoretical and methodological aspects of researches with urban trajectories and their potential contribution to the urban studies, based on reflections of a doctoral research in architecture and urbanism. For both, it briefly outlines the notion of urban trajectories, as well as its potentialities as a strategy for knowledge of contemporary urban realities, in its complexity and dynamics. In dialogue with the idea

of a “transhumant city” as proposed by Michel de Certeau, it discusses the imbrications between “peripheral” urban trajectories, the narratives that they delineate and that are delineated by them and a space-temporal cartography of the other cities that they reveal. In this sense, it points out important issues to reflection on the processes of production, appropriation and apprehension of the urban space: under the approach here presented, “peripheral” urban trajectories and their narratives allow more than punctuating inflections, conflicts and differences, placing in the center of the analysis the alterity they contain and which are also producers of sociospatial alterities that must be taken seriously. The paper highlights the importance for urban studies to pay attention to the folds that simultaneously configure territories, subjectivities and sensibilities; trajectories, narratives and spaces; the production of knowledge and the production of space.

KEYWORDS: Spatiotemporal cartographies. Urban studies. Production of urban space. Urban trajectories.

RESUMEN

El presente artículo propone discutir algunos aspectos teóricos y metodológicos de investigaciones con trayectorias urbanas y sus potenciales contribuciones a los estudios urbanos, basados en las reflexiones de una investigación doctoral en arquitectura y urbanismo. Por lo tanto, se describe brevemente la noción de trayectorias urbanas, así como sus potencialidades como una estrategia para el conocimiento de las realidades urbanas contemporáneas, en su complejidad y dinamismo. En diálogo con la idea de una “ciudad transhumante”, como propuesta por Michel de Certeau, discute la imbricación entre las trayectorias urbanas “periféricas”, los relatos que las delinean y están delineadas por ellas y una cartografía espacio-temporal de las otras ciudades que revelan. En este sentido, señala cuestiones importantes para reflexionar sobre los procesos de producción, apropiación y aprehensión del espacio urbano: bajo el enfoque aquí presentado, trayectorias urbanas “periféricas” y sus relatos permiten más que puntuar inflexiones, conflictos y diferencias, poniendo en el centro del análisis la alteridad que contienen y que están produciendo también alteridades socioespaciales que se deben tomar en serio. El trabajo destaca la importancia de los estudios urbanos en fijarse a los pliegues que configuran simultáneamente territorios, subjetividades y sensibilidades; trayectorias, narraciones y espacios; la producción de conocimiento y la producción del espacio.

PALABRAS CLAVE: Cartografías. Estudios urbanos. Producción del espacio urbano. Trayectorias urbanas.

SOBRE TRAJETÓRIAS URBANAS

A reflexão que movimenta este artigo emerge de uma pesquisa de doutorado¹ em Arquitetura e Urbanismo que tem, por estratégia metodológica central, a persecução de trajetórias urbanas, fios condutores de um emaranhado socioespacial tecido cotidianamente nas cidades. Inserida nos debates sobre pobreza e produção do espaço urbano no Brasil², tal pesquisa estrutura-se como uma exploração etnográfica a partir de encontros com integrantes de famílias moradoras das chamadas periferias urbanas³ e propõe apreender o espaço urbano a partir de trajetórias urbanas e suas narrativas, em diálogo com a ideia de uma “cidade transumante”, como delineada por Michel de Certeau (Certeau, 2003). O presente artigo propõe refletir sobre tal estratégia, a um só tempo metodológica e de conhecimento, e suas potenciais contribuições aos estudos urbanos, ao possibilitar captar processos socioespaciais contemporâneos em sua complexidade e dinâmica, nas continuidades e transformações de que se fazem os fenômenos urbanos.

A ideia de trajetória⁴ é aqui acionada, conforme proposta por Certeau (2003, p.98), como um “movimento temporal no espaço”. Aproxima-se, também, da concepção de “trajetórias urbanas” proposta por Telles (2006b, p.70), para quem estas “supõem uma espacialização demarcada pelas temporalidades urbanas corporificadas nos espaços e territórios da cidade”. Condensando práticas espaciais cotidianas dos indivíduos e de suas famílias, as quais se constituem tanto por meio do diálogo permanente entre passado e presente, como por justaposição das dimensões qualitativamente heterogêneas de tempo e espaço (Certeau, 2003), a persecução das trajetórias urbanas invoca percursos habitacionais e ocupacionais, além dos deslocamentos cotidianos que se realizam no espaço urbano (Telles, 2006a; 2006b). Trata-se, portanto, de uma abordagem que possibilita uma mudança na escala de compreensão sobre as já bastante debatidas relações entre pobreza e espaço urbano no Brasil, a qual se distancia de designações genéricas para se aproximar dos fluxos, dos trânsitos e, fundamentalmente, das narrativas que produzem não configurações urbanas à parte da cidade, senão a própria cidade.

E, se a articulação entre temporalidades (tempos biográficos, geracionais, sociais, históricos) e espacialidades (marcos espaciais, referências urbanas, pontos de condensação dos deslocamentos) é constitutiva da análise de trajetórias urbanas, um terceiro aspecto se entrelaça a elas e faz-se crucial para a abordagem adotada pela pesquisa: os “eventos políticos” que as atravessam (políticas urbanas, programas habitacionais, conflitos sociais, formas de ação coletiva, práticas de tutela), ao operarem como vetores concretos na produção do espaço urbano (Telles, 2006b).

Nessa perspectiva, as dinâmicas de produção do espaço urbano se fazem ver por meio das trajetórias urbanas: do cruzamento entre elas, de seus múltiplos pontos de conexão e condensação é possível apreender os atores em jogo nas disputas pelo espaço, suas variadas posições e deslocamentos, as temporalidades urbanas coexistentes, as tramas associativas de caráter variado que articulam eventos políticos locais e extralocais. Trata-se, portanto, de

um plano de investigação cujo foco direciona-se para as práticas, os processos e os expedientes mobilizados por atores variados na produção do espaço urbano (Silva, 2006).

PERCURSOS E RELATOS: A CIDADE TRANSUMANTE

Por meio das trajetórias urbanas nos aproximamos, portanto, da ideia de um “espaço praticado”, tal como proposto por Michel de Certeau. Distinguindo “cidade”, enquanto conceito normativo, da “vida urbana” propriamente dita, a qual se constitui a partir de “práticas de espaço”, Certeau (2003, p.172) irá relacionar tais práticas a uma ideia de “mobilidade opaca e cega” que seria constituinte da “cidade habitada”: o autor a define como uma “cidade transumante”, a se insinuar cotidianamente em meio à “cidade planejada e visível”. Essa ideia de mobilidade, de transumância inerente às práticas de espaço é o que interessa aqui apreender, uma vez que se vincula à ideia de percursos urbanos e suas enunciações (“enunciações pedestres”) e conforma as relações entre o que Certeau denomina lugar e espaço.

Sem avançar muito nessa distinção promovida pelo autor, caberia ao menos apresentá-la, destacando a profunda correlação entre sua concepção de espaço e a perspectiva das trajetórias urbanas. Para Certeau, lugar associa-se à ideia de estabilidade, de imobilidade, de ordem, de propriedade, de hierarquia, de poder; já o espaço seria caracterizado pela mobilidade, pela ação, pela multiplicidade de possibilidades que abarca — “um lugar praticado”.

- Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. [...] diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio” (Certeau, 2003, p.202).

A memória seria um elemento fundamental na relação entre espaços e lugares, efetuando um trabalho constante de transformação de lugares em espaços e vice-versa. Os espaços — lugares vividos —, são vistos por Certeau como “presenças de ausências”: por meio da lembrança, movimento de passagem da memória, conferem ao visível sua “invisível identidade”. A memória funciona aí como um elo de comunicação — mas não necessariamente de continuidade —, entre distintas temporalidades e espacialidades, uma “prática significativa” dos lugares, “prática inventora de espaços”, trazendo à tona suas “simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo” (Certeau, 2003, p.189).

Entretanto, para Certeau, a memória, essa “arte de lembrar”, é indissociável de uma “arte de dizer” — o relato, um discurso que é memória e prática simultaneamente,

produto de trocas sutis entre as “astúcias da história vivida” e aquelas da “história narrada”. Mais do que fixar uma realidade pela descrição, o relato cria, fabrica, funda outros tempos e espaços. Configura-se como “um gesto equilibrista em que participam a circunstância (lugar e tempo) e o próprio locutor, uma maneira de saber, manipular, arranjar e “colocar” um dito deslocando um conjunto [...]” (Certeau, 2003, p.153).

Assim, os movimentos-deslocamentos-caminhos-percursos, entendidos como “ações de sujeitos históricos”, seriam responsáveis pela constituição de espaços: “parece que um movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa a uma história” (Certeau, 2003, p.203). De fato, para o autor, ainda que os percursos não sejam passíveis de fixação, eles produziram o efeito de espacializar, de “fazer efetivamente a cidade”. Isso se daria a partir da associação entre os percursos — “práticas de espaço” —, e o que se denomina “relatos de espaço”, uma perspectiva que valoriza a descrição da cidade como “fundadora de espaços”, trazendo à tona a relação entre tais práticas de espaço e a “ordem construída”.

Os relatos seriam, portanto, mais do que uma das condições essenciais de apreensão das trajetórias — são a própria “feitura dos espaços” por onde as trajetórias fluem e se condensam: “os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer”. Essa indissociabilidade entre percurso e relato vincula-se à ideia mesma de um “espaço praticado”, um espaço topológico, o qual pressupõe, por seu caráter relacional e móvel, a articulação com os tempos urbanos e os corpos (em movimento) dos atores, que delimitam e organizam espaços: trata-se, segundo o autor, da “inscrição do corpo no texto da ordem” (Certeau, 2003, p.207).

A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social de privação de lugar — uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade (Certeau, 2003, p.183).

Tais abordagens dialogam diretamente com a proposta de Telles e Cabanes (2006, p.15) de encarar as trajetórias urbanas como trilhas que permitem descrever a cidade: “ao seguir os traçados dos percursos urbanos de indivíduos e suas famílias, é a própria cidade que vai se perfilando”. Nesse sentido, as proposições de Certeau acerca da distinção entre lugares e espaços, da articulação entre percurso e relato e, principalmente, da persistente conformação da cidade transmanente — uma cidade feita de deslocamentos e ausências, mas também de relações e conexões fundamentais —, podem ser úteis para apreender os campos de força presentes em tais trajetórias.

De fato, se pensarmos nos fluxos migratórios, nas mobilidades habitacionais, nos percursos ocupacionais, nos deslocamentos cotidianos pela cidade, tal proposição faz

todo o sentido e dialoga novamente com a de Telles, para quem as inflexões de tais fluxos e mobilidades no tempo e no espaço traduziriam na escala dos destinos individuais a dinâmica mais ampla das transformações urbanas. A autora segue a indicação de Grafmayer (1995), para quem a vida urbana estaria toda ela sob o “signo da mobilidade”, o qual seria, simultaneamente, portador de “desestabilização de pertencimentos e certezas” e meio de adaptação (mais ou menos bem-sucedido) às exigências da vida urbana.

Ao articular espaços e tempos urbanos diferenciados, essa concepção de “eventos de mobilidade” parece estar se configurando, tal como aponta Telles (2006a, p.63), como perspectiva renovada aos pesquisadores urbanos, em especial àqueles inseridos nos já mencionados debates sobre pobreza e espaço urbano, justamente por permitir captar a complexidade das novas realidades urbanas, bem como os deslocamentos, processos e práticas dos atores, superando muitas das limitações de noções, categorias e parâmetros estabelecidos para medir e caracterizar a segregação urbana.

TRAJETÓRIAS E CARTOGRAFIAS: DINÂMICAS DE PRODUÇÃO E APREENSÃO DO ESPAÇO URBANO

Em se tratando do trabalho com trajetórias urbanas de moradores de periferias, como é o caso da pesquisa a movimentar este artigo, tais abordagens têm se mostrado muito profícuas no sentido de possibilitar cartografar (espacial e temporalmente) experiências urbanas ditas “marginais” (Feltran *et al.*, 2012) ou “periféricas” (Almeida *et al.*, 2008), revelando cidades outras: cidades feitas de deslocamentos, desenraizamentos, ajustes e ausências, mas também de relações, conexões, desejos e afetos, cuja multiplicidade de dimensões históricas, concepções em ato ou devires possíveis somente se dão a apreender a partir das narrativas dos sujeitos.

As trajetórias urbanas são encaradas como uma entrada privilegiada para o estudo das dinâmicas socioespaciais envolvidas em processos situados de produção e apropriação do espaço urbano (Telles, 2006b) ao permitir apreender tais processos para além das associações imediatas entre espaço e sociedade (Lepetit, 2001), trazendo à tona a via de mão dupla pela qual os fluxos urbanos estruturam trajetórias de vida e também o próprio espaço da cidade. Trata-se, portanto, de construir estratégias metodológicas centradas nestes fluxos, nos trânsitos urbanos: encontrar os instrumentos de estudo apropriados para tanto é fundamental para o sucesso da pesquisa, e o método etnográfico tem demonstrado grande potencial no estudo de tais deslocamentos (Ferreira, 2003; Telles & Cabanes, 2006; Feltran, 2011).

No caso da pesquisa em tela, para a apreensão das trajetórias urbanas em sua complexidade, a pesquisa de campo, de caráter qualitativo, ancora-se em procedimentos já consagrados em etnografias urbanas, privilegiando a realização de entrevistas semiestruturadas (e sua combinação com entrevistas abertas e conversas informais). Como recursos etnográficos complementares, são realizadas visitas de observação reflexiva de atividades cotidianas, bem como coleta de documentação de interesse da pesquisa.

Destaca-se, nesse sentido, o diálogo com a proposição de Magnani (2002, p.15) acerca do que denomina “olhar de perto e de dentro”: uma perspectiva etnográfica que permitiria “captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números”. Esse enfoque é acionado pelo autor como forma de considerar os arranjos dos próprios atores sociais, seus trânsitos, deslocamentos, apropriações, encontros e trocas no espaço urbano, entendido não como mero “cenário”, mas como parte constitutiva fundamental das práticas sociais e, conseqüentemente, do recorte de análise.

As entrevistas são realizadas com mais de um integrante de uma mesma família⁵: esta é a unidade empírica central de análise, uma vez que os arranjos internos a ela são determinantes das trajetórias urbanas a serem analisadas. O acompanhamento de uma mesma família possibilita a aproximação a uma variedade de atores (diferentes faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade, tipos de ocupação etc.) e de trânsitos pela cidade, garantindo a diversidade de trajetórias urbanas: segui-los ao longo do tempo e articular os vários relatos internos a uma mesma família é recurso científico já clássico no sentido de fazer emergir narrativas simultaneamente individuais e coletivas (Becker, 1994; Telles & Cabannes, 2006; Feltran, 2011). Além disso, tal opção metodológica favorece a apreensão dos modos como os arranjos familiares atravessam o espaço urbano e as relações com moradia e trabalho, possibilitando circunscrever alguns circuitos urbanos por meio das histórias e trajetórias familiares e evidenciando os possíveis cortes geracionais.

Nesse ponto, valeria destacar as conexões entre a perspectiva de trabalho com trajetórias urbanas e as categorias etnográficas desenvolvidas também por Magnani (2002; 2005): pedaço, trajeto, mancha, pórtico, circuito — mais especificamente as de trajeto e circuito, justamente por permitirem apreender as mobilidades, fluxos e conexões recorrentes estabelecidas para além da delimitação apriorística de espaços circunscritos ou contíguos. A articulação entre tais categorias possibilita apreender trânsitos e passagens por entre dinâmicas e produções socioespaciais variadas, permitindo levar em conta as diversas escalas das cidades e seus diferentes planos de análise (Magnani, 2002, p.26), contribuindo significativamente para o desenho metodológico da investigação.

Não há, portanto, um — e apenas um —, recorte espacial específico, uma vez que a persecução das trajetórias urbanas é que guia a pesquisa pelos espaços a serem considerados na análise: são privilegiados como ponto de partida da investigação alguns espaços urbanos “periféricos”, focalizando aquelas trajetórias que permitam abarcar situações diversificadas no que diz respeito, por exemplo, a condições de moradia, propriedade da habitação, tempo de permanência e vinculação ao processo de produção histórico dos espaços em questão, inserção em programas públicos de provisão ou melhoria habitacional e urbana, trânsitos anteriores pelo espaço urbano, entre outros critérios de seleção de trajetórias e delimitação do universo empírico que vêm sendo elaborados durante a pesquisa. Trata-se de uma proposta de pesquisa que resulta de procedimentos de construção

experimental de seu próprio objeto, cujos recortes e contornos específicos vão se delineando ao longo de seu próprio curso, de acordo com Lepetit (2001).

A partir da associação entre tais estratégias metodológicas e técnicas de pesquisa, a sistematização e análise das trajetórias vem tateando a possibilidade de composição de cartografias espaço-temporais das mesmas. Uma vez que a pesquisa não se propõe estudar um objeto circunscrito em si mesmo, mas, antes, trata de investigar processos envolvidos na produção cotidiana de espaços e experiências urbanas “periféricas” — ou, em outras palavras, prospectar processos simultâneos de constituição de subjetividades e territorialidades, acompanhando movimentos e deslocamentos, mais do que estruturas —, a concepção de cartografia tal qual desenvolvida por Deleuze e Guattari (2007) e desdobrada por Rolnik (1989) e Guattari e Rolnik (2000) parece oferecer pontos de referência importantes nesse sentido.

Nessa concepção, a cartografia trata de acompanhar deslocamentos não apenas físicos, espaciais, mas nas próprias narrativas, nas significações e, em última instância, nas subjetividades e experiências a ela emaranhadas. Nas palavras de Rolnik (1989, p.29), uma cartografia “acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos — sua perda de sentido —, e a formação de outros”. Em se tratando de perscrutar e problematizar a constituição simultânea de territorialidades, subjetividades e experiências urbanas, parece ser pertinente seguir as indicações da autora acerca de duas dimensões coexistentes em tal concepção de cartografia: aquela que se propõe a rastrear as “linhas duras”, as estruturas, o plano de organização dos territórios vigentes, bem como a que persegue as “linhas de fuga”, as desterritorializações, os movimentos e deslocamentos.

Destaca-se, ainda, a distinção promovida pela autora entre a cartografia — “desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” —, e o mapa — “representação de um todo estático” (Rolnik, 1989, p.29), aproximando-nos novamente das abordagens de Certeau acerca do percurso e do relato como fundadores de espaços. O autor irá promover uma distinção bastante incisiva entre mapas (sistema tecnológico de um espaço coerente e totalizador), de um lado, e as práticas, percursos e relatos (figuras ambulatórias), de outro: o primeiro estaria para a ideia de lugar (fixação de um próprio, instituição de uma ordem), enquanto os últimos para a noção de espaço (operações, movimentos, relações): “o traço vem substituir a prática”, diz o autor sobre os “mapas urbanos”. Ou, ainda: “onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia” (Certeau, 2003, p.176).

Ao propor, em contraposição à fixação e rigidez dos mapas, um mapeamento dinâmico do espaço por meio dos relatos — “narração oral que não cessa, trabalho interminável, de compor espaços, verificar, confrontar e deslocar suas fronteiras” (Certeau, 2003, p.208) —, torna-se inevitável aproximá-lo daquela concepção de cartografia, uma vez que também ela propõe delinear traçados heterogêneos, com infinitas conexões: não se trata de produzir mapas-decalques (Passos *et al.*, 2009), mas mapeamentos móveis (múltiplas direções, entradas, pontos de condensação).

Nesse sentido, a investigação etnográfica de trajetórias urbanas e a perspectiva de composição de uma cartografia espaço-temporal da cidade transumante que elas permitem descortinar são, portanto, mais do que opções metodológicas, estratégias de conhecimento que privilegiam trajetórias e narrativas como formas de produção e apreensão do espaço urbano.

CIDADES TRANSMANENTES, CIDADES OUTRAS: ALTERIDADES SOCIOESPACIAIS EM FOCO

Em que pesem as estratégias de conhecimento aqui apresentadas, a consideração, a partir da investigação de trajetórias urbanas de moradores de periferias, da transumância que seria constituinte das cidades parece possibilitar novos campos de reflexão e problematização sobre o espaço urbano e seus modos de produção processual, considerando práticas cotidianas, percursos e narrativas como aspectos legítimos, fundamentais e mesmo fundadores — para retomar Certeau (2003) —, de tais processos. O autor, invocando a fenomenologia de Merleau Ponty, reitera que existem tanto espaços quanto experiências espaciais distintas: considerando espaços, experiências e narrativas como inextrincáveis, cartografar essas cidades transumantes implica, portanto, apreender as múltiplas dimensões do urbano nessas trajetórias, atentando aos conflitos, aos constrangimentos, às disputas, às relações, aos afetos e às escolhas a elas inerentes.

As histórias — narrativas —, constantemente deslocadas que compõem a trajetória dos interlocutores da pesquisa em tela, não dizem apenas de seus dramas individuais ou familiares: dizem muito mais da cidade, dos espaços em que vivem, que conhecem, por onde transitam, que experienciam, enfim, revelando-os. Sob o enfoque aqui esboçado, trajetórias e narrativas urbanas “periféricas” permitem não apenas pontuar inflexões e diferenças, mas produzir inteligibilidade sobre perspectivas múltiplas e conflitantes, colocando no centro da análise a alteridade que elas encerram e que são produtoras, também, de alteridades socioespaciais a serem levadas a sério enquanto tais.

E, se mobilidade e alteridade são palavras-chave para pensar as cidades transumantes aqui referidas, cartografá-las a partir de trajetórias urbanas e suas narrativas requer um constante jogo de perspectivas, uma abordagem necessariamente relacional. Trata-se, nesse sentido, de valorizar e dar crédito científico aos nexos entre dinâmicas e relações socioespaciais, experiências urbanas e operações narrativas também como produtores da vida cotidiana e dos espaços onde ela transcorre, apreendendo cidades outras.

NOTAS

1. Este artigo é uma versão modificada de trabalho apresentado no Seminário Internacional Espaços Narrados, realizado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 2012. A pesquisa de doutorado que o ancora intitula-se provisoriamente “Cidades Outras: pobreza, moradia, política e violência em perspectiva” e conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, por meio da concessão de bolsa de doutorado.

2. Tais debates emergiram no país nos anos 1970, tendo por referência paradigmática o trabalho de Oliveira (1972), o qual influenciou significativamente os estudos subsequentes sobre pobreza e espaço urbano, introduzindo no debate as noções de periferia e de urbanização periférica. Destaca-se alguns trabalhos pioneiros, como: Kowarick e Brant (1975); Sampaio e Lemos (1978); Bonduki e Rolnik (1979); Kowarick (1979); Maricato (1979); Valladares (1980); entre outros, muitos deles levados a cabo por toda uma geração de arquitetos e urbanistas. Uma revisão dos desdobramentos deste debate até os anos 2000 pode ser encontrado em Rosa (2008).

3. As periferias são encaradas não apenas no sentido físico e geográfico do espaço como designação dos limites das cidades e em relação dual com uma centralidade também ela geográfica, mas sobretudo nos termos de “situações periféricas”, tal como proposto por Almeida *et al.* (2008): não se trata de um “estado de exclusão”, mas de contextos socioespaciais em que há “acesso precário a melhorias materiais e a recursos simbólicos”. Como explicitam os autores a respeito do termo “periférico”, trata-se do fato de “o ‘foco’ empírico estar na posição hierarquicamente inferior do espaço social, distante das centralidades da produção e reprodução de bens materiais e simbólicos com maior valor social” (Almeida *et al.*, 2008, p.111).

4. Em alguma medida, sua utilização aproxima-se, também, da noção de trajetória proposta por Bourdieu (1998, p.189), em crítica à abordagem biográfica como sucessão longitudinal e coerente de acontecimentos: “Série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”.

5. Vale dizer que, ao abordar a unidade “família”, não se refere exclusivamente a integrantes possuidores de laços consanguíneos, mas também àqueles que coabitam uma mesma unidade habitacional. Trata-se do que a literatura denomina “família ampliada”. Referência fundamental para o estudo de famílias e suas trajetórias urbanas são os trabalhos de Cabanes (2006; 2011).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. *et al.* Situações periféricas: etnografia comparada de pobreza urbanas. *Novos Estudos CEBRAP*, n.82, 2008. p.109-130
- BECKER, H. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BONDUKI, N.; ROLNIK, R. *Periferias: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho*. São Paulo: FAUUSP, 1979. (Caderno de Estudos e Pesquisas Fupam).
- BORDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.183-191.
- CABANES, R. Espaço privado e espaço público: o jogo de suas relações. In: TELLES, V.; CABANES, R. (Org.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006. p.389-428.
- CABANES, R. Qual dialética é possível entre o espaço público e o privado? In: CABANES, R. *et al.* (Org.). *Saídas de emergência*. São Paulo: Boitempo, 2011. p.437-459.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. São Paulo: 34, 2007.
- FELTRAN, G.S. *Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2011.
- FELTRAN, G.S. *et al.* *As margens da cidade: grupos urbanos marginais, política e violência no estado de São Paulo*. São Carlos: UFSCar, 2012. (Relatório de Pesquisa).

FERREIRA, M.I.C. *Trajatórias urbanas de moradores de uma favela de um distrito de elite na capital paulista*. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

GRAFMEYER, Y. *Sociologia urbana*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1995.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

KOWARICK, L. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KOWARICK, L.; BRANT, V.C. (Coord.). *São Paulo, 1975: crescimento e pobreza*. São Paulo: Loyola, 1975.

LEPETIT, B. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Edusp, 2001.

MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.49, p.11-29, 2002.

MAGNANI, J.G.C. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, v.17, p.173-205, 2005.

MARICATO, E. (Org.). *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

OLIVEIRA, F. *A economia brasileira: crítica à razão dualista*. Petrópolis: Vozes, 1972.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROSA, T.T. *Fronteiras em disputa na produção do espaço urbano*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SAMPAIO, M.R.; LEMOS, C. *Habitação popular paulistana: autoconstrução*. São Paulo: USP, 1978.

SILVA, E.A. *Nas tramas da cidade ilegal: atores e conflitos em ocupações de terra urbana*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

TELLES, V.S.; CABANES, R. (Org.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006.

TELLES, V.S. Debates: a cidade como questão. In: TELLES, V.S.; CABANES, R. (Org.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006a. p.35-64.

TELLES, V.S. Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade. In: TELLES, V.S.; CABANES, R. (Org.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006b. p.69-116.

VALLADARES, L.P. (Org.). *Habitação em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

THAÍS TRONCON ROSA Universidade de São Paulo | Instituto de Arquitetura e Urbanismo | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo | Av. Trabalhador São-Carlense, 400, Centro, 13566-590, São Carlos, SP, Brasil | E-mail: <thaisrosa@yahoo.com>.

Recebido em
25/3/2013,
reapresentado
em 1/10/2013
e aprovado em
28/11/2013.

LEGISLAÇÃO AMBIENTAL E URBANÍSTICA NO BRASIL: O CASO PORTO DA BARRA EM FLORIANÓPOLIS

URBAN AND ENVIRONMENTAL LEGISLATION IN BRAZIL: THE CASE OF PORTO DA BARRA IN FLORIANÓPOLIS | LEGISLACIÓN URBANO Y AMBIENTAL EN BRASIL: EL CASO DE PORTO DA BARRA EN FLORIANÓPOLIS

GABRIEL BERTIMES DI BERNARDI LOPES, JULIANA CIDRÃO CARIONI, NELSON POPINI VAZ

RESUMO

Este artigo analisa a dinâmica socioambiental instaurada no desenvolvimento dos grandes empreendimentos turísticos em Florianópolis, utilizando o Porto da Barra como objeto de estudo. São identificados os princípios do direito ambiental e urbanístico com destaque para a Política Nacional do Meio Ambiente, a Lei da Ação Civil Pública e o Estatuto da Cidade, além das fases de urbanização e o surgimento dos grandes empreendimentos turísticos na capital catarinense. Ao final, são analisadas as relações socioambientais do empreendimento em tela com o poder público, com os movimentos sociais e com as comunidades locais. Portanto, o estudo aqui proposto requer um referencial teórico e metodológico que possibilite a compreensão das relações sociais, ambientais e econômicas responsáveis pelas políticas públicas, que vão determinar, na prática, a garantia ou não da preservação e distribuição equitativa dos recursos naturais para as próximas gerações. Historicamente, os recursos naturais sempre estiveram ligados ao desenvolvimento econômico global, servindo de combustível para sustentar esse crescimento. Logo, é preciso equilibrar a relação entre a utilização dos recursos naturais e o desenvolvimento econômico, para que as próximas gerações não paguem, até mesmo com a vida, pelos erros decorrentes do mau uso de tais recursos.

PALAVRAS-CHAVE: Estatuto da cidade. Impactos socioambientais. Lei da ação civil pública. Política nacional do meio ambiente.

ABSTRACT

The aim of the paper is to analyze the dynamics established in the environmental development of major tourism enterprises in Florianópolis using as an object of study Porto da Barra. The main principles of environmental law and urban planning are identified, focusing on the National Environmental Policy, the Public Civil Action Law and the City Statute, in addition to the urbanization stages and the emergence of large tourist developments in the capital city of Santa Catarina. Finally, we analyze the socio-environmental relationships involving the government, social movements and local com-

munities. Therefore, the study proposed requires a theoretical and methodological framework that enables the understanding of social, environmental and economic policy makers, who will determine, in practice, whether the natural resources will be preserved and equitably distributed to the next generations. Historically, natural resources have always been linked to global economic development, serving as fuel to sustain growth. Therefore, the balance between the use of natural resources and economic development is needed to assure that future generations do not pay, even with their own life, for the misuse of these resources.

KEYWORDS: *City statute. Social and environmental impacts. Public civil action law. National environmental policy.*

RESUMEN

Este trabajo analiza la dinámica social y medioambiental establecidas en el desarrollo de grandes proyectos de turismo en Florianópolis, utilizando Porto da Barra como objeto de estudio. En él se identifican los principios de derecho ambiental y urbano destacando la Política Nacional Ambiental, la Ley de Acción Civil Pública y el Estatuto de la Ciudad, además de las fases de la urbanización y la aparición de grandes desarrollos turísticos en la capital de Santa Catarina. Al final, se analizan las relaciones socioambientales en cuestión con el Poder Público, con los movimientos sociales y las comunidades locales. Por lo tanto, el estudio que aquí propuesto requiere de un marco teórico y metodológico que permita la comprensión de las relaciones sociales, ambientales y económicas, responsables por las políticas públicas, que determinarán, en la práctica, la garantía o no de la conservación y la distribución equitativa de los recursos naturales para las próximas generaciones.

Históricamente, los recursos naturales siempre han sido asociados al desarrollo económico global, sirviendo como combustible para sostener ese crecimiento. Por lo tanto, es necesario equilibrar la relación entre el uso de los recursos naturales y el desarrollo económico, para que las generaciones futuras no paguen, incluso con la vida, por los errores derivados de la mala utilización de dichos recursos.

PALABRAS CLAVE: *Estatuto de la ciudad. Impactos sociales y ambientales. Ley de acción civil pública. Política nacional ambiental.*

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a dinâmica socioambiental instaurada no desenvolvimento dos grandes empreendimentos turísticos em Florianópolis (SC), utilizando o Porto da Barra como objeto de estudo. O caso em tela trás uma série de conflitos ligados à construção deste

empreendimento turístico habitacional de grande porte, pertencente ao Grupo Portobello, junto a uma antiga colônia de pesca artesanal, localizada na Barra da Lagoa em Florianópolis. Pesquisa esta baseada em análise de campo, nos pareceres do Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e do Relatório de Impacto ao Meio Ambiente (RIMA), bem como na Ação Civil Pública (ACP) impetrada pelo Ministério Público Federal (MPF) contra a empresa Portobello e a Fundação do Meio Ambiente (FATMA).

Identifica-se, na primeira seção, a legislação ambiental e urbanística vigente no Brasil com destaque para a Política Nacional do Meio Ambiente e o Estatuto da Cidade. Na segunda seção, são identificadas as fases recentes do processo de urbanização de Florianópolis e o surgimento dos grandes empreendimentos turísticos na capital catarinense. E, por fim, na terceira seção, há um estudo sucinto sobre o caso do projeto urbanístico do Porto da Barra, empreendimento este a ser localizado na Barra da Lagoa, tradicional comunidade de origem açoriana situada a leste na ilha de Santa Catarina. Atualmente, grandes empresas ditam a organização do mercado hoteleiro em Florianópolis, em consonância com a busca da elevação dos lucros, mas em detrimento da qualidade de vida do cidadão florianopolitano.

O estudo aqui proposto apoia-se em um referencial teórico e em um método que busca a compreensão das múltiplas determinações — políticas, econômicas, culturais, ambientais —, do objeto em pauta. Dessa forma, utilizar-se-á como instrumento de análise a categoria axial ao marxismo, a formação socioespacial (Santos, 1977). Coube a Santos (1977), no artigo intitulado “*Sociedade e espaço: formação social como teoria e como método*”, realçar a relevância de seu uso na geografia. Segundo Santos (1977, p.10), “A história não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo é social”. Logo, demonstra-se a impossibilidade de dissociar a dimensão espacial dessa categoria, configurando-se em perspectiva teórica essencial nos estudos geográficos. Essa categoria envolve as noções de desenvolvimento desigual e da sobrevivência de estruturas capitalistas das formações anteriores.

Em mesma linha de pensamento, pode-se dizer que o estudo da lei não é dissociado das condições concretas ou do contexto do qual que ela emana; visto que, do contrário, cair-se-ia na metafísica da lei ou no enfoque supra-histórico do direito, já bastante superado nas últimas décadas.

A pesquisa analisou a legislação ambiental e urbanística brasileira, o processo de urbanização e o surgimento dos grandes empreendimentos turísticos em Florianópolis. Construiu-se uma hipótese específica, baseada na dinâmica socioambiental instaurada no caso em tela.

LEGISLAÇÃO AMBIENTAL E URBANÍSTICA NO BRASIL

Destaca-se a importância dos princípios do direito ambiental como orientadores da legislação ambiental e urbanística. No caso em tela são discutidos os princípios do desenvolvimento sustentável e da participação.

O princípio do desenvolvimento sustentável decorrente, sobretudo, dos debates da Conferência Mundial do Meio Ambiente realizada no ano de 1972, em Estocolmo, foi utilizado pela primeira vez em 1987, no relatório Brundtland. Considera-se basicamente que os recursos ambientais não são inesgotáveis, formando um contexto de que não devem ser utilizados sem considerar esse fato. A relação entre economia e meio ambiente deve existir, não sem conflitos, ainda que essa relação seja instável, nos marcos de uma economia capitalista, em que o capital e seu modo de acumulação, em si, são consumidores de recursos e transformadores da natureza quase sem limites. Nessa linha, busca-se o desenvolvimento, mas de forma sustentável e projetada, para que os recursos existentes de hoje não se esgotem Fiorillo (2006).

Outro princípio fundamental do direito ambiental é o princípio da participação, que visa à conscientização e ao controle social sobre o manejo do ambiente. A comunidade tem o dever de participar das assembleias comunitárias e audiências públicas sobre meio ambiente, com o objetivo de garantir um ambiente ecologicamente equilibrado para as presentes e as futuras gerações. Diante dos interesses difusos e coletivos da sociedade, a participação visa à conservação do meio ambiente, tendência essa que teve início na segunda metade do século XX, conforme destaca Machado (2006).

Verifica-se a relevância que os princípios ambientais possuem no atual sistema jurídico brasileiro, podendo ser aplicados nas diferentes áreas do ordenamento espacial. Auxiliam o legislador nas elaborações das normas, nas interpretações das mesmas e também em sua aplicação nas diferentes esferas jurídicas, orientando leis como a Lei da Política Nacional do Meio Ambiente, a Lei da Ação Civil Pública, e o Estatuto da Cidade.

A Lei da Política Nacional do Meio Ambiente, entre muitas finalidades, trouxe para o mundo do Direito o conceito de meio ambiente como objeto específico de proteção em seus diversos aspectos. Instituiu o Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA), que oferece o planejamento de atividades integradas de múltiplos órgãos governamentais por meio de uma política nacional para o setor. Estabelece a obrigação de o poluidor reparar os danos causados, baseado no princípio da responsabilidade objetiva (ou sem culpa) em ação movida pelo Ministério Público.

Os instrumentos são meios, medidas e procedimentos pelos quais o poder público executa a política ambiental que deve focar-se sempre na preservação, melhoria e recuperação do meio ambiente e no equilíbrio ecológico, salienta Séguin (2000).

Conforme Machado (2006), as expressões Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) representam documentos distintos. O EIA tem maior abrangência e engloba o RIMA, abrange o levantamento da literatura científica e legal pertinente, trabalhos de campo, análises de relatório e a própria redação do relatório Machado (2006).

O Estudo de Impacto Ambiental é um dos instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente, encontrado no artigo 9º, III, da Lei nº 9.638/1981 (Brasil, 1981). As

noções de estudo e avaliação se completam por meio do preceito constitucional e dos preceitos de legislação ordinária na Lei nº 6.803/1980 (Brasil, 1980). As verificações e análises do EIA terminam por um juízo de valor, ou seja, avaliação favorável ou não ao projeto. Não se admite um EIA que se abstenha de emitir a avaliação do projeto.

A obrigatoriedade do prévio EIA para a construção de projetos potencial ou efetivamente poluidores é uma delegação constitucional. No entanto, demonstra-se que a norma constitucional traz muitas dúvidas e divergências, no que se refere à sua adequada compreensão, de acordo com Antunes (2008).

O Estudo de Impacto Ambiental é o instrumento necessário para caracterizar se o empreendimento poderá causar significativo impacto ambiental. Sempre que não se exigir o EIA, passa a haver um prejuízo potencial para as unidades de conservação da área de influência do projeto, segundo Machado (2006).

O Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) deve então expressar todas as conclusões do Estudo de Impacto Ambiental. O conteúdo do EIA e do RIMA vinculam, entretanto, o órgão público ambiental com a equipe multidisciplinar responsável. Quando o órgão público já possui informações que devam fazer parte do EIA e do RIMA, deve passar tais informações para a equipe multidisciplinar, que deverá confrontar e integrar as informações recebidas com as que ela levantar. Do contrário, fragmentar-se-ia o EIA e o RIMA, o que viciaria todo o procedimento. Para Machado (2006), o órgão público não poderá dispensar qualquer dos elementos de conteúdo do EIA e do RIMA.

Outra lei ambiental importante, assim como a Lei da Política Nacional do Meio Ambiente, é a Lei nº 7.347/1985 (Brasil, 1985), que normatizou a Ação Civil Pública como instrumento processual específico para a defesa do meio ambiente e de outros interesses difusos e coletivos.

Como destaca Milaré (2004), essa lei fez com que a agressão ambiental finalmente se tornasse um caso de justiça. Por meio dessa lei, associações civis ganharam força para agir em juízo e juntamente com o Ministério Público (MP) puderam, em parte, frear as inconsequentes agressões ao meio ambiente.

Cumprir observar que o meio ambiente ganha muito em ter o MP como um dos atores da Ação Civil Pública, munido de poderes para uma atuação eficiente e independente. O inquérito civil, atribuição constitucional do MP, servirá para uma eficiente colheita de provas para embasar a ação judicial. Destaca-se que essa Instituição vem propondo uma elevada quantidade de ações civis públicas ambientais, em que no polo passivo estão os Governos Federal ou Estadual, além de empresas públicas ou privadas, salienta Machado (2006).

Milaré (2004) frisa que foi conferido por lei o poder de provocar o judiciário para defesa de interesses transindividuais: ao MP; às pessoas jurídicas estatais; às entidades e aos órgãos da administração pública, direta e indireta, ainda que sem personalidade jurídica; às associações que ostentem um mínimo de representatividade; e aonde não houver coincidência entre o titular do bem lesado e o sujeito do processo.

O Estatuto da Cidade, Lei nº 10.257/2001 (Brasil, 2001), é outra lei imprescindível para a obtenção do desenvolvimento urbano sustentável. Seu objetivo é garantir à população o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, utilizando uma série de instrumentos no controle dos impactos urbanos.

São instrumentos utilizados para o fim dessa lei: planos nacionais, regionais e estaduais de ordenamento do território e de desenvolvimento econômico e social; planejamento das regiões metropolitanas, aglomerações urbanas e microrregiões; planejamento municipal, incluindo elaboração de plano diretor, parcelamento e uso do solo, zoneamento ambiental, plano plurianual, diretrizes orçamentárias e gestão orçamentária participativa, além dos planos setoriais; Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU); desapropriações, tombamento de imóveis ou mobiliários urbanos, instituição de unidades de conservação e zonas de especiais de interesse social, usucapião especial do imóvel urbano, outorga onerosa do direito de construir e de alteração de uso, operações urbanas consorciadas, regularização fundiária, assistência técnica e jurídica para as comunidades menos favorecidas, além da realização de referendos populares e plebiscitos; Estudo Prévio de Impacto Ambiental (EIA) e Estudo Prévio de Impacto de Vizinhança (EIV).

Para Rolnik (1988), o Estatuto da Cidade é uma legislação pioneira de regulação no âmbito federal para as políticas urbanas sem a ficção tecnocrática dos velhos planos diretores, que prometiam tudo, mas que não possuíam instrumentos para realizar o que propunham. Ele apresenta três características principais que o tornam inovador. Novos instrumentos urbanísticos voltados a induzir mais do que normatizar as formas de uso e ocupação do solo, novas estratégias de gestão que incorporam a ideia de participação direta dos cidadãos em processos decisórios sobre o destino da cidade e ampliação das possibilidades de regularização das posses urbanas.

Todo esse conjunto de normas e leis configura o contexto jurídico que envolve a dinâmica socioambiental instaurada no processo de implantação dos grandes empreendimentos turísticos em Florianópolis, inclusive na dinâmica do projeto do Porto da Barra.

A URBANIZAÇÃO E O SURGIMENTO DOS GRANDES EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS EM FLORIANÓPOLIS

É de suma importância destacar as três fases do processo de urbanização de Florianópolis, divididas por Bastos (2000). Salienta, o autor, que o processo de urbanização da capital catarinense é vinculado ao processo de ascensão e decadência da pequena produção mercantil açoriana e à divisão territorial e social do trabalho, impulsionada pelo desenvolvimento industrial no Brasil. As fases de urbanização, segundo esse autor, são as seguintes: 1ª fase) vinculada à condição de praça exportadora (século XVIII até 1875); 2ª fase) vinculada à condição de praça importadora (1875 até 1960); 3ª fase) vinculada à inserção no contexto capitalista industrial brasileiro (1960 aos dias atuais), no caso da capital, refe-

rente à expansão do aparelho de Estado; comércio. Ainda nessa fase, ocorre a expansão do turismo, em particular, como nova forma de acumulação e de circulação do capital, com o surgimento de megaprojetos de alto impacto ambiental, com investimento privado nacional e internacional.

A inserção da capital catarinense no contexto capitalista industrial brasileiro (3ª fase de urbanização de Florianópolis) resultou em forte resistência por parte dos capitais comerciais locais, principais beneficiados nas fases precedentes e que, porém, foram substituídos por capitais comerciais nacionais, a exemplo de empreendimentos como Colombo, Arapuã, Pão de Açúcar e Ponto Frio, bem como regionais, como Cassol, Imperatriz e Casas da Água.

Os desdobramentos da fase fazem-se sentir em: atividade pesqueira via Sudepe (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca); processo de balnearização de Florianópolis; modernização das instituições públicas por meio da instalação das universidades públicas: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina (UDESC), estatais como Eletrosul Centrais Elétricas S.A., Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A (Celesc), Banco do Estado de Santa Catarina (Besc), Telecomunicações de Santa Catarina (Telesc), Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS), Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER); bem como obras de infraestrutura, a exemplo da construção da BR 101, dos aterros da Baía Sul e do Saco dos Limões, das pontes Colombo Sales e Pedro Ivo Campos e de diversas outras obras, cujo montante de investimentos públicos *per capita* foi um dos mais elevados do País no período militar.

Foi na terceira fase de urbanização que se iniciou a expansão imobiliária e seu consequente processo especulativo voltada, sobretudo, ao turismo em Florianópolis. Tudo isso se dá a partir da década de 1970 e se intensifica na década de 1990.

Conforme salienta Peres (2008), a partir dos anos 1980 os preços dos terrenos próximos à orla duplicam em média com relação aos mais distantes, indicando uma acelerada tendência de valorização crescente das bordas de água ou orla de Santinho, cujo processo de ocupação, que se agrava nas temporadas de verão, tende a aproximar-se da configuração densificada atual da orla de Ingleses Sul, onde a integração paisagística e visual da orla com o mar é obstruído pelas edificações. Este modelo de concentração na orla, há décadas, se reproduz tanto na parte insular quanto na parte continental da microrregião de Florianópolis.

Diversos autores que têm estudado a orla de Santa Catarina, particularmente a região de Florianópolis, verificaram que o processo de ocupação portuguesa da orla desenvolveu-se de “costas” para o mar e, desde os anos 1960, as edificações começaram a voltar-se de frente para o mar, tornando-a um bem que começa a possuir outro valor de uso e principalmente mercantil. A crescente destruição dos ecossistemas na orla, principalmente a partir da década de 1980, é resultado de um modelo de ocupação que privilegia a orla como objeto de valorização fundiária e imobiliária.

A partir de 1985 se intensifica a especulação imobiliária na orla e nos balneários de Florianópolis com os grandes empreendimentos que promovem severos impactos socio-ambientais. Esse processo culminou com o que pode ser classificado como “quarta fase de urbanização de Florianópolis”.

Sobre as principais causas que poderiam ser enumeradas para explicar o vertiginoso crescimento urbano dos municípios da orla atlântica catarinense, Bastos (2000) destaca: 1) dinamismo econômico brasileiro e catarinense; 2) expansão do mercado ligado ao turismo; 3) a reserva de valor na aquisição de imóveis em áreas desvalorizadas, mas com potencial turístico; 4) a melhoria das infraestruturas urbana e rodoviária como força atrativa de investidores, mão-de-obra, novos moradores e turistas.

O vertiginoso crescimento da população brasileira e notadamente da orla marítima entre 1970 e 2000 denuncia o avanço do crescimento urbano, enquanto a população urbana no Brasil multiplicou-se 2,64 vezes, a população urbana de Santa Catarina e dos municípios do litoral catarinense multiplicou-se, respectivamente, 3,7 e 4,6 vezes. Eis a representação do “fenômeno da litoralização”, na verdade, presente há muito tempo no Brasil (Pereira, 2007).

Logo, trata-se de área que historicamente sofre demasiada pressão exercida pela ação antrópica, a exemplo de Florianópolis, cuja transição do rural para o urbano implicou em danos severos ambientais e sociais. Veado (1998) argumenta que a principal atividade da Ilha de Santa Catarina resume-se tradicionalmente no setor terciário, porque Florianópolis canaliza para si a prestação de serviços — educação, comércio, profissões liberais, administração pública etc. Entretanto, nas últimas décadas, o turismo vem surgindo como o principal meio de vida de um número considerável de pessoas e instituições.

O crescimento anual do fluxo dificulta o estabelecimento de medidas de planejamento, e o que se vê é um crescimento acentuado de cidades como Florianópolis. A abertura de vias de comunicação, quase sempre mal planejadas, acaba criando outros problemas, como a inexistência de rede de águas pluviais, a impermeabilização da pista de rolamento com escoamento superficial dificultado pelo relevo plano, a deficiência na distribuição de água e energia elétrica, a deficiência ou inexistência de pavimentação, dentre outros fatores.

A expansão urbana sem planejamento efetivo leva à ocupação irregular das encostas, dos mangues, das restingas e não tem merecido atenção das autoridades, ou, quando muito, apenas parcial. Somado ao lançamento no mar de esgotos domésticos, de restaurantes e de hotéis, fossas sépticas mal dimensionadas e mal construídas, que deterioram os aquíferos, lixo nas praias, infraestrutura hoteleira de restaurantes e bares incipientes para a quantidade de turistas.

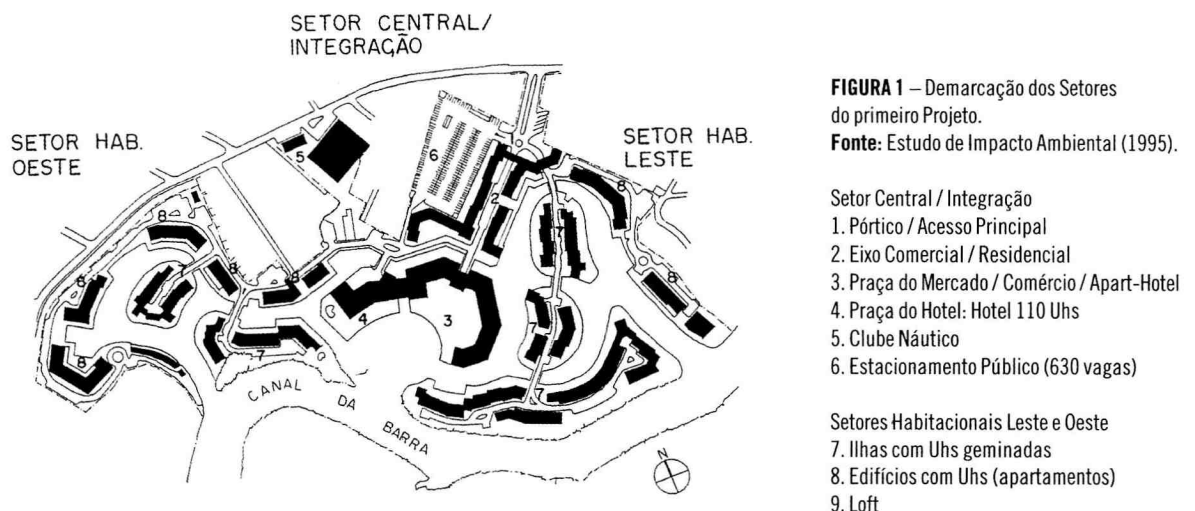
Pereira (2011) destaca que Florianópolis começou, a partir de 2006, um planejamento dito participativo, por meio de diversos agentes e atores sociais, públicos e privados, filiados às mais diversas tendências, legitimados por organizações da sociedade civil ou por

seus lugares de moradia. O planejamento que se procura fazer depois da lei denominada Estatuto da Cidade é certamente diferente daquele feito em outros tempos porque o conhecimento urbanístico mudou, não apenas em função de uma nova reflexão sobre a prática de intervenção na cidade, mas principalmente porque a cidade que hoje temos, e não é o caso particular de Florianópolis, também apresenta outras características.

Atualmente, grandes empresas ditam a organização do mercado imobiliário em Florianópolis, em consonância com a busca da elevação dos lucros em detrimento da qualidade de vida do cidadão florianopolitano. O empreendimento denominado Resort Il Campanário Villaggio, do grupo financeiro e imobiliário Habitasul, enquadra-se como representação dessa realidade, além de outros empreendimentos, como o Porto da Barra — empreendimento do grupo Portobello situado na Barra da Lagoa (parte leste insular) e o Condomínio Residencial Costão Golf, no norte da Ilha de Santa Catarina e pertencente ao grupo Costão do Santinho Empreendimento Turístico.

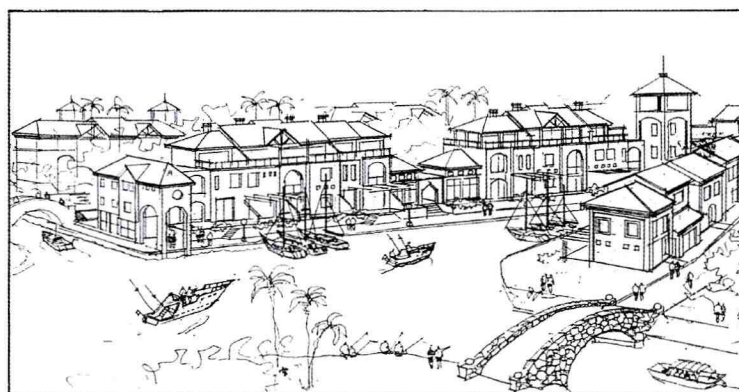
O PAPEL DO PODER PÚBLICO, DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E DAS COMUNIDADES LOCAIS FRENTE OS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS DO PORTO DA BARRA EM FLORIANÓPOLIS

O primeiro Projeto Urbanístico Porto da Barra tinha característica de um porto de lazer composto por edificações de uso misto e coletivo, quais sejam: hotel, espaços comerciais e habitações multifamiliares; estruturado em Setor Central e dois Setores Habitacionais (Figuras 1 e 2). O Setor Central tinha no seu foco o ponto de maior convergência do projeto que é a Praça do Mercado onde terá animação de bares e restaurantes. Complementando o Setor Central foram projetados equipamentos coletivos: 1 estacionamento público com previsão para 630 vagas de carro, 1 Náutico com áreas para exposição e comércio, e 1 Hotel/*Apartment* Hotel de porte médio na Praça do Hotel conjugado à Praça do Mercado





SETOR CENTRAL / INTEGRAÇÃO
HOTEL / APART-HOTEL - ILHA DO MERCADO



SETOR HABITACIONAL
EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS - ILHAS C/ UHS GEMINADAS

FIGURA 2 – Setor Central / Integração e Setor Habitacional.

Fonte: Estudo de Impacto Ambiental (1995).

consolidando as atividades turísticas de hospedagem e gastronomia. Os setores habitacionais eram formados por condomínios multifamiliares: conjuntos de unidades habitacionais geminadas de dois pavimentos e ático, e conjuntos de unidades habitacionais em bloco de apartamento de dois pavimentos com ático.

Em virtude do impasse judicial por mais de 15 anos que envolve o empreendimento do grupo Portobello, denominado Projeto Porto da Barra, no que diz respeito ao primeiro projeto arquitetônico houve diversas modificações, como exemplo do setor náutico o primeiro projeto tinha previsão para uma frota de 300 embarcações, e no último projeto a capacidade foi reduzida para 100. A Figura 3 representa a imagem da volumetria do primeiro projeto.

Para analisar as alterações feitas do primeiro projeto arquitetônico para o atual é necessário uma compreensão aprofundada do caso em tela. No decorrer da Ação Civil Pública o empreendedor foi adaptando o projeto às necessidades exigidas pelo MPF.

Segundo o Ministério Público Federal, a Portobello apresentou seu primeiro projeto à Fundação do Meio Ambiente (FATMA) em 1989. Nessa época, o empreendi-



FIGURA 3 – Foto da maquete do empreendimento.

Fonte: Disponível em: <<http://www.arq.ufsc.br>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

mento denominava-se “Marina Vila Náutica”. Em 22 de janeiro de 1990, a FATMA indeferiu a Licença Ambiental Prévia (LAP). Não havia sido realizado um Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto do Meio Ambiente (EIA/RIMA). Em setembro de 1994, o grupo Portobello entrou com novo pedido de licenciamento ambiental junto à FATMA, para o empreendimento que passa a se chamar Porto da Barra.

Em agosto de 1995, a empresa Engevix concluiu o EIA/RIMA (1995). A Fundação Lagoa, um dos principais opositores ao Projeto, solicitou a diversos professores da UFSC que elaborassem um parecer técnico sobre o empreendimento. A Procuradoria da República em Santa Catarina enviou à FATMA, em 11 de dezembro de 1995, uma correspondência na qual eram questionados diversos aspectos do Projeto Porto da Barra (Villasbôas, 2003).

Conforme Ação Civil Pública nº 97.0000001-0/SC, foi realizada uma Audiência Pública na Barra da Lagoa em 6 de abril de 1996, expondo todas as fragilidades do EIA/RIMA (1996). A LAP foi deferida pela FATMA em 18 de setembro de 1996. Em 19 de dezembro de 1996, o MPF e a União Federal, por meio de seus procuradores, impetram a Ação Civil Pública (Processo nº 97.0000001-0), com pedido de liminar contra os réus do Projeto Porto da Barra e a FATMA. Em 27 de fevereiro de 1998, a Justiça Federal decidiu-se por deferir a liminar da Ação Civil Pública para impedir o início das obras e suspender as Licenças Ambientais expedidas pela FATMA (Villasbôas, 2003).

Vale destacar algumas possíveis irregularidades do projeto inicial, conforme a ACP: a) não foram pesquisados no EIA/RIMA detalhes sobre o aquífero subterrâneo que poderiam ser utilizados no empreendimento; b) o impacto sobre o sistema viário foi pouco trabalhado no EIA/RIMA; c) não há um detalhamento do sistema de tratamento de esgoto proposto e tão pouco do local da Estação; d) constata-se a descaracterização da área por aterramentos feitos em datas passadas, para realização de festas locais ou por ação do

próprio empreendedor; e) as tainhas e pós-larvas de camarão poderiam vir a ser afetados pelos fortes ruídos provocados pelos motores dos barcos; f) a implantação do empreendimento poderia causar a ruptura da dinâmica das linhas laterais do canal da Barra em virtude dos canais artificiais que seriam dragados sem contato como canal principal; g) possíveis danos sobre a pesca constituiriam um dos pontos mais relevantes para a comunidade local. Caso a poluição por esgoto e pelo combustível não fosse controlada poderia haver comprometimento tanto da qualidade como da quantidade do pescado.

A Figura 4 apresenta uma foto aérea da implantação do empreendimento e seu entorno.



FIGURA 4 – Delimitação da área do empreendimento.
Fonte: Villasbôas (2003, p.132)

É notória a polêmica social que envolve o caso em tela. Aparentemente uma maior elitização da ocupação da área da Barra da Lagoa acabaria com a tranquilidade daquele morador do local que nasceu em Florianópolis, ou mesmo daquele que primeiro a descobriu e veio fugido dos problemas das grandes cidades. Aliás, são estes moradores que enfrentam suas próprias contradições. Dizem terem adotado a Ilha por seus encantos e magias, às vezes dizem até querer uma marina conforme a proposta no projeto. Defendem também, os espaços públicos que restam da lagoa, pois indubitavelmente eles devem ser preservados.

Em suma, para essas pessoas, os belos espaços da lagoa representam as maiores atrações turísticas e de lazer da Ilha de Santa Catarina. Criticam muito o “fechamento” da lagoa por residências construídas juntas a sua margem, pois não proporcionam um espaço livre para que as pessoas possam usufruí-la livremente, afinal todos sabem que ela constitui um bem público e de uso comum.

A percepção que emerge nessa reação de setores sociais da alta classe média e também da classe média é a mesma que se dá contra o projeto de construção do Porto da Barra: a proteção de toda a bacia da Lagoa da Conceição, especialmente como lugar de recreação, servindo a todos estes moradores como local de banhos, descanso, diversão noturna, gastronomia entre outros.

Segundo Alexandre (2003), tanto os moradores da Barra da Lagoa quanto os moradores da Lagoa da Conceição encaram de forma negativa e preocupante a construção do empreendimento, assim como os empresários da Lagoa da Conceição. Já entre os empresários e líderes políticos da Barra da Lagoa, assim como para os pescadores da região a

situação é inversa. Eles apoiam a construção do empreendimento alegando que os impactos socioambientais serão “controlados”. Esse tipo de atitude indica um estreito relacionamento de pescadores, empresários e lideranças políticas locais com o empreendedor.

Destaca Villasbôas (2003) que a ONG Fundação Lagoa manifestou que o projeto foi muitas vezes discutido abertamente na comunidade, e foi louvável o empenho do empreendedor em abrir o projeto para a comunidade, porém afirma que a capacidade de carga de poluição da lagoa já se esgotou e o projeto significaria uma carga adicional que não teria como ser absorvida. Segundo a ONG, a comunidade só assimila os benefícios potenciais que o projeto traria, como a melhoria da urbanização do local, geração de empregos, entre outros, sem compreender a gravidade dos impactos que seriam causados.

A Federação dos Pescadores de Santa Catarina preocupou-se desde o início com os impactos ambientais e solicitou informações sobre como esses impactos seriam tratados. O Presidente da Colônia de Pescadores Z-11 confiava então na responsabilidade do empreendedor e nos benefícios que o Projeto traria para a comunidade, alegando que a pesca não estava dando dinheiro e o projeto seria a salvação para os pescadores que estavam morrendo de fome. (Villasbôas, 2003).

Outro tipo de reação a esse projeto parece originar-se, ainda, a partir da hipótese de que a construção do Porto viria a inviabilizar as atividades dos laboratórios da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), instalados exatamente na Lagoa, principalmente por razões técnico-científicas, contidas nos autos do processo que envolve o caso em tela.

Atualmente, o Ministério Público Federal foi intimado a informar acerca da tentativa de solução conciliada, que justificou a paralisação do feito por vários anos.

À União foi determinado que informasse se havia ocorrido, de fato, o cancelamento da ocupação da área destinada à instalação do empreendimento objeto de discussão nos autos. O MPF informou que a conciliação não se realizou. Como não houve acordo e nem há prova concreta da desistência da pretensão do empreendedor, o MPF deu prosseguimento ao feito.

A União, por sua vez, esclareceu que eventual cancelamento da ocupação depende de um laudo do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) a respeito da característica da área e de preservação permanente. Em vista da informação trazida pelo MPF, intima-se o grupo Portobello para esclarecer se ainda persiste seu interesse na implantação do empreendimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente os recursos naturais estiveram ligados ao desenvolvimento econômico global, servindo de combustível para sustentar esse crescimento. É preciso equilibrar a relação entre a utilização dos recursos naturais e o desenvolvimento econômico, para que as próximas gerações não paguem, até mesmo com a vida, pelos erros decorrentes do mau uso de tais recursos.

Como se pode constatar no caso estudado, a concepção de turismo considerada pelo empreendedor tem como objetivo a substituição gradativa da hegemonia da antiga população da Barra da Lagoa por outra hegemonia de uma camada mais rica, de classe alta ou pelo menos média alta, e também por um turista de consumo mais exigente, possuidor de embarcações de recreio, principal público-alvo do empreendimento do Porto da Barra. Assim, tornou-se importante que os efeitos e riscos do investimento sobre as populações locais fossem esclarecidos.

Verifica-se também que muitas alterações efetuadas posteriormente no Plano Diretor de Florianópolis beneficiaram diretamente grandes empreendimentos turísticos como o Condomínio Residencial Costão Golf do Grupo Costão do Santinho e o Resort Il Campanário Villaggio do grupo Habitasul.

O estudo do caso do Porto da Barra demonstra que embora exista uma lógica dominante do capital imobiliário que pretende garantir a efetivação de muitos empreendimentos turísticos promotores de impactos socioambientais e em detrimento do cumprimento da legislação ambiental, a evolução do debate acerca do projetado empreendimento do grupo Portobello se mostrou uma exceção frente a essa lógica.

No caso em questão, tem sido fundamental a atuação do Ministério Público Federal, que utiliza a Lei da Ação Civil Pública como importante instrumento de controle dos impactos socioambientais, forçando o empreendimento em tela a adequar-se a uma lógica inversa. Os interesses impactantes do empreendimento têm sido colocados em segundo plano, garantindo assim a eficácia da legislação que busca garantir a conservação socioambiental na escala local.

Fica evidenciada uma contradição entre a apropriação do capital e o domínio do espaço, em relação à preservação do meio ambiente e o desenvolvimento socioeconômico da população local, que corre o risco também de ser explorada ainda como mão de obra barata. Tal contradição leva a temáticas mais gerais, como a relacionada à questão da impossibilidade de conciliar-se o desenvolvimento sustentável, que é um princípio do direito ambiental, com o desenvolvimento econômico orientado por fundamentos liberais e capitalistas. Contudo, realça-se que desvendar as ações danosas ao meio ambiente, provocadas pela falta de precaução e prevenção por parte dos grandes empreendimentos turísticos e do poder público, não é suficiente. Principalmente se esses dados não forem divulgados e discutidos amplamente junto a todas as comunidades envolvidas. Isso, para que, pela participação e pelo controle efetivo exercido pelas comunidades, seja possível aglutinarem-se forças suficientes para exigir responsabilidade do poder público na criação e no cumprimento das leis que têm por objetivo garantir a qualidade de vida da população.

Pretende-se, com o aprofundamento da pesquisa, contribuir com os debates sobre os rumos socioambientais da ocupação territorial de uma cidade como Florianópolis, em uma ilha como a de Santa Catarina, exemplos típicos do modo atual de urbanização do litoral brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, A.F. *Políticas de resolução de conflitos socioambientais no Brasil*. Blumenau: Edifurb, 2003.
- ANTUNES, P.B. *Direito ambiental*. 11.ed. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2008.
- BASTOS, J.M. *Urbanização, comércio e pequena produção mercantil pesqueira na ilha de Santa Catarina: ensaios sobre a ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.
- BRASIL. Lei nº 6.803, de 2 de julho de 1980. Dispõe sobre as diretrizes básicas para o zoneamento industrial nas áreas críticas de poluição, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 3 jul. 1980. p.1.
- BRASIL. Lei nº 9.638, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a política nacional do meio ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 2 set. 1981. p.16509.
- BRASIL. Lei nº 7.347, de 24 de julho de 1985. Disciplina a ação civil pública de responsabilidade por danos causados ao meio-ambiente, ao consumidor, a bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico (Vetado) e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 25 jul. 1985. p.10649.
- BRASIL. Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 11 jul. 2001. p.1.
- ESTUDO de Impacto Ambiental. Relatório de Impacto ao Meio Ambiente. *Estudo de impacto ambiental para implantação do Porto da Barra*: Distrito da Barra da Lagoa. Florianópolis: Portobello e Engevix, 1995.
- FIORILLO, C.A.P. *Curso de direito ambiental brasileiro*. 7.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
- MACHADO, P.A.L. *Direito ambiental brasileiro*. 14.ed. São Paulo: Malheiros, 2006.
- MILARÉ, É. *Direito do ambiente*. 3.ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004.
- MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. *Ação Civil Pública nº 97.0000001-0/SC*. Justiça Federal — Seção Judiciária de Santa Catarina/TRF4. Dezembro de 1996. Brasília: Ministério Público, 1996.
- PEREIRA, E.M. Planejamento urbano em Florianópolis e cidade contemporânea. In: PEREIRA, E.M.; DIAS, L.C.D. (Org.). *As cidades e a urbanização no Brasil: passado, presente e futuro*. Florianópolis: Insular 2011. p.277-294.
- PEREIRA, R.M.F.A. A particularidade do quadro urbano do litoral catarinense no processo de urbanização do sul do Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 10., 2007, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2007. p.1-17.
- PERES, L.F.B. Oficinas comunitárias de planejamento urbano: uma alternativa ao Plano Diretor — estudo de caso: Ingleses-Sul, Florianópolis. In: PEREIRA, E.M. *Planejamento urbano no Brasil: conceitos, diálogos e práticas*. Chapecó: Argos, 2008. v.1, p.267-305.
- ROLNIK, R. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como categoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*, v.54, p.81-100, 1977.
- SÉGUIN, E. *O direito ambiental: nossa casa planetária*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.
- VEADO, R.W. *Geossistemas de Santa Catarina*. Rio Claro: Unesp, 1998.
- VILLASBÔAS, P.P. *A importância da participação pública no processo de avaliação de impacto ambiental: estudo de caso do Porto da Barra*. 2003. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

Recebido em
18/4/2013,
reapresentado em
18/9/2013 e aceito
para publicação em
18/11/2013.

GABRIEL BERTIMES DI BERNARDI LOPES Universidade do Estado de Santa Catarina | Departamento de Geografia | Av. Madre Benvenuta, 2007, Itacorubi, 88035-001, Florianópolis, SC, Brasil | Correspondência para/*Correspondence to*: G.B.B. LOPES | *E-mail*: <gabrielbernardi@hotmail.com>.

JULIANA CIDRÃO CARIONI Universidade Federal de Santa Catarina | Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade | Florianópolis, SC, Brasil.

NELSON POPINI VAZ Universidade Federal de Santa Catarina | Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade | Florianópolis, SC, Brasil.

DISPOSITIVOS POLÍTICOS, ASPECTOS ARQUITETÔNICOS DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO E FORMAS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL NA TERRITORIALIDADE SUL BAIANA

POLITICAL DEVICES, ASPECTS OF ARCHITECTURAL EDUCATION INSTITUTIONS AND FORMS OF SOCIAL INCLUSION AND EXCLUSION IN SOUTHERN BAHIA, BRAZIL | DISPOSITIVOS POLÍTICOS, ASPECTOS DE LA ARQUITECTURA DE LAS INSTITUCIONES DE EDUCACIÓN Y FORMAS DE INCLUSIÓN SOCIAL Y LA EXCLUSIÓN EN EL SUR DE TERRITORIALIDAD DE BAHIA, BRASIL

SILVIA KIMO COSTA, MILTON FERREIRA DA SILVA JUNIOR

RESUMO

O artigo aborda como a presença de determinados elementos arquitetônicos, que materializam políticas públicas de Inclusão, favorecem a inclusão ou exclusão social de portadores de deficiência (físico-motora, sensorial, cognitiva e múltipla) em instituições de ensino público na Territorialidade Sul Baiana. Fala-se, especificamente, das políticas públicas que têm como formalidades legais do Dispositivo a Lei nº 10.098/2000: que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências; e as especificações da NBR 9050/2004: acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Foram analisadas escolas públicas estaduais de Ensino Médio, localizadas em três municípios do Território de Identidade Litoral Sul da Bahia, com população acima de 20 mil habitantes, e que foram construídas seguindo um projeto arquitetônico padronizado pelo governo do Estado. Os dados foram coletados por meio de um roteiro de observação direcionado elaborado com base no “Manual de Acessibilidade Espacial para Escolas”, desenvolvido pelo Ministério da Educação, observando-se os seguintes aspectos: 1) acesso à escola; 2) corredores; 3) rampas; 4) salas (de aula, informática, arte, vídeo, grêmio estudantil e laboratório de ciências); 5) salas administrativas; 6) biblioteca; 7) auditório; 8) sanitários; 9) quadra de esportes. A análise teórico-metodológica fundamentou-se nos conceitos referentes à Governamentalidade, Dispositivos, Disciplinamento, Discursos e não Discursos abordados por Michel Foucault. A pesquisa possibilitou concluir que há uma inclusão excludente, ao se verificar a presença de poucos dispositivos de acessibilidade e o excesso de dispositivos de segurança patrimonial na arquitetura das edificações escolares analisadas.

PALAVRAS-CHAVE: Acessibilidade. Escolas. Exclusão social. Inclusão.

ABSTRACT

The aim of the article is to discuss how the presence of certain architectural elements that represent public policies for social inclusion favor the inclusion or exclusion of persons with (physical, motor, sensory, cognitive and multiple) disabilities in Public Educational Institutions in Southern Bahia. The public policies under Law Number 10.098/2000 establish: general standards and criteria for the promotion of accessibility for persons with disabilities or reduced mobility; and include others specifications such as NBR 9050/2004: accessibility to buildings, furniture, spaces and urban equipments. We analyzed public high schools located in three counties in Southern Bahia, with a population of over 20,000 inhabitants, which were built following an architectural standard established by the State Government. Data were collected through direct structured observation based on "spatial accessibility manual for schools", developed by the Ministry of Education, and the following aspects were observed: 1) access to school; 2) corridors; 3) ramps; 4) rooms (classrooms, computer rooms, art rooms, video rooms, student assembly and science lab); 5) administrative offices; 6) library; 7) auditorium; 8) restrooms; 9) indoor sports. The analysis was based on the theoretical and methodological concepts concerning governmentality, accessibility features, discipline, discourse and non-discourse addressed by Michel Foucault. Through the research, it was concluded that there is an exclusionary inclusion as there are few accessibility features and an excess of safety devices in the architecture of the school buildings analyzed.

KEYWORDS: Accessibility. Schools. Social exclusion. Inclusion.

RESUMEN

En este artículo se analiza cómo la presencia de ciertos elementos arquitectónicos que materializan Políticas Públicas de inclusión, favorecen la inclusión o exclusión social de las personas con discapacidad (física, motriz, sensorial, cognitiva y múltiple) en las instituciones educativas públicas en la territorialidad Sur de Bahía. Específicamente Políticas Públicas cuyas formalidades de la figura jurídica es la Ley 10.098/2000: Que establece normas generales y criterios básicos para la promoción de la accesibilidad de las personas con discapacidad o movilidad reducida, y da otras providencias y las especificaciones de la norma NBR 9050/2004: Accesibilidad a los edificios, mobiliario, equipo y espacios urbanos. Se analizaron las escuelas públicas de la escuela secundaria, ubicadas en tres municipios del Territorio de Identidad Costa Sur de Bahía, con una población de más de 20 mil habitantes, y se construyeron siguiendo un proyecto arquitectónico estandarizado por el Gobierno del Estado. Los datos se obtuvieron mediante la aplicación de una guía de observación direccionado, elaborado con base en el "Manual de Accesibilidad Espacial para las Escuelas", desarrollado por el Ministerio de Educación y se observaron los siguientes aspectos: 1) acceso a la escuela; 2) pasillos; 3) rampas; 4) salas (de clases, de informática, de arte, de video, de gremio estudiantil y de

laboratorio de ciencias); 5) salas administrativas; 6) biblioteca; 7) auditorio; 8) sanitario; 9) cuadras deportivas. El análisis se basó teórico-metodológicamente en los conceptos referentes a la gobernabilidad, dispositivos, disciplina, discursos y no discursos abordados por Michel Foucault. La investigación posibilitó concluir que hay una “inclusión excluyente”, al verificar la presencia de pocos dispositivos de accesibilidad y el exceso de dispositivos de seguridad de propiedad en la arquitectura de las edificaciones escolares analizadas.

PALABRAS CLAVE: Accesibilidad. Escuelas. Exclusión. Inclusión.

INTRODUÇÃO

O artigo aborda o modo como as políticas públicas que objetivam a inclusão de portadores de deficiência (físico-motora, sensorial, cognitiva e múltipla) vêm sendo materializadas em instituições de ensino público por meio de determinados elementos arquitetônicos, e como esses elementos favorecem a inclusão ou exclusão social. O trabalho contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) e está vinculado à linha de pesquisa: “*Políticas públicas e produção de subjetividades nas territorialidades nordestinas*”. As instituições analisadas, no período de setembro a novembro de 2012, estão localizadas em três municípios com população acima de 20 mil habitantes, distribuídos pelo Território de Identidade Litoral Sul do Estado da Bahia.

Trata-se de instituições escolares públicas, de Ensino Médio, que foram construídas seguindo um projeto arquitetônico padronizado pelo Governo do Estado. Os dados foram coletados por meio de um roteiro de observação direcionado elaborado com base no “*Manual de Acessibilidade Espacial para Escolas*” desenvolvido pelo Ministério da Educação (Dischinger *et al.*, 2009). Observaram-se os seguintes aspectos: 1) acesso à escola; 2) corredores; 3) rampas; 4) salas (de aula, informática, arte, vídeo, grêmio estudantil e laboratório de ciências); 5) salas administrativas; 6) biblioteca; 7) auditório; 8) sanitários; 9) quadra de esportes. A análise fundamentou-se teórico-metodologicamente nos conceitos de Disciplinamento (Foucault, 2011); Dispositivos e Governamentalidade (Foucault, 2012a); Discursos e Não Discursos (Foucault, 2012b).

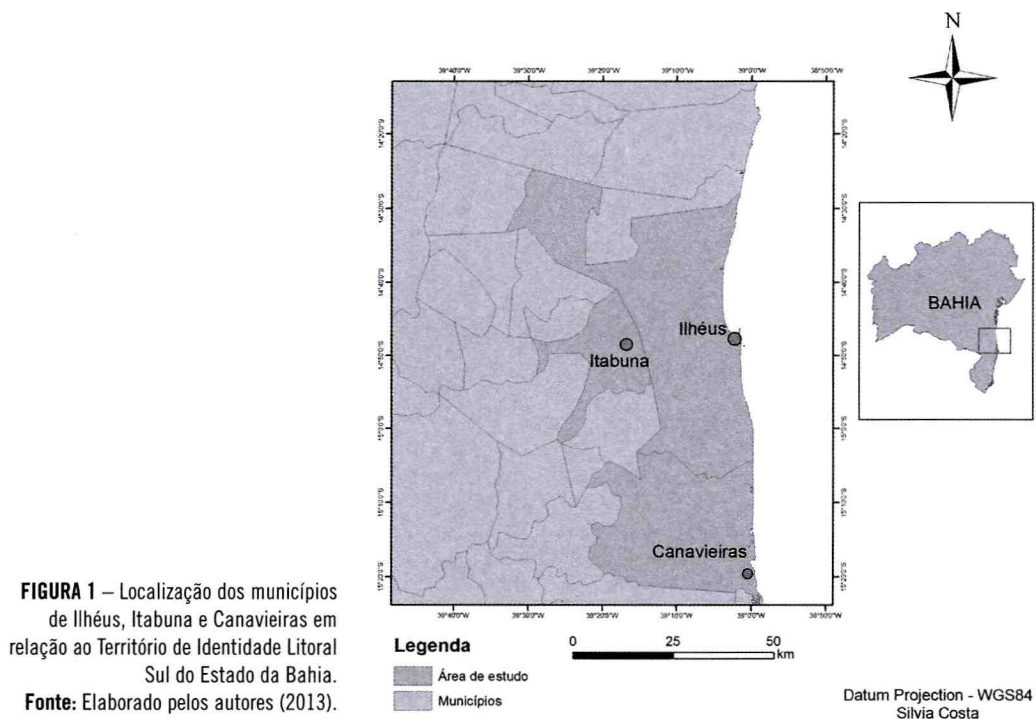
O texto está organizado em três partes: a primeira apresenta os aspectos arquitetônicos das instituições observadas e trata dos procedimentos metodológicos para realização da coleta dos dados. A segunda aborda conceitos referentes à inclusão social, à deficiência (físico-motora, sensorial, cognitiva e múltipla) e às políticas públicas voltadas para inclusão social no âmbito da acessibilidade espacial. A terceira apresenta a análise dos elementos arquitetônicos presentes nas instituições observadas, que materializam as políticas públicas de Inclusão, principalmente aquelas cuja formalidade legal do Dispositivo é a Lei nº 10.098/2000 que “Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção

da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências” (Brasil, 2000); e as especificações da NBR 9050/2004 (Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos) (Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2004).

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS DAS INSTITUIÇÕES OBSERVADAS

As instituições observadas localizam-se nos municípios de Ilhéus, Itabuna e Canavieiras, pertencentes ao Território de Identidade Litoral Sul do Estado da Bahia (Figura 1).

As edificações seguem um padrão arquitetônico estipulado pelo governo do Estado da Bahia e foram construídas para atender alunos de Ensino Médio, pertencentes à parcela da população de baixa renda. Geralmente estão localizadas em bairros distantes da região central dos municípios.



Segundo a Secretaria de Educação do Estado Bahia, além dos municípios de Ilhéus, Itabuna e Canavieiras, essa instituição de arquitetura padrão está presente em outros 20 municípios: Salvador, Feira de Santana, Paulo Afonso, Itapetinga, Juazeiro, Itaberaba, Irece, Xique-xique, Ipiaú, Vitória da Conquista, Bom Jesus da Lapa, Guanambi, Alagoinhas, Camaçari, Jequié, Porto Seguro, Jacobina, Senhor do Bonfim, Itamaraju e Eunápolis (Bahia, 2013).

O partido arquitetônico das edificações é marcado pela predominância de blocos retangulares de diferentes dimensões (tanto em largura, quanto em comprimento e altura) (Figura 2), interconectados por meio de *halls* de circulação com e sem cobertura. As edificações possuem 3 pavimentos e área equivalente a 6 377m² (cada uma).

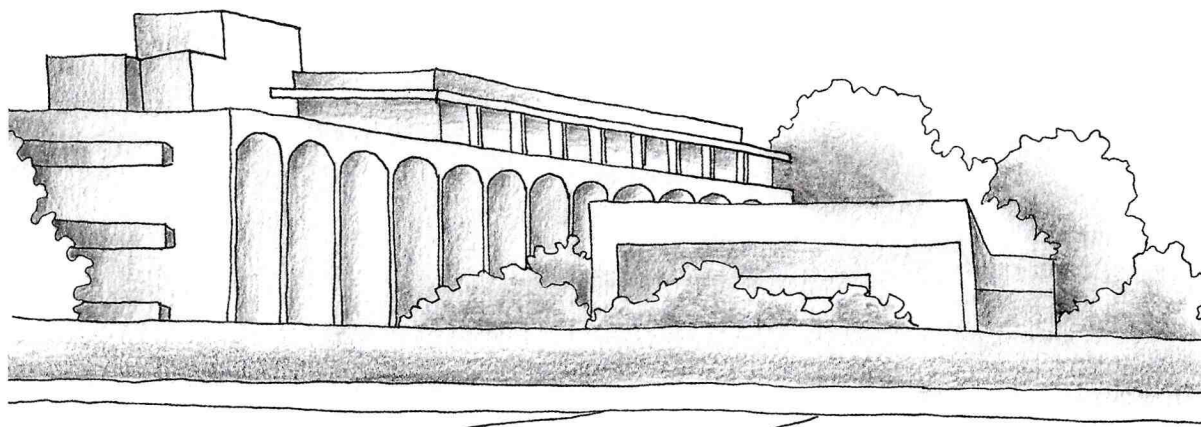


FIGURA 2 – Desenho de observação da edificação — Itabuna, Ilhéus e Canavieiras, BA.
Fonte: Arquivo pessoal de Sílvia Kimo Costa (2013).

O concreto predomina não só na estrutura de sustentação, mas também nos elementos côncavos em partes da cobertura. A última laje é coberta por telhado em fibrocimento e apresenta platibanda. A alvenaria de blocos, revestida com argamassa de cimento e areia, massa acrílica e pintura, constitui o principal elemento de vedação. As janelas apresentam esquadrias em alumínio com vidro comum, incolor, tipo basculantes. Nos corredores de circulação e de rampas de acesso aos pavimentos, as paredes são vedadas com cobogós em concreto aparente. Todas as janelas possuem *Brise Soleil* em estrutura metálica.

As instituições apresentam os seguintes ambientes:

Pavimento Térreo (Figura 3): área térrea da biblioteca; auditório; administração (sala de espera; diretoria; vice-diretoria; arquivo; secretaria; sala para coordenação; sala para professores; sala para elaboração de material; mecanografia; 3 sanitários e 1 copa); 3 áreas com jardim interno; 1 pátio coberto; refeitório (cantina; cozinha; despensa e área de serviços); 1 vestiário feminino e 1 vestiário masculino (apoio à quadra de esportes); 1 sanitário para alunos; 1 sanitário para alunas; 1 sanitário para deficientes (masculino e feminino); 1 sanitário para professores; conjunto de rampas de acesso ao auditório; conjunto de rampas de acesso ao 1º pavimento.

1º Pavimento (Figura 4): área do 1º pavimento da biblioteca; 6 salas de aula; 1 sala de artes; 1 laboratório de ciências e 1 sala de apoio ao laboratório; 1 sanitário para alunos; 1 sanitário para alunas; 1 sanitário para deficientes (masculino e feminino); 1 sanitário para professores; conjunto de rampas de acesso ao 2º pavimento.

2º Pavimento (Figura 5): 1 laboratório de informática; 1 sala de apoio ao laboratório; 1 sala de vídeo; 6 salas de aula; 1 sanitário para alunos; 1 sanitário para alunas; 1 sanitário para deficientes (masculino e feminino); 1 sanitário para professores; conjunto de rampas de acesso ao 2º pavimento.

PROCEDIMENTOS PARA COLETA DOS DADOS

As informações foram obtidas por meio da aplicação de um roteiro de observação direcionado elaborado com base no “Manual de Acessibilidade Espacial para Escolas”, desenvolvido pelo Ministério da Educação (Dischinger *et al.*, 2009), e adaptado conforme os ambientes presentes nas instituições analisadas. Além disso, os seguintes conceitos foram considerados:

Deficiência: “Problema específico de uma disfunção no nível fisiológico do indivíduo, por exemplo, cegueira, surdez, paralisia” (Dischinger *et al.*, 2012, p.16). A deficiência pode ser física motora, sensorial, cognitiva e múltipla.

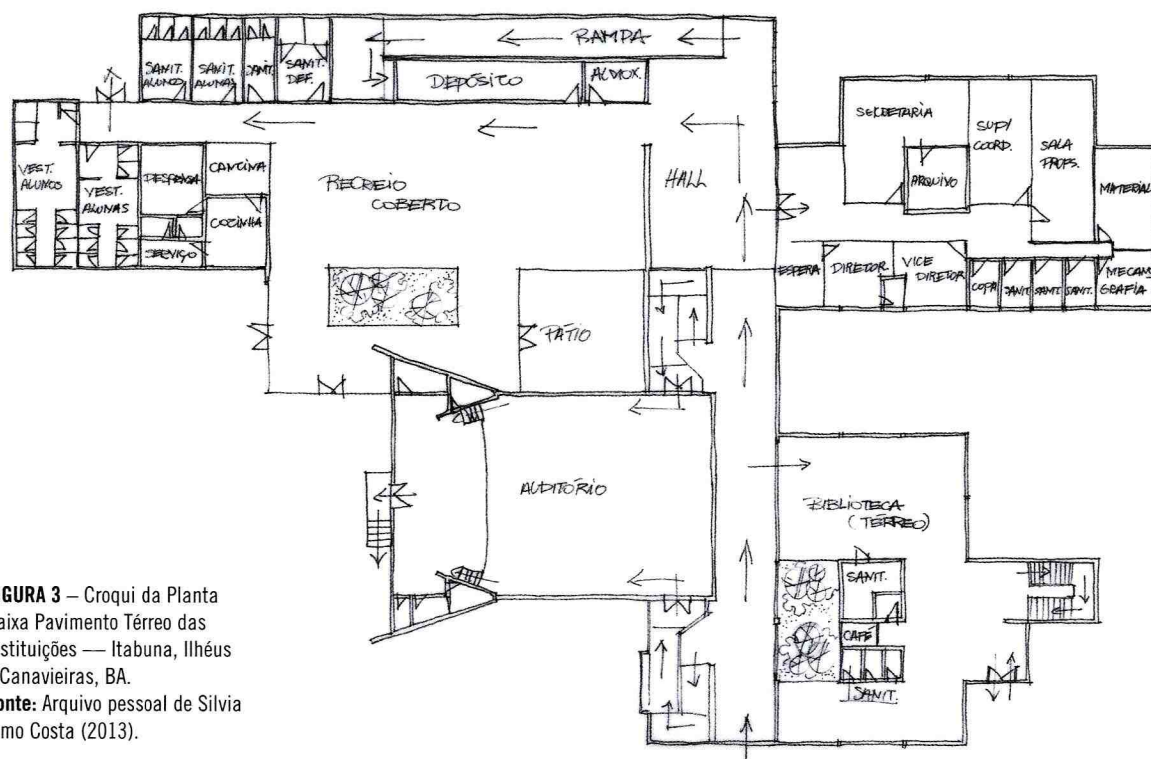


FIGURA 3 – Croqui da Planta Baixa Pavimento Térreo das Instituições — Itabuna, Ilhéus e Canavieiras, BA.
Fonte: Arquivo pessoal de Silvia Kimo Costa (2013).

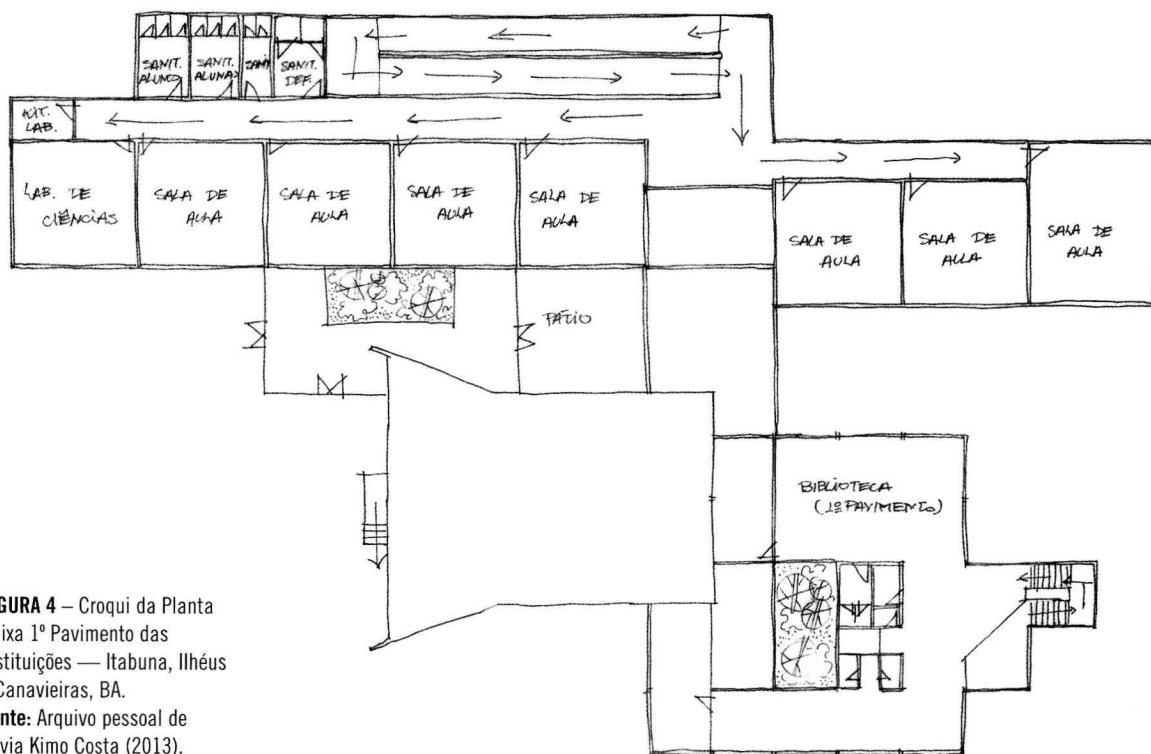


FIGURA 4 – Croqui da Planta Baixa 1º Pavimento das Instituições — Itabuna, Ilhéus e Canavieiras, BA.

Fonte: Arquivo pessoal de Sílvia Kimo Costa (2013).

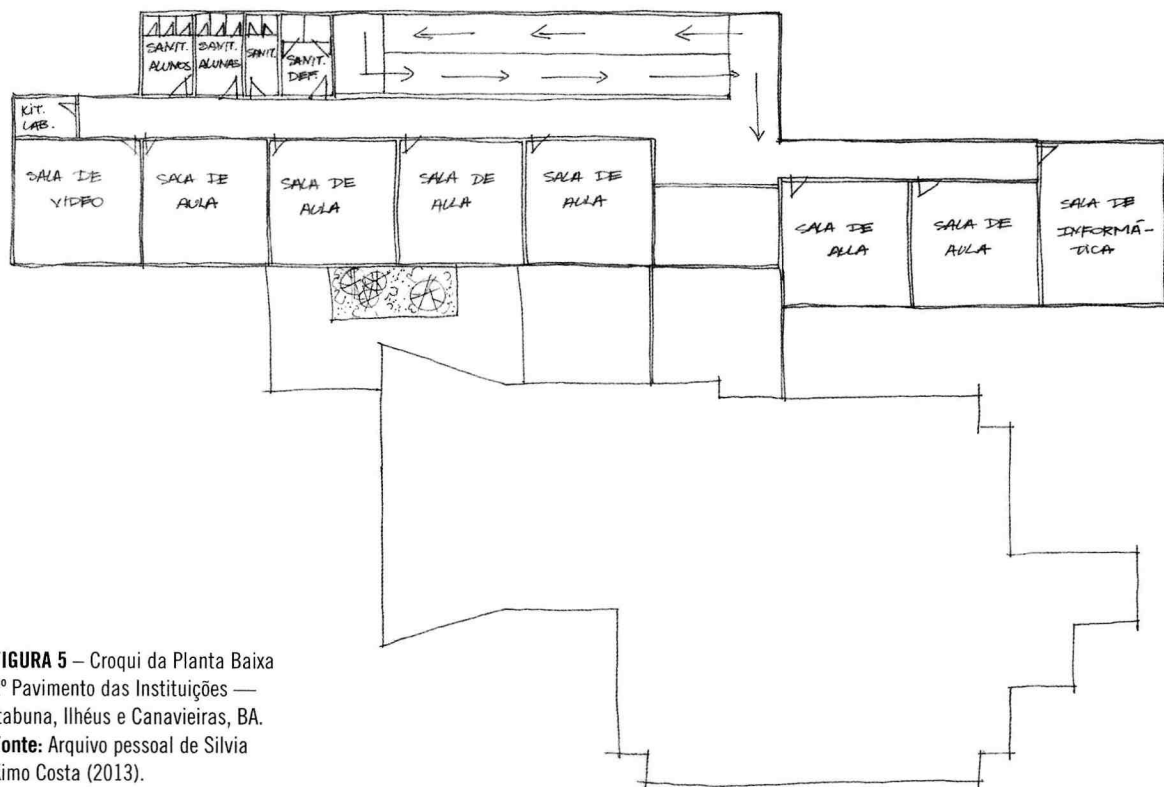


FIGURA 5 – Croqui da Planta Baixa 2º Pavimento das Instituições — Itabuna, Ilhéus e Canavieiras, BA.

Fonte: Arquivo pessoal de Sílvia Kimo Costa (2013).

Restrição: “Empregado para designar as dificuldades resultantes da relação entre as condições dos indivíduos e as características do meio ambiente na realização de atividades” (Dischinger *et al.*, 2012, p.17).

Barreiras físico-espaciais (arquitetônicas) e barreiras atitudinais:

As *barreiras físico-espaciais* são os elementos físicos, naturais ou construídos, que dificultam ou impedem a realização de atividades desejadas de forma independente [...]. Podemos ainda distinguir as barreiras físico-espaciais em permanentes e dinâmicas, de acordo com sua duração no tempo e no espaço. Um poste é um obstáculo permanente num passeio, no entanto um carrinho de pipoca pode constituir-se numa barreira dinâmica [...]. As *barreiras atitudinais* são estabelecidas na esfera social, quando as relações humanas centram-se nas dificuldades dos indivíduos e não em suas habilidades, criando empecilhos para a sua participação na sociedade (Dischinger *et al.*, 2012, p.14, grifo nosso).

Acessibilidade espacial e seus componentes. Por acessibilidade entende-se:

[...] bem mais do que apenas poder chegar ou entrar num lugar desejado. É, também, necessário que a pessoa possa situar-se, orientar-se no espaço e que compreenda o que acontece, a fim de encontrar os diversos lugares e ambientes com suas diferentes atividades, sem precisar fazer perguntas. Deve ser possível para qualquer pessoa deslocar-se ou movimentar-se com facilidade e sem impedimentos. Além disso, um lugar acessível deve permitir, através da maneira como está construído e das características de seu mobiliário, que todos possam participar das atividades existentes e que utilizem os espaços e equipamentos com igualdade e independência na medida de suas possibilidades (Dischinger *et al.*, 2009, p.22).

Quanto aos componentes:

Orientação espacial: diz respeito às características do ambiente que permitem que sua identidade e função, deslocamento e uso sejam reconhecidos. Estão diretamente relacionadas à forma espacial do ambiente, à iluminação, às cores utilizadas e à disposição dos lugares e equipamentos. Também são consideradas as informações escritas ou desenhos explicativos que objetivam auxiliar na compreensão do lugar, tais como letreiros, mapas, imagens.

Deslocamentos: refere-se à possibilidade de qualquer pessoa se movimentar de forma independente, segura, confortável e livre de barreiras físicas, ao longo de percursos horizontais (corredores) e verticais (escadas, rampas, elevadores), e também em salas, sanitários, saguões, caminhos, pátios, jardins.

Uso: refere-se à possibilidade de realização de atividades de maneira efetiva por todas as pessoas. Quando se trata do uso, deve-se atentar para as características físicas dos

mobiliários e equipamentos (forma, dimensões, relevo, textura e cores) assim como a disposição destes nos ambientes para que sejam facilmente alcançados e utilizados.

Comunicação: objetiva possibilitar a troca de informações entre as pessoas. Nessa categoria considera-se a acústica dos ambientes, a presença de sinais, pictogramas, e meios de tecnologia assistiva (para surdos e cegos) (Dischinger *et al.*, 2009).

O roteiro possibilitou a observação dos componentes de acessibilidade (orientação espacial, deslocamento, uso e comunicação) em relação a nove aspectos arquitetônicos das edificações:

1) Acesso à escola: a) facilidade quanto à visualização da escola; b) presença de faixa de pedestres para travessia com calçada rebaixada; c) presença de semáforo para automóveis e para pedestres com sinal sonoro; d) existência de calçada em frente à escola com pavimentação regular, sem buracos e sem obstáculos (sendo que na existência de obstáculos estes são ou não identificados com piso tátil de alerta para portadores de deficiência visual); e) presença de ponto de ônibus em frente à escola e se o acesso permite o trânsito livre de um cadeirante ou de um portador de deficiência visual (possui piso tátil direcional e de alerta); f) existência de estacionamento em frente à escola com vagas destinadas aos portadores de deficiência e próximas ao portão de entrada; g) existência de espaço para abertura da porta do carro, retirada da cadeira de rodas e circulação livre; h) existência de rampa de acesso entre a vaga e a calçada.

2) Corredores: a) se possuem largura adequada à quantidade de pessoas que os utilizam; b) presença de elementos que atrapalham as passagens das pessoas (lixeiras, bebedouros, telefones públicos, extintores de incêndio, vasos de plantas, móveis, placas), e, caso estejam presentes, são ou não identificados com piso tátil de alerta para pessoas com deficiência visual; c) presença de contraste de cor entre piso, parede e portas, a fim de facilitar a orientação de pessoas com baixa visão; d) o piso é antiderrapante, regular e se encontra em boas condições; e) existem rampas quando há desníveis maiores que 1,5cm; f) se os corredores forem muito amplos, existe piso tátil direcional em cor e textura contrastantes com o piso da circulação para guiar as pessoas com deficiência visual; g) existência de mureta ou grade de proteção com 1,10m de altura nos corredores localizados nos pavimentos superiores; h) existência de placas indicativas que orientam as saídas, escadas, rampas e outras direções importantes; i) identificação dos ambientes por meio da presença de placas junto às portas em letras grandes e em cor contrastante com o fundo, e de placas com letra em relevo ou em Braille, na altura entre 90 e 110cm, para pessoas com deficiência visual; j) largura dos vãos das portas com 90cm; l) existência de maçanetas, em forma de alavanca, nas portas entre 90 e 110cm de altura em relação ao piso; m) existência de desnível entre o corredor e a sala de no máximo 0,5cm; n) existência de bebedouros com altura livre inferior de, no mínimo, 73cm do piso para a aproximação de uma cadeira de rodas; o) o bebedouro pode ser utilizado por crianças pequenas ou pessoas de baixa estatura.

3) Rampas: a) existência de rampas na escola e se a largura mínima equivale a 1m e 20cm; b) presença de piso antiderrapante, firme, regular e estável; c) existência de patamar sempre que houver mudança de direção na rampa e com mesma largura que a rampa; d) patamar livre de obstáculos, como vasos, móveis, abertura de portas, que ocupem sua superfície útil; e) a rampa tem tamanho, inclinação e formato de acordo com a NBR 9050/2004 ABNT (2004); f) existência, no início e no final da rampa, de piso tátil de alerta em cor contrastante com a do piso da circulação, que alerte as pessoas com deficiência visual sobre a existência da rampa.

5) Salas administrativas: a) existência nas salas de contraste de cor entre piso, parede e móveis, que facilite a orientação de pessoas com baixa visão; b) as mesas e cadeiras, em termos de largura, altura e formato adapta-se aos diferentes tamanhos dos usuários e permite a aproximação e uso de pessoas em cadeira de rodas; c) caso existam estantes nesses ambientes, suas prateleiras podem ser alcançadas por pessoas em cadeira de rodas; d) as áreas de circulação entre o mobiliário são largas o suficiente para a passagem de uma pessoa em cadeira de rodas; e) há, pelo menos, uma mesa de trabalho sem obstáculos, como pés, gaveteiros, bancos fixos, com vão livre de 73cm — do pé ao tampo —, que permita a aproximação de uma pessoa em cadeira de rodas; f) existe computador com tecnologia assistiva, como Dos Vox etc., para pessoas com deficiência visual.

6) Biblioteca: a) existência de contraste de cor entre piso, parede e móveis, que facilite a orientação de pessoas com baixa visão; b) é possível a pessoa, em cadeira de rodas, circular e manobrar pelo ambiente até os diferentes locais de atividades, como mesas de trabalho e de computador, estantes, balcão de empréstimo; c) as mesas de estudo ou de computador estão livres de qualquer obstáculo, como pés e gaveteiros, que impeçam a aproximação de pessoas em cadeira de rodas; d) existem mesas com altura adequada ao uso de pessoas em cadeira de rodas ou baixa estatura; e) a largura do corredor, entre as estantes, permite a passagem de uma pessoa em cadeira de rodas; f) ao final de cada corredor de estantes, é possível manobrar com a cadeira de rodas; g) os livros, nas prateleiras, podem ser alcançados por pessoas em cadeira de rodas; h) o balcão de empréstimo permite que uma pessoa em cadeira de rodas o utilize, ou seja, o balcão é mais baixo e com recuo para as pernas; i) existe computador com programa de leitor de tela para alunos com deficiência visual.

7) Auditório: a) existência de contraste de cor entre piso, parede e móveis, que facilite a orientação de pessoas com baixa visão; b) as portas de acesso ao ambiente têm uma largura proporcional à quantidade de usuários que o auditório comporta e se abrem no sentido da saída; c) existência, de um espaço reservado, para pessoa em cadeira de rodas, com tamanho mínimo de 80 x 120cm; d) existência de, pelo menos, um assento mais largo e resistente que os demais destinado a obesos; e) existência, ao lado dos espaços reservados, de, pelo menos, um assento destinado aos acompanhantes das pessoas com cadeira de rodas, com mobilidade reduzida ou obesos; f) é possível que uma pessoa em

cadeira de rodas acesse o palco pela rampa; g) existência, no palco, de local — com boa visibilidade e iluminação —, destinado à/ao intérprete de Libras.

8) Sanitários: a) existência, pelo menos, de um sanitário feminino e um masculino com vaso sanitário e lavatório acessíveis às pessoas com deficiências na escola; b) as portas dos sanitários possuem vão de abertura de, no mínimo, 80cm; c) no ambiente dos sanitários, há contraste entre piso, parede e equipamentos, a fim de facilitar a orientação de pessoas com baixa visão; d) o piso dos sanitários é antiderrapante, regular e em boas condições de manutenção; e) é possível para uma pessoa, em cadeira de rodas, circular pelo sanitário, manobrar sua cadeira, acessar o boxe e o lavatório; f) a altura entre o lavatório e o piso é de, no mínimo, 73cm, e permite a aproximação de uma pessoa em cadeira de rodas; g) as torneiras desse lavatório são facilmente alcançadas e manuseadas por uma pessoa em cadeiras de rodas e/ou com mobilidade reduzida nas mãos; h) os acessórios do lavatório, como toalheiro, cesto de lixo, espelho, saboneteira estão instalados a uma altura e distância acessíveis a uma pessoa em cadeira de rodas; i) há espaço suficiente que permita transferir a pessoa em cadeira de rodas para o vaso sanitário; j) a localização e as dimensões das barras de apoio junto ao vaso sanitário obedecem à seção 7.3.1.2, da NBR 9050/2004; l) além da barra horizontal, a porta possui maçaneta do tipo alavanca, a uma altura entre 90 e 110cm para pessoas com mobilidade reduzida nas mãos.

9) Quadra de esportes: a) existência de rota acessível que permita às pessoas com mobilidade reduzida chegarem à quadra, aos bancos/arquibancadas ou aos sanitários e vestiários; b) existência de piso tátil direcional para guiar as pessoas com deficiência visual até a entrada da quadra, bancos, sanitários e vestiários; c) existência de contrastes nas cores da pintura do piso da quadra e demais elementos, como traves, redes e cestas; d) existência de, pelo menos, um espaço reservado entre os bancos ou na arquibancada com tamanho suficiente para a permanência de uma cadeira de rodas; e) no caso de práticas de esportes por pessoas que utilizam cadeira de rodas do tipo “cambada”, os vãos livres das portas existentes na rota acessível, nos sanitários e vestiários são de, no mínimo, um metro.

Após aplicação do roteiro de observação, as informações foram analisadas segundo os conceitos referentes à Governamentalidade e Dispositivos (Foucault, 2012a); Disciplinamento (Foucault, 2011) e Discursos e não Discursos (Foucault, 2012b).

INCLUSÃO SOCIAL, ACESSIBILIDADE ESPACIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS

De acordo com Passerino e Montardo (2007, p.5), a inclusão social possui um caráter multidimensional, já que “Perpassa por todas as dimensões da vida em sociedade e é permanente, embora não constante, na vida dos sujeitos, sendo que estes indivíduos ocupam posições diferenciadas de incluídos ou excluídos que podem ser concomitantes e muitas vezes não excludentes ao longo das suas vidas”. Ainda, segundo os autores, o termo pode ser definido como:

O processo estabelecido dentro de uma sociedade mais ampla que busca satisfazer necessidades relacionadas com qualidade de vida, desenvolvimento humano, autonomia de renda e equidade de oportunidades e direitos para os indivíduos e grupos sociais que em alguma etapa da sua vida encontram-se em situação de desvantagem com relação a outros membros da sociedade (Passerino & Montardo, 2007, p.5).

O conceito apresentado por Passerino e Montardo (2007) abrange qualquer indivíduo ou grupo em situação de exclusão social. Brumer *et al.* (2004, p.300) afirmam que a inclusão social pode ser entendida como um ato de “Cidadania, isto é, participação na condição de cidadão na sociedade, com os mesmos direitos e deveres dos demais membros dessa sociedade”. Maciel (2000, p.56) afirma que a inclusão social “Traz no seu bojo a equiparação de oportunidades, a mútua interação de pessoas com e sem deficiência e o pleno acesso aos recursos da sociedade”.

Dischinger *et al.* (2012, p.11) citam que a Constituição Brasileira de 1988 garante o direito de igualdade a todos os cidadãos sem nenhuma forma de discriminação. Esse direito inclui “O acesso à moradia, ao trabalho e a serviços essenciais como educação e saúde para todas as pessoas, independentemente do sexo, idade, cor, credo, condição social ou deficiência”. Ainda segundo Dischinger *et al.* (2012, p.27), “O conceito de inclusão se refere à possibilidade de participação social em condições de igualdade e sem discriminação”.

A Constituição Brasileira (Brasil, 1988) atenta para a necessidade de ações que promovam a adequabilidade do ambiente físico possibilitando, dessa forma, melhores condições de acessibilidade. E quando se trata da acessibilidade aos portadores de deficiência, isso implica em realizar alterações que amenizem ou diminuam dificuldades de acesso causadas tanto por barreiras físico-espaciais (arquitetônicas), quanto atitudinais.

Segundo Dischinger *et al.* (2012), dentre as causas da existência de barreiras físico-espaciais e atitudinais, em relação a portadores de deficiência, está o desconhecimento relacionado aos tipos de deficiência, que podem ser:

Físico-motoras são aquelas que alteram a capacidade de motricidade geral do indivíduo, acarretando dificuldades, ou impossibilidade, de realizar quaisquer movimentos [...]. *Sensoriais* são aquelas que em que há perdas significativas nas capacidades dos sistemas de percepção do indivíduo, gerando dificuldades em perceber diferentes tipos de informações ambientais (orientação, háptico, visual, auditivo e paladar-olfato) [...]. *Cognitivas* são aquelas que se referem às dificuldades para a compreensão e tratamento das informações recebidas (atividades mentais), podendo afetar os processos de aprendizado e aplicação de conhecimento, a comunicação linguística e interpessoal [...]. *Múltiplas* ocorrem quando o indivíduo apresenta a associação de mais de um tipo de deficiência. Por exemplo, uma pessoa com lesão cerebral congênita pode possuir uma deficiência cognitiva asso-

ciada a uma deficiência sensorial (baixa-visão) e físico-motor (dificuldade de coordenação de movimentos) (Dischinger *et al.*, 2012, p.18, grifo nosso).

O tipo de deficiência influencia na estratégia que deverá ser adotada para solucionar a inacessibilidade. No presente artigo, abordam-se os elementos arquitetônicos referentes às condições de acessibilidade espacial em instituições de ensino público que favorecem a inclusão ou exclusão social de portadores de deficiência (físico-motoras, sensoriais, cognitivas e múltiplas).

Em instituições de ensino, os elementos arquitetônicos que permitem a acessibilidade espacial voltada aos portadores de deficiência são materializações/institucionalizações de políticas públicas de Inclusão.

Entende-se por Política Pública:

O campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, (colocar o governo em ação) e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente). A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real. [...] as políticas públicas, depois de desenhadas e formuladas, desdobram-se em planos, programas, projetos, bases de dados ou sistema de informação e pesquisas. Quando postas em ação, são implementadas, ficando daí submetidas a sistemas de acompanhamento e avaliação (Souza, 2006, p.26).

Sendo assim, essa materialização/institucionalização é o resultado do agendamento das demandas de inclusão, da formulação de estratégias e, até mais raramente, da avaliação dos resultados obtidos e sua conformidade com as metas estabelecidas. Mas até que ponto as políticas públicas destinadas à inclusão do portador de deficiência em instituições de ensino realmente o incluem?

ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS QUE MATERIALIZAM POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO VOLTADAS AOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA

Conforme Veiga-Neto e Lopes (2007, p.949), as políticas públicas de Inclusão “Defendem a inclusão do diferente, entendendo-o como um (único estranho), um exótico, um portador de algo que os outros”, que se enquadram num padrão normalizado, ideal, “não possuem”.

Para Lopes (2009, p.160) a “Norma age na homogeneização das pessoas; na definição de um modelo geral prévio frente ao qual todos devem ser referidos”. O Estado cria constantemente estratégias políticas que busquem normalizar as irregularidades presentes na população. Exemplos dessas estratégias? Políticas públicas de Inclusão.

Ainda de acordo com Veiga-Neto e Lopes (2007) é por meio do discurso, que sustenta a governamentalidade e as relações de poder, que as políticas públicas se exteriorizam.

Entende-se por governamentalidade:

O conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança (Foucault, 2012a, p.409).

Porém, não basta o discurso quando se trata de políticas públicas de Inclusão, pois para que essas se realizem plenamente, todos os corpos “normalizados, ideais” e “não ideais” precisam compartilhar o mesmo espaço. Sendo assim, as políticas públicas de Inclusão precisam de uma institucionalização.

Quando se trata do termo “discurso”, Foucault (2012b, p.143) o define como:

Um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência.

E a formação discursiva constitui grupos de enunciados, “Um conjunto de performances verbais que estão ligadas no nível do enunciado” e o *status* desses enunciados está submetido a um regime geral e podem ser “Institucionalizados, recebidos, empregados, reutilizados, combinados entre si”; podem tornar-se “Objetos de apropriação, elementos para o desejo ou interesse, elementos para uma estratégia” (Foucault, 2012b, p.141).

Em instituições de ensino, a institucionalização de políticas públicas de Inclusão, voltadas a portadores de deficiência (físico-motoras, sensoriais, cognitivas ou múltiplas), pode ser observada por meio da presença ou não de determinados elementos arquitetônicos construídos conforme especificações da NBR 9050/2004 “*Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*”.

Esta NBR 9050/2004 viabiliza o atendimento à Lei nº 10.098/2000 que “Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências” (Oliveira, 2008, *online*), e constitui-se num dispositivo de poder do Estado que permite de maneira eficaz a institucionalização das políticas de Inclusão destinadas aos portadores de deficiência. Segundo Foucault (2012a, p.244) o dispositivo é:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

Ou seja, o “dispositivo” é o que articula o discursivo, conjunto de enunciados institucionalizáveis e o não discursivo, os acontecimentos relativos àquelas ocorrências de eventos (epidemias, catástrofes, acidentes ocasionais) pertinentes à institucionalização apropriada pela formação discursiva.

Nas instituições de ensino analisadas verificou-se que a institucionalização das políticas públicas de Inclusão destinadas aos portadores de deficiência acontece, mas por meio da presença incompleta dos elementos arquitetônicos componentes de acessibilidade (com destaque para aqueles que são mais visíveis). Ou seja, objetiva cumprir a Lei nº 10.098/2000 apenas como uma formalidade.

Ao observar o “*acesso à escola*” nas três instituições, verificou-se: inexistência de faixa de pedestres para travessia com calçada rebaixada; não há calçada que permita o trânsito livre de um cadeirante ou de um portador de deficiência visual até o ponto de ônibus e não há estacionamento em frente à escola com vagas destinadas aos portadores de deficiência e próximas ao portão de entrada. Ou seja, o acesso à escola é inviável para qualquer deficiente.

Os “*corredores*” externos e internos, nas três instituições, são adequados à quantidade de pessoas que os utilizam e possuem piso antiderrapante. Não há elementos que atrapalham a passagem das pessoas. O piso encontra-se em boas condições para o trânsito de cadeirantes. Os corredores são longos e amplos, mas não existe piso tátil direcional em cor e textura contrastantes com o piso da circulação para guiar as pessoas com deficiência visual. Existem placas indicativas que orientam as saídas, escadas, rampas e outras direções importantes, e identificação dos ambientes por meio da presença de placas junto às portas em letras grandes e em cor contrastante com o fundo, porém não há placas com letra em relevo ou em Braille. Inexistem maçanetas, em forma de alavanca.

As “*rampas*” têm tamanho, inclinação e formato de acordo com a seção 6.5, da NBR 9050/2004, nas três instituições. O piso é antiderrapante, firme, regular e estável e existe patamar livre de obstáculos nos locais de mudança de direção com mesma largura da rampa. Entretanto, não existe, no início e no final da rampa, piso tátil de alerta em cor contrastante com a do piso da circulação que alerte as pessoas com deficiência visual sobre a existência da rampa.

As “*salas*” (de aula, informática, arte, vídeo, grêmios estudantil e laboratório de ciências) nas três instituições possuem tamanho adequado para comportar em torno de 30 alunos confortavelmente, mas geralmente frequentam de 35 a 40 alunos por sala.

Não existe contraste de cor entre piso, parede e móveis, que facilite a orientação de pessoas com baixa visão. As carteiras não se adaptam aos diferentes tamanhos dos alunos e não permitem aproximação e uso dos alunos em cadeira de rodas; não existem estantes nestes ambientes. O corredor entre as fileiras de carteiras não é largo o suficiente para a passagem de um aluno em cadeira de rodas, na verdade são poucas as salas em que as carteiras estão organizadas em fileiras ou em círculo (a depender da atividade pedagógica). O quadro-negro não possui altura que permita alcance por pessoas em cadeira de rodas, o cadeirante não conseguiria se aproximar do quadro negro, pois há uma plataforma construída em alvenaria e revestida com piso cerâmico para elevar a altura do professor em relação à sala. Observou-se que, ao longo do dia, o quadro negro está sempre livre de incidência de luz. No laboratório tanto de informática quanto de ciências não há mesa de trabalho sem obstáculos, como pés, gaveteiros, bancos fixos, com vão livre de 73cm — do pé ao tampo —, que permita a aproximação de uma pessoa em cadeira de rodas, assim como pias. As mesas e cadeiras dos laboratórios não se adaptam às dimensões de todos os usuários. Não existe computador com tecnologia assistiva, como Dos Vox etc. para pessoas com deficiência visual.

Quanto às “*salas administrativas*” (direção, vice-direção, coordenação, sala para professores; sala de preparo de materiais e mecanografia) e “*biblioteca*”, nas três instituições, observou-se a inexistência de contraste de cor entre piso, parede e móveis que facilite a orientação de pessoas com baixa visão. As mesas e cadeiras, em termos de largura, altura e formato, não se adaptam aos diferentes tamanhos dos usuários e permitem aproximação e uso de pessoas em cadeira de rodas. As áreas de circulação entre o mobiliário não são largas o suficiente para a passagem de uma pessoa em cadeira de rodas. Não se verificou, pelo menos, uma mesa de trabalho sem obstáculos, como pés, gaveteiros, bancos fixos, com vão livre de 73cm — do pé ao tampo —, que permita a aproximação de uma pessoa em cadeira de rodas. Não existe computador com tecnologia assistiva, como Dos Vox etc. para pessoas com deficiência visual. A largura do corredor entre as estantes, na biblioteca, não permite a passagem de uma pessoa em cadeira de rodas; o balcão de empréstimo não permite que uma pessoa em cadeira de rodas o utilize.

O “*auditório*”, nas três instituições, apresenta portas de acesso ao ambiente com largura proporcional à quantidade de usuários que o utiliza e se abrem no sentido da saída. Porém, não há espaços reservados para pessoa em cadeira de rodas e de assentos mais largos. Não é possível que uma pessoa, em cadeira de rodas, acesse o palco por meio de rampa. Inexiste contraste de cor entre piso, parede e móveis que facilite a orientação de pessoas com baixa visão.

Há “*quadra de esportes*” nas três instituições. Verificou-se que não existe rota acessível que permita às pessoas com mobilidade reduzida chegarem à quadra, aos bancos/arquibancadas ou aos sanitários e vestiários. Não há piso tátil direcional para guiar as pessoas com deficiência visual até a entrada da quadra, bancos, sanitários e vestiários. Há

contrastes nas cores da pintura do piso da quadra e demais elementos, como traves, redes e cestas. Não há espaço reservado, entre os bancos ou na arquibancada, com tamanho suficiente para a permanência de uma cadeira de rodas.

No que se refere aos “sanitários”, nas três instituições, há apenas um sanitário por pavimento destinado a deficientes que é utilizado tanto por homens quanto por mulheres. De acordo com o projeto arquitetônico, não há mictórios. As portas dos sanitários possuem vão de abertura de 90cm. O piso especificado é antiderrapante. O sanitário foi dimensionado para permitir que uma pessoa, em cadeira de rodas, circule pelo ambiente; entretanto, o cadeirante necessita de ajuda para acessar o boxe e o lavatório. Os acessórios especificados do lavatório, como torneira, toalheiro, cesto de lixo, espelho, saboneteira, são adequados a uma pessoa em cadeira de rodas. De acordo com o projeto, há um espaço suficientemente mínimo que permite transferir a pessoa em cadeira de rodas para o vaso sanitário.

Em duas das instituições os sanitários estavam trancados. Na instituição onde o ambiente se encontrava aberto, observou-se que não havia contraste entre piso, parede e equipamentos, a fim de facilitar a orientação de pessoas com baixa visão. Algumas questões foram levantadas: Por que estavam trancados? Como é adequado a portadores de deficiência físico-motora e não há alunos com essa deficiência nas escolas, então não devem ser usados? Ou estão sendo usados para outros fins? Se há portadores com essa deficiência nas escolas, então os banheiros só são abertos quando os deficientes precisam usá-los?

O atendimento à Lei nº 10.098/2000 viabilizado por meio das especificações da NBR 9050/2004 em instituições de ensino (nesse caso específico, em instituições de ensino público), pode ser um dispositivo “eficaz” de institucionalização das políticas de Inclusão destinadas aos portadores de deficiência, entre aspas, pois, para atender à NBR 9050/2004, tais instituições precisam ser construídas considerando as especificações da referida Norma Técnica e as já existentes precisam ter sua infraestrutura predial adaptada. E o que se observou foi que as instituições analisadas não foram construídas contemplando todos os quatro componentes de acessibilidade espacial (orientação espacial, deslocamento, uso e comunicação) e não possuem recursos financeiros suficientes para a adaptação da infraestrutura existente.

Mas a Lei nº 10.098/2000 — formalidade legal do dispositivo —, precisa ser cumprida, caso contrário, a política pública de Inclusão não se materializa, e dessa forma “portadores de deficiência” e “não portadores” não compartilharão o mesmo espaço. Então, se opta por materializá-la por meio dos elementos que são mais visíveis: rampas de acesso e banheiros para o portador de deficiência físico-motora.

Vantagens da rampa e do banheiro para o portador de deficiência físico motora: promove o bem estar físico de todos (portadores de deficiência e não portadores). Em relação à rampa, é mais confortável subir uma rampa do que uma escada; é mais seguro mover equipamentos por uma rampa do que por uma escada; além disso, a rampa dispensa o elevador, que costuma elevar consideravelmente os custos com manutenção, gerando

economia para quem mantém as instituições públicas. Em relação ao banheiro, este não necessariamente é de uso exclusivo do portador de deficiência físico motora.

Há então uma “inclusão excludente” de portadores de deficiência, pois a presença dos componentes de acessibilidade espacial mais visíveis constituem indícios de inclusão — e já que a estrutura arquitetônica “existe”, logo Lei nº 10.098/2000 está sendo cumprida; consequência: política pública de Inclusão é materializada —, mas é uma inclusão que não se torna efetiva. O deficiente físico-motor, sensorial, cognitivo e múltiplo não tem acesso livre, confortável, seguro e digno às instituições de ensino. O espaço continua adequado apenas aos não portadores de qualquer deficiência.

Além dos nove aspectos arquitetônicos avaliados nas instituições, por meio do roteiro de observação direcionado, verificou-se uma predominância de barreiras físico-espaciais (arquitetônicas) e equipamentos de vigilância utilizados para segurança patrimonial.

Embora a concepção arquitetônica das instituições proponha uma conexão livre e fluida entre os ambientes internos e externos das edificações esta conexão não é estabelecida, pois todas as passagens são lacradas com grades de aço galvanizado tubular (Figura 6). Essas mesmas grades estão presentes em toda a área administrativa dos colégios, laboratórios de informática e de equipamentos audiovisuais. Além das grades, há câmeras de vigilância em todos os pavimentos.



FIGURA 6 – Grades para isolar passagens e ambientes — Itabuna (BA).
Fonte: Arquivo pessoal de Silvia Kimo Costa (2013).

O objetivo é proteger as instituições e os alunos que as frequentam de possíveis furtos e da violência, considerando o entorno imediato onde estão inseridas? Ou proteger as instituições dos alunos que as frequentam?

Sobre esse aspecto, convém destacar o caráter da instituição de ensino como aquela que encerra e controla conhecimentos, e que é acessada somente pelos permitidos. Um dispositivo de dominação via disciplinamento do sujeito pela sociedade (Foucault, 2011) e que se “Constitui em um dos elementos do poder-saber exercido pela escola, pelo Estado” (Lautert, 2010, p.5).

Considerando esse contexto, o que se observa é um paradoxo entre: 1) a institucionalização das políticas públicas que visam inclusão de portadores de deficiência; e 2) as barreiras arquitetônicas, presentes na instituição, que excluem os portadores ou não de deficiência.

CONCLUSÃO

As políticas públicas de Inclusão destinadas a promover a acessibilidade de portadores de deficiência, aqui entendidas como dispositivos, devem ser materializadas por meio de elementos arquitetônicos que contemplam os componentes de acessibilidade (orientação espacial, deslocamento, uso e comunicação) especificados pela NBR 9050/2004. Entretanto, nas instituições de ensino observadas, verifica-se que essa “materialização” ocorre somente por meio dos elementos arquitetônicos que possuem maior visibilidade: rampas de acesso e banheiros para deficientes físico-motores. Trata-se apenas de demonstrar que, de alguma forma, a Lei nº 10.098/2000 — formalidade legal do dispositivo —, está sendo cumprida. Ou seja, a inclusão não ocorre; ao contrário, tais elementos arquitetônicos apenas favorecem o conforto daqueles que não são portadores de deficiência.

Há ainda a predominância de barreiras físico-espaciais (arquitetônicas) destinadas à segurança patrimonial que excluem não só portadores de deficiência como não portadores, pois representam a vigilância, uma ameaça de punição daqueles que se pretendia incluir, ao proteger o patrimônio dos seus usuários por meio de estigmas de prevenção aos danos dos bens permanentes.

Essa materialização de políticas públicas de Inclusão, seja por meio de dispositivos arquitetônicos, normas, leis, programas assistenciais, objetiva cumprir a homogeneização da população pela normalização. Esses dispositivos são formas de assujeitamento utilizados pelo poder — Governamentalidade. Assim, estipulam-se condutas, e auxiliam uma produção de subjetividades (formas de agir e pensar) de sujeitos para que esses se tornem economicamente produtivos e politicamente dóceis. De certa forma, também influencia na territorialidade simbólica desses sujeitos, incluídos ou excluídos, no espaço das relações sociais tanto dentro da instituição de ensino, como fora dela.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 9050: acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência a edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos*. Rio de Janeiro: ABNT, 2004. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/sedh/ct/CORDE/dpdh/corde/ABNT/NBR9050-31052004.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2013.
- BAHIA (Estado). SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA. *Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães*. 2013. Disponível em: <<http://escolas.educacao.ba.gov.br/search/node/Col%C3%A9gio%20Modelo%20Luis%20Eduardo%20Magalh%C3%A3es>>. Acesso em: 5 jan. 2013.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 10 ago. 2013.
- BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 20 dez. 2000. p.2.
- BRUMER, A.; PAVEI, K.; MOCELIN, D.G. Saindo da escuridão: perspectiva da inclusão social, econômica, cultural e política dos portadores de deficiência visual em Porto Alegre. *Revista Sociologias*, v.6, n.11, p.300-327, 2004.
- DISCHINGER, M.; ELY, V.H.M.B.; BORGES, M.M.F.C. *Manual de acessibilidade espacial para escolas: o direito à escola acessível*. Brasília: MEC, 2009.
- DISCHINGER, M.; ELY, V.H.M.B.; PIARDI, S.M.D.G. *Promovendo acessibilidade espacial nos edifícios públicos: programa de acessibilidade às pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida nas edificações de uso público*. Florianópolis: Ministério Público de Santa Catarina, 2012.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 39.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 25.ed. São Paulo: Graal, 2012a.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.
- LAUTERT, L.V.S. *Do trabalho aos processos de socialização: subjetividades discentes e discursos docentes em negociação na sala de aula da EJA*. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 4., 2010, São Cristóvão. *Anais...* São Cristóvão: UFS, 2011. p.1-12.
- LOPES, M.C. Políticas de inclusão e governamentalidade. *Educação e Realidade*, v.34, n.2, p.153-169, 2009.
- MACIEL, M.L.C. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. *Revista São Paulo em Perspectiva*, v.14, n.2, p.51-56, 2000.
- OLIVEIRA, A.M.F. *Acessibilidade: comparação das leis dos países do Mercosul*. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, 2008. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>>. Acesso em: 5 jan. 2013.
- PASSARINO, L.M.; MONTARDO, S.P. Inclusão social via acessibilidade digital: proposta de inclusão digital para pessoas com necessidades especiais. *Associação Nacional do Programa de Pós-Graduação em Comunicação*, v.8, p.1-18, 2007. Disponível em: <www.compos.com.br/e-compos>. Acesso em: 10 ago. 2013.
- SOUZA, C. Políticas públicas: uma revisão da literatura. *Sociologias*, v.8, n.16, p.20-45, 2006.
- VEIGA-NETO, A.; LOPES, M.C. Inclusão e governamentalidade. *Educação e Sociedade*, v.28, n.100, p.947-963, 2007.

SILVIA KIMO COSTA Instituto Federal da Bahia | Tecnologia de Edificações | *Campus* Eunápolis | Av. David Jonas Fadini, s/n., Rosa Neto, 45823-431, Eunápolis, BA, Brasil | Correspondência para/ *Correspondence to*: S.K. COSTA | *E-mail*: <skcosta@hotmail.com>.

MILTON FERREIRA DA SILVA JUNIOR Universidade Estadual de Santa Cruz | Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente | Ilhéus, BA, Brasil

Recebido em
22/4/2013,
reapresentado em
10/9/2013 e aceito
para publicação em
31/10/2013.

O PARADIGMA DA CIDADE GLOBAL E AS OLIMPÍADAS DO RIO DE JANEIRO¹

THE PARADIGM OF GLOBAL CITY AND THE OLYMPICS AT RIO DE JANEIRO, BRAZIL |

EL PARADIGMA DE LA CIUDAD GLOBAL Y LOS JUEGOS OLÍMPICOS EN RIO DE JANEIRO, BRASIL

ANA CARLA DE LIRA BOTTURA

RESUMO

Considerando o atual contexto das principais cidades brasileiras, em fase de preparação para a Copa do Mundo de 2014, e do Rio de Janeiro, para as Olimpíadas de 2016 — um momento de grande relevância na história do urbanismo do nosso País —, propõe-se uma reflexão acerca de alguns importantes processos que os antecedem. Entre eles, o processo de mundialização das cidades, que vem acarretando sérias implicações no espaço urbano das metrópoles contemporâneas, com reflexos por vezes catastróficos para as populações locais. Nessa dinâmica, os megaeventos esportivos mundiais vêm desempenhando um papel catalisador de transformações urbanísticas e de projeção das suas cidades-sede no panorama político-econômico mundial, atuando, assim, como excelentes oportunidades à sua ascensão nos *rankings* que respaldam as redes de cidades mundiais. O presente artigo tem como objetivo estabelecer uma relação entre os diversos aspectos que determinam e influenciam a produção da cidade global e a realização dos megaeventos mundiais, relacionando-os a fatos que vêm acontecendo no âmbito da preparação das cidades brasileiras para os jogos, com foco no caso do Rio de Janeiro. Por meio da compilação de conceitos e contribuições teóricas de diversos autores, busca-se estabelecer um discurso que permita a compreensão dos reflexos da globalização da economia na produção do espaço urbano e as implicações sociais e espaciais das suas dinâmicas no contexto da preparação das cidades sede de megaeventos.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade global. Cidade mundial. Globalização. Megaeventos. Olimpíadas. Planejamento urbano.

ABSTRACT

Considering the current context of major Brazilian cities in preparation for the World Cup 2014 and Rio de Janeiro for the 2016 Olympics — a moment of great importance in the history of urban planning in our country — we propose a reflection about some important processes that precede them. Among them, the process of globalization of cities has been causing serious implications in the urban space of contemporary metropolises resulting in some catastrophic consequences for local populations. Within this context,

international sporting mega-events have played a catalytic role in urban transformations and promotion of their host cities in the world economic-political scenario. In addition, these events are excellent opportunities for host cities to increase their rankings that support the networks of world cities. The aim of the article is to establish a relationship between the various aspects that determine and influence the development of a global city and organization of international mega-events, linking them to facts that are occurring during the preparation of the Brazilian cities for the Games, focusing on the case of Rio de Janeiro. Through the compilation of concepts and theoretical contributions from several authors, we sought to establish the connections to understand the consequences of economic globalization in the development of the urban space and the implications of the preparation process of host cities for these mega-events.

KEYWORDS: *Global city. World city. Globalization. Mega-events. Olympics. Urban planning.*

RESUMEN

Teniendo en cuenta el actual contexto de las principales ciudades brasileñas, en preparación para el Mundial de Fútbol de 2014, y de Rio de Janeiro para los Juegos Olímpicos de 2016 — un momento de gran importancia en la historia del urbanismo en nuestro País — se propone una reflexión acerca de algunos procesos importantes que les preceden. Entre ellos, el proceso de globalización de las ciudades, que viene resultando en serias consecuencias en el espacio urbano de las metrópolis contemporáneas, con consecuencias muchas veces catastróficas para las poblaciones locales. En esta dinámica, los megaeventos deportivos mundiales vienen jugando cada vez más un papel de catalizador de transformaciones urbanísticas y de proyección de sus ciudades sedes en el panorama económico-político mundial, actuando así como excelentes oportunidades para su ascenso en los rankings que apoyan las redes de ciudades mundiales. Este artículo tiene como objetivo establecer una relación entre los diferentes aspectos que determinan e influyen en la producción de la ciudad global y la realización de los megaeventos mundiales, relacionándolos con hechos que se están sucediendo en la preparación de las ciudades brasileñas para los Juegos, enfocando el caso de Rio de Janeiro. A través de la compilación de conceptos y aportaciones teóricas de varios autores, se trata de establecer un discurso que permita comprender las consecuencias de la globalización económica en la producción del espacio urbano y los reflejos espaciales y sociales de su dinámica en el contexto de la preparación de las ciudades sedes de megaeventos.

PALABRAS CLAVE: *Ciudad global. Ciudad mundial. Globalización. Megaeventos. Juegos olímpicos. Planificación urbana.*

INTRODUÇÃO

Em um país como o Brasil, em pleno processo de emergência política e econômica no cenário mundial, mas que ainda apresenta condições contrastantes de distribuição de renda e com altos níveis de segregação espacial, a realização da Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 se constituem como grandes oportunidades de mudança social. No entanto, as dinâmicas que vêm sendo observadas nas cidades sedes destes eventos, sobretudo no Rio de Janeiro — desde o planejamento das áreas ocupadas pelos jogos, passando pelas soluções de mobilidade urbana, localização das instalações e equipamentos de apoio e culminando com a remoção massiva de população pobre ocupante do entorno das zonas de interesse, já denuncia uma clara tendência a que os beneficiários finais dos seus legados sejam outros personagens, que não aqueles que vivenciam a cidade no seu cotidiano.

A infinidade de concessões, bem como as famosas Parcerias Público Privadas, por meio das quais obras de grande porte necessárias aos megaeventos se viabilizam, têm como consequência o esvaziamento de praticamente todo e qualquer cunho social que tais experiências poderiam oferecer às suas cidades anfitriãs.

Mas por que não pode ser diferente? O que está por trás dessas dinâmicas?

O texto busca elucidar, por meio de formulações teóricas e estudos de diversos autores, os processos político-administrativos e econômicos nos quais se baseia a organização dos megaeventos esportivos nos dias atuais, resultando em intervenções de grande impacto, nem sempre desejáveis, no espaço urbano.

MUNDIALIZAÇÃO DAS CIDADES

Desde fins do século XX, mais especificamente em suas duas últimas décadas, a compreensão do processo evolutivo das cidades e as perspectivas de superação dos problemas urbanos vêm ganhando novos contornos, acompanhados da adoção de soluções cada vez mais homogeneizadoras. O processo de globalização da economia, desencadeado a partir dos últimos anos da década de 1970, não apenas promoveu uma ressignificação da centralidade econômica das metrópoles do Primeiro Mundo, como também, e sobretudo, causou repercussões determinantes na evolução do modelo hegemônico de gestão urbana vigente.

A globalização é entendida por Santos (2000) como a dimensão mais marcante do processo de mundialização do mundo capitalista e sua compreensão, assim como de qualquer outro processo histórico, demanda a consideração de elementos fundamentais tomados conjuntamente: o “estado das técnicas” e o “estado da política”. O sistema técnico predominante na atualidade — dominado pela tecnologia da informação, por meio da cibernética, da informática, da eletrônica —, tem a propriedade inédita na história de proporcionar a convergência de momentos e simultaneidade de ações em escala planetária, o que foi a principal causa de uma revolução nos meios produtivos. Nesse contexto, o

surgimento das empresas transnacionais e a fragmentação espacial da produção exercem um importante papel, sobretudo na imposição de novas lógicas de evolução territorial. No entanto, isolado, este sistema técnico não se apresenta viável, demandando para seu desenvolvimento a intermediação das políticas, sejam elas de empresa, de Estado, conjunta ou separadamente. Segundo o autor, o estado da política se baseia no conjunto de ações que asseguraram a emergência de um sistema financeiro mundial, de um mercado único global, somente sustentável por meio da mundialização do produto, do dinheiro, do crédito, da dívida, do consumo, da informação.

Ainda de acordo com Santos (2000), no processo de desenvolvimento da globalização a crise tem caráter estrutural: as variáveis nas quais se baseiam o novo sistema globalizado estão continuamente em choque, demandando constantemente novas definições e arranjos, o que pode ser entendido como uma crise permanente formada por crises sucessivas. Interpretando dessa maneira, o diagnóstico da crise que assola as metrópoles ao final dos anos 1970, com a substituição das atividades industriais pela intensificação do setor terciário (Carvalho, 2000), vem a corroborar a necessidade de mudanças estruturais visando atender às necessidades do mercado global e do novo sistema produtivo internacional.

A designação “cidade global” surge, assim, da necessidade de nomear essa mudança de *status* das metrópoles frente ao novo contexto da economia mundial. Sua difusão enquanto referente conceitual foi obra da socióloga holandesa Saskia Sassen em seu estudo sobre as transformações socioeconômicas e territoriais em três cidades específicas: Nova Iorque, Londres e Tóquio (Sassen, 1999). Tomando-as como exemplos líderes de novas condições que impulsionavam a relação entre economia mundial e vida urbana, Sassen identifica e justifica as principais características dessa nova categoria de cidades, as quais serviram como ponto de reflexão para muitos outros autores.

Não se pode ignorar que, muito antes da proposição de Sassen (1999), termos similares já se faziam presentes no panorama conceitual acerca da relação entre a economia internacional e os processos urbanos. De acordo com Gavinha (2008), o conceito de “cidade mundial” foi proposto pela primeira vez por Geddes (1915), em alusão aos centros urbanos que concentravam uma parte importante da atividade econômica do mundo, definição apropriada posteriormente por Hall (1966) e mais recentemente redefinida por Friedmann e Wolff (1982).

De acordo com Levy (1997), pode-se identificar um consenso entre alguns autores a respeito das principais características da cidade mundial, dentre as quais se pode destacar: concentração das funções de produção ideológica e de controle (maiores empresas e bancos do mundo, serviços avançados de transporte, comunicações, produção e transmissão de notícias); presença de elite internacional altamente remunerada e concomitante crescimento de funções de baixa remuneração ligadas aos setores da hotelaria e do turismo; polarização social; transformações urbanas, calcadas na elitização de áreas centrais; parti-

cipação de grandes capitais no mercado imobiliário; surgimento de crise no setor da habitação e degradação de áreas urbanas menos visadas; aumento dos gastos públicos com o objetivo de atrair investimentos; crescimento de conflitos políticos resultantes de demandas do capital internacional em contraposição às necessidades locais.

Contribuições no sentido da ampliação no marco conceitual de uma teoria de sistemas mundiais foram verificadas em Friedman (1972), Wallerstein (1984) e Geyer (2002), cuja evolução culminou com a proposição da noção de uma rede de cidades mundiais como o centro de gravidade do sistema de dominação global. Também se faz necessário destacar o conceito de “cidades informacionais”, contribuição de Castells (1989), baseado na sociedade em rede, em uma abordagem centrada principalmente no uso da *Internet* e tecnologias avançadas.

A relação complementar entre o local e o global foi amplamente explorada por Borja e Castells (1997), que consideram essas duas dimensões como geradoras conjuntas de sinergia social e econômica, sendo o local considerado centro de gestão do global. O desdobramento conceitual dessa compreensão é destacada por Soja (2008), ao discutir o termo “glocalização”, que teve o geógrafo belga Swyngedouw (1992) como um dos seus primeiros difusores. Ao propor um corte nas dicotomias interno-externo, micro-macro, apresentando os conceitos, repensados em conjunto e simultaneamente, a ideia do *glocal* aparece como uma nova maneira de explorar os processos por eles engendrados.

Mais que promover uma recopilação e a confrontação de todas as variantes fornecidas pelas abordagens conceituais a respeito desse tema — um debate longo e riquíssimo —, o que aqui interessa é captar os distintos aspectos assinalados por alguns autores, visando compreender a influência que esses processos econômicos de ordem mundial exerceram sobre os modelos de planificação e administração das cidades contemporâneas —, sejam elas intituladas mundiais, globais, informacionais, acolhedoras etc.

Nesse sentido, faz-se importante destacar as observações feitas por Carvalho (2000) acerca das diferentes formas de apropriação do término “cidade global” (e suas variantes) e as consequências delas subjacentes. A autora identifica três formas principais de apreensão do conceito: a forma diagnóstico, a forma típico-ideal e a forma paradigma. A hipótese da cidade global em sua forma diagnóstico refere-se à expressão de um processo histórico concreto, vivido por algumas metrópoles do Primeiro Mundo e reflete todo o movimento de transformação na estrutura produtiva pelo qual estas passaram, bem como as contradições inerentes. A segunda hipótese, da forma típico-ideal, refere-se a uma segunda geração de estudos que identifica como cidades globais as metrópoles de segunda ordem (Marques & Torres, 2000). Ou seja, trata-se da incorporação do término a realidades distintas daquelas em que esse foi produzido originalmente, partindo, não de um processo histórico, mas de uma classificação, a partir da identificação de características comuns observadas nas metrópoles que sofreram impactos da globalização da economia. A terceira proposição, do conceito de cidade global enquanto um novo paradigma

teórico, inaugura uma nova perspectiva a partir das quais as metrópoles devem ser analisadas. Esta ideia de que as grandes cidades devem ser compreendidas exclusivamente em virtude do processo de globalização da economia, defendida por Sassen (1999), supõe uma ruptura com relação às lógicas econômicas que lhe antecedem e sugere uma abstração ainda maior do movimento histórico específico da metrópole estudada.

Ou seja, privilegiam-se as explicações que decorrem das interferências verticais da globalização sobre o território da metrópole — as influências da economia global — por oposição às interferências horizontais, entendendo por horizontais as relações sociais locais que decorrem no tempo histórico da metrópole. Isso fica bem evidente quando tomamos a questão da segregação urbana como referência (Carvalho, 2000, p.73).

A cidade global enquanto paradigma privilegia as dinâmicas externas obscurecendo os processos intra-urbanos. Ao tentar explicar a segregação urbana, por exemplo, por meio da ótica da globalização da economia, toma-se como suposto que a lógica de apropriação do espaço urbano sofreu transformações em virtude dela, ignorando qualquer possibilidade de relação com as determinações históricas anteriores.

O que aqui se destaca é o fato de que, na atualidade, o paradigma da cidade global é o que vem orientando, não apenas grande parte das intervenções no espaço urbano como, principalmente, o modelo neoliberal de gestão adotado mesmo pelas cidades que ainda não fazem parte da rede mundial.

Se a nova economia global se articula territorialmente em torno das redes de cidades, o futuro de uma cidade no contexto mundial depende diretamente da sua inserção e posição em tais redes. *“De ahí que la nueva frontera de la gestión urbana consista en situar a cada ciudad en condiciones de afrontar la competición global de la que depende el bienestar de sus ciudadanos”* (Borja & Castells, 1997, p.31).

O *status* de cidade global como meta da gestão pública, respaldado por *rankings*, categorizações e classificações, é um fenômeno recente que vem trazendo uma série de consequências sociais e espaciais. O estabelecimento do mercado mundial (ou mais-valia universal), conforme propõe Santos (2000), como instrumento regulador do prestígio e das oportunidades de crescimento das cidades, aproxima o modelo ideal de gestão urbana do modelo de administração empresarial, que tem na competitividade sua principal mola propulsora.

A atual competitividade entre as empresas é uma forma de exercício dessa mais-valia universal, que se torna fugidia exatamente porque deixamos o mundo da competição e entramos no mundo da competitividade. O exercício da competitividade torna exponencial a briga entre as empresas e as conduz a alimentar uma

demanda diuturna de mais ciência, de mais tecnologia, de melhor organização, para manter-se à frente da corrida (Santos, 2000, p.30).

A competição transformada em competitividade caracteriza o que Milton Santos chama de “globalização perversa”, baseada na tirania do dinheiro — emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômica e social —, e a tirania da informação — a maneira como a informação é oferecida à humanidade, intimamente relacionadas.

O que Santos (2000) entende como versão perversa da globalização tem íntima relação com o que Beck (1998) propõe sob a denominação globalismo, que se refere à redução dos processos políticos e econômicos a esse modelo financeiro único, ao qual se fez referência anteriormente, tirando o protagonismo dos cidadãos e dando-o aos investidores. “*Por globalismo entiendo la concepción según la cual el mercado mundial desaloja o sustituye al quehacer político; es decir, la ideología del dominio del mercado mundial o la ideología del liberalismo*” (Beck, 1998, p.27).

De acordo com Harvey (1996), nas duas últimas décadas do século XX, impulsionada pelas mudanças na economia global, produziu-se uma reorientação de princípios na administração urbana dos países capitalistas avançados. Particularmente nos últimos anos, parece ter surgido um consenso geral em todo o mundo capitalista avançado de que benefícios positivos têm que ser obtidos por cidades que assumem um comportamento empresarial em relação ao desenvolvimento econômico (Harvey, 1996).

A este comportamento empresarial Harvey dá “*urban entrepreneurialism*”, traduzido para o português como “empresariamento urbano”, caracterizado pelo crescente envolvimento do poder público em atividades econômicas diretamente ligadas à produção e aos investimentos do capital privado. Como base desse comportamento, já vigente nos Estados Unidos desde a década de 1970, estão as perspectivas de ampliação da capacidade competitiva e rentabilidade da indústria local.

Um fator que contribuiu enormemente para esta dinâmica é a suposta perda de poder do Estado nacional frente ao mundo globalizado, dada a sua incapacidade de controle do fluxo monetário multinacional, poder este transferido às grandes empresas multinacionais. Na ótica de Borja e Castells (1997), a debilitação e a perda de legitimidade dos Estados nacionais se deram pelo fato de serem demasiado pequenos para controlar e dirigir os fluxos globais de poder, riqueza e tecnologia do novo sistema, e grandes demais para representar a pluralidade de interesses sociais e identidades culturais da sociedade, o que demanda “A reconstrução de um Estado flexível e dinâmico [...]” (Borja & Castells, 1997, p.31). O alcance dessa flexibilidade “necessária” ao reposicionamento do Estado no panorama econômico mundial é medido pela sua capacidade de atração de investimentos do capital internacional: “A tarefa da administração pública consiste, em resumo, em atrair para seu espaço uma produção altamente móvel, flexível e fluxos financeiros de consumo” (Harvey, 1996, p.57). Assim, com vistas a garantir espaço na competitividade

interurbana, proporcionar um bom “clima de negócios” converteu-se em objetivo primordial da administração urbana, por meio da oferta de condições especiais e todos os tipos de atrativos direcionados às grandes empresas transnacionais.

Assim, se difunde e se “normaliza” a defesa ao livre mercado capitalista; a política neoliberal se instaura enquanto conduta necessária à atualização do Estado, visando garantir o equilíbrio institucional e o crescimento econômico.

Por outro lado, o estabelecimento de tais agentes no território se caracteriza pela ausência de responsabilidade social e moral frente à população habitante e tem a capacidade de gerar ou agravar localmente a polarização na distribuição social da renda real (uma vez que os empregos por eles gerados tendem a ser de baixa remuneração para uma grande maioria, com uma incidência mínima de profissionais altamente qualificados com salários muito bons e um considerável crescimento no setor informal).

Do ponto de vista dos impactos urbanos observados pela lógica do empresariamento da cidade, observa-se que o peso do foco na economia política supera, em muito, o que é dedicado ao território. Assim, não apenas em termos de planejamento urbano, como também de intervenções concretas no espaço, a tendência aponta para o investimento massivo em operações imobiliárias pontuais e especulativas, direcionados a ampliar a capacidade atrativa e competitiva da cidade, sobretudo para os setores do turismo e dos negócios. O Planejamento Estratégico surge como o novo paradigma na forma de abordar as cidades, ou como sugere Carvalho (2000, p.74), correlativo ativo da ideologia da cidade global:

Compreendido como o empreendimento de uma terceira geração de urbanistas, pretende-se um novo paradigma na forma de abordar as cidades, negando, pelo menos em intenção, o planejamento urbano de tradição moderna bem como a crítica contextualista que lhe deu sequência.

As diretrizes defendidas e seguidas por esta nova geração de urbanistas, os “neoplanejadores” (Vainer, 2000), obviamente fundamentam-se nos mesmos princípios que orientam o reposicionamento das cidades no panorama globalizado: a busca pela eficácia e pela eficiência como elementos-chave na competitividade mundial — a partir da intensificação da fragmentação territorial, a flexibilidade política e administrativa, a dependência da participação do capital privado —, por meio das Parcerias Público Privadas — e o uso exaustivo do *marketing* urbano como peça fundamental de toda a estratégia de gestão. Os projetos urbanos planejados estrategicamente se dirigem à regeneração da economia e à ressignificação da imagem da cidade promovidos com financiamento público, mas postos a serviço dos investidores privados sem a garantia de contrapartidas equivalentes, orientadas ao desenvolvimento de políticas sociais (Diaz, 2007).

De acordo com Diaz (2007), o empresariamento urbano, também interpretado como processo de venda da cidade, se assenta sobre dois processos básicos: a reorganiza-

ção e a reimaginação da cidade. O primeiro processo refere-se precisamente às transformações do modelo de administração urbana da cidade global e suas repercussões. Já o segundo processo, a reimaginação da cidade, refere-se à associação, no campo simbólico, de novos discursos ao imaginário da cidade. Citando Short *et al.* (2000), o autor destaca a relação dessa dinâmica com o desejo de ressignificar a ideia de um passado industrial defasado, a partir de campanhas de promoção urbana com vinculação de imagens associadas à cultura, lazer e atividades terciárias, entendidas como imagens positivas.

Seguindo a mesma lógica da comercialização de qualquer outro produto, o processo de venda da cidade se utiliza de estratégias de *marketing* capazes de fazê-la atrativa aos olhos dos potenciais consumidores. A cidade, vendida como mercadoria, não se mostra tal como é; dela se selecionam os aspectos com maior capacidade de sedução para sua venda externa e a ela se associam ideias de forte impacto, por meio da criação de uma marca (*brand*, em inglês) que solidifique sua imagem no mercado, mais importante que o produto em si. De acordo com Muñoz (2008, p.164), a *brandificación* da cidade refere-se a:

[...] un proceso por el cual los valores y atributos de las marcas habrían ido pasando del anuncio en soportes diversos a su materialización en entornos físicos y espacios urbanos concretos; hasta el punto de configurar un espacio físicamente discontinuo que cruza territorios, estados y continentes [...].

O resultado inevitável desse processo é “[...] *la conversión de la propia ciudad en una marca*” (Muñoz, 2008, p.164).

No espaço urbano, a estratégia da cidade-marca se reflete no uso da arquitetura e do desenho urbano como exercício de diferenciação (Diaz, 2007). A criação de ícones na paisagem converte-se em prática de exaltação da nova imagem urbana, com frequência associada às ideias de cultura e modernidade, a exemplo da construção do Museu Guggenheim em Bilbao e a Cidade das Artes e da Ciência, complexo de lazer e cultura em Valência, ambas cidades espanholas. Nos dois casos, além do estabelecimento dos equipamentos em si como ícones visuais de grande impacto na paisagem urbana (dos quais podem ser tiradas excelentes fotos), sua presença converteu-se em elemento de projeção de tais cidades no panorama mundial, exaltadas pelo mérito de ter em seu território obras assinadas pelas estrelas internacionais da arquitetura contemporâneas: Frank Ghery e Santiago Calatrava, respectivamente. Desta maneira, “[...] *el paisaje se convierte en expresión y consecuencia de los intentos de reimaginar y orientar el consumo de la ciudad*” (Diaz, 2007, *online*).

OS JOGOS OLÍMPICOS E A TRANSFORMAÇÃO DAS CIDADES

A relação entre megaeventos e cidade esteve, desde o princípio, caracterizada por uma troca de benefícios que incluem o prestígio nacional e a projeção mundial da sede em contrapartida ao fortalecimento da “marca” do evento, por meio de uma correta e bem

estruturada organização. Ao longo do tempo, com o desenvolvimento das técnicas, a mundialização da economia e das cidades, os megaeventos passaram a representar uma oportunidade única de atração de investimentos em larga escala que possibilitam realizar operações urbanas jamais possíveis em um período tão curto de tempo e em condições tão favoráveis em termos políticos e sociais.

Em seu estudo a respeito da evolução das Olimpíadas Modernas de Verão na história, Rubio (2005) destaca diferentes fases do evento, compreendendo o período que vai desde o seu surgimento em Atenas, em 1896, até os dias atuais. A fase mais recente dos Jogos, denominada pela autora de “Fase de Profissionalização”, que tem seu início com as Olimpíadas de Seul, em 1988, é caracterizada por uma crescente comercialização do evento junto aos entes privados, sem que isso signifique uma redução dos gastos públicos.

Como já é de se esperar, a fase de profissionalização dos Jogos Olímpicos coincide com o período histórico correspondente à globalização da economia. Nesse momento, a intrínseca relação dos megaeventos com o panorama político e econômico global não apenas se reafirma como também assume proporções jamais registradas na história. O paulatino crescimento nas dimensões da espetacularização e no montante de recursos mobilizado para a realização das Olimpíadas vem proporcionando uma completa distorção dos princípios e valores olímpicos defendidos por Pierre Coubertin (criador dos Jogos Olímpicos Modernos), no começo do século XX. Da intenção de apresentar-se como celebração da paz entre nações por meio da competição esportiva, o evento transformou-se em desculpa esportiva para a celebração da competitividade entre cidades globais.

O modelo profissional de gestão e preparação da cidade olímpica (Rubio, 2005) obedece à mesma lógica e produz os mesmos resultados da cidade global: a intensa participação do capital privado internacional — gerando conflitos entre as demandas internas e externas e resultando, invariavelmente, na priorização dos últimos em detrimento dos primeiros; a promoção do agravamento na polarização social e segregação urbana; a proliferação de instalações e equipamentos orientados para o uso de um público elitizado e efêmero; o uso do *marketing* como ferramenta de (re)construção da imagem da cidade e estabelecimento do “consenso social”, apenas para citar alguns.

De acordo com Short (2004), os Jogos Modernos são eventos “gloais”, concebidos como espetáculos globais, campanhas nacionais e negócios municipais. As distintas escalas de projeção atendem aos interesses específicos de cada peça integrante dos grupos de interesse, desde o nível global até o local.

Os exemplos mais destacados deste novo momento das Olimpíadas enquanto oportunidade de alcançar o *status* de cidade global, moderna e multicultural, foram registrados em Barcelona 1992 e Pequim 2008, modelos exitosos do uso dos Jogos como impulsores não apenas da transformação urbana e criação de uma nova imagem para a cidade no contexto mundial, como também enquanto instrumento de afirmação de poder do País no panorama político-econômico (mais especificamente no segundo caso).

Em uma observação dos paralelismos encontrados entre as lógicas de intervenção urbana empregadas em Barcelona e Lisboa (na ocasião da Expo 1998), Pujadas (2006) destaca, entre outros, a ocorrência dos fenômenos da tematização e da elitização das áreas ocupadas pelos megaeventos e seus entornos, com frequentes mudanças de usos prioritários (incorporação de atividades de cultura, lazer e hotelaria), que atuam como elementos de atração de um novo perfil de usuários. Partindo de caracterização propostas por Martinotti (1996) e Hannerz (1998), o autor denomina estes novos atores sociais metropolitanos de novos usuários urbanos globais (Pujadas, 2006), que são consumidores do espaço urbano em tempo parcial.

A modelação das cidades tendo como foco principal a atenção a esse novo público caracteriza o que Pujadas (2006) designa “Cidades Acolhedoras”: considerando-se que os fenômenos predominantes na metrópole tendem a estar associados aos usuários temporais, a cidade deve fazer-se cada vez mais atrativa para estes, o que gera a demanda por um considerável aumento em sua capacidade de acolhimento, seja em oferta de quartos de hotéis, serviços ou espaços pensados para usuários com esse perfil. A cidade acolhedora é aquela pensada e programada para o visitante, não para o habitante.

Las ciudades acogedoras se orientan en lo económico hacia los flujos de capital, de actividades y a la circulación de personas en el ámbito global, por lo que se refuerza su ligazón transnacional y, por tanto, su dependencia respecto a esas realidades deslocalizadas y locales (Pujadas, 2006, p.372).

Pujadas (2006) também destaca a insustentabilidade social desse modelo de cidade, uma vez que ele somente se viabiliza por meio da conjunção entre capitais públicos e privados, o que leva à priorização em investimentos com retorno de curto ou médio prazo. Como resultado, vê-se a proliferação de atuações no espaço público que oferecem baixa rentabilidade social e são direcionadas aos usuários transnacionais, expulsando os habitantes marginais das zonas revalorizadas, dado o encarecimento do solo urbano.

No contexto da preparação das cidades para os megaeventos, pode-se afirmar que é perfeitamente previsível que as dinâmicas presentes no estado atual do sistema capitalista se reflitam nesta condição de produção quase instantânea de espaços urbanos. No entanto, a relação existente entre o fator tempo e a aplicação de uma quantidade (ao que tudo indica) inédita de recursos em obras de infraestrutura urbana, constitui-se em um novo elemento, determinante de uma forma atualizada de estado de exceção, como observa Vainer (2011).

De acordo com o autor, em uma análise de clássicos marxistas, de Marx a Agamben e Poulantzas, todas as formas totalitaristas de poder por eles estudadas conformariam um “estado de exceção”, que se configura em um tipo de regime no qual as classes dominantes não conseguem assumir diretamente as rédeas do poder e, de certa maneira, delegam a

direção do Estado a um “bonaparte” ou a um grupo particular (militares) (Vainer, 2011). Em tempos de globalismo, ao invés de militares, uma parte importante das funções de Estado é regulada e exercida pelo mercado, pelo capital privado.

A cidade de exceção se afirma, pois, como uma nova forma de regime urbano. Não obstante o funcionamento (formal) dos mecanismos e instituições típicas da república democrática representativa, os aparatos institucionais formais progressivamente abdicam de parcela de suas atribuições e poderes. A lei torna-se passível de desrespeito legal e parcelas crescentes de funções públicas do estado são transferidas a agências livres de burocracia e controle político (Vainer, 2011, p.10).

Para Vainer (2011), os megaeventos fazem da “cidade de exceção” uma realidade plena e intensa. A emergência do cumprimento de um calendário limitado e inalterável é a razão que justifica a infração da legislação urbanística, a supressão da participação popular, a opressão dos movimentos sociais.

NORMALIZANDO A EXCEÇÃO

Lugar da democracia direta do capital, a cidade de exceção de Vainer é o cenário hoje instaurado nas cidades sede da Copa do Mundo de 2014, sobretudo, no Rio de Janeiro, sede das Olimpíadas de 2016. Vêm sendo observadas, nesses locais, uma série de desapropriações e remoções de famílias pelo poder público para a construção de obras viárias; investimento em obras de infraestrutura e revitalização urbana; exclusão e/ou pacificação de favelas; formulação de parcerias público-privadas para administrar bens públicos; esvaziamento da esfera pública em detrimento da esfera privada que, com suas normativas, normaliza a apropriação indevida dos espaços públicos.

Uma das muitas práticas de exceção, hoje legitimadas pelos megaeventos, está nas remoções massivas de favelas nas grandes capitais brasileiras, cujas justificativas oficiais fingem total independência com as obras relacionadas aos jogos. Na capital carioca, três meses depois da eleição da cidade anfitriã dos Jogos 2016, o governo municipal divulgou uma lista contendo 119 favelas a serem removidas por estarem localizadas em áreas de risco de deslizamento ou inundação, áreas de proteção ambiental ou destinadas a espaços públicos, totalizando cerca de 12 000 domicílios e o equivalente a 3,5% da área total de favelas da cidade. A política de remoções, rejeitada e combatida pelos movimentos sociais na última década, com algum êxito, agora retorna respaldada pela necessidade de “limpar” a paisagem urbana, ainda que essas palavras não se façam presentes no discurso oficial. No entanto, as atitudes falam por si: mais de um terço das favelas eleitas estão na Barra da Tijuca, no Recreio e em Jacarepaguá, áreas de maior concentração dos investimentos provenientes das Olimpíadas e de grande interesse imobiliário.

De acordo com informações do Dossiê do Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas, lançado no Rio de Janeiro em maio de 2013, “Os investimentos públicos realizados em transporte BRT’s [*Bus Rapid Transit*] privilegiaram esses mesmos espaços, multiplicando as oportunidades de outros investimentos e de retorno financeiro na produção habitacional para classes média e alta e na produção de imóveis comerciais” (Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2013, p.19). Aqui se explicitam algumas das dinâmicas citadas anteriormente, apresentando características comuns às cidades globais, tais como manobras de empresariamento urbano, nas quais o poder público direciona o seu planejamento e suas ações com vistas a priorizar os investimentos que possibilitem a ampliação das condições de competitividade e capacidade de atração do capital estrangeiro. A elitização de algumas zonas de centralidade em detrimento da degradação de outras áreas urbanas menos valorizadas pode ser também encontrada nas opções de áreas para reassentamento de grande parte das famílias removidas:

Já os conjuntos habitacionais produzidos pelo Programa Minha Casa Minha Vida (destinado às famílias com rendimentos de até três salários-mínimos) para atender à população removida, não estão localizados, em sua grande maioria, nas áreas beneficiadas com investimentos para a Copa e as Olimpíadas, mas nas áreas periféricas da cidade, as quais possuem baixa cobertura dos serviços públicos e da infraestrutura urbana (Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Jan, 2013, p.20).

Ainda de acordo com o Dossiê, cerca de 3 000 famílias já foram removidas em função dos megaeventos e mais 8 000 ainda encontram-se ameaçadas de remoção, seja por motivo de obras viárias, construção de equipamentos esportivos, obras relacionadas à revitalização das Áreas Portuária, ou por estarem localizadas em áreas ditas como sendo de risco e/ou de interesse ambiental. A Vila Autódromo, situada próxima à Lagoa do Jacarepaguá, é uma dessas ocupações, cujo histórico de resistência à remoção já se converteu em um exemplo de força comunitária, e vem ganhando destaque na mídia, sobretudo após a recente vitória, em 9 de agosto de 2013, quando o prefeito Eduardo Paes comprometeu-se com a negociação para a permanência das famílias no local (Associação de Moradores e Pescadores da Vila Autódromo, 2011). Apesar da alta representatividade simbólica dessa conquista, ela não pode ser entendida como uma mudança de paradigma, uma vez que se constitui em um fato ainda isolado e resultante de uma sucessão de eventos de grande visibilidade no cenário nacional.

Na organização dos Jogos Olímpicos, a flexibilidade necessária às manobras de modelação da cidade olímpica-global-acolhedora se legitima por meio da criação da Autoridade Pública Olímpica (APO) — uma das muitas exigências do Comitê Olímpico Internacional para a viabilização do evento, capaz de estabelecer as bases legais necessárias às operações que, em condições ordinárias, poderiam ser classificadas ilegais. No Rio de

Janeiro, o arcabouço de medidas normativas neoliberais tem, ainda, como respaldo uma ferramenta criada inicialmente para fazer cumprir a função social da terra urbana e que hoje se constitui como peça-chave na legitimação da arbitrariedade: o Estatuto da Cidade. Baseando-se em seus instrumentos, a cidade da exceção se apresenta nas alterações injustificadas no Plano Diretor Municipal, submetidas a uma “votação relâmpago”, que criaram a outorga onerosa para as construções que ultrapassam os limites definidos por lei na zona portuária, mediante pagamento de contrapartidas. Está também no uso indiscriminado das Operações Urbanas Consorciadas e na criação dos Certificados de Potencial Adicional Construção (CEPAC). Os Certificados de Potencial Adicional Construção são títulos imobiliários emitidos para efetuar a cobrança da outorga onerosa do direito de construir além dos atuais índices de aproveitamento básico. As flexibilizações dos parâmetros urbanísticos aqui chegam a permitir a construção de edifícios de até 50 pavimentos na zona portuária. O dinheiro captado com a venda dos CEPAC financiará as obras de infraestrutura urbana, destinadas à adequação da área com o objetivo de atrair grandes empresas e grandes empreendimentos residenciais e, assim, oferecer garantias de retorno financeiro aos agentes envolvidos, que nesse caso são os setores da construção civil, turístico-imobiliário e da indústria do entretenimento.

No projeto da revitalização da zona portuária, o “Porto Maravilha”, as estratégias da cidade-marca também se fazem presentes no Museu do Amanhã, que será projetado por uma estrela da arquitetura internacional, o espanhol Santiago Calatrava, em local inicialmente reservado para a implantação de um parque urbano, com um investimento inicial previsto em R\$ 150 milhões, em parceria com a Fundação Roberto Marinho. As Parcerias Público Privadas (PPP) previstas nessa zona incluem, ainda, uma operação inédita no País, que é a contratação — por um período de 15 anos e por R\$ 7,5 bilhões do consórcio Porto Novo (formado pelas construtoras OAS, Odebrecht e Carioca Engenharia) para a prestação de serviços públicos, como a coleta de lixo, a manutenção da iluminação pública, pavimentação, poda de árvores e o ordenamento do trânsito nessa região e em parte do centro. Ou seja, funções públicas do Estado transferidas a agentes privados, livres de burocracia e controle político.

O Rio conta hoje com 21 projetos que são declaradamente relacionados à sua preparação para os jogos, com um investimento total estimado em R\$ 22,6 bilhões, sendo a maior parte desses direcionada às obras de mobilidade urbana. Cabe ressaltar, embora esteja praticamente explícito, que todas essas obras e manobras vêm passando por cima do princípio básico da gestão democrática, estabelecido pelo Estatuto da Cidade: são inúmeras as denúncias de violação dos direitos humanos e de total falta de transparência em qualquer projeto e obras vinculados aos megaeventos.

Concluindo esse breve relato acerca da corrida da “cidade maravilhosa” por um lugar ao sol no *ranking* das cidades globais, quiçá seja adequado recordar a publicação do Decreto Municipal nº 31.182/2009 que instituiu o “Rio Escritório de Negócios”,

com o objetivo de ser “Referência institucional da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro para atração e viabilização de investimentos nacionais e internacionais destinados à cidade” (Rio de Janeiro, 2009, p.3). Atuando hoje como Agência oficial de Promoção de Investimentos do Rio de Janeiro, a Rio Negócios é responsável por atrair, facilitar e dar suporte aos novos investidores interessados na cidade. Dessa maneira, a administração pública cria as condições favoráveis para atração do capital estrangeiro e plena realização das premissas do empresariamento urbano nos termos propostos por Harvey (1996), citados anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem a pretensão de esgotar a variedade de matizes das contribuições de diversos autores à discussão da cidade global, esse artigo limitou-se a “inventariar” algumas características que se apresentam pertinentes à compreensão da sua relação com a realização dos megaeventos mundiais e relacioná-las a alguns fatos que vêm acontecendo no âmbito da preparação das cidades brasileiras para os jogos, em especial no Rio de Janeiro. Como se pôde verificar nas páginas anteriores, o impacto da globalização da economia nas dimensões político-administrativa, social e territorial das cidades vem promovendo dinâmicas orientadas a um mercado mundial, que serve como regulador de todos os processos de transformação urbana daquelas que se dispõem a entrar na rede de cidades globais. Mais que uma disposição, o *status* de cidade global se impõe como uma condição à sobrevivência e ao crescimento econômico no mundo globalizado e, nesse sentido, os megaeventos vêm desempenhando um importante papel catalizador: alavancando transformações urbanísticas *express*, atropelando o planejamento urbano oficial, instituindo a cidade de exceção, legitimando o ilegítimo. Paradoxalmente, a insustentabilidade social já demonstrada por tais dinâmicas nos leva ao questionamento a respeito da sua validade enquanto paradigma. No entanto, onde estarão as alternativas?

NOTAS

1. Artigo elaborado a partir do capítulo I da dissertação de A.C.L. BOTTURA, intitulada “*Las Olimpiadas de Rio de Janeiro y el paradigma de la ciudad global: compartiendo un mismo modelo de gestión*”. Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, España, 2011.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PESCADORES DA VILA AUTÓDROMO. *Plano Popular da Vila Autódromo*. 2011. Disponível em: <<http://comunidadevilautodromo.blogspot.com/>>. Acesso em: 2 dez. 2012.

BECK, U. *¿Qué es la globalización? Falacias del globalismo, respuestas a la globalización*. Barcelona: Paidós, 1998.

- BORJA, J.; CASTELLS, M. *Local y global: la gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997.
- CARVALHO, M. Cidade global: anotações críticas sobre um conceito. *São Paulo em Perspectiva*, v.14, n.4, p.70-82, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 27 ago. 2011.
- CASTELLS, M. *The informational city*. Oxford, UK: Blackwell, 1989.
- COMITÊ POPULAR DA COPA E DAS OLIMPÍADAS DO RIO DE JANEIRO. Dossiê do Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro. *Megaeventos e violação dos direitos humanos*. 2013. Disponível em: <<http://www.apublica.org/wp-content/uploads/2012/09/dossic3aa-megaeventos-e-violac3a7c-3b5es-dos-direitos-humanos-no-rio-de-janeiro.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2013.
- DAZ, A.A. En torno a la mercadotecnia urbana: reorganización y reimaginación de la ciudad. *Biblio 3W*, v.12, n.712, 2007. Disponible en: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-712.htm>>. Acesso en: 28 ago. 2011.
- FRIEDMANN, J. A generalized theory of polarized development. In: HANSEN, N. (Dir.). *Growth centers in regional economic development*. New York: Free Press, 1972. p.82-107.
- FRIEDMANN, J.; WOLFF, G. World city formation: An agenda for research and action. *International Journal of Urban and Regional Research*, v.3, n.2, p.309-344, 1982.
- GAVINHA, J. Veinte años de ciudades globales: ideas, mitos y nuevas evidencias. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 10., 2008, Barcelona. *Anais eletrônicos...* Barcelona: Universidad de Barcelona, 2008. Disponible em: <<http://www.ub.es/geocrit/xcol/424.htm>>. Acesso en: 28 ago. 2011.
- GEDDES, P. *Cities in evolution*. London: Benn, 1915.
- GEYER, H.S. On urban systems evolution. In: GEYER, H.S. (Dir.). *International handbook of urban systems: Studies of urbanization and migration in advanced and developing countries*. Cheltenham, UK: Edward Elgar, 2002. p.39-65.
- HALL, P. *The world cities*. New York: McGraw-Hill, 1966.
- HANNERZ, U. El papel cultural de las ciudades mundiales. In: HANNERZ, U. *Conexiones transnacionales*. Madrid: Cátedra, 1998. p.205-225.
- HARVEY, D. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. *Espaços e Debates*, v.16, n.39, p.48-64, 1996.
- LEVY, E. *Democracia nas cidades globais: um estudo sobre Londres e São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- MARQUES, E.; TORRES, H. São Paulo no sistema mundial de cidades. *Revista Novos Estudos CEBRAP*, n.56, p.139-168, 2000. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/90/20080627_no_contexto_do_sistema.pdf>. Acesso em: 10 out. 2013.
- MARTINOTTI, G. *The new social morphology of cities*. Paris: Unesco, 1996.
- MUÑOZ, F. *Urbanización: paisajes comunes, lugares globales*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2008.
- PUJADAS, J.J. *Ciudades acogedoras? Transformaciones urbanas, imaginarios y actores sociales*. In: CONGRESO DE ESTUDIOS VASCOS, 16., 2006, Donostia. *Anais...* Donostia: Eusko Ikaskuntza, 2006. p.365-373.
- RIO DE JANEIRO. Decreto nº 31.182, de 5 de outubro de 2009. Institui o “Rio Escritório de Negócios” para articular e identificar oportunidades de negócios e investimentos na cidade do Rio de Janeiro. *Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro*, 6 out. 2009. n.137, p.3.
- RUBIO, K. Os jogos olímpicos e a transformação das cidades: os custos sociais de um megaevento. *Scripta Nova*, v.9, n.194, 2005. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-194-85.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2011.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SASSEN, S. *La ciudad global*: Nueva York, Londres, Tokio. Buenos Aires: Eudeba, 1999.

SHORT, J.R. Going for gold: Globalizing the olympics, localizing the games. In: SHORT, J.R. *Global metropolitan*: Globalizing cities in a capitalist world. London: Routledge, 2004. p.86-108.

SHORT, J.R. *et al.* From world cities to gateway cities: Extending the boundaries of globalization theory. *Cities*, v.4, n.3, p.317-340, 2000.

SOJA, E.W. *Postmetrópolis: estudios críticos sobre las ciudades y las regiones*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2008.

SWYNGEDOUW, E. *et al.* *Towards global localization*. London: University College Press, 1992.

VAINER, C. Os liberais também fazem planejamento urbano? In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARI-CATO, E. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.105-119.

VAINER, C. *Cidade da exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro*. 2011. Disponível em: <<http://pfdc.pgr.mpf.gov.br/atuuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/direito-a-moradia-adequada/artigos/cidade-de-excecao-carlos-vainer>>. Acesso em: 30 ago. 2011.

WALLERSTEIN, I. *The politics of the world economy: the states, the movements and the civilizations*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1984.

ANA CARLA DE LIRA BOTTURA Secretaria de Habitação de Hortolândia | Av. Olívio Franceschini, 2500, Remanso Campineiro, 13184-472, Hortolândia, SP, Brasil | E-mail: <acclira@gmail.com>.

Recebido em
25/4/2013,
reapresentado em
26/9/2013 e aceito
para publicação em
31/10/2013.

A SUSTENTABILIDADE NA CIDADE: UMA LEITURA DA IMAGEM URBANA A PARTIR DA ORLA DE PROPRIÁ, SERGIPE

CITY SUSTAINABILITY: AN URBAN IMAGE ANALYSIS OF THE RIVERBANKS OF PROPRIA, SERGIPE, BRAZIL | LA SUSTENTABILIDAD EN LA CIUDAD: UNA LECTURA DE LA IMAGEN URBANA PARTIENDO DE LA CIUDAD DE PROPRIÁ, SERGIPE, BRASIL

GIVALDO BARBOSA DA SILVA, ANTONIO CARLOS DOS SANTOS

RESUMO

O objetivo deste artigo é contribuir para a reflexão de como a leitura da imagem urbana pode ser útil à elaboração de planos e projetos de requalificação urbana para a construção de ambientes citadinos mais sustentáveis, a partir da conjugação básica de dois procedimentos metodológicos. O foco desta análise é a intervenção de orlas ribeirinhas em projetos de requalificação urbana; de modo particular, a Orla Ribeirinha do Município de Propriá, estado de Sergipe, situada às margens do Rio São Francisco. Primeiramente, analisa-se a importância da leitura da imagem para a sustentabilidade urbana, seguido de uma breve apresentação das metodologias adotadas. Em segundo lugar, discutem-se os dois métodos de leitura da imagem que serviram de base para a pesquisa: o Método de Análise Imagética, desenvolvido por Kevin Lynch, e o Método Semiótico de Percepção Ambiental, apresentado por Lucrécia D'Alessio Ferrara. Em seguida, examina-se a aplicação dos métodos para a construção de um diagnóstico parcial. Por último, as considerações finais apresentam diretrizes para pensar e intervir na realidade territorial desses ambientes de forma mais sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem urbana. Métodos de leitura da imagem. Orla ribeirinha. Sustentabilidade urbana.

ABSTRACT

The aim of this paper was to analyze the methodological procedures for the construction of more sustainable urban environments. The focus of this analysis is the intervention of urban regeneration projects along the riverbanks, particularly along the banks of the São Francisco river in the municipality of Propriá in the state of Sergipe. First, we analyze the importance of image analysis for urban sustainability, which is followed by a short description of the methods used. Second, we discuss the two following methods for image analysis: Image Analysis Method developed by Kevin Lynch; and the Semiotic Method for Environmental Perception by Lucrecia D'Alessio Ferrara. Then we analyzed the application of the methods for the development of a

partial diagnosis. Finally, the final considerations provide guidelines for developing a more sustainable reality of these environments.

KEYWORDS: *Urban image. Methods for image analysis. Riverbanks. Urban sustainability.*

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es contribuir a la reflexión de cómo la lectura de la imagen urbana puede ser útil para la elaboración de planes y proyectos de renovación urbana para construir ambientes ciudadanos más sostenibles, partiendo de la combinación de dos procedimientos metodológicos básicos. El objetivo de este análisis es la intervención de los bordes de los proyectos de regeneración urbana de ribera, especialmente en la ciudad de Propriá, Estado de Sergipe, situado en las márgenes del Río São Francisco. Primeramente, la importancia de la lectura de la imagen para la sostenibilidad urbana es analizada, seguida de una breve presentación de la metodología adoptada. Después, los dos métodos de lectura de la imagen que sirvieron de base para la investigación son discutidos, el Método de Análisis de Imágenes, desarrollado por Kevin Lynch, y el Método Semiótico de la Percepción Ambiental, presentado por Lucrezia D'Alessio Ferrara. A continuación, la aplicación de métodos para construcción de un diagnóstico parcial es discutida. Por fin, las consideraciones finales presentan directrices para pensar e intervenir en la realidad de estos ambientes más sostenibles.

PALABRAS CLAVE: *Imagen urbana. Método de análisis de imágenes. Márgenes de ríos. Sustentabilidad urbana.*

INTRODUÇÃO

Com a Constituição de 1988, o Governo Federal desobrigou-se das políticas públicas locais, fazendo com que os municípios passassem a elaborar estratégias próprias de desenvolvimento. Nesse sentido, inúmeras experiências foram desenvolvidas na tentativa de se formar uma nova “imagem” da cidade como forma de destaque no competitivo mundo globalizado e, assim, garantir investimentos. “Os atributos ambientais, culturais e históricos das cidades passaram a ser tratados de modo privilegiado como base das especificidades locais” (Lapa & Zancheti, 2002, p.35).

Diante desta nova conjuntura, alguns dos importantes centros brasileiros (Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Luiz) desenvolveram projetos voltados para a revitalização de áreas urbanas consolidadas ou históricas, que, entretanto, seguiram conceitos internacionais dentro do processo conhecido por *gentrificação*¹.

Em Sergipe, no início dos 1990, a orla marítima da capital e seu centro comercial (assumindo valores históricos) passaram por profundas transformações que se desenrolaram em diversas etapas ao longo de praticamente uma década. Esses projetos, de grande impacto no âmbito estadual, desdobraram-se em uma série de outras intervenções. Em uma primeira etapa, algumas localidades litorâneas foram alvo da reforma de suas orlas, seguindo

os mesmos padrões estéticos arquitetônicos da capital. Posteriormente, esses projetos expandiram-se para cidades localizadas às margens do Rio São Francisco e incorporaram a mesma visão turística, com a reconfiguração das orlas ribeirinhas e, na maioria dos casos, com a adoção de valores estéticos espaciais estranhos ao lugar.

Após mais de uma década, novamente os olhares se voltam para a capital sergipana, especificamente seu centro, que deve, nos próximos meses, ser o palco de estudos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no sentido de finalmente se delimitar seu núcleo histórico para tombamento e, provavelmente, a implementação de novos projetos de requalificação urbana.

Assim, o objetivo deste texto é analisar o resultado de uma pesquisa, concluída no ano de 2012, sobre a orla ribeirinha do município de Propriá², que teve como premissa aplicar duas metodologias³ que permitiram associar e introduzir, ao conceito destes programas de requalificação paisagística, uma interação entre técnica e saberes locais, baseada na percepção ambiental dos moradores. Este estudo pretende ampliar o diálogo em torno destas questões que ressurgem, contribuindo para a tomada de decisões políticas e técnicas, tendo como dados novos parâmetros de percepção urbana com a aproximação entre o poder público e a população.

Pode ser entendido também como integrante de pesquisas que abordam a identificação patrimonial do Brasil, em especial as que se debruçam sobre a paisagem cultural do sertão e semiárido nordestino, com a adição de estudos do patrimônio ambiental e imaterial, em consonância com os novos parâmetros disciplinares da Conservação Urbana Integrada, encontrados em pesquisas amplamente desenvolvidas pelo Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI), com sede em Olinda (PE).

Esses novos parâmetros incorporam as contribuições teóricas e práticas mais consolidadas das metodologias da conservação e do restauro, com as novas diretrizes do desenvolvimento sustentável, que “Restabeleceu a visão de longo prazo e enfatizou a importância do planejamento multidimensional da cidade” (Zancheti, 2002, p.81).

A conservação integrada é um princípio fundamental para a conceituação do desenvolvimento sustentável urbano, especialmente porque restabelece a cidade como um artefato histórico-cultural que estabelece o nexo entre as gerações. Nesse sentido, a cultura aparece como uma dimensão de mesma importância que a economia e a política, em qualquer estratégia de implantação de políticas de desenvolvimento sustentável (Zancheti, 2002, p.83).

A pesquisa visa a contribuir para a reflexão de como a leitura da imagem urbana pode ser útil para a elaboração de planos e projetos de requalificação urbana e a interpretação patrimonial de bens materiais imóveis que ainda não foram incluídos em listas de proteção ou tutela, dentro do ideário da sustentabilidade.

No município de Propriá, a faixa urbana limite com o Rio São Francisco, ou seja, sua orla ribeirinha urbana (Figura 1), hoje intensamente utilizada pela comunidade, carente de outras áreas para atividades de lazer, apresenta elevado processo de degradação ambiental e paisagística, com precária rede de infraestrutura. Ao longo das últimas décadas, esta área sofreu uma sobreposição de intervenções urbanísticas e arquitetônicas, por parte do poder público, que descaracterizaram o lugar, interferindo sobremaneira no espaço como referência na memória dos moradores.

Esse trecho urbano — área de estudo —, estende-se por uma faixa de aproximadamente 3km lineares, indo desde o início da ponte que faz ligação com o estado de Alagoas, no extremo Sul, até o início da rodovia de acesso ao município de Telha, no extremo Norte. Além deste limite, as características passam a ser de área rural, fugindo do tema central da pesquisa. No sentido paralelo ao curso do Rio São Francisco, o limite estabelecido abrangeu até a primeira via de circulação de veículos.

A orla ribeirinha é importante não só enquanto elemento físico urbano, mas também pelo seu caráter de fragilidade ambiental e destaque na vida econômica e cultural do município, além de representar uma tênue área de transição entre o urbano e o natural, onde o equilíbrio das condições ambientais é fundamental.



FIGURA 1 – Vista Panorâmica da Orla de Propriá.

Fonte: Arquivo pessoal (2011).

LEITURA DA IMAGEM E SUSTENTABILIDADE URBANA

Toda cidade está impregnada de significados e memória, que são construídos a partir da relação espaço/indivíduo. Desta forma, os lugares possuem a capacidade de transmitir mensagens, sensações, que são captadas pelos sentidos humanos e resultam em juízos de utilização dos mesmos (Leite, 2004). Compreender o espaço urbano implica compreender a sociedade que o contém e sua influência mútua.

Aprender o espaço exige um caminhar por níveis de conhecimento distintos, com o envolvimento entre o senso comum e o conhecimento científico. Só o encontro entre estes produtos diferentes poderá conferir legitimidade a esta tarefa, segundo Kohlsdorf (1996, p.52):

Tanto os estudiosos quanto os técnicos utilizam-se tradicionalmente de teorias e representações do espaço que não pertencem ao senso comum (próprio aos demais agentes), e desenvolvem análises, avaliações e projetos segundo certo código profissional restrito. Entretanto, suas decisões vão construir espaços reais, que serão lidos e apropriados por seus usuários segundo o modo de conhecimento sensível. Por isso, pesquisadores e técnicos precisam saber ver e expressar os lugares também por meio das categorias do saber empírico.

Como em todo organismo dinâmico, as cidades responderam a estes planos por meio de seus atores sociais, conformando reações materializadas em reorganizações espaciais, bem ou mal adequadas ao meio ambiente, retratando morfologicamente os anseios de seus indivíduos. Os resultados, na maioria das vezes, são contraditórios e, na verdade, expressam a inversão de compromissos entre os principais agentes institucionais responsáveis pela formação do espaço urbano. Cabe agora caminhar para novos processos de formação e compreensão do espaço urbano, reincorporando elementos do cotidiano e a cidade como um tipo de espaço produzido e utilizado pelas ações humanas. Nesse sentido, a leitura da imagem urbana pode significar uma metodologia enriquecedora na busca por cidades mais sustentáveis.

Espaços urbanos oferecem uma série de informações, que na verdade correspondem às expectativas e aos anseios e se traduzem em aspectos funcionais, térmicos, acústicos, de orientação e apropriação, podendo ser avaliados segundo seu desempenho (Carlos, 2004).

Ferrara (1999) destaca as questões da imagem urbana e resume em três aspectos fundamentais para sua compreensão: visibilidade, legibilidade e funcionalidade. A visibilidade está notadamente associada a uma questão orgânica no campo visual, ou seja, à visão como sentido hegemônico na percepção urbana. Assim, poderá uma rápida visada decodificar o espaço em um conjunto de pontos identificáveis. A legibilidade refere-se à possibilidade de decodificação do espaço em imagens ou elementos significativos de leitura. Por último, a funcionalidade está associada a uma espacialidade das formas físicas, de como se

organizam, possibilitando formas de uso distintas pelos usuários, que podem deslocar-se mais facilmente ou com dificuldade, facilitar a reunião ou dispersão, dentre outros.

Lynch (1990) pensa a imagem do ambiente em três elementos distintos: a *identidade* como capacidade do espaço de distinguir-se, ter individualidade; a *estrutura* como a interação espacial do meio com os usuários e outros espaços; e o *significado*, que confere ao espaço a possibilidade de estabelecer uma relação prática ou emocional para com o observador/usuário. Todas essas estruturações, no sentido de se apreender a imagem urbana, consideram a cidade como um organismo vivo, como um fenômeno social, e requerem movimentos de reflexão. Por conseguinte, nunca se obterá uma leitura completa, fechada, mas momentos de compreensão.

Carneiro e Milet (2002) definem a imagem como um instrumento para a interpretação da paisagem e atribuem a esta uma aplicação prática na melhoria do espaço urbano.

Os estudos relacionados à sustentabilidade, mais especificamente a sustentabilidade urbana, tornam-se cada vez mais complexos na medida em que este conceito vem sendo aprofundado e confrontado com a dinâmica do espaço citadino. Tais questões precisam estar presentes na pauta das políticas públicas e na gestão de cidades, na premissa do amplo debate democrático e, conseqüentemente, na possibilidade de os indivíduos influenciarem nas decisões que dizem respeito à coletividade.

Por ser um sistema complexo e aberto, a cidade e sua sustentabilidade é um conceito em constante transformação. Das várias dimensões que compõem essa temática cabe destacar três aspectos, que, de certa forma, resumem essa questão: uma primeira matriz discursiva aborda a sustentabilidade urbana sob a perspectiva energética e de materiais e suas interações com a sociedade e direciona suas ações para uma cidade menos consumidora; uma segunda linha aponta no sentido da sustentabilidade como processo de humanização da cidade, priorizando todos os elementos que elevem a qualidade de vida urbana⁴; e o terceiro aspecto, que aparece como tema central, é o que favorece a dimensão política da cidade, e está associado à capacidade do poder público de desenvolver estratégias para equacionar os conflitos sociais e a distribuição de recursos para a manutenção equilibrada da cidade (Zancheti, 2002).

Nas últimas décadas, a temática da sustentabilidade urbana vem tomando espaço na pauta de inúmeros pesquisadores, na tentativa de se entender a complexa rede de interações que compõem esse tema. Nesse sentido, a Conservação Urbana Integrada, que mais se aproxima dos aspectos de sustentabilidade humana e política da cidade apresentados anteriormente, adota uma metodologia abrangente de reconhecimento da área de estudo, segundo suas características geográficas, históricas, tipológicas, de percepção dos usuários, entre outras.

A partir desse trabalho é possível realizar a identificação da área dentro de um contexto de território histórico e cultural, hoje fortemente influenciada pelas questões ambientais (Lapa & Zancheti, 2002).

A Conservação Urbana Integrada trata de métodos de pesquisa — histórico-documental, de levantamentos, exploratórios *in situ* etc. —, que podem ser aplicados/conjugados com outros métodos de características mais compartilhadas com os usuários do lugar.

É dentro dessa perspectiva que se insere o estudo aqui descrito, que se utiliza apenas de metodologias participativas, sob o lastro conceitual da Conservação Urbana Integrada, sem, no entanto, perder de vista sua abrangência pontual, e que deverá ser enriquecido por outras dimensões, abrindo espaço para desdobramentos futuros de pesquisa.

MÉTODOS

A pesquisa foi estruturada na conjugação básica de dois métodos, na tentativa de se proceder a uma análise mais completa do problema em questão. O Método de Análise Imagética (doravante denominado método 1) trabalha no sentido de permitir que esquemas ou mapas mentais se constituam em estruturas que orientem a leitura da imagem da cidade, no sentido de permitir o reconhecimento dos seus pontos significativos.

O Método Semiótico de Percepção Ambiental (doravante denominado método 2) adota a fotografia como linguagem, como um sistema de representação de imagens — índices espontâneos de percepção ambiental —, que se concretizam em informação.

O método 1 foi apresentado por Kevin Lynch na década de 1960, quando fez a análise de três cidades norte-americanas — Boston, *New Jersey* e Los Angeles —, publicada no livro “*A imagem da cidade*”. O pesquisador sugere um método apoiado nas memórias e significações que os cidadãos possuem em relação à imagem de partes da cidade com a qual mantêm relação. Neste sentido, defende a tese de que uma cidade legível “Pode ser compreendida visualmente como uma estrutura de símbolos reconhecíveis” (Lynch, 1990, p.13), imagens que, se suficientemente claras, permitem ao indivíduo não só deslocar-se rápida e facilmente, mas também servem de base para o crescimento pessoal e social.

Apresenta cinco componentes que conformam a imagem da cidade: vias, limites, bairros, pontos focais ou cruzamentos e marcos visuais. A metodologia tem por objetivo identificar quais são os tipos e elementos principais de uma determinada área urbana, como se organizam e qual a contribuição que eles desempenham para a identidade do lugar, a partir dos moradores e usuários locais. Desta forma, conduz a uma forma prática de se deduzir qual a imagem pública de uma área qualquer. O método consiste basicamente em aplicar uma entrevista a um grupo de moradores e pedir a execução de um esboço do espaço estudado.

O método 2, desenvolvido e apresentado por Lucrecia D’Alessio Ferrara na obra “*Olhar Periférico*”, cuja primeira edição data do ano de 1993, toma por base fotografias tiradas por moradores usuários do local pesquisado, tratando-as como signos representativos da percepção ambiental.

Segundo Ferrara (1999, p.107), a imagem urbana e sua representação são construídas no dia a dia, como uma informação vivenciada. No entanto, esta imagem está submetida

a um contexto urbano produzido; além disso, “Altera-se conforme as características socio-culturais e informativas (repertório) do morador da cidade e submete-se às características físicas, econômicas e de infra-estrutura do próprio espaço urbano”.

Com isso, esta imagem processa-se de forma não estanque ou rígida, mas dinâmica e seletiva. Captar essa representação significa submetê-la a valores relacionados a um repertório cultural e individual, indicando que esta percepção urbana torna-se localizada, ambiental. Logo, a percepção ambiental deve gerar conhecimento a partir das informações retidas nos usos e hábitos que constituem a manifestação concreta do lugar urbano.

Esta compreensão permite desenvolver uma estratégia de pesquisa que, segundo Ferrara (1999, p.107), proporciona “Captar a representação urbana construída diariamente pelo homem, porém, a partir da própria seleção que ele é capaz de fazer dessa imagem”. Desta forma, admitindo-se que esta representação e percepção configura-se como uma ação não linear, a técnica a ser desenvolvida para sua captação deve contemplar uma lógica além da verbal. Assim, a fotografia realizada pelos próprios moradores mostra-se uma alternativa capaz de apreender a percepção e a seleção da imagem urbana.

O método opera com as imagens/índices das relações sociais no espaço, escolhidas pelo próprio usuário urbano por meio das cenas fotografadas. Desta forma, a associação entre essas imagens, que sinaliza para o cerne da relação entre o sujeito e o objeto registrado, proporciona o desejável caráter científico ao método adotado, com a apresentação de três instrumentos básicos de controle: contextualização, observação e atenção. A contextualização importa no primeiro esforço do pesquisador em clarificar o lugar urbano, sua estrutura, seus elementos constitutivos e as manifestações do usuário neste espaço; a observação refere-se à ação do pesquisador em captar e associar as imagens registradas ao local pesquisado; a atenção é o controle metodológico, derivado da observação, que torna possível o resgate da regularidade dos sinais e a generalização.

O uso da fotografia refere-se a um caráter operacional para flagrar índices de percepção ambiental, descartando-se qualquer valor artístico dos mesmos, e deve obedecer a temas previamente estabelecidos de forma a haver um controle dessa produção, direcionando-a para questões relacionadas ao cotidiano urbano. Com isso, tornam-se possíveis generalizações como formas de percepção ambiental, além de proporcionar a possibilidade de comparação⁵.

APLICAÇÃO DO MÉTODO 1

Para a escolha dos moradores entrevistados, teve-se a preocupação em montar um grupo (50 pessoas) que confirmasse a necessária vivência ambiental e, conseqüentemente, obter consistência nas respostas. Assim, a faixa etária variou entre 15 e 45 anos de idade, sendo que 96% do total morava há mais de cinco anos no município.

A primeira etapa do método I versou sobre um conjunto de questões que se voltaram especificamente à obtenção de qual imagem a população tinha da orla ribeirinha e os desdobramentos desta impressão, a partir de uma entrevista escrita.

Primeiramente, ao se perguntar qual associação é feita ao espaço orla, 100% das respostas identificaram o espaço com lazer e divertimento e reafirmaram a importância dos bares e quiosques como elementos marcantes de confirmação deste entendimento, acentuando uma visão limitada do espaço.

Em seguida, a análise foi direcionada para a identificação dos elementos que caracterizam a orla. Em um resumo geral, 74,1% dos entrevistados citaram ao menos um elemento, enquanto 25,9% não fizeram nenhum tipo de associação. Foram citados 12 elementos distintos em 41 citações — que equivalem ao total de 100,0% —, apresentados em ordem decrescente: Bares (37,2%), Mirante (14,6%), Rio São Francisco (9,7%), Muro de Proteção — entre a faixa de areia e a rua (7,3%), Bar Mangaba (4,8%), Bar Beira Rio (4,8%), Porto das Balsas (4,8%), Mercado do Peixe (4,8%), Quiosques de Lazer (4,8%), Calçada — limite com o muro (2,4%), Praças (2,4%), Escadaria — acesso a faixa de areia (2,4%).

Questionados sobre os elementos do passado, que desapareceram em função das sucessivas reformas implantadas na área, mas que poderiam ser resgatados em planos futuros, as respostas foram agrupadas da seguinte forma: Antiga Balaustrada — com elementos decorativos (25,9%), Bar Mangaba — atualmente desativado (22,2%), Antigos Encontros — reuniões frequentes nas calçadas da Orla (14,8%), Clube Cavaleiros da Noite — desativado (3,7%), Não fizeram referência (33,4%).

Desses dados, ressalta-se o grande percentual de pessoas que perderam qualquer tipo de referência ao passado — e isto não pode ser justificado pela faixa etária dos entrevistados, uma vez que, a maioria destes apresentava idade superior a 25 anos. No entanto, dos elementos físicos citados todos se encontravam na área próxima ao Mirante e Bares, comprovando a centralidade deste trecho, que é importante dentro do cenário cultural e recreativo do município.

A questão seguinte subdividia-se em uma primeira pergunta na qual se indagava sobre a importância do rio. Nesse sentido, 100,00% das respostas afirmaram que o Rio São Francisco era importante para a vida dos entrevistados, sendo identificados quatro tipos diferentes de justificativas para a pergunta: Recurso Natural — abastecimento d'água (48,3%), Recurso Financeiro — fonte de renda (33,3%), Importância Paisagística (14,9%), Importância na Memória — nostalgia de um passado vivido (3,7%). Observou-se, assim, que a grande maioria das pessoas tem uma visão prática/utilitária/exploratória do rio, aparentando um distanciamento enquanto elemento natural a ser preservado.

Na parte da entrevista relacionada à confecção dos mapas mentais, 85% dos entrevistados confeccionaram mapas com informações suficientes para a elaboração das análises; 11% desenharam mapas rudimentares que puderam ser parcialmente analisados e apenas 4% recusaram-se a fazer qualquer tipo de representação gráfica.

Da análise dos mapas mentais puderam ser extraídos quatro tipos de dados distintos: a delimitação da área, os elementos mais representativos de visualização, os marcos visuais da orla e a área de maior significância, representada com mais detalhes.

O estudo de todos esses aspectos confirmou que os moradores têm uma visão parcial do que seja a orla ribeirinha, ou seja, o espaço central na circunvizinhança dos bares e comércio. Ao mesmo tempo, esta região tem um enorme valor no imaginário coletivo: cerca de 75% dos mapas mentais têm elementos físicos deste trecho, a exemplo dos pórticos, dos próprios bares e edificações mais antigas. Esta centralidade está efetivamente incorporada ao imaginário da população como sendo a orla propriamente dita. Elementos mais distantes deste local, como as antigas fábricas e suas chaminés, foram representados em apenas 2% dos mapas.

DIAGNÓSTICO DO MÉTODO 1

Foram identificados dois elementos principais: a) o limite da área, ou seja, qual a extensão territorial que significa a orla para os moradores; b) os elementos marcantes ou os marcos referenciais urbanos. Esses elementos foram analisados comparativamente de acordo com o grau de incidência encontrado nos dois procedimentos.

Analisando-se tanto os elementos citados nas entrevistas, quanto os representados nos mapas mentais, percebe-se que a região circunvizinha ao Mirante representa o intervalo que define o que seja a orla para os moradores.

Quanto aos elementos mais marcantes, destacam-se nas entrevistas verbais os bares da orla, com 37,0% de citações, e o Mirante, com 14,6%. Nos mapas mentais houve destaque também para os bares, com 16,0%, o rio, com 16,0%, e o Mirante, com 15,0% das representações; os demais elementos em ambos os procedimentos apresentaram incidência abaixo de 10,0%.

Torna-se evidente que a região entre os bares da orla e a Prainha (região dos quiosques — Figura 2) concentra a maioria dos elementos identificados, ratificando a impor-



FIGURA 2 – Região da Prainha — Para os moradores o que representa a Orla pelo método 1.
Fonte: Arquivo pessoal (2011).

tância deste local no imaginário dos entrevistados, com todos os seus componentes urbanos apresentando diferentes níveis de legibilidade, mas claramente presentes nas imagens cotidianas capturadas por este método.

APLICAÇÃO DO MÉTODO 2

As imagens foram classificadas em “temas” na tentativa de aproximação com os mesmos parâmetros de identificação investigados no método de análise imagética (método 1), no intuito de possibilitar uma comparação entre os dois. Os temas foram apresentados e as fotos tiradas de forma livre pelos entrevistados (50 pessoas), com os seguintes resultados:

CENAS OU ELEMENTOS QUE REPRESENTAM O QUE SERIA “ORLA”

Foi identificado que 40% das fotos deste tema giravam em torno de jogos esportivos, outros 40% relacionavam-se a bares e quiosques, 13% ao Mirante e 7% ao rio. Nota-se, assim, a associação da orla às questões ligadas ao lazer esportivo e como esta prática faz parte do cotidiano, bem como os bares que, mesmo funcionando de forma rudimentar, ainda aparecem como única alternativa de diversão, principalmente para os adultos.

A classificação das fotos pode ser identificada da seguinte forma: as tomadas mais numerosas são aquelas com enfoque direto descritivo, nas quais aparecem em close fachadas de construções/bares (Figura 3) e personagens e ações de lazer em desenvolvimento.

Todas as fotos foram de imagens externas, a maioria abrangendo grandes planos. Apesar de não aparecer como elemento principal registrado, o rio aparece como pano de fundo para cerca de 60% das fotos.

No que tange a este tema, pode-se considerar que o lazer esportivo e os equipamentos de bares são para os moradores os elementos principais desta matriz perceptiva ambiental, com o rio permeando, mesmo que inconscientemente, esta apreensão.



FIGURA 3 – Tema Orla —
Bar Mangaba.
Fonte: Arquivo pessoal (2011).

CENAS OU ELEMENTOS QUE REMETEM À “MEMÓRIA”

Para este tema foram identificados seis índices de percepção urbana, distribuídos da seguinte forma: Casario Antigo (25%), Antigas Fábricas (25%), Rio (18%), Mirante (13%), Muro de Proteção (13%) e Bar Mangaba (6%).

Os registros mais expressivos referem-se a fotos nas quais aparecem em close fachadas de construções, casas antigas, velhas fábricas e marcos arquitetônicos (Figura 4), procurando ressaltar o porte edificado destas, conferindo-lhes um valor a mais que o de relíquia arquitetônica: o de referencial urbano.

Desta forma, pode-se concluir que, para os moradores, o tema memória é percebido e traduzido nos seus marcos edificados antigos, construções que remetem a uma época de glória da cidade e destaque na região do Baixo São Francisco.

CENAS OU ASPECTOS POSITIVOS IDENTIFICADOS NA ORLA

Na análise deste tema foram identificados seis índices de percepção urbana, sendo: Rio (50%), Casario Antigo (18%), Antigas Fábricas (14%), Praças e Áreas Verdes Urbanas (6%), Bar Beira Rio (6%) e Muro de Proteção (6%).

Esses dados indicam a importância do Rio São Francisco com relação à sua preservação. Vale salientar que as constantes e atuais campanhas ligadas à problemática de transposição do rio podem estar influenciando os moradores; no entanto, este índice está



FIGURA 4 – Tema Memória — Mirante.
Fonte: Arquivo pessoal (2011).

presente praticamente em todos os temas trabalhados. Em segundo e terceiro lugar, aparecem os índices ligados às construções antigas (Figura 5) que, somados, perfazem 32%, um percentual que comprova e reforça a análise do tema anterior, com a importância que as construções do passado desempenham para os moradores locais.



FIGURA 5 – Tema Cenas / Aspectos Positivos — Casario.
Fonte: Arquivo pessoal (2011).

As fotos relacionadas a este tema foram classificadas basicamente em dois tipos: o primeiro girou, em sua maioria, em torno do rio, que aparece flagrado em conjunto com outros elementos, a exemplo das margens vegetalizadas ou com a ponte ao fundo; refletem um sentimento de associação do elemento principal (rio) com outros, numa forma de interdependência. O segundo tipo refere-se principalmente às fachadas das construções, em close, semelhantes às reveladas para o tema anterior.

Assim, a questão da preservação aparece para os moradores como personificação do Rio São Francisco, mas não de forma isolada, e sim em conjunto com outros elementos complementares que lhe conferem um valor de sistema a ser preservado. De forma paralela, aparecem as antigas construções reforçando a ideia do tema anterior, com a associação de memória/conservação para esses marcos arquitetônicos.

CENAS OU ASPECTOS NEGATIVOS IDENTIFICADOS NA ORLA

Quase metade das fotos reveladas deste tema, 46%, giraram em torno das antigas fábricas; 34% referiram-se à poluição (Figura 6), seja ela ambiental ou visual, e 20% situaram-se especificamente com relação ao extinto Bar Mangaba. O tema foi interpretado pelos entrevistados como a identificação dos elementos que estão sendo destruídos pela ação



FIGURA 6 – Tema Cenas / Aspectos Negativos — Poluição do Rio.
Fonte: Arquivo pessoal (2011).

direta do homem ou pelo fator oposto, o seu descaso. Este quadro esclarece os principais focos de atenção da população relacionados a este tema.

O primeiro deles fecha e conclui a importância das antigas fábricas para o morador local, enquanto valor histórico — memória, arquitetônico —, e de preservação, e a consciência do descaso com relação à manutenção desses espaços e sua consequente degradação/destruição.

Outra parcela de entrevistados associou o tema à poluição. Neste caso, destacam-se dois aspectos: 1) os relacionados à poluição ambiental, com retratação de cenas de lixos e esgotos sanitários sendo jogados no rio; e 2) os relacionados à poluição visual, retratando a superposição de elementos de mobiliário urbano e outros que impedem ou dificultam a ampla visão do rio e sua paisagem.

Por fim, um terceiro grupo associou o tema a um aspecto mais nostálgico, ao retratar as ruínas do Bar Mangaba, fazendo referência a uma época de grande movimentação cultural que desapareceu.

O enfoque conferido a este tema pelos moradores deu-se de forma praticamente homogênea; são cenas de áreas degradadas pelo depósito de lixo nas margens dos rios, ou a construção indevida de edificações que impedem a visualização do rio ou, ainda, as antigas fábricas e suas chaminés em adiantado estado de deterioração em locais ermos da cidade.

CENAS OU ELEMENTOS QUE POSSAM IDENTIFICAR UM “BOM AMBIENTE”

Para este tema, foi identificado apenas um índice de percepção urbana: o Rio São Francisco. Os registros fotográficos, no entanto, não aparecem de forma homogênea, uma vez que grandes planos visuais incorporam a paisagem do rio a outros elementos, tais como suas margens com vegetação ou a ponte (Figura 7).

A maioria das fotos refere-se a um enfoque no qual o rio aparece dividindo espaço com áreas de terra firme; algumas incluem trechos urbanos, como o muro de contenção



FIGURA 7 – Tema Bom Ambiente.
Fonte: Arquivo pessoal (2011).

com rampa de acesso ou a ponte ao fundo. Em um segundo e menor grupo aparece exclusivamente o rio em close.

Desta forma, pode-se concluir que, para os moradores, o tema é percebido ainda de forma bucólica, materializado exclusivamente na imagem do Rio São Francisco e suas belas paisagens.

DIAGNÓSTICO DO MÉTODO 2

Quando analisado de forma conjunta, o resultado das fotos dos temas proporciona uma nítida visão da imagem da orla a partir desses registros.

Primeiramente, pode-se investigar os registros na tentativa de se determinar um limite, um intervalo espacial que traduza o que seja a orla para os moradores; assim sendo, observa-se que cerca de 70% de todas as fotos foram tiradas na área compreendida entre os quiosques da Prainha e a região do comércio central.

Esta ideia é reforçada quando analisados os dois primeiros temas, nos quais os equipamentos e práticas de lazer — sejam estas representadas por encontros nos bares e quiosques ou por jogos improvisados à margem do rio —, traduzem o significado da orla, com a maioria das fotos não ultrapassando as proximidades da região do mirante, resultado semelhante ao do tema memória, com cerca de 50% dos registros situados na mesma região.

Quanto aos elementos mais significativos, fotografados de forma isolada, que apareceram em quase todos os temas, destacam-se: os bares, o Bar Mangaba, o Bar Beira Rio, o Mirante e as antigas fábricas. Esses elementos podem ser traduzidos como de referência urbana, marcos orientadores da vida na orla e que assumem diversos valores, a depender do enfoque investigado.

Vale salientar que a maioria dos registros fotográficos fez referência a outro elemento, o Rio São Francisco, que, mesmo flagrado em abordagens distintas, permeou todos os temas propostos, revelando o valor de forte significância para o imaginário da população local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os dois métodos empregados proporcionaram uma leitura da imagem e dos significados urbanos, e que mesmo com as devidas adequações à realidade da área objeto de pesquisa, prestaram-se ao alcance dos objetivos propostos.

Os métodos empregados apresentam substanciais diferenças, de forma que fazer uma comparação entre eles pode representar uma abordagem limitadora a respeito das possibilidades de cada um.

Os habitantes usuários da orla ribeirinha de Propriá possuem uma imagem limitada, forjada, desta área; tal visibilidade foi construída a partir de elementos implantados em períodos e por projetos distintos ao longo do tempo, que reduziram maiores ou diferentes possibilidades de apropriação do local pelos habitantes da cidade.

A orla abriga em seus espaços potencialidades que, devidamente exploradas, podem resultar em uma reconfiguração de toda a dinâmica urbana. Assim, a leitura da imagem urbana configura um dos instrumentos — mas não o único —, de interpretação do ambiente e ferramenta para a construção da sustentabilidade desse território. Com base nos resultados obtidos neste estudo, faz-se mister apresentar as diretrizes expostas a seguir:

- A pesquisa aponta para um desdobramento com a aplicação de outras metodologias complementares, a exemplo da Conservação Urbana Integrada, método desenvolvido pelo Centro de Estudos Avançados na Conservação Integrada, com sede em Olinda (PE), que poderá complementar o quadro investigativo da realidade urbana com a inclusão de bens imóveis em listas de proteção e tombamento;

- Os planos ou projetos devem partir de premissas abertas, que permitam constantemente serem testados, avaliados e flexíveis a mudanças, valorizando aspectos sociais e culturais do lugar;

- Ao se identificar elementos pontuais de extremo valor ambiental e/ou paisagístico, como é o caso do Rio São Francisco, estes devem ser alvo de estudos específicos e merecem uma tutela por parte da sociedade envolvida;

- Por fim, as manifestações populares tradicionais, os encontros, brincadeiras, as atividades tradicionais de trabalho, tudo que reforce os laços de sociabilidade, deve ser encarado como bem intangível e, portanto, constituinte de uma cultura imaterial.

NOTAS

1. O resultado da revitalização de áreas históricas, deterioradas e obsoletas, que leva as áreas a passarem por um processo de valorização das propriedades imobiliárias, atraindo usuários que pagam rendas mais altas (Lapa & Zancheti, 2002).

2. Município do Estado de Sergipe, distante da capital cerca de 90km, localizado às margens do Rio São Francisco, divisa com o Estado de Alagoas.
3. Método de Análise Imagética apresentado por Kevin Lynch e Método Semiótico de Percepção Ambiental apresentado por Lucrecia D'Alessio Ferrara.
4. Temas em torno de uma estética da cidade, tais como saúde, saneamento, espaços livres vegetados, praças etc. (Zancheti, 2002, p.82).
5. Apresenta-se uma classificação, baseada em Ferrara (1999), para o estudo das imagens geradas: quanto ao enfoque — podem ser diretas (apreensão documental, plana e imediata) ou indiretas (com a mediação de outros elementos, difusa, com enfoques múltiplos); quanto aos objetos ou a forma — podem ser narrativas (a imagem do tema aparece dissolvida na ação de personagens que dinamizam o cenário) ou descritivas (os objetos são fotografados imediatamente).

REFERÊNCIAS

CARLOS, A.F.A. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2004.

CARNEIRO, A.R.S.; MILET, V. Métodos de análise dos bens imateriais e método de leitura da imagem de uma área urbana para sua reabilitação. In: ZANCHETI, S.M. (Org.). *Gestão do patrimônio cultural integrado*. Recife: UFPE, 2002. p.153-156.

FERRARA, L.D. *Olhar periférico*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1999.

KOHLSDORF, M.E. *A apreensão da forma da cidade*. Brasília: UnB, 1996.

LAPA, T.; ZANCHETI, S.M. Conservação integrada urbana e territorial. In: ZANCHETI, S.M. (Org.). *Gestão do patrimônio cultural integrado*. Recife: UFPE, 2002. p.31-36.

LEITE, R.P. *Contra-usos da cidade: lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Unicamp, 2004.

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1990.

ZANCHETI, S.M. O desenvolvimento sustentável urbano. In: ZANCHETI, S.M. (Org.). *Gestão do patrimônio cultural integrado*. Recife: UFPE, 2002. p.79-83.

GIVALDO BARBOSA DA SILVA Universidade Federal de Sergipe | Núcleo de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente | Av. Marechal Rondon, s/n., Jardim Rosa Elze, 49000-100, São Cristóvão, SE, Brasil | Correspondência para/Correspondence to: G.B. SILVA | E-mail: <giva_arq@uol.com.br>.

ANTONIO CARLOS DOS SANTOS Universidade Federal de Sergipe | Núcleo de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente e do Mestrado em Filosofia | São Cristóvão, SE, Brasil.

Recebido em
29/4/2013,
reapresentado em
16/7/2013 e aceito
para publicação em
24/9/2013.

CIDADE E COMÉRCIO: RELAÇÕES EM JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS

CITY AND COMMERCE: RELATIONS IN JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS, BRAZIL |

CIUDAD Y COMERCIO: RELACIONES EN JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS, BRASIL

ANTONIO COLCHETE FILHO, FREDERICO BRAIDA, CARINA FOLENA CARDOSO

RESUMO

Paralelamente ao seu crescimento populacional, a cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, vem agregando novos mercados consumidores que trazem para o tecido urbano a inserção de tipologias comerciais diferenciadas. O objetivo deste artigo é realizar uma breve análise dos principais exemplares comerciais de Juiz de Fora, situando-os em uma abordagem espaço-temporal e relacionando as soluções de projeto com os desdobramentos de suas inserções para as áreas adjacentes. O trabalho é dividido em três partes: na primeira é traçado um breve histórico das atividades comerciais em Juiz de Fora; na segunda parte é apresentado um panorama analítico do processo de descentralização comercial vivenciado na cidade; e na terceira são estudadas as tipologias de duas das principais áreas de nova centralidade comercial do município. Concluiu-se que a arquitetura comercial, no contexto das cidades de médio porte, valendo-se de uma boa localização, planejamento criterioso e um estudo de implantação pautado em seu contexto urbano, colabora sobremaneira com o desenvolvimento de seu entorno.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura comercial. Comércio. Juiz de Fora. Novas centralidades.

ABSTRACT

In addition to its population growth, the city of Juiz de Fora, Minas Gerais, Brazil, has been facing the inclusion of new consumer markets, which brings different commercial typologies to the urban environment. The aim of this article is to present a brief analysis on the main commercial examples in the city using a spatio-temporal approach and comparing the design solutions with the results of these commercial activities in adjacent areas. The article is divided into three parts: the first presents a brief history of the commercial activities in Juiz de Fora; the second is an analytical overview of the commercial decentralization process experienced in the city; and the third studies the typologies in the two main areas of new commercial centrality in the city. It was concluded that the commercial architecture, within the context of medium-sized cities, contributes to the development of the city surroundings, since it takes advantage of a good location, planning and has an implementation study based on the urban context.

KEYWORDS: Commercial architecture. Commerce. Juiz de Fora. New commercial centrality.

RESUMEN

Paralelamente a su crecimiento de población, la ciudad de Juiz de Fora, Minas Gerais, ha incorporado nuevos mercados de consumo que traen la inserción de tipologías diferenciadas de comercio al tejido urbano. El propósito del presente artículo es hacer un breve análisis de los principales ejemplares comerciales de Juiz de Fora, colocándolos en un enfoque espacio-temporal y relacionando las soluciones de proyecto con los desdoblamientos de sus inserciones para las áreas adyacentes. El trabajo se divide en tres partes: la primera presenta una breve historia de las actividades comerciales en Juiz de Fora, en la segunda parte se presenta un panorama analítico del proceso de descentralización comercial vivido en la ciudad, y en la tercera se estudian las tipologías de dos de las principales áreas de nueva centralidad comercial de la ciudad. Se concluyó que la arquitectura comercial en el contexto de las ciudades de tamaño mediano, aprovechando una buena ubicación, la planificación cuidadosa y un estudio de implantación guiado en su contexto urbano, contribuye en gran medida al desarrollo de su entorno.

PALABRAS CLAVE: *Arquitectura comercial. Comercio. Juiz de Fora. Nuevas centralidades.*

AS CIDADES E A PRÁTICA COMERCIAL

Espaços vitais para a dinâmica urbana, as vias extrapolam a função de canais de ligação e circulação. Elas são os elementos predominantes na paisagem citadina, locais de trocas simbólicas, por meio dos quais o transeunte observa e vivencia a cidade, sua organização e as relações entre os elementos que a conformam (Lynch, 1997). Complementando essa linha de pensamento, Jacobs (2009, p.29) afirma que:

A calçada por si só não é nada. É uma abstração. Ela só significa alguma coisa junto com os edifícios e os outros usos limítrofes a ela ou a calçadas próximas. Pode-se dizer o mesmo das ruas, no sentido de servirem a outros fins, além de suportar o trânsito sobre rodas em seu leito. As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais.

O comércio pode margear, estender-se e, não raras vezes, apropriar-se das calçadas, imprimindo-lhes a identidade da cidade. Pense nas tipologias comerciais da Medina, em Marrocos; da *Times Square*, em Nova Iorque; ou mesmo da 25 de Março, em São Paulo, e terá apreendido muito da constituição social, cultural e econômica de cada uma dessas populações.

De fato, o comércio não só reflete as dinâmicas sociais e econômicas dos centros urbanos, como também se estabelece por meio delas. Dessa forma, o estudo desenvolvido

no presente artigo é resultado de uma pesquisa acerca das relações entre o comércio e a cidade de Juiz de Fora (MG), que, com seus 516 247 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010), porta-se como importante polo de serviços da Zona da Mata Mineira, sendo referência regional nos setores educacionais, comerciais, institucionais e de saúde.

Juntamente ao seu crescimento populacional, a cidade vem agregando novos mercados consumidores, que trazem para o tecido urbano a inserção de tipologias comerciais diferenciadas, focos de atração e geração de fluxos. O objetivo deste trabalho é realizar uma breve análise dos principais exemplares comerciais de Juiz de Fora em seu novo contexto de descentralização comercial, situando-os em uma abordagem espaço-temporal e relacionando as soluções de projeto com os desdobramentos de suas inserções para as áreas a eles adjacentes. Dessa forma, o trabalho é dividido em três partes: na primeira delas é traçado um breve histórico das atividades comerciais em Juiz de Fora, ressaltando a relevância da área central e das tradicionais galerias; na segunda parte é apresentado um panorama analítico do processo de descentralização comercial vivenciado na cidade; na terceira parte são estudadas as tipologias de duas das principais áreas de nova centralidade comercial do município: Alto dos Passos (nova centralidade formalizada a partir dos anos 1990) e Estrela Sul (cujo desenvolvimento majoritário ocorre a partir dos anos 2000).

COMÉRCIO EM JUIZ DE FORA: UMA RELAÇÃO DE ORIGEM

Elevada à categoria de cidade em 1850, Juiz de Fora teve seu crescimento acelerado a partir da ligação entre os estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais pelo antigo “Caminho do Ouro”, funcionando como parada de tropeiros. Diferentemente de muitas cidades mineiras, sua evolução urbana não esteve atrelada de forma direta à atividade mineradora. A consolidação de Juiz de Fora como cidade se deu a partir da expansão da economia cafeeira e do posterior desenvolvimento industrial, conferindo-lhe a designação de “Manchester Mineira”, no início do século XX (Oliveira, 1966).

Contudo, a prática comercial em Juiz de Fora se estabeleceu historicamente desde os primeiros indícios de povoamento da região às margens do Caminho Novo (estrada real de acesso às Minas Gerais). Os portugueses, ali estabelecidos, foram responsáveis pela implantação de estabelecimentos comerciais, em especial sob a modalidade de armazéns, que estimularam o processo de crescimento local. Mais tarde seriam também os imigrantes lusitanos que se fixariam no município, prosperando “Financeiramente mediante pequenos comércios populares como padarias, bares e botequins” (Guimarães, 2008, p.34).

De fato, a constituição da população imigrante da cidade foi um fator determinante para a conformação das tipologias comerciais aqui encontradas. Os sírios e libaneses tiveram uma participação efetiva nesse processo. Era no andar térreo de suas residências que instalavam suas casas de tecido e armarinhos, em locais especialmente escolhidos,

levando em consideração a concentração urbana, como vias centrais e proximidades da Estação Ferroviária (Guimarães, 2008).

A morfologia urbana do núcleo central da cidade é usualmente descrita como um triângulo conformado por três vias: a Avenida Barão do Rio Branco (primeira rua de Juiz de Fora); Avenida Getúlio Vargas (trecho da estrada União Indústria) e Avenida Presidente Itamar Franco (resultante da canalização de um córrego afluente do Rio Paraibuna, na segunda metade do século XX). Sob a perspectiva de Abdalla (2000, p.10), essas três vias:

Formam em conjunto o que é considerado o coração vivo da cidade de Juiz de Fora, não apenas o lugar central do nascimento da cidade, isto é, este é o lugar onde a vida urbana ocorre e é possível observar os cidadãos locais, o cotidiano urbano, a cultura da cidade, a sociedade, os debates e problemas regionais, enfim é o lugar onde a cidade expõe as suas próprias coisas.

O equilíbrio entre as funções comerciais, de prestação de serviços, habitacionais e de lazer garante, mesmo atualmente, a manutenção da vitalidade central de Juiz de Fora. As galerias comerciais associadas aos calçadões, configurando o que Braida (2011) chama de “passagens em rede”, fazem com que o centro da cidade se porte como um grande “shopping a céu aberto” (Figura 1)

De fato, não só as trocas de bens e mercadorias, como também as trocas simbólicas, são em muito favorecidas mediante a facilitação do deslocamento dos pedestres por meio do complexo sistema formado pelas vias e galerias, “Que por meio de espaços labirínticos conectam diversos quarteirões ali presentes” (Abdalla, 2011, p.22).

Ainda que a detenção de maior parte da infraestrutura e de atividades econômicas e de serviço faça com que o centro preserve até os dias de hoje sua posição como principal



FIGURA 1 – Galeria Pio X, a primeira galeria de Juiz de Fora (MG).
Fonte: Arquivo pessoal (2008).

núcleo comercial da cidade, Juiz de Fora — tal como outros municípios de médio porte —, começa a vivenciar um processo de descentralização. Esse processo é caracterizado pelo deslocamento de moradores, “Firmas, empresas e atividades que não conseguem se manter e pagar pelo alto preço da terra” nas regiões centrais das cidades, um quadro que em muito se relaciona com o uso intensivo do solo e com as facilidades atribuídas à melhor infraestrutura (Schwenk & Cruz, 2005, p.182).

Em Juiz de Fora, um reajuste nos aluguéis centrais de 400%, representando em valores médios um aumento de R\$2.000,00 reais para R\$10.000,00 reais, foi responsável pelo encerramento das atividades de vários lojistas estabelecidos na região central, acarretando uma migração das atividades comerciais para outros bairros (Lopes, 2011), dentre eles: Benfica, São Pedro, Manoel Honório, Santa Terezinha, Cascatinha, São Mateus e Alto dos Passos.

Esse processo de descentralização já vem chamando a atenção do poder público municipal para a necessidade de elaboração de estudos com vistas a nortear a expansão comercial dos bairros. No ano de 2011, o então secretário de Planejamento e Desenvolvimento Econômico da cidade, André Zuchi, afirmou em entrevista ao jornal local *Tribuna de Minas* ser importante a priorização do desenvolvimento de diferentes regiões da cidade, um processo que deveria ser estimulado por meio da implantação de *shoppings*, hospitais, praças e jardins. Ainda que Zuchi tenha mencionado uma preocupação com o não esvaziamento e a conseqüente degradação da região central (Lopes, 2011), o que chama atenção no discurso do secretário é a compreensão de uma linha de pensamento que considera os investimentos em grandes equipamentos urbanos e espaços públicos como elementos cruciais ao desenvolvimento comercial descentralizado.

DESENVOLVIMENTO URBANO E DESCENTRALIZAÇÃO COMERCIAL

Ainda que o processo de descentralização percebido hoje em Juiz de Fora em muito se atribua ao contexto econômico, é possível entendê-lo como uma continuação de um movimento de transição da elite juiz-forana, inicialmente instalada no núcleo central, rumo a residências na periferia, em meados do século XX. A partir da década de 1980, houve uma intensificação desse quadro, quando, mediante a promulgação da Lei de Uso e Ocupação do Solo em 1986, bairros como Santa Helena, Granbery, São Mateus e Bom Pastor começaram a sofrer um processo acentuado de verticalização (Colchete Filho *et al.*, 2011).

Sob a ótica de Jacobs (2009), a alta concentração de moradores, alcançada por meio da verticalização, é um dos principais elementos geradores de diversidade no meio urbano. Contudo, a autora também salienta que nesse processo são importantes a coexistência de edifícios de variadas idades e estados de conservação, quadras curtas e atendimento a mais de duas funções principais. Foram, de fato, essas características que sempre fizeram do Centro de Juiz de Fora um importante e próspero núcleo comercial, e seriam elas também que impulsionariam o desenvolvimento do comércio nas localidades recém-verticalizadas.

Também detentores de altos índices de densidade populacional, os bairros que iniciaram seu processo de verticalização a partir do terceiro quartel do século XX passaram a desenvolver os elementos geradores de diversidade, atraindo novos públicos. Um maior número de carros, novas linhas de ônibus, novos loteamentos e conceitos de habitação alteraram os referenciais da população local e fizeram a cidade se expandir de forma cada vez mais longínqua de seu núcleo central.

Agora, os bairros adjacentes ao centro, no passado pontos finais de bondes, têm em suas vias caminhos para outras localidades. Não tardou para que esses novos fluxos neles estimulassem o desenvolvimento do comércio. Mesmo onde a Lei de Uso e Ocupação do Solo restringia um maior leque de atividades comerciais, a oferta passou a se concretizar nas imediações. Um grande exemplo, nesse sentido, é o bairro de classe média alta Bom Pastor, que nos anos 1990 representava um expoente da habitação coletiva de alto padrão. Com a legislação urbana permitindo no bairro somente o comércio de pequeno porte, a população do Bom Pastor supre suas demandas comerciais no lindeiro Alto dos Passos, um importante subcentro comercial para toda a região sul da cidade.

A instalação de uma famosa rede de *fast food* em um cruzamento estratégico, próximo à Avenida Rio Branco, foi a âncora do desenvolvimento comercial do Alto dos Passos, principalmente com relação ao comércio noturno. A implantação da lanchonete no bairro foi tão bem sucedida que ali permanece até hoje. Esse exemplo ilustra muito bem o que Vargas (2006) aponta como essencial à implantação de um empreendimento comercial: saber dimensionar o público e defini-lo segundo seu perfil e poder de compra. É possível ir além nessas considerações e buscar compreender onde está esse público em potencial no território.

É interessante perceber que, ao passo que o contexto urbano pode determinar públicos específicos que, conseqüentemente, terão como resposta tipologias comerciais também específicas, as atividades comerciais bem sucedidas incentivam a inserção de outras e, aos poucos, o comércio vai dotando as vias das cidades de novos significados e funções. Voltando ao exemplo do Alto dos Passos, a vitalidade de seu comércio local, intensificado com a implantação do *fast food* e depois difundido pelas vias do bairro com a abertura de inúmeros bares e restaurantes, fez com que suas calçadas começassem a ganhar um caráter de ambiente de encontro, entre amigos, conhecidos e até mesmo estranhos. Essa característica se torna evidente nas tradicionais comemorações de torcidas de futebol, festas de Carnaval e Copas do Mundo, famosos eventos do bairro.

A vitalidade do comércio noturno do Alto dos Passos, além do vasto leque de estabelecimentos gastronômicos, conta também com supermercado, posto de gasolina e farmácia, todos funcionando 24 horas. Essa condição pode ser explicada a partir da visão de Vargas (2006), que atrela a ocorrência do comércio noturno, em especial os de funcionamento integral, à complexidade de funções de serviço nas localidades. De fato, o Alto

dos Passos dispõe de uma estrutura ligada à prestação de serviços que envolve três hospitais e estações de rádio, que trazem para essa região um fluxo advindo de todo o município, bem como de cidades vizinhas, além de dotarem a área de uma maior oferta de taxis e transporte coletivo.

JUIZ DE FORA EM PROCESSO DE DESCENTRALIZAÇÃO: TRADIÇÃO E NOVAS INSERÇÕES

Duarte (2006, p.98) afirma que “Em cada época podemos ver uma série de elementos arquitetônicos destacados, que distinguem determinadas atividades do conjunto das práticas sócio-espaciais, marcando decisivamente a forma das cidades”. Segundo o autor, as cidades podem ter sua história dividida em três momentos: a) a cidade tradicional ou pré-industrial (definida pelos grandes monumentos religiosos, mercados públicos, teatros, aquedutos, pontes e praças centrais); b) a cidade industrial ou moderna (das estações ferroviárias, lojas de departamento, galerias de comércio, grandes fábricas, vilas operárias, conjuntos residenciais, parques públicos, arranha-céus, autopistas, viadutos, estacionamentos e favelas); e, por fim, c) a cidade contemporânea (dos *shopping centers* e condomínios fechados). Logicamente, essa divisão não pode ser encarada de uma forma rígida; uma análise do desenvolvimento urbano das cidades de médio e grande porte possivelmente revelará a coexistência dessas tipologias e múltiplos períodos, como ocorre em Juiz de Fora.

No exercício de manutenção da vitalidade urbana das regiões centrais das cidades, em um contexto de descentralização, cabe lançar mão de estratégias que adaptem as antigas estruturas às novas demandas da realidade contemporânea. Nesse âmbito, Juiz de Fora, outrora “*Manchester Mineira*”, com seu centro guardando antigos exemplares da arquitetura fabril, passa a reciclar esses grandes edifícios, convertendo-os em espaços culturais ou dedicados ao setor terciário, seguindo uma tendência recorrente no contexto das cidades competitivas (Sánchez, 2010).

A antiga “Companhia Fiação e Tecelagem Santa Cruz”, seguindo essa linha, acabou por sediar, em 1991, o Santa Cruz *Shopping*, o primeiro exemplar a reproduzir na cidade, em suas devidas proporções, o programa arquitetônico dos grandes *shopping centers*: lojas, praça de alimentação, salas de cinema, estacionamento e parque infantil. Três anos antes, já havia sido implantado no centro da cidade o *Mister Shopping*, que segue a mesma lógica das galerias comerciais, tendo suas lojas dispostas em um percurso ligando a Rua Mister Moore à Avenida Getúlio Vargas.

É interessante perceber que, mesmo na era da cidade contemporânea de Duarte (2006), Juiz de Fora ainda se vale da construção de galerias, muitas delas com a denominação de *shoppings*, como tipologia comercial adequada às dinâmicas e fluxos centrais. Mesmo o Santa Cruz *Shopping* tem como grande ponto positivo comunicações diretas com três importantes ruas do centro, que lhe conferem o caráter de passagem, e consequentemente garantem o trânsito e consumo de seu público.

Da mesma forma que o contexto urbano e social pode conformar o ambiente propício para a inserção de uma determinada tipologia comercial, a garantia de prosperidade dessa tipologia, diretamente atrelada à sua solução arquitetônica, em muito estará pautada na análise e nos níveis de interação da edificação com o seu entorno.

Com o sucesso do Santa Cruz *Shopping* na região central, não tardou para que o já desenvolvido centro comercial do Alto dos Passos ganhasse um exemplar correlato. Em 1999 é inaugurado no bairro o *Shopping Alameda*, que, mesmo possuindo um menor número de lojas que seu concorrente central, apresenta cinco salas de cinema, com tecnologia audiovisual avançada, não tardando a se tornar uma referência da cidade no setor de entretenimento.

Sendo o Alto dos Passos um bairro com dinâmicas comerciais já bem estabelecidas, o que determinou não só o sucesso do *Shopping Alameda* (Figura 2), como também o fortalecimento do comércio em seu entorno, foi o seu partido arquitetônico: com implantação horizontal, as lojas são dispostas em uma grande galeria aberta à rua, da mesma forma que ocorre com sua praça de alimentação.

[...] o contato *shopping*-calçada surtiu um efeito de comércio de rua, voltado a um público mais abastado, mas cuja animação e dinâmica repercutiam no espaço público. Logo o Alameda virou um fenômeno de frequentação, aumentando ainda mais a vitalidade noturna do Alto dos Passos. Em seguida, vários estabelecimentos começaram a surgir nas imediações: construções históricas eram convertidas em pizzarias, restaurantes, lojas de roupas, farmácias que devido ao movimento de público passaram a acompanhar o horário de funcionamento do *shopping* (Colchete Filho *et al.*, 2013, p.9).

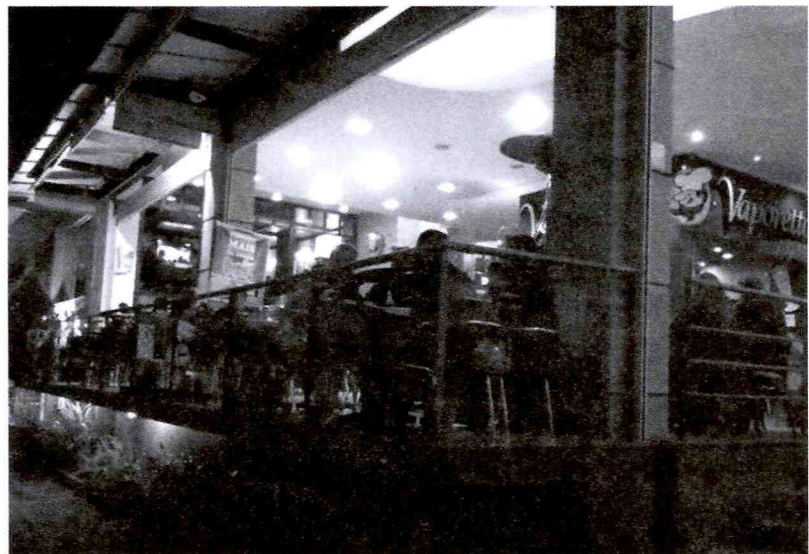


FIGURA 2 –
Praça de alimentação do
Shopping Alameda.
Fonte: Arquivo pessoal (2012).

Se nos anos 1990 o Alto dos Passos se firmou com uma nova centralidade comercial em Juiz de Fora, ao final da primeira década do século XXI a cidade viu as primeiras bases de consolidação de um novo subcentro também relevante, dessa vez na zona oeste: o loteamento Estrela Sul. A localização próxima à Universidade Federal de Juiz de Fora, ao Monte Sinai (importante hospital da cidade) e aos bairros Cascatinha e São Mateus, ambos atuando como subcentros comerciais, além da ocupação residencial já consolidada, já constituía um indicativo de que o loteamento, à época conformado por um condomínio fechado unifamiliar, não tardaria a receber investimentos no setor comercial, uma vez que já dispunha, em suas proximidades, de grandes equipamentos institucionais e de serviços, geradores de fluxos, em especial os ligados ao transporte individual.

Nesse contexto, foi inaugurado em 2008 o Independência *Shopping* (Figura 3), o maior *shopping* da região, que conta com uma arquitetura típica dos *malls* — com lojas âncoras, salas de cinema do tipo *stadium* e amplo estacionamento. Diferente das outras tipologias de *shoppings* apresentadas anteriormente, o Independência se caracteriza principalmente por sua arquitetura monumental, que, a não ser pela relação visual, pouco se integra ao entorno imediato, o qual, à época de sua inauguração, não era consideravelmente ocupado.

O Independência *Shopping* atraiu investimentos financeiros, elevou o valor da terra em suas imediações, demarcou alterações viárias, mas, acima de tudo, estimulou a ocupação de grande parte dos terrenos disponíveis na área. O Estrela Sul testemunha a construção de inúmeras torres residenciais e comerciais, com uma atuação representativa de construtoras atuantes em grandes centros nacionais, além da inauguração de um *mall* especializado no setor de decoração no ano de 2009: o “*Spazio Design*”.



FIGURA 3 –
Independência
Shopping.
Fonte: Arquivo
pessoal (2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a cidade a partir do comércio nela existente, um exercício proposto no presente artigo, é fundamental para a compreensão da importância do papel das práticas comerciais nas estratégias de ocupação do território. Além disso, por meio dos estudos das tipologias comerciais de Juiz de Fora aqui descritos, torna-se interessante perceber que, no contexto do projeto dessas edificações, o caminho contrário também é válido: pensar o comércio a partir da cidade existente.

A arquitetura comercial, valendo-se de uma boa localização, um planejamento criterioso e um estudo de implantação legitimamente pautado em seu contexto urbano, colabora sobremaneira com o desenvolvimento de seu entorno. O sucesso dos empreendimentos apresentados neste trabalho ratifica a visão de que a atividade comercial e a prestação de serviços estão intimamente relacionadas à dinâmica da urbe.

Juiz de Fora, tal como outras grandes cidades brasileiras que vêm atravessando um processo de descentralização comercial, testemunhará nos próximos anos a inauguração de importantes empreendimentos, em diferentes regiões da cidade, entre eles o Hospital Regional de Urgência e Emergência da Zona Norte, cujo raio de atendimento compreenderá toda a Zona da Mata Mineira. Um equipamento desse porte trará para as suas imediações demandas e possibilidades de desenvolvimento comercial que criam uma expectativa há muito aguardada de inserção de novas opções dos setores gastronômicos e de entretenimento em uma área, hoje, pouco dinâmica. Fruto desse processo é a construção do *Shopping Jardim Norte*, em andamento, que vem coroar a conformação de uma área de nova centralidade junto ao Hospital Regional, a Rodoviária e o Jardim Botânico da Universidade Federal de Juiz de Fora. Dessa forma, lançar um olhar sobre o encaminhamento histórico das atividades comerciais na cidade mostra-se importante no reconhecimento não só da identidade comercial local, mas também das estratégias de projeto com relação aos seus contextos, de forma a contribuir com inserções futuras.

REFERÊNCIAS

- ABDALLA, J.G.F. Juiz de Fora: evolução urbana de uma cidade industrial desde o século XIX. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 6., 2000. Natal. *Anais...* Natal: UFRN, 2000. p.1-15.
- ABDALLA, J.G.F. Tipologia da arquitetura e cidades: uma investigação em Juiz de Fora, MG. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 2., 2011, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: PROARQ, 2011. p.14-24.
- BRAIDA, F. *Passagens em rede: a dinâmica das galerias comerciais e dos calçadões nos centros de Juiz de Fora e de Buenos Aires*. Juiz de Fora: Funalfa, 2011.
- COLCHETE FILHO, A.F. *et al.* Estratégias habitacionais nos extremos: as habitações contemporâneas para alta e baixa rendas em Juiz de Fora, Brasil. In: CONFERÊNCIA DE PLANEJAMENTO REGIONAL E URBANO, 1., WORKSHOP DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 11., 2011, Aveiro. *Anais...* Aveiro: Universidade de Aveiro, 2011. p.1-19.

COLCHETE FILHO, A.F. *et al.* Comércio noturno em Juiz de Fora/MG: dinâmicas do espaço público e da vida urbana. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE COMÉRCIO E CIDADE, 2013, 7., Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design, 2013. p.1-19

DUARTE, C.F. *Forma e movimento*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2006.

GUIMARÃES, S. *Juiz de Fora: projetando memória*. Juiz de Fora: Funalfa, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Juiz de Fora*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=313670>>. Acesso em: 17 set. 2012.

JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LOPES, F. Alta dos aluguéis no centro empurra lojistas para bairros. *Tribuna de Minas*, 4 set. 2011. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/economia/alta-de-alugueis-no-centro-empurra-lojistas-para-bairros-1.868823>>. Acesso em: 24 set. 2012.

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, P. *História de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria, 1966.

SÁNCHEZ, F. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. Chapecó: Argos, 2010.

SCHWENK, L.M.; CRUZ, C.B.M. Processo espaciais: descentralização da área central e da cidade e a segregação da favela e da cidade. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, v.27, n.2, p.181-188, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/199/147>>. Acesso em: 17 set. 2012.

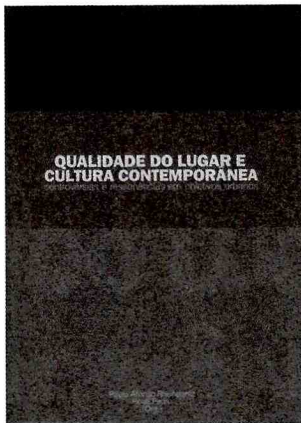
VARGAS, H.C. Comércio 24 horas. *Revista da Folha*, 30 jul. 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/fau/deprojeto/labcom/produtos/2006_vargas_comercio24horas.pdf>. Acesso em: 13 set. 2012.

ANTONIO COLCHETE FILHO Universidade Federal de Juiz de Fora | Faculdade de Engenharia | Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído | Juiz de Fora, MG, Brasil.

FREDERICO BRAIDA Universidade Federal de Juiz de Fora | Faculdade de Engenharia | Juiz de Fora, MG, Brasil.

CARINA FOLENA CARDOSO Universidade Federal de Juiz de Fora | Faculdade de Engenharia | Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído | *Campus* Universitário, 36036-330, Juiz de Fora, MG, Brasil | Correspondência para/Correspondence to: C.F. CARDOSO | E-mail: <carinafolelena@hotmail.com>.

Recebido em
3/5/2013 e aceito
para publicação
em 6/8/2013.



QUALIDADE DO LUGAR E CULTURA CONTEMPORÂNEA: CONTROVÉRSIAS E RESSONÂNCIAS EM COLETIVOS URBANOS

De Paulo Afonso Rheingantz e Rosa Pedro.

Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012

RESENHA | MARCIA OLIVEIRA MORAES

Como se as coisas só tivessem ouvidos e não boca ou pensamento. Como se as coisas fossem *instituições de receber* e nada oferecessem. Como se fossem orifícios onde se alojam as nossas ideias, as nossas formas (Tavares, 2010, p.54).

“Qualidade do lugar e cultura contemporânea: controvérsias e ressonâncias em coletivos urbanos” é o título do livro organizado por Paulo Afonso Rheingantz e Rosa Pedro. O volume é fruto da longa parceria entre os pesquisadores, sendo ele da área da Arquitetura e ela, da Psicologia. Entre a Psicologia e a Arquitetura, a publicação reúne outros tantos pesquisadores, das mais diversas áreas. Se lançarmos um rápido olhar pela seção “Sobre os autores”, logo veremos as áreas de formação dos investigadores: Comunicação, Sociologia, Engenharia de Produção, Psicossociologia, Psicologia, Arquitetura, História, Engenharia de Sistemas, entre outras. Se o leitor for movido por algum especial apego às fronteiras entre as disciplinas, por certo, logo de saída, irá se perguntar: mas como é que se reúnem todas estas áreas? Se é que se reúnem?

O campo “entre” os diferentes saberes não é formado por um terreno liso, sem atritos. Trata-se, ao contrário, de um território “dentado”, cheio de pontas, de ruídos, de conflitos, controverso e polissêmico. E os autores que se reúnem neste livro não se furtam de habitar este território, ou, mais precisamente, correm o risco de se aventurarem por este espaço intersticial. Há que se dizer que o livro põe em cena não uma perspectiva interdisciplinar, que visaria, em última instância, a uma integração entre os saberes. Antes, o que está em jogo é justamente o terreno da diferença. A diferença como força motriz do pensamento, que faz mover as fronteiras, que produz pontos de contato, aqui e ali — onde for possível, viável, necessário. É esta uma das empreitadas que esses pesquisadores enfrentam. Mas para quê? Em nome do quê tais autores se colocam diante

de tarefa tão arriscada? Por que sair da zona de conforto das disciplinas para habitar o terreno, por vezes, movediço, do “entre” disciplinas ou do “trans” disciplinas? Justamente porque é no “fora” das zonas de conforto das disciplinas que esses autores encontram ferramentas teórico-práticas para problematizar os coletivos urbanos, ou, mais precisamente, para submetê-los aos mais intensos e ousados testes de força, para fazê-los variar, derivar, diferir até os limites mais extremos.

O livro constitui, desse modo, ele próprio um laboratório (Latour, 2001) onde os coletivos urbanos são testados e colocados à prova: redes de vigilância, corpos, subjetividades, espaços, lugares, ambientes, narrativas, ordem, desordem, segurança pública, modos de andar e errar pelas urbes, fatos, artefatos, o real, o virtual, a Scotland Yard. São esses elementos — e mais outros —, que tecem os coletivos urbanos, dia após dia, em nossos cotidianos. O termo coletivo “Se refere às associações entre humanos e não humanos” (Latour, 2001, p.346). Seguir tais associações, traçar e mapear seus efeitos, tomar a cidade como efeito de tais conexões: eis algumas das ambições que movem os trabalhos que se reúnem nesta obra. Assim, os coletivos urbanos são tomados como atores-redes, isto é, emaranhados de actantes¹, nos quais os nós são, eles também, redes.

Para dizer em poucas palavras, curtas e breves, neste livro são apresentadas pesquisas com coletivos urbanos. Uma vez enunciada esta frase, no entanto, imediatamente somos convocados a dizer um pouco mais. É como se ouvíssemos o leitor nos perguntar: sim, são pesquisas, e daí? E daí que dizer que são pesquisas é dizer muito! Porque não estamos falando da apresentação de fatos consolidados, prontos, estabilizados. O que se faz presente nesta publicação é a pesquisa em sua dimensão mais quente, isto é, como experimentação em todos os sentidos, tateamentos, hesitações, conexões parciais, pontos de indecisão entre o que virá a ser realidade e o que virá a ser ficção. O convite que nos fazem os autores deste livro é justamente este: de habitarmos juntos esses pontos nos quais as controvérsias grassam, nos quais as cidades e os lugares poderiam ser outros.

NOTA

1. Um actante é definido por Latour (2001) com base naquilo que ele faz, nos seus efeitos. Um actante é tudo aquilo que age e produz efeitos no mundo.

REFERÊNCIAS

LATOUR, B. *A esperança de Pandora*: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: Edusc, 2001.

TAVARES, G. *Breves notas sobre as ligações*. Florianópolis: Editora da Casa, 2010.

Recebido em
18/12/2012 e
aprovado no
dia 8/5/2013.

MARCIA OLIVEIRA MORAES | Universidade Federal Fluminense | Programa de Pós-Graduação em Psicologia | Campus do Gragoatá, R. Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, Bloco O, Sala 214, 24210-201, São Domingos, Niterói, RJ, Brasil | E-mail: <marciamoraes@id.uff.br>.

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

ESCOPO E POLÍTICA EDITORIAL

Oculum Ensaios, fundada em 2000, é uma revista científica em Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da PUC-Campinas, com periodicidade semestral, aberta a contribuições da comunidade científica nacional e internacional, assim como para os pesquisadores das diferentes áreas acadêmicas da Arquitetura e do Urbanismo, com o objetivo de registrar a memória do pensamento urbanístico e de manter o debate atualizado.

TIPOS DE ARTIGOS ACEITOS

Original: investigações baseadas em dados empíricos utilizando metodologia científica destinadas a divulgar resultados inéditos. Consistem de seções distintas: o artigo deve ser fundamentado teoricamente, contendo Resumo / *Abstract* / *Resumem* (Inglês / Português e Espanhol); Introdução, que contenha uma exposição geral da pesquisa e inclua a metodologia de pesquisa utilizada; Desenvolvimento do tema; Resultados e Análises; Considerações Finais e Referências (com no máximo 25 laudas, incluindo tabelas, figuras, quadros e referências, preparados em espaço entrelinhas 1,5, com fonte *Arial* tamanho 11 e em formato A4).

Artigo curto: sobre temas e discussões da atualidade, posição acadêmica ou ponto de vista. Deve apresentar Resumo / *Abstract* / *Resumem* (Inglês / Português e Espanhol); Introdução, os Objetivos, o Método investigativo, os Resultados e Análises e as Considerações Finais (com no máximo 15 laudas, incluindo tabelas, figuras, quadros e referências, preparados em espaço entrelinhas 1,5, com fonte *Arial* tamanho 11 e em formato A4).

Resenha: apresentação e análise crítica de livro publicado na área há, no máximo, 1 ano anterior a submissão. O resenhista deverá explicitar que o autor do livro está propondo uma perspectiva que difere e parece se colocar de maneira mais independente de outras perspectivas teóricas (com no máximo 3 laudas, preparada em espaço entrelinhas 1,5, com fonte *Arial* tamanho 11 e em formato A4). O autor da resenha deve enviar a capa da obra resenhada digitalizada em alta resolução (500dpi).

ENVIO DE MANUSCRITOS

Todos os artigos devem ser submetidos de forma eletrônica pela página do Portal de Periódicos Científicos da PUC-Campinas <<http://www.puc-campinas.edu.br/periodicocientifico>>, cujos passos são os seguintes:

- a) Acessar o site <<http://www.puc-campinas.edu.br/periodicocientifico>>.
- b) Escolher “Oculum Ensaios”.
- c) Clicar em “Acessar Revista”.
- d) Já na página da Revista, entrar em “Acesso”.
- e) Se for o primeiro acesso, preencher os dados pessoais no item “Cadastro”. Se já estiver cadastrado, basta preencher *login* e senha.
- f) Para submeter trabalhos, siga as demais instruções do próprio sistema.

Manuscritos enviados por correio convencional, *fax*, *e-mail* ou qualquer outra forma de envio não serão apreciados pelos editores.

PROCESSO DE JULGAMENTO DO MANUSCRITO

■ Todos os manuscritos só iniciarão o processo de tramitação se estiverem de acordo com as Instruções aos Autores. Caso contrário, serão devolvidos para adequação às normas, inclusão de carta ou de outros documentos eventualmente necessários.

■ Recomenda-se fortemente que o(s) autor(es) busque(m) assessoria linguística profissional (revisores e/ou tradutores certificados em língua portuguesa e inglesa) antes de submeter(em) originais que possam conter incorreções e/ou inadequações morfológicas, sintáticas, idiomáticas ou de estilo. Devem ainda evitar o uso da primeira pessoa “meu estudo...”, ou da primeira pessoa do plural “percebemos...”, pois em texto científico o discurso deve ser impessoal, sem juízo de valor e na terceira pessoa do singular.

■ Originais identificados com incorreções e/ou inadequações morfológicas ou sintáticas **serão devolvidos antes mesmo de serem submetidos à avaliação** quanto ao mérito do trabalho e à conveniência de sua publicação.

■ **Pré-análise**: a avaliação é feita pelos Editores e Conselho Editorial com base na originalidade, pertinência, qualidade acadêmica e relevância do manuscrito para a área.

■ Aprovados nesta fase, os manuscritos serão encaminhados aos revisores *ad hoc* selecionados pelos editores. Cada manuscrito será enviado para dois revisores de reconhecida competência na temática abordada. Em caso de desacordo, o original será enviado para uma terceira avaliação.

■ O processo de avaliação por pares é o sistema de *blind review*, procedimento sigiloso quanto à identidade tanto dos autores quanto dos revisores. Por isso os autores deverão empregar todos os meios possíveis para evitar a identificação de autoria do manuscrito.

■ Os pareceres dos revisores comportam três possibilidades: aprovação; b) recomendação de nova análise; c) recusa. Em quaisquer desses casos, o autor será comunicado. Os pareceres serão analisados pelos Editores que poderão aprovar ou não o manuscrito.

■ Manuscritos recusados, mas com a possibilidade de reformulação, poderão retornar como novo trabalho, iniciando outro processo de julgamento.

■ **Manuscritos aceitos:** manuscritos aceitos poderão retornar aos autores para aprovação de eventuais alterações, no processo de editoração e normalização, de acordo com o estilo da Revista.

CONFLITO DE INTERESSE

No caso da identificação de conflito de interesse da parte dos revisores, o Comitê Editorial encaminhará o manuscrito a outro revisor *ad hoc*.

FORMA E PREPARAÇÃO DE MANUSCRITOS

PROCEDIMENTOS EDITORIAIS

São aceitos trabalhos inéditos acompanhados de carta assinada por todos os autores, com identificação do tipo de artigo (Original/Artigo curto/Resenha), declaração de que o trabalho está sendo submetido apenas à revista *Oculum Ensaios* e cessão de direitos autorais. A carta deve indicar o nome, endereço, números de telefone e *e-mails* dos autores e indicação do autor para o qual a correspondência deve ser enviada.

Os manuscritos submetidos, quando derivados de estudos que envolvem seres humanos, devem obrigatoriamente ter sido aprovados por **Comitê de Ética** em Pesquisa, conforme preconizam as diretrizes e normas da Resolução 196/96. Os autores deverão inserir a cópia digitalizada da declaração de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição.

VERSÃO REFORMULADA

O autor deverá enviar apenas a última versão reformulada do trabalho via *site* <<http://www.puc-campinas.edu.br/periodicocientifico>>. As modificações deverão na fonte cor azul, sendo anexada uma carta ao editor, reiterando o interesse em

publicar nesta Revista e informando quais alterações foram processadas no manuscrito. Se houver discordância quanto às recomendações dos revisores, o autor deverá apresentar os argumentos que justificam sua posição. Caso os autores não encaminhem o manuscrito revisado e a carta-resposta no prazo estipulado, o processo editorial será encerrado, em qualquer etapa da submissão.

Provas: serão enviadas provas tipográficas aos autores para a correção de erros de impressão. As provas devem retornar ao Núcleo de Editoração na data estipulada. Outras mudanças no manuscrito original não serão aceitas nesta fase.

OS MANUSCRITOS DEVERÃO APRESENTAR

Página de título (única parte do texto com a identificação dos autores)

a) Título completo — deve ser conciso, evitando excesso de palavras como “avaliação do...”; “considerações acerca de...”; “estudo exploratório...”.

b) *Short title* com até quarenta caracteres (incluindo espaços), em português (ou espanhol), inglês ou francês.

c) Nome de todos os autores por extenso, indicando a afiliação institucional de cada um. Será aceita uma única titulação e afiliação por autor. Os autores deverão, portanto, escolher, entre suas titulações e afiliações institucionais.

d) Todos os dados da titulação e da afiliação deverão ser apresentados por extenso, sem siglas.

e) Indicação dos endereços completos de todas as universidades às quais estão vinculados os autores.

f) Indicação de endereço para correspondência do autor responsável, quando mais de um, para a tramitação do original, incluindo *fax*, telefone e endereço eletrônico.

OUTRAS OBSERVAÇÕES

Resumo: todos os artigos submetidos em português, espanhol ou francês deverão ter resumo no idioma original, inglês e em espanhol, com um mínimo de 150 palavras e máximo de 250 palavras.

Os artigos submetidos em inglês deverão vir acompanhados de resumo, título e palavras-chave em português, inglês e em espanhol.

O resumo deve conter o objetivo do trabalho, os procedimentos metodológicos, os resultados e as conclusões.

Texto: com exceção do manuscrito apresentado como Resenha, os trabalhos deverão seguir a estrutura formal para trabalho científico.

A organização do texto deverá apresentar: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão, dividindo-se em partes/seções conforme a natureza do trabalho.

Na parte do desenvolvimento podem existir as seções de Material e Métodos, Resultados e Discussão, entre outras, de acordo com cada área do conhecimento.

Tabelas, quadros e figuras devem ter um título breve, ser limitados a **sete** no conjunto, numerados com algarismos arábicos, consecutiva e independentemente, de acordo com a ordem de menção no texto. Enviar em folhas individuais e separadas, com indicação de sua localização no texto. É imprescindível a informação do local e ano do estudo. Os quadros e tabelas devem ter as bordas laterais abertas.

Ao reproduzir no manuscrito material previamente publicado (incluindo textos, gráficos, tabelas, figuras ou quaisquer outros materiais), a **legislação cabível de direitos autorais** deverá ser respeitada e a fonte citada.

O autor se responsabiliza pela qualidade das figuras (desenhos, ilustrações, tabelas, quadros e gráficos), que deverão ser elaboradas em tamanhos mínimo 10cm de largura e máximo de 16cm. **Não é permitido o formato paisagem.** Figuras digitalizadas deverão ter extensão jpeg e resolução mínima de 500dpi.

Gráficos e desenhos deverão ser gerados em programas de desenho vetorial (*Microsoft Excel, CorelDraw X5, Adobe Photoshop CS6, SPSS v.10.0*), acompanhados de seus parâmetros quantitativos.

A publicação de imagens coloridas, após avaliação da viabilidade técnica de sua reprodução, será custeada pelo autor. Em caso de manifestação de interesse por parte do autor, a revista Oculum Ensaios providenciará um orçamento de custos envolvidos, que poderão variar de acordo com o número de imagens, sua distribuição em páginas diferentes e a publicação concomitante de material em cores por parte de outros autores.

Discussão: deve explorar, adequada e objetivamente, os resultados, discutidos à luz de outras observações já registradas na literatura.

Conclusão: apresentar as conclusões relevantes, considerando os objetivos do trabalho, e indicar formas de continuidade do estudo. **Não serão aceitas citações bibliográficas nesta seção.**

Siglas: deverão ser utilizadas de forma padronizada, restringindo-se apenas àquelas usadas convencionalmente ou sancionadas pelo uso, acompanhadas do significado, por extenso, quando da primeira citação no texto. Não devem ser usadas no título e no resumo.

Agradecimentos: podem ser registrados, em parágrafo não superior a três linhas, dirigidos a instituições ou indivíduos que prestaram efetiva colaboração para o trabalho.

Anexos: deverão ser incluídos apenas quando imprescindíveis à compreensão do texto. Caberá aos editores julgar a necessidade de sua publicação.

CITAÇÕES NO TEXTO: BASEADAS NA ABNT (NBR 10520/2002)

Citações bibliográficas no texto devem constar na lista de referências.

Não serão aceitas citações/referência de monografias de conclusão de curso de graduação e de textos não publicados (aula entre outros).

Se um trabalho não publicado, de autoria de um dos autores do manuscrito, for citado (ou seja, um artigo *in press*), será necessário incluir a carta de aceitação da revista que publicará o referido artigo.

Se dados não publicados, obtidos por outros pesquisadores, forem citados, será necessário incluir uma carta de autorização para uso dos mesmos.

CASOS ESPECÍFICOS

■ Citações literais de até três linhas: entre aspas, sem destaque em itálico e, em seguida, entre parênteses (Sobrenome do autor, data, página, sem espaço entre o ponto e o número). Ponto final depois dos parênteses.

■ Citações literais de mais de três linhas: em parágrafo destacado do texto, com 4cm de recuo à esquerda, em espaço simples, fonte menor que a utilizada no texto, sem aspas, sem itálico. Em seguida, entre parênteses: (Sobrenome do autor, data, Página).

■ Vários autores citados em sequência: utilizar ordem cronológica de data de publicação dos documentos, separados por ponto e vírgula: (Crespo, 2005; Costa & Ramalho, 2008; Moresi *et al.*, 2010).

■ Textos com dois autores: Crippa e Bisoffi (2010) (no corpo do texto); (Crippa & Bisoffi, 2010) (dentro do parênteses)

■ Textos com três ou mais autores: (Griselda *et al.*, 2009) (dentro do parênteses) e Griselda *et al.* (2009) (fora dos parênteses).

■ Citações do mesmo autor publicados no mesmo ano: acrescenta-se letra minúscula após a data, sem espaçamento. Exemplo: (Medrano, 2005a, 2005b).

REFERÊNCIAS

As referências são baseadas na NBR-6023/2002. Recomenda-se limitar a 30 referências para artigos. Elas deverão ser ordenadas alfabeticamente pelo sobrenome do primeiro autor.

CASOS ESPECÍFICOS

1) Os títulos dos periódicos devem ser indicados por extenso.

2) Referências com autores e datas coincidentes usa-se o título do documento para a ordenação e acrescenta-se letra minúscula após a data, sem espaçamento.

3) Referências com três ou mais autores, indica-se apenas o primeiro, acrescentando-se a expressão *et al.*

A exatidão e a adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto do artigo são de responsabilidade do autor.

Para outros exemplos recomendamos consultar as normas da ABNT-NBR-6023/2002.

EXEMPLOS

ARTIGO COM UM AUTOR

SCHVARSBURG, G. A rua e a sociedade capsular. *Oculum Ensaios*, n.16, p.138-149, 2012.

ARTIGO COM DOIS AUTORES

EIGENHEER, D.M.; SOMEKH, N. Projeto urbano e inclusão social: Milão Pirelli La Bicocca. *Oculum Ensaios*, n.16, p.18-37, 2012.

ARTIGO EM SUPORTE ELETRÔNICO

SOMEKH, N.; CAMPOS NETO, C.M. Desenvolvimento local e projetos urbanos. *Vitruvius*, 05.059, ano 5, 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br>>. Acesso em: 20 maio 2013.

LIVRO

ABREU, M.A. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

LIVROS EM SUPORTE ELETRÔNICO

BRAGA, P.M.; SCHICCHI, M.C.S. Catedral Metropolitana de Campinas: quando um edifício contempla a história da cidade. *Revista CPC*, v.3, p.1-16, 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/cpc/v1/php/wf07_revista_interna.php?id_revista=7&tipo=5&id_conteudo=20>. Acesso em: 23 abr. 2012.

CAPÍTULOS DE LIVROS

VILLAÇA, F. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: DEÁK, C.; SCHIFFER, S.R. *O processo de urbanização no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1999. p.169-244.

DISSERTAÇÕES E TESES

BERNARDINI, S.P. *Construindo infra-estruturas, planejando territórios*: a Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Governo Estadual Paulista (1892-1926). 2008. Tese (Doutorado) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TRABALHOS APRESENTADOS EM CONGRESSOS, SEMINÁRIOS ETC

FELDMAN, S. O zoneamento ocupa o lugar do plano: São Paulo, 1947-1961. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 7., 1997, Recife. *Anais...* Recife: UFPE, 1997. p.667-684.

TRABALHOS APRESENTADOS EM CONGRESSOS, SEMINÁRIOS ETC. EM FORMATO ELETRÔNICO

BRAZOLIN, S.; ROMAGNANO, L.F.T.; SILVA, G.A. Madeira preservada no ambiente construído: cenário atual e tendências. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE EDIFICAÇÕES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS, 3., 2003, São Carlos. *Anais eletrônicos...* São Carlos: Antac, 2003. Disponível em: <<http://www.infohab.org.br>>. Acesso em: 20 maio 2013.

TEXTO EM FORMATO ELETRÔNICO

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Representante de direitos humanos da ONU participa de balanço anual da comissão da verdade no Brasil*. 2013. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/representante-de-direitos-humanos-da-onu-participa-de-balanco-anual-da-comissao-da-verdade-no-brasil/>>. Acesso em: 23 maio 2013.

LISTA DE CHECAGEM

- Declaração de responsabilidade e transferência de direitos autorais assinada por cada autor.
- Verificar se estão completas as informações de legendas das figuras e tabelas.
- Preparar página de rosto com as informações solicitadas.
- Incluir o nome de agências financiadoras e o número do processo.
- Indicar se o artigo é baseado em tese/dissertação, colocando o título, o nome da instituição, o ano de defesa, em nota de rodapé.
- Categorizar os artigos em Original/Artigo curto/Resenha.
- Enviar a cópia do parecer do Comitê de Ética.
- Incluir título do manuscrito, em português, espanhol, ou francês e em inglês.
- Incluir título abreviado (*short title*), com quarenta caracteres, para fins de legenda em todas as páginas.
- Verificar se as referências estão citadas no texto.
- Incluir permissão de editores para reprodução de figuras ou tabelas publicadas.

DOCUMENTOS**Declaração de Responsabilidade e Transferência de Direitos Autorais**

Cada autor deve ler e assinar os documentos: (1) Declaração de Responsabilidade e (2) Transferência de Direitos Autorais, nos quais constarão:

- Título do manuscrito;
- Nome por extenso dos autores (na mesma ordem em que aparecem no manuscrito).
- Autor responsável pelas negociações:

1. Declaração de responsabilidade: todas as pessoas relacionadas como autoras devem assinar declarações de responsabilidade nos seguintes termos:

– “Certifico que participei da concepção do trabalho para tornar pública minha responsabilidade pelo seu conteúdo, que não omiti quaisquer ligações ou acordos de financiamento entre os autores e companhias que possam ter interesse na publicação deste artigo”;

– “Certifico que o manuscrito é original e que o trabalho, em parte ou na íntegra, ou qualquer outro trabalho com conteúdo substancialmente similar, de minha autoria, não foi enviado a outra Revista e não o será, enquanto sua publicação estiver sendo considerada pela *Oculum Ensaios*, quer seja no formato impresso ou no eletrônico”.

2. Transferência de Direitos Autorais: “Declaro que, em caso de aceitação do artigo, a revista *Oculum Ensaios* passa a ter os direitos autorais a ela referentes, que se tornarão propriedade exclusiva da Revista, vedada qualquer reprodução, total ou parcial, em qualquer outra parte, impressa ou eletrônica, sem que a prévia e necessária autorização seja solicitada e, se obtida, farei constar o competente agradecimento à Revista”.

Assinatura do(s) autores(s)

Data ___/___/___

Justificativa do artigo

Destaco que a principal contribuição do estudo para a área em que se insere é a seguinte:

(Escreva um parágrafo justificando porque a revista deve publicar o seu artigo, destacando a sua relevância científica, a sua contribuição para as discussões, na área em que se insere o(s) ponto(s) que caracteriza(m) a sua originalidade e o conseqüente potencial de ser citado).

Dada a competência na área do estudo, indico o nome dos seguintes pesquisadores (três) que podem atuar como revisores do manuscrito. Declaro igualmente não haver qualquer conflito de interesses para esta indicação.

GUIDE FOR AUTHORS

SCOPE AND EDITORIAL POLICY

Oculum Ensaios, founded in 2000, is a scientific journal in Architecture and Urbanism from Urbanism Post-Graduation Program at PUC-Campinas, published bi-annually, and open to contributions from national and international scientific communities, as well as researchers from different academic fields of Architecture and Urbanism, with the purpose of recording the memory of urban thought and keep the current debate.

TYPES OF ARTICLES ACCEPTED

Original: investigations based on empirical data using the scientific method that disclose original results. They are divided into distinct sections: the article should be substantiated theoretically containing: *Resumo* / Abstract / *Resumem* (Portuguese / English / Spanish), Introduction, containing an exposition of the research and includes the research methodology used; Development theme, Results and Analysis, Final Considerations and References (with a maximum 25 pages, including tables, figures, charts and references, with a line spacing of 1.5, Arial font size 11 and A4 paper size).

Short articles: on current discussions, academic view or point of view. Must present Abstract / *Resumo* / *Resumem* (English / Portuguese / Spanish); Introduction, Objectives, Investigative Method, Results and Analysis and the Final Considerations (with a maximum 15 pages, including tables, figures, charts and references, with a line spacing of 1.5, Arial font size 11 and A4 paper size).

Review: presentation and critical analysis of books published in the area for a maximum of one year before submission. The reviewer should explain that the book's author is proposing a different perspective and seems to put more independently of other theoretical perspectives (with a maximum 3 pages, prepared in space between lines 1,5, with a line spacing of 1.5, Arial font size 11 and A4 paper size). The reviewer should send a cover of the reviewed work scanned in high resolution (500dpi).

MANUSCRIPT SUBMISSION

All articles must be submitted in electronic format at the Portal of Scientific Journals of *PUC-Campinas* at <<http://www.puc-campinas.edu.br/periodicocientifico>>, through the following steps:

- a) Access the site <<http://www.puc-campinas.edu.br/periodicocientifico>>
- b) Choose "*Oculum Ensaios*".
- c) Click on "Access the Journal".
- d) Once on the Journal's page, click on "Access."
- e) If this is your first visit, fill out your personal data in the item "Form". If you have already joined, just provide your login and password.
- f) To submit works, follow the instructions provided by the system.

Manuscripts sent by regular mail, fax, e-mail or other means will not be assessed by the editors.

MANUSCRIPT REVIEW PROCESS

■ All original manuscripts will only begin the review process if they conform to the Instructions to the Authors. Otherwise, they will be returned to the authors for amendment and inclusion of letter or other eventually necessary documents.

■ It is strongly recommended that the author(s) have their paper reviewed by a professional linguist or translator before submitting papers that can contain morphological, syntactic or idiomatic mistakes or inappropriate style. The authors must also avoid using the first person of the singular, "my study...", or the first person of the plural "we noticed...", since scientific texts ask for an impersonal, non-judgmental discourse.

■ Papers with such mistakes will be returned to the authors even before assessment of their merit or publication suitability.

■ **Pre-analysis**: the Editors and Counselors will assess the manuscript based on its originality, pertinence, academic quality and relevance of the manuscript's area.

■ If the manuscript is approved in this phase, it will be sent to *ad hoc* referees selected by the editors. Each manuscript will be sent to two referees of known competence on the theme. If the two referees disagree, the manuscript will be sent to a third referee for assessment.

■ Manuscript assessment relies on the double-blind review process, that is, the authors and referees remain mutually anonymous. Therefore, the authors are asked to do everything possible to avoid their identification.

■ The referees may give one of three opinions: a) approval; b) recommend a new analysis; and c) refusal. The author will always be informed of the referees' opinions. The opinions will be analyzed by the Editors who will then approve the manuscript or not.

■ Refused manuscripts that can be reformulated may be submitted to a new review process.

■ **Accepted manuscripts:** Accepted manuscripts may return to the authors for approval of possible changes in the editing and formatting process according to the style of the Journal.

CONFLICT OF INTEREST

If the referees report conflict of interest, the Editorial Committee will send the manuscript to another *ad hoc* referee.

MANUSCRIPT LAYOUT AND PREPARATION

EDITORIAL PROCEDURES

The Journal accepts original articles accompanied by a letter signed by all authors identifying the type of article (Originals / Short Articles / Reviews). The letter should also state that the manuscript is only being submitted to the Journal *Oculum Ensaios* and transfer the copyrights to the journal. The letter should contain the name, address, telephone numbers and e-mails of the authors and indicate the address for correspondence.

The manuscripts submitted when derived from studies involving humans, are required to have been approved by the **Research Ethics Committee**, as advocated in the guidelines and rules of Resolution 196/96. The authors should insert the scanned copy of the declaration of approval of the Research Ethics Committee.

REFORMULATED VERSION

The author is requested to send only the last reformulated version of the manuscript to the site <<http://www.puc-campinas.edu.br/periodicocientifico>>. The changes must be made using blue font and a letter should be attached reiterating the author's interest in publishing in this Journal, indicating what changes were made to the manuscript. If the referees disagree, the author is asked to offer arguments that justify their position. If the author does not send the revised manuscript and the letter within the deadline, the editorial process will be terminated, regardless of the phase it is in.

Proofs: will be sent to the authors for the correction of printing mistakes. Proofs must be returned to the Editorial Center by the stipulated deadline. Other changes to the manuscript will not be accepted during this phase.

THE MANUSCRIPTS SHOULD CONTAIN

Title page (only part of the text identifying the authors)

a) Full title — should be concise avoiding excess words, such as “assessment of...”, “considerations about...”, “exploratory study...”.

b) Short title with at most forty characters (including spaces) in Portuguese or Spanish, and English or French.

c) Full name of all authors indicating the institutional affiliation of each one. Only one title and affiliation will be accepted per author. The authors must, therefore, choose among their titles and institutional affiliations.

d) All title and affiliation data should be written in full, no abbreviations are accepted.

e) Include full addresses of all universities the authors have ties with.

f) Include full address of the corresponding author when there is more than one for correspondence regarding the manuscript, including fax and telephone numbers and e-mail(s).

ANOTHER OBSERVATION

Abstract: all articles submitted in Portuguese, Spanish or French should have an abstract in the original language and one in English and Spanish. The abstracts should have at least 150 words and at most 250 words.

The articles submitted in English should contain an abstract, title and keywords in Portuguese and in English.

The abstract should contain the objective of the study, the methodological procedures and the conclusions.

Text: except for Reviews, all manuscripts must follow the formal structure for scientific studies.

The text organization should present: Introduction, Development and Conclusion, dividing into parts/sections according to the nature of the work.

In the development may exist sections Material and Methods, Results and Discussion, among others, according to each area of knowledge.

Tables, charts and figures should have a brief title, total no more than **seven**, and be numbered with Arabic numbers consecutively and independently according to the order in which they were mentioned in the text. They should be sub-

mitted in separate and individual sheets and the manuscript should indicate their location in the text. The location and year of the study must be included in their titles. Charts and tables should have open sides.

Applicable copyright laws should be observed when previously published materials (texts, graphs, tables, figures or any other materials) are reproduced in the manuscript, including citation of the original source.

The author is responsible for figure quality (drawings, illustrations, tables, charts and graphs), which shall be prepared in minimum size 10cm and 16cm maximum. **The landscape format is not accepted.** Digital figures should be in jpeg format and have a minimum resolution of 500 dpi.

Graphs and drawings should be created in vector design software (Microsoft Excel, CorelDraw X5, Adobe, Phoposhop CS6 SPSS v.10.0), followed by their quantitative parameters in tables with the name of all variables.

The publication of color images after assessment of technical viability will be paid by the author. If the author request, the journal *Oculum Ensaios* will provide a quote which may vary according to the number of images, image location (different pages), and the concomitant publication of color images by other author(s).

Discussion: should discuss the results in an appropriate and objective manner and compare them with other literature data.

Conclusion: present the relevant conclusions considering the objectives of the work and make suggestions for further investigations. **Bibliographical citations will not be accepted in this section.**

Acronyms: should be standardized and restricted to those used conventionally or sanctioned by use, followed by the full meaning the first time they appear in the text. They should not be used in the title and abstract.

Acknowledgments: may be done in a paragraph no longer than three lines and be directed to institutions or individuals Who effectively collaborated with the study.

Attachments: should be included only when critical for the understanding of the text. The editors will decide if they should be published

TEXT CITATIONS BASED ON ABNT (NBR 10520/2002)

Bibliographical citations in the text should be included in the list of references.

Citations/references to undergraduate monographs and **unpublished texts** (classes, among others) **will not be accepted.**

If the unpublished work of one of the authors of the manuscript is cited (that is, an in-press article), the author must include the letter from the journal accepting to publish the article.

If unpublished data obtained by other researchers are cited, please include a letter authorizing its use.

SPECIFIC CASES

- Literal citations of up to three lines: in quotes, not in italic, followed by (Name of author, date, page, no space between period and number) in parentheses. The period should be placed after the closing parenthesis.

- Literal citations with more than three lines must be in a separate paragraph, with a left margin of 4cm, using single space between the lines, smaller font than that of the text, without quotes, without italic, ending on the right margin of the text, followed by, in parenthesis, the last name of the author, date and page.

- Many authors cited in sequence: use the chronological order in which the documents were published separated by a semicolon: (Crespo, 2005; Costa & Ramalho, 2008; Moresi *et al.*, 2010).

- Texts with two authors: Crippa and Bisoffi (2010) (in the body of the text); (Crippa; Bisoffi, 2010) (within parentheses).

- Texts with three or more authors: (Griselda *et al.*, 2009) (within parentheses) and Griselda *et al.* (2009) (outside parentheses).

- Citations of the same author published in the same year: add a lower-case letter after the date without spacing. Example: (Morin, 2000a, 2000b).

REFERENCES

References are based on NBR-6023/2002. The references should be limited to 30 for articles but Reviews may have as

many as 50. They should be ordered alphabetically according to the last name of the first author.

SPECIFIC CASES

- 1) Journal titles should be written in full.
- 2) References with coinciding authors and dates should be ordered according to the title of the work and a lower-case letter is added after the date, without spacing.
- 3) In references with three or more authors, only the first author should be indicated followed by the expression *et al.* The author are responsible for the accuracy and appropriateness of the references to studies that have been consulted and mentioned in the body of the manuscript.

For other examples, please refer to the ABNT-NBR-6023/2002 norms.

EXEMPLOS

ARTICLE WITH ONE AUTHOR

THOMPSON, E.P. Time, work-discipline, and industrial capitalism. *Past and Present*, n.38, p.56-97, 1967.

ARTICLE WITH TWO AUTHORS

ZHAI, Z.J.; PREVITAL, J.M. Ancient vernacular architecture: characteristics categorization and energy performance evaluation. *Energy and Buildings*, v.42, n.3, p.357-365, 2010.

ARTICLE IN ELECTRONIC MEDIA

ATTIA, S. *et al.* Assessing gaps and needs for integrating building performance optimization tools in net zero energy buildings design. *Energy and Buildings*, v.60, p.110-124, 2013. Available from: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378778813000339>>. Cited: May 29, 2013.

BOOK

HILLIER, B. *Space is the machine*. Cambridge: CUP, 1996.

BOOK IN ELECTRONIC MEDIA

ALLEN, E.; RAND, M.P. *Architectural detailing: function, constructibility, aesthetics*. 2.ed. Hoboken: John Wiley, 2007. Available from: <<http://arki-ebooks.blogspot.com.br/>>. Cited: May 28, 2013.

BOOK CHAPTERS

WEISSMAN, A. Introduction to the Dover edition. In: STICKLEY, G. (Org.). *Craftsman bungalows: 59 homes from The Craftsman*. New York: Dover Publications, 1988. p.v-vi.

DISSERTATIONS AND THESES

CARVALHO, R.C.M.S. *New towns and regional development in the northwestern frontier of the state of São Paulo (1890-1950)*. 1988. PhD (Thesis) — Cornell University, Ithaca, 1988.

WORKS PRESENTED IN CONGRESSES, SEMINARS ETC.

TRIGUEIRO, E.; MEDEIROS, V. Marginal heritage: studying effects of changes in spatial integration over land-use patterns and architectural conservation in the old town centre of Natal, Brazil. In: INTERNATIONAL SPACE SYMPOSIUM, 4., 2003, London. *Proceedings...* London: UCL/SSL, 2003. p.1-16.

WORKS PRESENTED IN CONGRESSES, SEMINARS ETC. IN ELECTRONIC MEDIA

YESSIOS, C.I. A fractal studio. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTER AIDED DESIGN IN ARCHITECTURA, 87., 1987, Caroline of North. *Electronic proceedings...* North Caroline: AIDED, 1987. Available from: <http://cumincad.scix.net/cgi-bin/works/Show?_id=0cb8&sort=DEFAULT&search=%2fseries%3a%22ACADIA%22&hits=1032>. Cited: May 28, 2013.

TEXT IN ELECTRONIC MEDIA

JAPAN SUSTAINABLE BUILDING CONSORTIUM. *Comprehensive assessment system for building environmental efficiency*. 2007. Available from: <<http://www.ibec.or.jp/CASBEE/english/>>. Cited: May 24, 2013.

CHECKLIST

- Declaration of responsibility and transfer of the copyrights signed by each author.
- Verify if the information in the legends of figures and tables is complete.
- Prepare a cover page with the requested information.
- Include the name of the sponsors and process number.
- Indicate if the article is based on a thesis/dissertation and include in the footnote the title, name of institution and year of defense.
- Authors should indicate the article's category: Original / Short Article / Review.
- Copy of the Research Ethics Committee approval.
- Include the title of the manuscript in Portuguese, Spanish or French and in English.
- Include the short title with a maximum of forty characters which will be placed on the footnote of all pages.
- Verify if all references are cited in the text.

- Include permission of editors for the reproduction of figures and tables that have been published elsewhere.

DOCUMENTS

Declaration of responsibility and transfer of the copyrights

Each author should read and sign the documents (1) Declaration of Responsibility and (2) Transfer of Copyrights, which should include:

- Title of the manuscript:
- Full name of all authors (in the same order as they appear in the manuscript).
- Author responsible for the negotiations:

1. Declaration of responsibility: all people listed as authors should sign declarations of responsibility in the following terms:

– “I certify that I participated in the conception of the work and make public my responsibility for its content, and that I did not omit any financial relationships or agreements among the authors and companies that may benefit from the publication of this article”.

– “I certify that the manuscript is original and the work, in part or in full, or any other work with substantially similar content of my authorship was not sent to another journal and will not be sent to another journal while its publication is being considered by *Oculum Ensaíos*, whether in print or electronic format”.

2. Transfer of the copyrights: “I declare that if the article is accepted for publication by the journal *Oculum Ensaíos*, that the journal *Oculum Ensaíos* will be the exclusive owner of its copyrights and any partial or full reproduction of the article anywhere else, in print or in electronic format, is forbidden unless previously authorized in writing by the abovementioned journal; if the authorization is granted, a statement will be added to the new article thanking the abovementioned Journal”.

Signature of the author(s) Date ____/____/____

Justification of the article

I emphasize that the main contribution of the study to the relevant area is the following:

(Write a paragraph justifying why the journal should publish your article, emphasizing its scientific relevance, contribution to the discussions in the relevant area affected by the aspect(s) of its originality and its consequent potential of being cited).

Given their competence in the study area, I indicate the name of the following three researchers that may act as referees of the manuscript. I also declare that there is no conflict of interests for this indication.

INSTRUCCIONES A LOS AUTORES

ALCANCE Y POLÍTICA EDITORIAL

Oculum Ensaios, fundada en 2000, es una revista científica en Arquitectura y Urbanismo del Programa de Posgrado en Urbanismo de la PUC-Campinas, con periodicidad semestral, abierta a contribuciones de la comunidad científica nacional e internacional, así como para los investigadores de las diferentes áreas académicas de la Arquitectura y del Urbanismo, con el objetivo de registrar la memoria del pensamiento urbanístico y de mantener el debate actualizado.

TIPOS DE ARTÍCULOS ACEPTOS

Originales: investigaciones con base en datos empíricos, que utilizan metodología científica y destinadas a la divulgación de resultados inéditos. Consisten de secciones distintas: el artículo debe ser fundamentado teóricamente, conteniendo Resumen / *Abstract* / *Resumo* (Español / Inglés y Portugués); Introducción, que contenga una exposición general de la investigación e incluya la metodología de la investigación utilizada; Desarrollo del tema; Resultados y Análisis; Consideraciones Finales y Referencias (límite máximo 25 páginas, incluyendo tablas, figuras, cuadros y referencias, preparados en interlineado de 1,5 líneas, letra Arial tamaño 11 y hoja formato A4).

Artículo corto: sobre temas y discusiones de la actualidad, posición académica o punto de vista. Debe presentar Resumen / *Abstract* / *Resumo* (Español / Inglés y Portugués); Introducción, los Objetivos, el Método investigativo, los Resultados y Análisis y las Consideraciones Finales (límite máximo 15 páginas, incluyendo tablas, figuras, cuadros y referencias, preparados en interlineado de 1,5 líneas, letra Arial tamaño 11 y hoja formato A4).

Reseña: presentación y análisis crítica de libro publicado en el área a, máximo, 1 año anterior a al sometimiento. El recensor deberá explicitar que el autor del libro está proponiendo una perspectiva que difiere y parece colocarse de manera más independiente de otras perspectivas teóricas (con máximo 3 laudas, preparada en espacio interlineado 1,5, con letra *Arial* tamaño 11 y en formato A4). El autor de la reseña debe enviar la portada de la obra reseñada digitalizada en alta resolución (500dpi).

ENVÍO DE MANUSCRITOS

Los artículos deberán ser enviados en forma electrónica a través de la página del *Portal de Periódicos Científicos de PUC-Campinas* <<http://www.puc-campinas.edu.br/periodicocientifico>>, cuyos pasos son los siguientes:

- a) Acceder al sitio <<http://www.puc-campinas.edu.br/periodicocientifico>>.
- b) Seleccionar “*Oculum Ensaios*”.
- c) Hacer clic en “Ver Revista”
- d) En la página de la Revista, entrar en “Ingresar”.
- e) Si es su primer acceso, llene sus datos personales en el ítem “Registrar”. Si ya está registrado, basta introducir su nombre y su contraseña.
- f) Para el envío de trabajos, siga las otras instrucciones del propio sistema.

Los editores no aceptarán los manuscritos enviados por correo convencional, *fax*, correo electrónico o cualquier otra forma de envío.

PROCESO DE EVALUACIÓN DE LOS MANUSCRITOS

■ Los manuscritos inéditos sólo iniciarán el proceso de tramitación si están de acuerdo con las Instrucciones a los autores. En caso contrario, **los mismos serán devueltos para que puedan adecuarse a las normas**, la inclusión de una carta o de otros documentos eventualmente necesarios.

■ Se recomienda encarecidamente que el (los) autor(es) busque(n) asesoría lingüística profesional (revisores y/o traductores certificados en lengua portuguesa e inglesa) antes de someter originales que puedan contener incorrecciones y/o inadecuaciones morfológicas, sintácticas, idiomáticas o de estilo. Deben aún evitar el uso de la primera persona: “mi estudio...”, o de la primera persona de plural: “percibimos...”, pues en textos científicos el discurso debe ser impersonal, sin juicio de valor y en la tercera persona de singular.

■ Los originales en los que se verifiquen incorrecciones y/o inadecuaciones morfológicas o sintácticas **serán devueltos antes de ser sometidos a su evaluación** en relación al mérito del trabajo y la conveniencia de su publicación.

■ **Preanálisis**: los Editores y Consejeros realizan la evaluación con base en la originalidad, pertinencia, calidad académica y relevancia del manuscrito para sus áreas afines.

■ Tras ser aprobados en esta fase, los manuscritos se encaminarán a los revisores *ad hoc* seleccionados por los editores. Cada manuscrito será enviado a los revisores de reconocida competencia en el tema abordado; uno de ellos puede ser seleccionado a partir de la indicación de los autores. En caso de desacuerdo, el artículo será sometido a una tercera evaluación.

■ El sistema *blind review* es un proceso de evaluación por pares; un procedimiento sigiloso en relación a la identidad tanto de los autores como de los revisores. Por esa razón, los autores deberán emplear todos los medios a su alcance a fin de evitar su identificación.

■ Los dictámenes de los revisores conllevan cuatro posibilidades: a) aprobación; b) recomendación de un nuevo análisis; c) rechazo. En cualquiera de los casos, se notificará al autor. Los dictámenes serán analizados por los editores, quienes aprobarán o no el manuscrito.

■ Los manuscritos rechazados, pero con posibilidad de reformulación podrán retornar como un nuevo trabajo, iniciando otro proceso de veredicto.

■ **Manuscritos aceptados:** manuscritos aceptados podrán retornar a los autores para aprobación de eventuales alteraciones, en el proceso de edición y normalización, de acuerdo con el estilo de la Revista.

CONFLICTO DE INTERESES

En el caso de verificarse un conflicto de intereses por parte de los revisores, el Comité Editorial someterá el manuscrito a otro revisor *ad hoc*.

FORMA Y PREPARACIÓN DE LOS MANUSCRITOS

PROCEDIMIENTOS EDITORIALES

Se aceptarán trabajos inéditos acompañados de una carta firmada por todos los autores con la respectiva identificación del tipo de artículo (Original / Artículo corto / Reseña), una declaración de que el trabajo se somete sólo a la revista *Oculum Ensaio* y la cesión de los derechos autorales. La carta debe indicar el nombre, dirección, número de teléfono y correos electrónicos de los autores, indicando también a cuál de los autores deberá ser enviada la correspondencia.

Los manuscritos sometidos, cuando derivados de estudios que incluyan seres humanos, deben obligatoriamente haber sido aprobados por el **Comité de Ética** en Investigación, conforme preconizan las directrices y normas de la Resolución 196/96. Los autores deberán insertar la copia digitalizada de la declaración de aprobación del Comité de Ética en Investigación de la institución.

VERSIÓN REFORMULADA

El (los) autor(es) deberá(n) enviar sólo la última versión reformulada del trabajo a través del *sitio* <<http://www.puc-campinas.edu.br/periodicocientifico>>. Las modifica-

ciones deberán resaltarse en letra color azul, adjuntando una carta al editor reiterando el interés en publicar en esta Revista e informando cuáles fueron las alteraciones procesadas en el manuscrito. En caso de discordancia en relación a las recomendaciones de los revisores, el(los) autor(es) deberán presentar los argumentos que justifiquen su posición. En caso que los autores no remitan el manuscrito revisado y la carta/ respuesta en el plazo estipulado, el proceso editorial será concluido en cualquier etapa del envío.

Pruebas: se enviarán pruebas tipográficas a los autores para la corrección de los errores de impresión. Las mismas deberán ser devueltas al Núcleo de Edición dentro de la fecha estipulada. En esa fase no se aceptarán otros cambios al manuscrito.

LOS MANUSCRITOS DEBERÁN PRESENTAR

Página de título (única parte del texto con la identificación de los autores)

a) título completo — debe ser conciso y evitar el exceso de palabras, como “evaluación del...”; “consideraciones sobre...”; “estudio de investigación...”.

b) *short title* de hasta 40 caracteres (espacios incluidos) en portugués (o español), inglés o francés.

c) nombre completo de todos los autores con la afiliación institucional de cada uno de ellos. Se aceptará sólo un título y afiliación por autor. Por lo tanto, los autores deberán elegir entre sus títulos y afiliaciones institucionales.

d) los datos del título y la afiliación deberán ser presentados por completo, sin siglas.

e) deberá indicarse la dirección completa de todas las universidades a las cuales están vinculados los autores.

f) en caso de ser más de un autor, deberá indicarse una dirección para correspondencia perteneciente al autor responsable para la tramitación del original, incluyendo también un número de teléfono, de *fax* y el correo electrónico.

OTRAS OBSERVACIONES

Resumen: los artículos sometidos en portugués, español o francés deberán incluir un resumen en el idioma original y en inglés, con un mínimo de 150 palabras y un máximo de 250. Los artículos enviados en inglés deberán estar acompañados de un resumen, un título y las palabras clave en portugués y en inglés.

El resumen debe contener el objetivo del trabajo, los procedimientos metodológicos, los resultados y las conclusiones.

Texto: a excepción de lo manuscrito presentado como Reseña, los trabajos deberán seguir la estructura formal de los trabajos científicos:

La organización del texto deberá presentar Introducción, Desarrollo y Conclusión, dividiéndose en partes/secciones conforme la naturaleza del trabajo.

En la parte del desarrollo pueden existir las secciones de Material y Métodos, Resultados y Discusión, entre otras, de acuerdo con cada área de conocimiento.

Las tablas, cuadros y figuras deben tener un título breve, limitarse a un total de **siete** y enumerarse consecutiva e independientemente con números arábigos, de acuerdo con el orden de mención en el texto. Deberán enviarse en hojas individuales y separadas con la indicación de su ubicación en el texto. Es imprescindible informar el lugar y año del estudio. Los cuadros y tablas tendrán los bordes laterales abiertos.

Al reproducir en el manuscrito material previamente publicado (incluyendo textos, gráficos, tablas, figuras o cualesquier otros materiales), la **legislación oportuna de derechos autorales** deberá ser respetada y la fuente citada.

El(los) autor(es) se responsabiliza(n) por la calidad de las figuras (diseños, ilustraciones, tablas, cuadros y gráficos), que deberán elaborarse en tamaños con mínimo 10cm de ancho y máximo de 16cm. **No está permitido el formato paisaje.** Las figuras digitalizadas deberán tener la extensión jpeg y una resolución mínima de 500 dpi.

Los gráficos y los diseños deberán generarse en programas de diseño vectorial (*Microsoft Excel, CorelDraw X5, Adobe Photoshop CS6, SPSS v.10.0*) y estar acompañados por sus parámetros cuantitativos en forma de tabla y con el nombre de todas las variables.

El costo de la publicación de imágenes a color, tras la evaluación de viabilidad técnica de su reproducción, estará a cargo del (de los) autor(es). En caso de interés por parte del(los) autor(es), la revista *Oculum Ensaios* preparará un presupuesto de los costos, los cuales podrán variar de acuerdo con el número de imágenes, su distribución en páginas diferentes y la publicación concomitante de material en colores por parte de otro(s) autor(es).

Discusión: examinar, adecuada y objetivamente, los resultados discutidos a la luz de otras observaciones ya registradas en la literatura.

Conclusión: presentar las conclusiones relevantes considerando los objetivos del trabajo e indicando formas de continuidad del estudio. **No se aceptarán citaciones bibliográficas en esta sección.**

Siglas: deberán utilizarse en el formato estándar, limitándose sólo a aquellas usadas convencionalmente o sancionadas por el uso, y acompañadas del significado completo en la primera cita en el texto. No deben usarse en el título y ni en el resumen.

Agradecimientos: pueden ser registrados en un párrafo no superior a tres líneas y dirigidos a las instituciones o individuos que hayan prestado una efectiva colaboración al trabajo.

Anexos: Podrán incluirse sólo si son imprescindibles para la comprensión del texto. Será responsabilidad de los editores juzgar la necesidad de su publicación.

CITAS EN EL TEXTO CON BASE EN LA ABNT (NBR 10520/2002)

Citas bibliográficas en el texto: deberán constar en la lista de referencias.

No se aceptarán citas/referencias de monografías de conclusión de curso de graduación y de textos no publicados (clases, entre otros).

En caso de que se cite un trabajo no publicado cuya autoría pertenece a uno de los autores del manuscrito (o sea un artículo *in press*), será necesario incluir la carta de aceptación de la revista que publicará el mencionado artículo.

En caso de citarse datos obtenidos por otros investigadores y que no hayan sido publicados, será necesario incluir una carta de autorización para la utilización de los mismos.

CASOS ESPECÍFICOS

■ Citas literales de hasta tres líneas: entre comillas, sin realce en itálico y luego entre paréntesis (apellido del autor, fecha y página, sin espacio entre el punto y el número). Punto final tras dos paréntesis.

■ Citas literales de más de tres líneas: en un párrafo destacado del texto, con 4 cm de sangría izquierda, interlineado sencillo, letra menor a la utilizada en el texto, sin comillas ni itálico. A continuación, entre paréntesis: (Apellido del autor, fecha, página).

■ Varios autores citados en orden: utilizar el orden cronológico de la fecha de publicación de los documentos, separados por punto y coma: (Crespo, 2005; Costa & Ramalho, 2008; Moresi *et al.*, 2010).

■ Textos con dos autores: Crippa y Bisoffi (2010) (en el cuerpo del texto); (Crippa & Bisoffi, 2010) (dentro del paréntesis)

■ Textos con tres o más autores: (Griselda *et al.*, 2009) (dentro del paréntesis) y Griselda *et al.* (2009) (fuera de los paréntesis).

■ Citas del mismo autor publicadas el mismo año: se agrega una letra minúscula después de la fecha, sin espacios, siguiendo el orden alfabético del título. Ejemplo: (Medrano, 2005a, 2005b).

REFERENCIAS

Las referencias se basan en la NBR-6023/2002. Se recomienda limitar las referencias de los artículos a 30. Las mismas deberán estar ordenadas alfabéticamente por el apellido del primer autor.

Casos específicos

1) Los títulos de los periódicos deben indicarse por completo.

2) Para las referencias con autores y fechas coincidentes se usa el título del documento para ordenación y se agrega una letra minúscula después de la fecha, sin espacios.

3) Para las referencias con tres o más autores, se indica sólo el primero y se agrega la expresión *et al.*

La exactitud y la adecuación de las referencias a trabajos que hayan sido consultados y mencionados en el texto del artículo son de responsabilidad del autor.

Para otros ejemplos, recomendamos consultar las normas de la ABNT-NBR-6023/2002.

EJEMPLOS

ARTÍCULO CON UN AUTOR

FIGUEIREDO, F. Similitudes na gestao dos residuos sólidos urbanos em países centrais e periféricos. *Biblio 3W: Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, v.17, n.975, 2012.

ARTÍCULO CON DOS AUTORES

ZUNINO, H.; R. HIDALGO. Negocios inmobiliarios en centros turísticos de montaña y nuevos modos de vida: el papel de los migrantes de amenidad existenciales en la Comuna de Pucón — Chile. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, v. 20, p.307-326, 2011.

ARTÍCULO EN SOPORTE ELECTRÓNICO

JANOSCHKA, M. Nuevas geografías migratorias en amé-

rica latina: prácticas de ciudadanía en un destino de turismo residencial. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, v.17, n.439, 2013. Disponible en: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-439.htm>>. Acceso: 28 Mayo 2013.

LIBRO

BAS PEIREN, C. *El mar Mediterráneo: recursos vivos y explotación*. Barcelona: Editorial Ariel, 2002.

CAPÍTULOS DE LIBROS

CONSTANT, N. Nueva babilonia. In: ULRICH, C. *Programas y manifiestos de la arquitectura del siglo XX*. Barcelona: Lumen, 1973.

DISERTACIONES Y TESIS

GUIMARAENS IGUAL, G. *El último halito de la fortificación abaluartada: el fuerte de San Julián de Cartagena*. 2007. Tesis (Doctoral) — Universidad Politécnica de Valencia, Valencia, 2007.

TRABAJOS PRESENTADOS EN CONGRESOS, SEMINARIOS ETC.

VEJSBJERG, L.; CALVO, J.; HEREDIA, S. Criterios de valoración turística-recreativa de recursos geológicos, paleontológicos y paisajísticos: caso monumento natural Parque de los Dinosaurios, ciudad de Neuquén. In: CONGRESO GEOLÓGICO ARGENTINO, 15., 2002, Buenos Aires. *Actas...* Buenos Aires: Asociación Geológica Argentina, 2002. p.311-316.

TRABAJOS PRESENTADOS EN CONGRESOS, SEMINARIOS, ETC. EN FORMATO ELECTRÓNICO

BRAZOLIN, S.; ROMAGNANO, L.F.T.; SILVA, G.A. Madeira preservada no ambiente construído: cenário atual e tendências. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE EDIFICAÇÕES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS, 3., 2003, São Carlos. *Anais eletrônicos...* São Carlos: 2003, São Carlos: Antac, 2003. Disponível em: <<http://www.infohab.org.br>>. Acesso em: 20 maio 2013.

TEXTO EN FORMATO ELECTRÓNICO

CONSEJO NACIONAL DE POBLACIÓN. *Índice de marginación a nivel localida*. 2005. Disponible en: <<http://www.conapo.gob.mx/>>. Acceso: 28 Mayo 2013.

LISTA DE VERIFICACIÓN

- Declaración de responsabilidad y transferencia de derechos autorales firmada por cada autor.
- Verificar si las informaciones al pie de las fotos y las notas al pie de las tablas están completas.

- Preparar la página de anteportada con las informaciones solicitadas.
- Incluir el nombre de las agencias de financiación y el número de proceso.
- Indicar si el artículo se basa en una tesis/disertación, colocando el título, el nombre de la institución o el año de la defensa en una nota al pie de página.
- Categorizar los artículos en Original/Artículo corto/Reseña.
- Enviar la copia del dictamen del Comité de Ética.
- Incluir el título del manuscrito en portugués, español o francés y en inglés.
- Incluir un título breve (*short title*) de 40 caracteres como subtítulo en todas las páginas.
- Verificar si el texto contiene las citas de las referencias.
- Incluir la autorización de los editores para la reproducción de las imágenes o las tablas publicadas.

DOCUMENTOS

Declaración de responsabilidad y transferencia de derechos autorales

Cada autor deberá leer y firmar los documentos (1) Declaración de responsabilidad y (2) Transferencia de derechos autorales, en los cuales constarán:

- Título del manuscrito:
- Nombre completo de los autores (en el mismo orden en que aparecen en el manuscrito).
- Autor responsable de las negociaciones:

1. Declaración de responsabilidad: todas las personas informadas como autoras deberán firmar las declaraciones de responsabilidad según los siguientes términos:

– “Certifico que he participado de la concepción del trabajo para tornar pública mi responsabilidad en relación a su con-

tenido y que no he omitido ninguna relación o acuerdo de financiación entre los autores y compañías que puedan estar interesados en la publicación de este artículo”;

– “Certifico que el manuscrito es original y que el trabajo, ya sea en parte o por completo, así como cualquier otro trabajo con contenido sustancialmente similar de mi autoría, no ha sido enviado a otra Revista y no lo será mientras su publicación esté siendo considerada por Transinformação, ya sea en formato impreso o electrónico”.

2. Transferencia de Derechos Autorales: “Declaro que, en caso de aceptación del artículo, la revista Transinformação pasará a tener los derechos autorales referentes a él, los cuales serán propiedad exclusiva de la Revista, siendo prohibida toda reproducción, total o parcial, en cualquier otra parte o medio de divulgación, impreso o electrónico, sin que sea solicitada una autorización previa y, en caso de obtenerse, haré constar el agradecimiento a la Revista”.

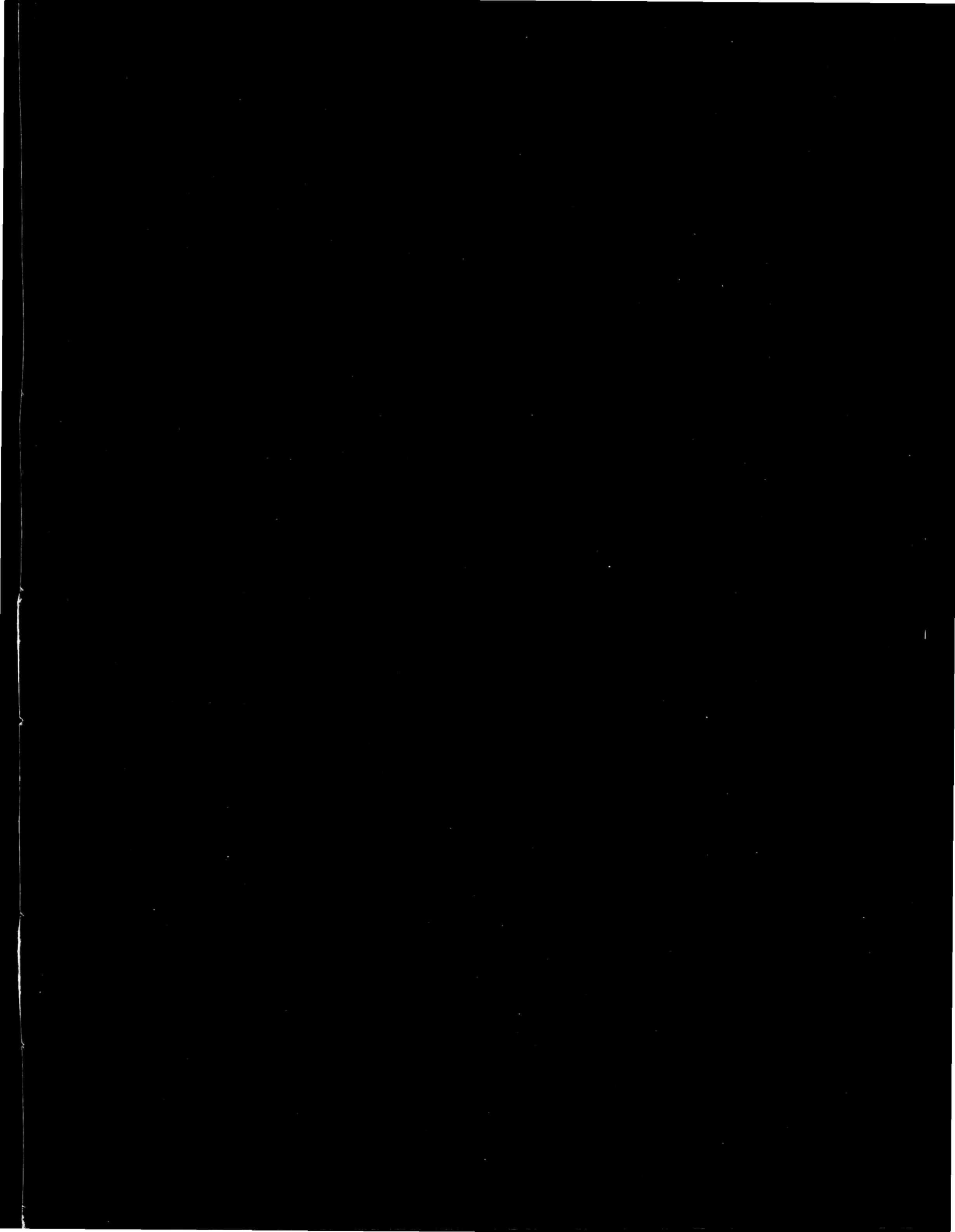
Firma del(de los) autor(es) Fecha ____/____/____

Justificativa del artículo

Destaco que la principal contribución del estudio para el área en que se inserta es la siguiente:

(Escriba un párrafo justificando el motivo por el que la revista debe publicar su artículo, destacando su relevancia científica, su contribución para las discusiones en el área en que se introduce, el(los) punto(s) que caracteriza(n) su originalidad y la consecuente posibilidad de ser citado).

Dada la competencia en el área del estudio, indico el nombre de los siguientes investigadores (tres) que pueden actuar como revisores del manuscrito. Declaro asimismo no existir ningún conflicto de intereses para esta indicación.



OCULUM ENSAIOS

REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO

Qualis B2

REITORA

Profa. Dra. Angela de Mendonça Engelbrecht

VICE-REITOR

Prof. Dr. Germano Rigacci Júnior

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Profa. Dra. Sueli do Carmo Bettine

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS

Profa. Dra. Vera Engler Cury

DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS, AMBIENTAIS E DE TECNOLOGIAS

Prof. Dr. Ricardo Luís de Freitas

DIRETOR ADJUNTO

Prof. Dr. José Estevão Picarelli

COORDENADORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO

Profa. Dra. Laura Machado de Mello Bueno

NORMALIZAÇÃO |

Bibliotecárias / Librarians

Andréa Ribeiro Alves Bonfim

Maria Cristina Matoso

APOIO ADMINISTRATIVO |

André Gustavo Tomaz dos Santos

PROJETO GRÁFICO |

Carla Castilho

DIAGRAMAÇÃO |

Carla Castilho | Estúdio

IMAGEM DA CAPA |

Desenho de Zeuler B.M.A. Lima | "Outras Perspectivas: Saint Louis" (21cmx28cm, 2012)

faz parte de uma série de desenhos de observação reelaborados in loco e em ateliê, explorando a alteração de profundidade e de composição visuais. O desenho é realizado em folha única e subsequentemente recortada e encaixada em um mosaico irregular de molduras em acrílico.

IMPRESSÃO |

Hortográfica Editora Ltda

DISTRIBUIÇÃO |

Sistema de Bibliotecas e Informação da
PUC-Campinas – Serviço de Publicação,
Divulgação e Intercâmbio

ASSINATURAS |

Pedidos de assinatura ou permuta devem ser encaminhados a Secretaria. | *Subscription or exchange orders should be addressed to the Oculum Ensaios' Office.*
E-mail: sbi.assinaturanc@puc-campinas.edu.br
Anual | *Annual*: Pessoa física | *Individual rate*: R\$150,00
Institucional | *Institutional rate*: R\$300,00

